Crítica Textual
do Novo Testamento

Wilson Paroschi



VIDA NOVA

Crítica Textual
do Novo Testamento

Wilson Paroschi



VIDA NOVA

1ª. edição: 1993
2ª. edição: 1999
Reimpressões: 2002, 2004, 2007, 2008 (capa nova), 2010

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,
Caixa Postal 21486, São Paulo-SP
04602-970
www.vidanova.com.br

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

ISBN 978-85-275-0181-1

Revisão de estilo • FABIANO S. MEDEIROS
Revisão de provas • VALÉRIA FONTANA
Capa • OSIRIS RODRIGUES | OM DESIGNERS GRÁFICOS
Coordenação de produção • SÉRGIO SIQUEIRA MOURA
Coordenação editorial • ROBINSON MALKOMES

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paroschi, Wilson
Crítica textual do Novo Testamento / Wilson
Paroschi. — São Paulo : Vida Nova, 1993.

Bibliografia.
ISBN 978-85-275-0181-1

1. Bíblia. N.T. - Crítica textual I. Título.

93-2197 CDD-255.6

Índices para catálogo sistemático
1. Novo Testamento : Interpretação e crítica
255.6

À Eliane,
minha querida esposa.

CONTEÚDO

PREFÁCIO DOS EDITORES

Durante quase 1 500 anos o Novo Testamento foi copiado à mão em papiro e pergaminho. Uns 5 500 manuscritos são hoje conhecidos e estão espalhados em museus e bibliotecas universitários do mundo. Há pedacinhos de papiro e até Bíblias inteiras escritos em grego, preservados a partir das cópias produzidas antes da invenção da imprensa. Um dos mais antigos manuscritos neotestamentários que possuímos é um pedaço de papiro descoberto no Egito, poucas décadas atrás, com apenas algumas palavras de João 18.

Se todos os manuscritos concordassem perfeitamente, dispensaríamos a disciplina da crítica textual. Mas as pequenas discrepâncias e os acréscimos ocasionais que aparecem quando se comparam os manuscritos requerem uma cuidadosa avaliação para determinar o que o autor realmente escreveu. Enfim, o que está em jogo é a confiabilidade total do texto do Novo Testamento, uma vez que não temos nenhum manuscrito original de qualquer de suas passagens. Dependemos de cópias das cópias dos textos-fontes escritos pelos autores apostólicos.

O trabalho minucioso do crítico textual de avaliar a qualidade das cópias existentes dá-nos muita segurança quanto à autenticidade de uma leitura em detrimento de outra. Este valioso livro do Professor Paroschi informa-nos sobre o fascinante processo pelo qual a autenticidade do texto é avaliada. Aguardamos muitos anos para chegar às nossas mãos uma obra tão bem pesquisada e equilibrada. O leitor ficará inteirado da matéria e se sentirá capacitado para fazer, ele mesmo, uma avaliação equilibrada dos textos duvidosos.

A Bíblia é plena e verbalmente inspirada em sua composição original. O intuito da crítica textual do Novo Testamento é procurar

dar a maior segurança possível ao leitor quanto à fidedignidade da fonte grega de todas as versões modernas, incluindo-se aquelas em português.

Pastores, seminaristas e estudiosos da Bíblia devem dar graças a Deus pela lacuna que agora se preenche em nossa literatura evangélica especializada. Parabenizamos o Professor Paroschi pela lucidez, amplitude e segurança com que apresenta informação complexa e pouco entendida.

A Deus toda a glória!
Dr. Russell P. Shedd

NOTA À EDIÇÃO CORRIGIDA

A demanda por uma reimpressão deste livro me deu a oportunidade de corrigir os erros tipográficos da primeira edição, bem como introduzir alterações mínimas de conteúdo, particularmente relacionadas com o manuscrito 7Q5. A polêmica em torno desse manuscrito continua, e, diante da muita literatura especializada que tem sido produzida, seria justo um tratamento mais pormenorizado dos problemas envolvidos na identificação do fragmento com o texto de Marcos. Como o ideal seria que tal tratamento fosse combinado com uma revisão metodológica e bibliográfica do restante do livro, optou-se por ora apenas pelas alterações mencionadas, sobretudo porque ainda estou convencido de que os argumentos determinantes nas várias seções, inclusive a respeito do 7Q5, continuam essencialmente válidos. Registro aqui minha sincera gratidão àqueles que se preocuparam em identificar os erros tipográficos da primeira edição, especialmente ao Prof. Valdemar Kröker, editor de Resenhas de *Vox Scripturae*.

Wilson Paroschi

INTRODUÇÃO

A ciência que procura restabelecer o texto original de um trabalho escrito cujo autógrafo[1] não mais exista é denominada crítica textual. Conhecida nos meios seculares por ecdótica,[2] sua aplicação não se restringe ao NT, sendo extensível a qualquer peça de literatura cujo texto original tenha sido eventualmente alterado no processo de cópia e recópia, sobretudo antes da invenção da imprensa no século XV. Por sinal, os princípios metodológicos são basicamente os mesmos, exceto, obviamente, aqueles relacionados a características e circunstâncias particulares, se bem que tais exceções muitas vezes podem assumir um papel determinante.[3]

Quanto ao material com que trabalham os críticos textuais, este inclui, no caso específico do NT, não somente as cópias manuscritas dos livros apostólicos na língua original, o grego, mas também antigas versões, bem como citações de passagens bíblicas de antigos escritores. A prática da crítica textual, portanto, exige um conhecimento especializado dos diferentes manuscritos[4] e das respectivas famílias textuais, conhecimento da paleografia grega e do cânon crítico,[5] além do vocabulário e da teologia do autor cujo livro

1 *Autógrafo*: termo técnico que designa o manuscrito original de uma obra.

2 O termo "ecdótica" foi introduzido na ciência literária por D. Henri Quentin, em sua obra *Essais de Critique Textuelle: Ecdotique*, publicada em Paris em 1926.

3 Veja Kurt & Barbara ALAND, *The text of the New Testament*, p. 34.

4 A partir de agora serão usadas as abreviaturas ms. e mss. respectivamente para "manuscrito" e "manuscritos".

5 *Cânon crítico*: certos critérios científicos estabelecidos pelos críticos textuais para propiciar uma escolha inteligente entre dois ou mais textos divergentes.

se examina. Só assim serão exeqüíveis a reconstituição da história do texto sagrado da forma mais completa possível e a conseqüente edição de um texto que busque refletir com exatidão os termos do original.

Visto ser necessário o estabelecimento de um texto confiável antes de passar a outros estudos, a crítica textual costumava ser chamada de baixa crítica, como que a representar os níveis primários na estrutura do estudo crítico, em contraposição à alta crítica,[6] que estuda os problemas de composição, incluindo-se o autor, a data, o lugar e as circunstâncias em que foi escrito o material em questão. As expressões "baixa crítica" e "alta crítica", porém, têm dado margem a objeções por parecerem indicar diferentes graus de importância. Em vista disso, em tempos recentes têm sido substituídas respectivamente pelas expressões "crítica textual" e "crítica histórica", que melhor descrevem a natureza e os objetivos de ambas as ciências.[7]

Talvez convenha destacar ainda que a crítica bíblica, como tal, incluindo-se a textual e mesmo a histórica, não significa propriamente essa ou aquela opinião, nem representa esse ou aquele grupo de opiniões formuladas em relação à Palavra de Deus. Significa, sim, um temperamento, atitude ou disposição intelectual que se move na direção da verdade desconhecida, mas conhecível, com respeito e devoção e livre de preconceitos ou pressuposições estranhas às Escrituras Sagradas. Isso não significa, todavia, que tenha sido sempre assim. Grandes abusos já foram cometidos por muitos dos que se engajam nesse tipo de trabalho, por estarem repletos de idéias preconcebidas contra o cristianismo tradicional e seu conteúdo teológico. A crítica bíblica, porém, quando devidamente aplicada, está a serviço da fé, com o objetivo de descobrir, tanto quanto possível, seus fundamentos racionais e verdadeiros e assim fazê-los passar de

6 A expressão "alta crítica" foi pela primeira vez aplicada à literatura bíblica por J. G. Eichhorn, no prefácio da segunda edição de sua obra *Einleitung in das Alte Testament* (1787): "Tenho sido obrigado a dedicar a maior parte de meus labores num campo até o momento inteiramente esquecido: a investigação da constituição interior de cada livro do AT mediante a ajuda da crítica mais alta — nome novo para os não-humanistas".

7 Veja George Eldon LADD, *The New Testament and criticism*, p. 55.

"presunções religiosas" a "certezas científicas".[8]

Definição do Problema

Quando lemos hoje o NT, será que de fato estamos lendo aquilo que Lucas, João, Paulo e os outros autores escreveram tantos séculos atrás? Não teria a ordem de Cristo em Apocalipse 22.18 e 19, proibindo qualquer alteração no texto desse livro, sido contrariada com relação tanto ao próprio Apocalipse quanto aos demais livros do NT? Tais perguntas não se destinam meramente a levantar dúvidas quanto aos documentos em que baseamos a fé, mas a chamar-nos a atenção sobretudo para o tipo e o tamanho do problema com que lida a crítica textual. E tal problema torna-se ainda mais evidente quando nos lembramos, em primeiro lugar, de que todos os autógrafos do NT desapareceram por completo e mais nenhuma colação[9] com eles pode ser possível.

De fato, seria extraordinário poder ir a uma biblioteca ou museu e ver, por exemplo, uma das cartas de Paulo tal como a ditou ou mesmo escreveu. Seria por demais emocionante encontrar o autógrafo de Gálatas e ler na última página: "Vede com que letras grandes vos escrevi de meu próprio punho" (Gl 6.11; *cf.* Rm 16.22; 1 Co 16.21; Cl 4.18), ou ver ainda como era a assinatura com que o apóstolo terminava suas epístolas (veja 2 Ts 3.17). Mais que emocionante, porém, o acesso aos originais do NT serviria principalmente para colocar a autenticidade dos escritos sagrados do cristianismo acima de toda e qualquer suspeita. Mas isso não é possível, e as oportunidades de ainda vir a acontecer, acredito serem reduzidas ao mínimo.

A razão para a perda prematura dos autógrafos neotestamentários certamente foi a pouca durabilidade do material em que, conforme o uso da época, escreviam-se livros e cartas: o papiro, o qual não era mais durável que nosso moderno papel. Muito provavelmente, os mss.

[8] H. E. DANA, *El Nuevo Testamento ante la crítica*, p. 10.

[9] *Colação*: confronto da cópia de um ms. com o original ou com outra cópia, para verificar a correspondência entre os respectivos textos e assim analisar a maior ou menor autoridade para a escolha do texto exato.

originais do NT foram lidos e relidos pelos cristãos apostólicos até se desfazerem por completo e literalmente caírem aos pedaços. Seja como for, perderam-se todos. Providencialmente, porém, antes que se tornassem ilegíveis ou desaparecessem, foram copiados. Isso leva-nos ao segundo fator que evidencia a seriedade do problema em questão: os erros introduzidos no texto mediante o processo de cópias manuais.

As cópias dos autógrafos, por sua vez, converteram-se em originais no que diz respeito a outras cópias, e assim sucessivamente. Durante esse processo de cópias e recópias manuais, que se estendeu por 14 séculos até a invenção da imprensa, inevitavelmente muitos e variados erros foram cometidos, resultado natural da fragilidade humana. E, à medida que aumentavam as cópias, mais se multiplicavam as divergências entre elas, pois cada escriba acrescentava os próprios erros àqueles já cometidos pelo escriba anterior. E essas variantes textuais[10] têm suscitado sério problema para os estudiosos do NT — dando margem para que os céticos questionem sua pureza textual: "Qual a forma correta do texto, ou que dizia exatamente o original?". A essa pergunta é que tratam de responder os críticos textuais. Seu objetivo é examinar criticamente a tradição manuscrita, avaliar as variantes e reconstruir o texto que possua a maior soma de probabilidades de ser o original ou a forma primitiva do autógrafo.

Esse objetivo, por si só, já traduz toda a importância da crítica textual, pois, se os mss. apresentam divergências e nós não podemos recorrer aos originais para verificar a forma correta, então a credibilidade do texto sagrado que chegou até nós aparentemente estaria por demais ameaçada. Conseqüentemente, o próprio corpo doutrinário e ético do cristianismo estaria ameaçado, além da própria historicidade de seus documentos originais, o que seria ainda pior. *Sir* Edwyn Hoskyns e Noel Davey colocaram a questão da seguinte forma:

> Se o exame do significado de importantes palavras gregas que aparecem muitas vezes nos documentos do NT suscita grave problema histórico, visto que apontam para um acontecimento

[10] *Variantes*: assim chamadas as diferentes formas conhecidas do mesmo texto, conforme encontradas nos diversos mss.

> histórico particular na Palestina; se não pode haver uma compreensão do NT à parte da possibilidade de delinear o significado dessa história particular, pelo menos em seus traços mais gerais; e, além disso, se essa história deve ser reconstruída a partir dos documentos do NT, uma vez que não dispomos de outras fontes de informação: torna-se evidente que nenhuma reconstrução da história é possível a menos que o historiador crítico possa ter razoável confiança de que o texto do NT não sofreu alterações sérias durante os 14 séculos em que foi copiado por escribas. Não se pode empreender um sério trabalho de investigação histórica tendo por base textos suspeitos de extrema corrupção.[11]

A crítica textual, portanto, lida com um problema básico e de tremendas implicações. Dela dependem todas as demais ciências bíblicas que corporalizam a religião cristã, pois lança os fundamentos sobre os quais toda e qualquer investigação bíblica deva ser construída. Sem um texto grego fidedigno, tão mais próximo do original quanto possível, não há como se fazer confiável crítica histórica ou literária, exegese, teologia, nem mesmo sermão, para não falar em tradução. Consiste num "pré-requisito para todos os outros trabalhos bíblicos e teológicos".[12]

Dificuldades Técnicas

O problema do qual se ocupa a crítica textual do NT aumenta consideravelmente quando se verifica a dimensão dos três principais obstáculos que necessitam ser transpostos para a restauração do texto apostólico, o que, à primeira vista, afigura-se um esforço completamente inútil. Uma análise mais criteriosa, porém, revelará que, se por um lado tais obstáculos dificultam os trabalhos textuais, por outro, proporcionam maior solidez e confiabilidade às conclusões finais.

11 *The riddle of the New Testament*, p. 35.

12 J. Harold GREENLEE, *Introduction to New Testament textual criticism*, p. 17.

O primeiro deles consiste na distância entre as cópias mais completas e os autógrafos. O NT estava completo, ou essencialmente completo, por volta do ano 100, sendo que a maioria dos livros já existia cerca de 20 a 50 anos antes dessa data, e, de todas as cópias manuscritas que chegaram até nós, as melhores e mais importantes remontam aproximadamente aos meados do século IV. A distância em relação aos autógrafos, portanto, chega a perto de três séculos, o que, se por um lado pode consistir num problema, por outro faz com que o NT seja a obra mais bem documentada da antigüidade.

Os clássicos tanto gregos quanto latinos, cuja autenticidade quase ninguém põe em dúvida, levam grande desvantagem quanto ao tempo que separa os mais antigos mss. de seus originais em relação aos escritos neotestamentários. A cópia mais antiga que existe de Eurípedes foi escrita 1 600 anos depois da morte do poeta. No caso de Sófocles, o intervalo é de 1 400 anos, o mesmo acontecendo com Ésquilo e Tucídides. Quanto a Platão, o intervalo não é muito menor: encontra-se ao redor dos 1 300 anos. Entre o latinos, embora levem vantagem sobre os gregos, a situação não é muito diferente. Enquanto em Catulo o intervalo é de 1 600 anos e em Lucrécio de mil anos, Terêncio e Lívio reduzem-se para 700 e 500 anos respectivamente. Só Virgílio aproxima-se do NT, pois há um ms. completo de suas obras que pertence ao século IV, sendo que o autor faleceu no ano 8 a.C.

Quão diferente, porém, é a situação do NT nesse aspecto. Além dos famosos mss. do século IV, escritos em pergaminho, existem ainda consideráveis fragmentos em papiro de praticamente todos os livros do NT, que nos fazem recuar até o século III ou, como em alguns casos, até meados do século II. Enfim, embora dispondo apenas de cópias posteriores, podemos citar o veredicto pronunciado por *Sir* Frederic G. Kenyon, destacado estudioso da primeira parte deste século e grande autoridade em mss. antigos:

> O intervalo, então, entre as datas da composição original e a mais antiga evidência subsistente torna-se tão reduzido de sorte que é praticamente desprezível, e o derradeiro fundamento para qualquer dúvida de que nos hajam as Escrituras chegado às mãos substancialmente como foram escritas já não mais persiste. Tanto a *autenticidade* quanto a *integridade geral* dos livros do NT podem

considerar-se como firmadas de modo absoluto e final.[13]

O segundo obstáculo é o grande número de documentos disponíveis. Existem atualmente cerca de 5 500 mss. gregos completos ou fragmentários do NT, sem falar nos quase 13 000 mss. das versões e nos milhares de citações dos antigos Pais da Igreja. Os problemas e dificuldades da crítica textual, portanto, surgem mais por uma superabundância de evidências do que propriamente por uma insuficiência delas. Todavia, novamente a limitação se torna em vantagem, pois, apesar de a multiplicidade de mss. oferecer ensejo para os mais variados erros de transcrição, oferece também muito mais elementos de comparação. Frederic F. Bruce declarou:

> Felizmente, se o grande número de mss. aumenta o índice de erros escribais, aumenta, em medida idêntica, os meios para a correção desses erros, de modo que a margem de dúvida deixada no processo de restauração dos termos exatos do original não é tão grande como se poderia temer; pelo contrário, é, na verdade, marcadamente reduzida.[14]

Há ainda outro fator a ser observado. O elevado número de documentos existentes faz com que o NT tenha muito mais apoio textual que qualquer outro livro dos tempos antigos, seja em se tratando das obras de Homero, dos autores trágicos áticos, de Platão, de Cícero ou de César. A situação normal no que diz respeito às grandes obras da literatura clássica é que nosso conhecimento do texto delas depende de poucos e recentes mss., de maneira que estamos muito mais bem equipados para observar as etapas primitivas da história textual do NT que de qualquer outra obra da literatura antiga.

O terceiro e maior obstáculo é a elevada cifra de variantes existentes. A conseqüência natural da multiplicação dos mss. do NT pelo espaço de 1 400 anos foi o surgimento de incontáveis variações textuais. À primeira vista, os números são assustadores. Até o

13 *The Bible and archaeology*, p. 288.
14 *The New Testament documents*, p. 19.

momento, já foram calculadas cerca de 250 000 variantes,[15] ou seja, mais variantes entre todos os mss. que as palavras que o NT contém. Só um estudo de 150 mss. gregos do evangelho de Lucas revelou mais de 30 000 textos divergentes.[16] É opinião unânime entre os críticos textuais que não possuímos nenhum ms. que tenha preservado sem nenhuma variação o texto original dos 27 livros do NT, nem sequer de apenas um deles.[17] Merril M. Parvis, porém, vai mais longe, afirmando que "não há uma só frase no NT na qual a tradição manuscrita seja totalmente uniforme".[18]

Apesar das enormes dificuldades advindas desse fato, devemos notar que quase a totalidade das variantes diz respeito a questões de pouca ou nenhuma importância. São variações na ordem relativa de palavras numa frase, no uso de diferentes preposições, conjunções e partículas, nas preposições que acompanham determinados verbos ou em simples modificações de natureza gramatical, muitas das quais até nem poderiam ser representadas numa tradução portuguesa. Em outras palavras, "o número de variantes que se revestem de importância, especialmente no que diz respeito à doutrina, é assaz reduzido".[19]

Se os números são assustadores, essa declaração é, no mínimo, confortadora, e sua veracidade pode ser atestada mediante o exame de qualquer aparato crítico[20] de uma edição técnica no NT grego. Além disso, há mais de um século duas das maiores autoridades no assunto, B. F. Westcott e F. J. A. Hort, já afirmavam que apenas a milésima parte do texto do NT ainda não estava criticamente assegurada.[21] E, mais recentemente, Bruce destacou que as pouquíssimas variantes que subsistem passíveis de certa dúvida não afetam "nenhum ponto importante, seja em matéria de fato histórico, seja em questão de fé

[15] Heinrich ZIMMERMANN, *Los métodos histórico-críticos en el Nuevo Testamento*, p. 21.

[16] M. M. PARVIS, *The interpreter's dictionary of the Bible*, p. 595.

[17] Alfred WIKENHAUSER, *Introducción al Nuevo Testamento*, p. 73.

[18] *Op. cit.*, p. 595.

[19] B. P. BITTENCOURT, *O Novo Testamento: cânon, língua, texto,* p. 74.

[20] *Aparato crítico*: conjunto de sinais e termos técnicos destacando as variantes do texto bíblico e seus respectivos testemunhos.

[21] *The New Testament in the original Greek*, p. 565.

e prática".[22] É isso, entre outras coisas, que as páginas a seguir procurarão demonstrar.

Metodologia do Estudo

Por tratar-se a presente pesquisa de uma introdução aos trabalhos textuais do NT, o primeiro capítulo traz as informações essenciais quanto ao preparo dos mss. em geral, tanto nos tempos apostólicos quanto em todo o período posterior de cópias manuscritas. O conhecimento dos materiais empregados no preparo dos livros antigos, bem como dos diferentes tipos de escrita e outras peculiaridades gráficas, é indispensável não apenas para que as cópias que chegaram até nós sejam devidamente datadas e catalogadas, mas também para que se conheçam os estágios primitivos da transmissão do NT e se possa julgar corretamente entre uma cópia e outra, ou entre uma variante e outra. Tais informações são complementadas no capítulo seguinte, com a classificação e descrição mais ou menos detalhada das principais evidências textuais e seus respectivos testemunhos: os mss. gregos, as antigas versões e as citações patrísticas.

O terceiro capítulo procura fazer a reconstituição histórica do texto escrito no NT, isto é, a verificação de onde, quando, como e por que começaram a aparecer as primeiras leituras divergentes e a maneira como toda subseqüente transmissão do texto acabou sendo condicionada por tais divergências. Trata-se do capítulo central do estudo, principalmente por tocar naquele que é o âmago do problema textual do NT, pois "quem domina a história do texto está capacitado para a correta aplicação do método da crítica textual".[23] Acontece que essa história, nas palavras de Leo Vaganay, "é tão importante quanto obscura",[24] e a reconstituição formulada não pretende ser original nem encerrar a discussão em torno do assunto; na verdade, busca-se um meio-termo entre as mais prováveis teorias existentes, sem, contudo, confrontá-las, por não ser esse o objetivo da pesquisa.

22 *Op. cit.*, p. 20.
23 ZIMMERMANN, *op. cit.*, p. 21.
24 *An introduction to the textual criticism of the New Testament*, p. 96.

No capítulo seguinte, é a vez do texto impresso. Procura-se traçar seu desenvolvimento histórico desde o século XVI até às modernas edições, período esse que corresponde ao surgimento da crítica textual do NT propriamente dita e sua evolução técnica até aos níveis atuais. A abordagem, todavia, não se completa senão no quinto e sexto capítulos, onde a teoria e a prática metodológicas são focalizadas: a colação de mss., o cânon crítico, o sistema de notações críticas das duas principais edições do NT grego atualmente em uso e, por fim, a análise de textos selecionados a título de exemplo.

Toda a investigação foi norteada pela visão teológica de que o NT é parte da revelação escrita de Deus à humanidade, produzido por intermédio de "...homens [santos] [que] falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo" (2 Pe 1.21). Assim, deu-se preferência aos autores que também partilham dessa visão reverente das Escrituras, como Bruce M. Metzger, J. Harold Greenlee, Alfred Wikenhauser, Leo Vaganay e diversos outros, aos quais a dívida bibliográfica é enorme e não menos apreciada pelo fato de nem sempre serem citados em referências específicas em cada página.

Quando os autores patrísticos são citados, as referências foram todas simplificadas: os vários títulos aparecem já vertidos para o português, mesmo que as obras ainda não estejam traduzidas, e a "Bibliografia" faz menção apenas à principal coleção consultada, a de J. P. Migne. A nomenclatura técnica em geral, especialmente quando o latim costuma ser usado, também foi toda aportuguesada, como por exemplo o nome dos mss. gregos. E quando se fez necessária a explicação de alguma palavra ou expressão, esta foi feita preferencialmente mediante o sistema de referência ao pé da página.[25] Quanto às citações bíblicas, utilizou-se apenas a Edição Revista e Atualizada no Brasil da versão de João Ferreira de Almeida, mesmo quando a citação é parcial e serve unicamente para exemplificar algum tipo de variante, como ocorre no capítulo três.

Com relação às abreviaturas, além das que são empregadas para os livros bíblicos e das que se referem à linguagem técnica da crítica

[25] Alguma objeção poderá ser feita no que diz respeito à propriedade, em língua portuguesa, de expressões como "evidência interna" e "evidência externa", mas, por já serem de uso praticamente generalizado, optou-se por sua manutenção.

textual — como no caso da colação de mss. e do aparato crítico — as quais são explicadas no próprio texto, utilizam-se ainda as seguintes:

a.C.	antes de Cristo
ap.	*apud;* em, citado por, segundo
AT	Antigo Testamento
c.	cerca de
cap., caps.	capítulo, capítulos
cf.	confira
ed., eds.	editor, editores
e.g.	*exempli gratia;* por exemplo
et al.	*et alii;* e outros
Ibid.	*Ibidem*
LXX	Septuaginta
ms., mss.	manuscrito, manuscritos
NT	Novo Testamento
op. cit.	*opus citatum*; neste livro diz respeito somente às obras já citadas dentro do mesmo capítulo
p.	página, páginas
v.	volume, volumes
v., vv.	versículo, versículos

CAPÍTULO 1

O PREPARO DOS MANUSCRITOS

Quando manuseamos hoje um exemplar das Escrituras Sagradas, preparado de acordo com modernas técnicas gráficas e editoriais, raramente nos lembramos dos estágios primitivos por que passaram tanto o preparo quanto a transmissão dos livros bíblicos ao longo de sua história. Até à invenção da imprensa com tipos móveis, no século XV, o texto sagrado — bem como o de qualquer outra literatura — era transmitido mediante o laborioso processo de cópias manuais, em que os materiais empregados eram muito rústicos e a própria escrita ainda estava em fase de desenvolvimento.

Com relação ao NT, especificamente, o conhecimento desses estágios, materiais e formas é deveras indispensável à crítica textual: a fim de que se possam avaliar e analisar devidamente os milhares de mss. chegados até nós, e, por meio deles, tentar chegar ao texto original. Antes, portanto, que os mss. sejam analisados com relação ao texto propriamente dito, apresentaremos noções básicas quanto à sua preparação em geral.

Os Rolos de Papiro

Sendo que o papel só começou a ser utilizado a partir do século XIII no preparo de livros bíblicos e litúrgicos e o pergaminho a partir do século III, tanto os originais quanto as primeiras cópias do NT

foram preparados em papiro (πάπυρος),[1] principal material de escrita da antigüidade.

O papiro era um espécie de junco, da família das ciperáceas, com caule triangular mais ou menos da grossura de um braço, que atingia de 2 a 4 m de altura e que crescia nas margens lodosas (veja Jó 8.11) do Lago Huleh, na Fenícia, no vale do Jordão e principalmente junto ao Nilo, no Egito, onde foi usado desde o terceiro milênio a.C.[2] A folha (χάρτης; *cf.* 2 Jo 12) era fabricada com a medula do caule, que era cortada em tiras estreitas e estas postas em duas camadas transversais sobre uma superfície plana. A seguir eram marteladas com algum objeto de madeira, e a substância glutinosa da medula fazia com que as camadas se colassem. Depois de seca ao sol, a folha era alisada com um osso ou pedra, estando então pronta para receber a escrita.

O tamanho das páginas dependia da finalidade a que eram destinadas. O tamanho médio de uma folha era de 18 x 25 cm. Várias folhas podiam ser coladas pela borda para formar um rolo (κεφαλίς;[3] *cf.* Hb 10.7), que em geral não excedia 10 m de comprimento, tamanho suficiente para receber, por exemplo, o evangelho de Mateus. O texto aparecia nos rolos em colunas (σελίδες) de cerca de 7 cm de largura, com intervalo de aproximadamente 1,5 a 2 cm, permitindo assim pequeno espaço para anotações ou correções. Em cima e em baixo, a margem era maior, e maior ainda, a margem deixada no começo do rolo. Nos rolos destinados a uso mais freqüente, colocava-se em cada extremidade um bastão roliço (ὀμφαλός), cujas pontas sobressaíam acima e abaixo. Como regra, só se escrevia sobre o lado

[1] O "papel" empregado pelo apóstolo João (2 Jo 12) certamente era de papiro, e os pergaminhos que Paulo deixara em Trôade (2 Tm 4.13) seguramente eram cópias de livros do AT.

[2] Os mais antigos fragmentos de papiro conhecidos (em branco) foram encontrados no Egito e pertencem à primeira dinastia (c. 2850 a.C.), e os primeiros que se encontram escritos são da quinta dinastia (c. 2500 a.C.).

[3] Os rolos de papiro tornaram-se mais conhecidos pelos termos βίβλος ou βιβλίον (de onde os termos "Bíblia", "bibliografia", *etc.*), sendo que βίβλος ou βύβλος designavam a medula do papiro. Se uma obra compreendesse vários rolos, cada rolo era chamado τόμος, de τέμνω, que significa "cortar". Em latim, esses rolos foram chamados *volumen*, do verbo *volvere*, que significa "enrolar".

em que as fibras eram horizontais, lado esse que ficava sendo a parte interior do rolo, mas, em caso de emergência ou pobreza, usava-se também o verso. A tinta (μέλαν; *cf.* 2 Co 3.3; 2 Jo 12) era preparada com fuligem, goma e água, e o instrumento de escrita era uma pequena cana (κάλαμος; *cf.* 3 Jo 13) de 15 a 40 cm de comprimento, que procedia de uma planta produzida principalmente no mesmo Egito. Os estojos dos escribas são bem conhecidos de relevos nos monumentos egípcios e de amostras que sobreviveram.

O uso do papiro como material comum para a escrita continuou até que os árabes conquistassem o Egito, no ano 641, quando sua exportação tornou-se praticamente impossível. Todavia, já desde o século IV vinha sendo usado apenas para a literatura clássica secular e uma vez ou outra para mss. do NT. A primeira descoberta de papiros em tempos modernos foi feita em 1778 em Faium, província do Egito;[4] desde então, milhares deles têm sido encontrados — sendo a grande maioria de escritos seculares — sobretudo no próprio Egito, onde o clima seco favoreceu sua preservação.

O Pergaminho

Outro material de escrita usado na época era o pergaminho (περγαμηνή).[5] Melhor e mais durável que o papiro, o pergaminho consistia em peles principalmente de carneiro ou ovelha submetidas a um banho de cal e depois raspadas e polidas com pedra-pomes. Feito isso, eram lavadas, novamente raspadas e colocadas para secar em molduras de madeira, para evitar a formação de pregas ou rugas. Por fim, recebiam uma ou mais demãos de alvaiade. O nome deriva da cidade de Pérgamo, onde, provavelmente no século II a.C., o processo foi desenvolvido.

A história tradicionalmente aceita quanto à invenção do pergaminho

[4] Alguns nativos descobriram um jarro contendo cerca de 50 rolos de papiros. Como não houvesse mercado para eles, todos foram destruídos, à exceção de um, que acabou caindo nas mãos de um cardeal. Seu conteúdo consistia apenas numa lista de camponeses empregados num projeto de irrigação em Faium, no ano 191.

[5] Também chamado μεμβράνα (*cf.* 2 Tm 4.13), διφθέρα e δέρμα.

baseia-se numa citação de Plínio (c. 23-79), o Velho,[6] atribuindo-a a Eumenes, que Kenyon identifica como Eumenes II (197-159 a.C.),[7] o qual desejava fundar uma biblioteca que se rivalizasse com a famosa biblioteca de Alexandria. Como o projeto não agradasse ao ptolomeu do Egito, provavelmente Epifânio (205-182 a.C.), a exportação de papiro para Pérgamo foi prontamente embargada, o que fez com que Eumenes acabasse desenvolvendo o processo de preparo do pergaminho, cuja exportação tornou muito famosa essa que logo depois se tornou a capital da província romana da Ásia. Desde 1968, porém, cresce em aceitação a tese apresentada por Richard R. Johnson, segundo a qual as autoridades de Pérgamo recorreriam ao pergaminho quando o fornecimento do papiro egípcio fora interrompido durante as invasões do Egito por Antíoco Epifânio, entre 170 e 168 a.C. Isso aconteceu na mesma época em que os sábios de Pérgamo introduziram o novo material em Roma, onde a escassez de papiro também era intensamente sentida.[8]

O couro de animais, entretanto, já era conhecido e utilizado na forma de rolo tanto no Egito quanto na Babilônia desde o século XVII a.C., mas seu uso sempre fora bem mais restrito que o do papiro. Mesmo o pergaminho propriamente dito, por ser um produto de custo muito elevado, veio a superar o papiro somente no século IV da Era Cristã, mantendo sua predominância até o fim da Idade Média,[9] quando foi suplantado pelo papel.[10]

Quando o Imperador Constantino encarregou, em 331, o Bispo

6 *História natural*, XIII, 21-27.

7 *The text of the Greek Bible*, p. 21.

8 C. H. ROBERTS & T. C. SKEAT, *The birth of the codex*, p. 5-6.

9 Os judeus, desde tempos remotos, usavam os rolos de peles de animais para suas Escrituras, o AT hebraico, e continuaram a fazê-lo durante toda a Era Cristã; mesmo hoje eles ainda podem ser encontrados em muitas sinagogas judaicas.

10 Inventado na China no começo do século I, o papel, fabricado de cânhamo ou linho, já era muito usado em toda a Ásia Central quando se tornou conhecido na Síria e no Egito, no século VII. No século XII, foi introduzido na Europa por comerciantes árabes, mas apenas no século seguinte começou a ser utilizado no preparo de livros bíblicos. Finalmente, no século XV, com a invenção da imprensa, os mss. em pergaminho desapareceram de modo praticamente definitivo.

Eusébio de Cesaréia de providenciar 50 cópias das Escrituras para as igrejas de sua recém-inaugurada capital junto ao Bósforo, Constantinopla, conta-nos Eusébio haverem sido elas requeridas em pergaminho.[11] E Jerônimo, pouco depois, relata que os volumes da biblioteca que procedia de Orígenes e Panfílio, em Cesaréia, foram substituídos, pelo Bispo Acácio e seu sucessor Euzóio, por outros escritos em pergaminho.[12] O trabalho foi realizado aproximadamente entre os anos de 340 e 380, à custa de grandes gastos, mas conseguiu-se assim evitar que as obras se perdessem.

A escrita sobre o pergaminho era feita com penas de bronze ou cobre; também se usavam remígios de ganso, que depois chegaram mesmo a suplantar as penas metálicas. A tinta era uma combinação de substâncias vegetais ou minerais, e podia ser de várias cores, incluindo a dourada e a prateada, porém as mais usadas eram a preta ou a vermelha. As linhas eram feitas com estiletes, e, além das horizontais, havia também as verticais, que demarcavam as margens de cada uma das colunas do texto. A escrita, porém, não era feita *acima* das linhas, como se faz hoje, mas os antigos escribas (καλλιγράφοι) normalmente escreviam *abaixo* delas, isto é, faziam com que as letras pendessem da face inferior da linha.

O pergaminho, no entanto, era muito caro, e, quando determinada obra não possuía mais valor, sua escrita original era raspada para que o material pudesse receber novo texto. O pergaminho submetido a esse processo é chamado palimpsesto (παλίμψηστος).[13] E, como geralmente o texto raspado é mais valioso para a crítica textual, têm-se empregado determinados métodos para que se possa restaurar a escrita original. Os reagentes químicos, que antes eram usados, freqüentemente estragavam o pergaminho. Hoje, com a chamada fotografia de palimpsesto, tem-se um método livre desse inconveniente, e com melhores resultados. O processo consiste em iluminar o pergaminho com raios ultravioleta, pelo que ele se torna fluorescente, enquanto a escrita irradiada permanece quase escura. Para isso, porém, é necessário que no texto do ms. se hajam

[11] *Vida de Constantino*, IV, 36.

[12] *Cartas*, XXXIV, 1.

[13] De πάλιν, "de novo", e ψάω, "raspar".

empregado tintas ferruginosas, cujas partículas de ferro, que penetraram o interior do pergaminho, impeçam ou diminuam sua iluminação. Com efeito, esse é o caso de quase todos os palimpsestos de pergaminho.[14]

Códices

Todos os mss. gregos da época pré-cristã que sobreviveram mostram a forma de rolo, inclusive os de pergaminho. Logo, porém, adotou-se o uso de preguear por uma das bordas cada folha e juntar uma série de tantas quantas fossem necessárias para a transcrição de uma obra, com o que resultava uma espécie de caderno. Nas obras mais extensas, porém, isso não se mostrava muito prático, pelo que se passaram a formar os cadernos com um número menor de folhas, mas dobradas, e vários desses cadernos juntos resultavam num volume (*τεῦχος*) semelhante aos livros modernos. São conhecidos volumes de apenas um caderno de até cem folhas, mas muito desconfortáveis. Os volumes normais eram formados de cadernos de oito, dez ou doze folhas. Assim surgiram os códices[15] e, embora o período aqui estudado comece com o rolo de papiro e termine com o códice de pergaminho como a forma dominante de livro, C. H. Roberts e T. C. Skeat declaram que "não há prova alguma que indique se a mudança do material influenciou a mudança da forma, ou vice-versa".[16]

As descobertas das últimas décadas têm demonstrado que os códices originaram-se em Roma, no início da Era Cristã;[17] a própria

[14] No ano 692, o Concílio de Trullo condenou a prática de usar pergaminhos de mss. bíblicos para outros propósitos, sob pena de excomunhão por um ano. Não obstante, a prática continuou, de maneira que hoje são conhecidos cerca de 70 palimpsestos unciais do NT.

[15] O termo "códice" deriva do latim *codex*, que designava a princípio uma tábula geralmente coberta de cera, na qual se escrevia com um ponteiro de ferro chamado *stilus*, de onde provém a palavra "estilo", aplicada à composição literária. Como as tábulas fossem muito usadas para fins jurídicos, chamou-se "código" a um sistema de leis.

[16] *Op. cit.*, p. 5.

[17] *Ibid.*, p. 11-37.

palavra *codex* é latina, não tendo equivalente grego, senão apenas na transliteração κῶδιξ. Por razões primeiramente práticas, essa forma de livro de imediato se tornou a preferida pelos cristãos, que acabaram transformando-se nos responsáveis por sua popularização em todo o mundo greco-romano. A vantagem dos códices sobre os rolos é evidente: permitiam, por exemplo, que os quatro evangelhos ou todas as epístolas paulinas estivessem num único livro, o que era impossível no rolo, por torná-lo longo demais; possibilitavam maior rapidez na localização das passagens, por serem de bem mais fácil manuseio que os rolos; e, além disso, eram de custo muito inferior, porque se adaptavam melhor à recepção da escrita em ambos os lados da folha.

Em segundo lugar, os cristãos, principalmente os de origem gentílica, podem ter recorrido ao códice como um deliberado esforço por diferenciar seus livros dos usados tanto pelos judeus nas sinagogas quanto pelos pagãos, que ainda preferiam os rolos.[18] Siegfried J. Schwantes menciona um estudo estatístico acerca de mss. preparados no Egito nos primeiros séculos de nossa era, mostrando que os escritos cristãos dos séculos II e III eram praticamente todos na forma de códice, enquanto dos não-cristãos somente 3% eram códices, sendo o restante rolos. No século seguinte, os escritos cristãos continuaram sendo todos códices, ao passo que dos não-cristãos, ainda apenas 16,8%.[19] Fica demonstrado, portanto, que, embora não tendo sido inventado pelos cristãos, pelo menos eles estiveram à frente do movimento que finalmente substituiu os rolos antigos pelos livros modernos.

Tipos de Escrita

Os mais antigos mss. do NT estão escritos na forma de escrita usualmente empregada nos documentos mais literários: a escrita

[18] *Ibid.*, p. 56.
[19] *Arqueologia*, p. 155.

uncial,[20] também chamada maiúscula. Nas inscrições oficiais, essas letras eram grandes e regulares, destacadas umas das outras. Nos mss., diferem das unciais das inscrições basicamente pela forma mais arredondada de certas letras e por haverem sido escritas mais rapidamente; contudo, também não são ligadas umas às outras, não há espaço entre as palavras, não há pontuação, e as abreviações limitam-se a um setor bem definido de palavras. A forma da escrita é bela e de fácil leitura, mas exige tempo e espaço.

Havia também outro tipo de escrita, caracterizada por letras menores geralmente ligadas umas às outras e por isso chamada cursiva, onde ocorriam ainda muitas contrações e abreviações. Era usada apenas em escritos corriqueiros, como cartas de família, recibos, contratos, testamentos e outros. Como não dispomos, porém, de nenhum dos autógrafos do NT, apenas podemos supor, com base nos usos da época e nas cópias mais antigas que sobreviveram, que eles foram escritos em escrita uncial. O. Roller destaca ainda que, por ser um tanto áspero, o papiro dificultava o emprego da cursiva, em que várias letras eram traçadas sem que a pena fosse erguida.[21]

A partir do século IX, com base na cursiva, houve uma reforma na maneira de escrever, e uma escrita com letras pequenas, chamadas minúsculas,[22] passou a ser usada na produção de livros.[23] Eram

[20] O termo "uncial" vem do latim *uncia*, que significa "a duodécima parte de um todo", e designava a princípio a escrita latina empregada em obras literárias, do século IV ao VI. Depois passou a designar também a escrita grega de traçado análogo. O termo foi empregado pela primeira vez por Jerônimo (no prefácio de sua tradução latina de Jó), numa citação que permite várias interpretações, sendo, talvez, a mais correta a que se refere à altura das letras, que ocupariam a duodécima parte de uma linha comum para a escrita.

[21] *Ap.* WIKENHAUSER, *Introducción al Nuevo Testamento,* p. 70.

[22] Os termos "cursivo" e "minúsculo" muitas vezes são empregados de maneira intercambiável, mas é melhor manter certa distinção entre ambos, ou seja, empregar o primeiro para a escrita informal de notas pessoais e documentos não-literários e o segundo para a escrita literária desenvolvida a partir da cursiva. Uma comparação entre notas cursivas que sobreviveram e mss. em minúscula do NT mostra que, de fato, existe diferença entre essas duas escritas.

[23] Bruce M. METZGER, em *Manuscripts of the Greek Bible*, p. 25, declara que atualmente essa reforma tem sido atribuída a humanistas interessados num reavivamento cultural em Constantinopla, durante o segundo período do

letras mais fluidas e que por isso podiam ser escritas com maior rapidez; havia também o emprego de inúmeras contrações e abreviações, sobretudo nas sílabas iniciais e finais. Por ser minúscula, essa escrita demandava bem menos tempo e material, o que fazia com que os mss. tivessem um custo menor e pudessem ser adquiridos por um maior número de pessoas; não obstante, era de difícil leitura.

A mudança, porém, foi gradual, vindo a consolidar-se no século XI, a partir do qual somente as minúsculas foram usadas. Há também um bom número de mss. desse período intermediário que foram produzidos numa forma combinada de uncial e minúscula. Quanto à separação das palavras, à pontuação e à acentuação, que de maneira muito elementar e infreqüente já vinham sendo empregadas desde os séculos VII e VIII, tornaram-se em regra fixa também ao redor do século XI.

Abreviações

As mais antigas cópias do NT já evidenciam o uso de certas abreviações, que com o tempo se desenvolveram em quatro tipos distintos, alguns dos quais possivelmente para poupar espaço, embora nem sempre pareça ser esse o caso.

Contração. Nos mss. do NT, as abreviações por contração estão limitadas a um grupo específico de 15 palavras, os chamados *nomina sacra*, visto a maioria delas referir-se a Deus e a temas sagrados. São as seguintes:[24]

θεός	$\overline{\Theta\Sigma}$	*πατήρ*	$\overline{\Pi\mathrm{H}\mathrm{P}}$
κύριος	$\overline{\mathrm{K}\Sigma}$	*σωτήρ*	$\overline{\Sigma\mathrm{H}\mathrm{P}}$
υἱός	$\overline{\Upsilon\Sigma}$	*ἄνθρωπος*	$\overline{\mathrm{A}\mathrm{N}\mathrm{O}\Sigma}$
Ἰησοῦς	$\overline{\mathrm{I}\Sigma}$	*οὐρανός*	$\overline{\mathrm{O}\Upsilon\mathrm{N}\mathrm{O}\Sigma}$
Χριστός	$\overline{\mathrm{X}\Sigma}$	*Δαυίδ*	$\overline{\Delta\mathrm{A}\Delta}$

iconoclasmo (814-842).

24 As formas dadas estão no caso nominativo. As formas contratas dessas palavras nos outros casos são análogas: $\overline{\Pi\mathrm{P}\Sigma}$ (*πατρός*), $\overline{\mathrm{O}\Upsilon\mathrm{N}\mathrm{O}\mathrm{N}}$ (*οὐρανόν*), *etc.*

πνεῦμα	$\overline{\text{ΠΝΑ}}$	*Ἰσραήλ*	$\overline{\text{ΙΗΛ}}$ ou $\overline{\text{ΙΣΛ}}$
σταυρός	$\overline{\text{ΣΤΣ}}$ ou $\overline{\text{ΣΡΟΣ}}$	*Ἱερουσαλήμ*	$\overline{\text{ΙΛΗΜ}}$
μήτηρ	$\overline{\text{ΜΗΡ}}$		

J. Harold Greenlee destaca que, ao contrário de outras abreviações, as contrações não teriam sido feitas para poupar espaço ou trabalho; os nomes ou títulos divinos parecem antes háver sido contraídos por questão de reverência, numa tentativa dos escribas cristãos de aproximar o tratamento reverente do nome sagrado de Deus nos mss. hebraicos; depois, esse princípio teria sido estendido a algumas outras palavras, mas todas associadas a assuntos sagrados, o que é verossímil, com base em dois fatores. Em primeiro lugar, abreviações por contração estão limitadas de maneira praticamente exclusiva aos mss. da Bíblia e outras literaturas cristãs, sendo virtualmente desconhecidas na literatura secular. Em segundo lugar, os mss. bíblicos mostram claramente que essas mesmas palavras não são contraídas quando usadas em qualquer outro sentido específico. Por exemplo, *πατήρ* é comumente contraído apenas quando se refere a Deus, e *ἄνθρωπος* tão-só em referências tais como “o Filho do homem”, um título de Jesus. Não obstante, deve-se admitir, existem exceções a esse princípio geral.[25]

Suspensão. O processo de abreviações pela supressão de uma ou mais letras é tecnicamente denominado suspensão; ocorre especialmente no fim da linha e é usado para economizar tempo ou espaço, podendo ser basicamente de quatro tipos: 1) a primeira letra somente pode ser escrita, com um sinal característico de suspensão: por exemplo, *ύ* (*υἱός*), ϗ (*καί*); 2) a primeira parte de uma palavra pode ser escrita com um traço horizontal sobre a última letra para indicar suspensão: *τελ̄* (*τέλος*); 3) nos mss. do NT em uncial, as suspensões estão restritas quase inteiramente à supressão de um *ν* final no fim da linha, indicado por um traço horizontal acima e seguindo a última letra escrita: *πολῑ* (*πόλιν*); e 4) a primeira parte de uma

25 GREENLEE, *Introduction to New Testament textual criticism*, p. 30-1.

palavra pode ser escrita, com alguma ou algumas letras restantes acima e em tamanho menor: $\tau\epsilon^{\lambda}$ (τέλος), $\tau^{\epsilon\kappa}$ (τέκνα).

Ligaturas. As ligaturas não são comuns nos mss. em uncial. Nos mss. em minúscula, nem sempre é possível distinguir com precisão uma ligatura de duas ou três letras simplesmente conectadas, como por exemplo: (εγ), (εν), (στ), (ους), (του).

Símbolos. Poucas abreviações simbolizadas são encontradas nos mss. em uncial. Nos mss. em minúscula, há maior incidência nos mais recentes. A seguir encontram-se alguns exemplos: (και), (προς), (δε), (οτι), ⁒ (εστι), (εισι), μ´ (μου), (-ειν), (-οις), τ`` (-τον).[26]

Formato e Diagramação

Os mss. bíblicos apresentam grande variedade com relação ao formato ou tamanho. Geralmente os destinados a uso privado, por razões de comodidade, eram menores, enquanto para o uso litúrgico eram escolhidos os de tamanho maior. Dois dos mais importantes mss. conhecidos, identificados como Vaticano e Sinaítico, ambos do século IV, medem respectivamente 27 x 27 cm e 38 x 43 cm. O menor ms. conhecido é um do Apocalipse, catalogado como ms. 0169, também do século IV, do qual resta apenas uma folha, e mede 7,7 x 9,3 cm. O maior, o chamado Códice Gigante, escrito em latim no século XIII, mede 49 x 89,5 cm.

A distribuição do texto na página não seguia nenhum padrão muito rígido. Enquanto os rolos de papiro possuíam dezenas e, às vezes, até centenas de colunas, nos códices elas limitavam-se ao tamanho das páginas. Ao que parece, à medida que avançaram os séculos, a tendência era para a redução do número de colunas por página, embora não seja verificada nenhuma regra estritamente fixa. Há papiros do século III, por exemplo, de apenas uma coluna, enquanto,

26 Uma extensa lista de símbolos pode ser encontrada em Edward M. THOMPSON, *An introduction to Greek and Latin palaeography*, p. 80-4.

no século seguinte, são encontrados mss. em pergaminho de quatro e três colunas por página. Do século V, há mss. de duas colunas e, do VI, de até uma coluna. Nos mss. em minúscula, pode-se observar que os escribas bizantinos escreviam quase sempre em uma coluna, enquanto no Ocidente a regra parece que era duas colunas por página.

Quanto à ornamentação, a partir do século IV, com a legalização da religião cristã pelo Império Romano, houve considerável aumento na circulação das Escrituras, e a maior abundância de recursos permitiu que elas passassem a ser produzidas com técnicas bem mais apuradas que antes. Além da adoção praticamente definitiva do pergaminho, os mss. passaram a ser preparados com excessivo luxo, sobre o que já se lamentavam João Crisóstomo[27] e Jerônimo.[28] Letras douradas ou prateadas sobre pergaminhos purpúreos ou argênteos eram utilizadas no preparo de vários mss. Posteriormente, porém, menos valor foi dado à preciosidade do material e das tintas em relação às iluminuras, que se tornaram mais freqüentes. Muitos mss., além de trazer as letras iniciais destacadas e ornadas, são também ilustrados com gravuras de Cristo e dos apóstolos, com cenas da narrativa do NT ou até mesmo com gravuras de demônios.

Orientações para o Leitor

Verifica-se com freqüência nos mss., desde os primeiros tempos, o uso de certos elementos ou informações auxiliares do leitor, colocados no início do volume inteiro ou de cada livro separadamente, à margem, no texto, no fim de cada livro ou ainda no fim do volume. São os seguintes:

Prólogos. Todos os livros do NT, à exceção do Apocalipse, são precedidos nos códices por longas notas introdutórias ou prólogos (ὑπόθεσις), que tratam do autor, conteúdo e origem do livro correspondente. Os mais antigos prólogos conhecidos são já do século II e foram preparados durante as controvérsias que envolveram a

[27] *Homilias sobre João*, XXXII, 3.
[28] *Cartas*, XXII, 32; CVII, 12.

Igreja de Roma e o herege Marcião, o qual defendia um cânon do NT composto apenas pelo evangelho de Lucas e dez das epístolas paulinas (deixou fora 1 e 2 Timóteo e Tito).[29] A Igreja de Roma, para justificar sua posição, a) compôs um prólogo para cada um dos evangelhos que reconhecia como autênticos; b) aceitou os prólogos às dez epístolas paulinas compostos por Marcião ou um de seus colaboradores mais chegados; c) elaborou prólogos semelhantes para 1 e 2 Timóteo e Tito; e d), no prólogo ao evangelho de Lucas, a Igreja reconhecia expressamente o livro de Atos como obra do próprio Lucas, e o Apocalipse como escrito pelo apóstolo João.

Esticometria. Freqüentemente, ao final de cada livro, encontram-se nos mss. indicações acerca do número de esticos (*στίχοι*), mas nem sempre exatas, o que prova evidentemente haverem sido tomadas de um modelo existente.[30] Conhecida já no século III, a esticometria era usada para calcular o tamanho dos livros, seu preço e a remuneração do escriba. O estico era uma linha de texto, para cuja extensão servia como medida normal o hexâmetro de 16 sílabas. Portanto, se um livro possuía mil esticos, significava possuir 16 000 sílabas, e não propriamente mil linhas.

Cânones de Eusébio. Inspirado por Amônio de Alexandria, que, cerca do ano 220, escreveu à margem do texto de Mateus as seções paralelas dos outros evangelhos, Eusébio de Cesaréia dividiu os evangelhos em pequenas e grandes seções, totalizando 355 em Mateus, 233 em Marcos, 342 em Lucas e 232 em João, dando-lhes uma numeração seqüenciada, escrita à margem do texto. Esses números foram ordenados em dez cânones (*κανόνες*) ou tabelas: a primeira contendo referências às passagens comuns aos quatro evangelhos; a segunda, passagens comuns a Mateus, Marcos e Lucas; a terceira, passagens comuns a Mateus, Lucas e João; e assim por diante,

29 Com relação a Hebreus, ao contrário do que aconteceu na Igreja Oriental, onde parece que a epístola sempre foi tida como canônica e de autoria paulina, na Igreja Ocidental esse reconhecimento não ocorreu senão nos meados do século IV. Daí o fato de permanecer exclusa das controvérsias marcionitas.

30 WIKENHAUSER, *op. cit.*, p. 71.

explorando quase todas as combinações possíveis.[31] A última tabela contém referências ao assunto peculiar de cada evangelho isoladamente. O número da tabela correspondente era acrescentado em vermelho aos números marginais em preto, de modo que, sem muito esforço, era possível verificar se cada seção de um evangelho achava-se também em outro, e qual era seu número correlato. Numa carta ao amigo Carpiano, Eusébio explicou em detalhes seu sistema de classificação.[32] Essa carta e as tabelas acham-se geralmente transcritas no começo dos evangelhos.

Capítulos. Juntamente com a divisão em seções efetuada por Eusébio, para fins sinópticos, acha-se também, em quase todos os mss. gregos dos evangelhos, outra divisão, que tem a finalidade exclusiva de ordenar mais claramente o texto com relação ao seu conteúdo. As seções encontram-se nos mss. identificadas como capítulos (*κεφάλαια*), e cada uma delas leva uma inscrição, semelhante a um título (*τίτλος*), que indica o conteúdo. Em Mateus há 68 capítulos, 48 em Marcos, 83 em Lucas, e 18 em João. Embora essa divisão apareça pela primeira vez em um ms. do século V, o chamado Códice Alexandrino, já o Códice Vaticano, do século IV, trazia uma divisão algo parecida, porém maior e sem títulos. Outras divisões também foram criadas, e algumas delas eram inseridas na margem pelo próprio escriba, depois de pronto o ms., ou por algum corretor (*διορθωτής*) posterior. Alguns capítulos eram ainda divididos em seções menores (*ὑποδιαιρέσεις*).

Colometria. A divisão colométrica é a que divide as linhas quanto ao sentido do texto. Foi utilizada primeiramente nos livros poéticos do AT, mas logo foi introduzida nas obras de prosa retórica, para facilitar a leitura. Dos numerosos mss. escritos colometricamente (*πρὸς κῶλον*)

[31] Faltaram as tabelas referentes às seções paralelas em Marcos, Lucas e João, e em Marcos e João.

[32] Essa carta, juntamente com as tabelas, encontra-se publicada por Eberhard NESTLE *et al.*, *Novum Testamentum Graece*, p. 73*-78*. Note-se que o "Nestle-Aland" também traz a indicação dos cânones de Eusébio mediante um binômio numérico à margem do texto.

que sobreviveram, nenhum é anterior ao século VI, e muitos deles estão ligados a um misterioso Eutálio,[33] que elaborou as divisões, de acordo com as regras das escolas gregas de retórica, das epístolas paulinas, de Atos e das epístolas católicas. Para esses mesmos livros, Eutálio criou também uma divisão em capítulos, com títulos que indicavam seu conteúdo.

A divisão em capítulos que predominou primeiramente na Igreja Latina e é usada nas edições modernas da Bíblia foi preparada somente entre os anos de 1204 e 1206 por Estêvão Langton, arcebispo da Cantuária. A divisão em versículos hoje geralmente aceita procede do editor parisiense Roberto Estéfano: o NT em 1551 e o AT em 1555.

Datação de Manuscritos[34]

Como regra geral, foi somente a partir do século XI que os mss. começaram a trazer uma referência qualquer à data em que foram escritos;[35] mesmo assim, não é fácil indicar com precisão a data dos que foram escritos antes do século XIII, quando se tornou mais comum o uso do calendário cristão dionisiano. Antes disso, muitos copistas usaram o sistema de cronologia bizantino, que fixava o ano da criação em 5509 a.C., tomando como seu início o dia 1.º de setembro. Mais complicada ainda é a datação quando o copista indica a data do ms. em ciclos de 15, 10 ou 6 anos, e, em alguns mss., para complicar ainda mais o problema, são incluídas indicações relativas ao ciclo solar (28 anos) ou lunar (19 anos), acrescidas de dados do calendário religioso, como a Páscoa, por exemplo.

O mais antigo testemunho de data de acordo com o calendário dionisiano é o ms. 113, datado de 19 de julho de 1292 e oriundo de Provença, de modo que a datação e a indicação da procedência

[33] Joseph ANGUS, em *História, doutrina e interpretação da Bíblia*, v. 1, p. 38, diz que Eutálio era diácono em Alexandria e viveu no século V.

[34] Baseado principalmente em BITTENCOURT, *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*, p. 88-9. Veja também METZGER, *op. cit.*, p. 49-51.

[35] Antes dessa época, são muito raros. O mais antigo ms. datado do NT é o Códice 461, do ano 835, que também é o mais antigo ms. em minúscula conhecido.

geográfica dos mss. anteriores é competência praticamente exclusiva da paleografia. Os paleógrafos usam o método comparativo do tipo de letra (forma, tamanho, separação, conexão), acento, espírito, abreviaturas, ilustrações (desenhos, símbolos cristãos, iniciais trabalhadas), correções, material usado, número de colunas, qualidade e cor da tinta, largura e tipo da linha, inscrições, tipo de encadernação, enfim, uma longa lista de detalhes e regras. Em tempos modernos, têm-se usado também os métodos de medição pela radioatividade, como o do carbono 14 ou o do potássio-argônio.

Catalogação

Quando os mss. conhecidos e utilizados ainda eram poucos, era possível determiná-los por seu local de origem ou de conservação (*e.g.*, os Códices Alexandrino e Vaticano), por seu antigo possuidor (Códice Beza), ou por alguma característica especial (Códice Efraimita Reescrito), mas, como as descobertas tornassem seu número cada vez maior, surgiu a necessidade de uma nomenclatura que fosse ao mesmo tempo breve e clara, e permitisse aos estudiosos trabalhar com um sistema padronizado. E foi fazendo frente a essa necessidade que J. J. Wettstein, em sua edição crítica do NT grego, impressa em Amsterdã nos anos de 1751 e 1752, começou a designar os mss. em unciais por letras maiúsculas do alfabeto latino — logo se continuou com os alfabetos grego e hebraico — e os mss. em minúscula por algarismos arábicos; os papiros ainda eram desconhecidos.

Conquanto tenha sido adotada por críticos posteriores, sua classificação apresentava sérias dificuldades. Além de a designação dos mss. com base apenas no tipo da escrita ser puramente externa, não demorou muito e logo se esgotaram as letras dos alfabetos latino, grego e hebraico. Mais grave ainda era o fato de que, ao agrupar os mss. em blocos principais (correspondendo aos evangelhos, Atos, epístolas paulinas, epístolas católicas e Apocalipse), Wettstein fez com que a nomenclatura corresse de forma independente, onde a mesma letra ou número podia indicar diferentes mss. em diferentes livros do NT.

Diante disso, C. R. Gregory, no final do século XIX, propôs

numerar documentos diversos com a mesma letra, acompanhada de um índice numérico (W^1, W^2, *etc.*). Óbvia, porém, é a inconveniência de ter-se o mesmo símbolo designando diversos mss. e o mesmo ms. sob diferentes símbolos em livros diferentes. Finalmente, o próprio Gregory, em consulta com os principais estudiosos da crítica textual, desenvolveu o método que, desde sua publicação, tem sido usado com exclusividade quase absoluta. Sua obra, *Die griechischen Handschriften des Neuen Testaments*, publicada em Leipzig no ano de 1908, trazia não apenas a nomenclatura unificada dos mss. gregos, mas também uma completa remissão recíproca entre o velho sistema e sua nova designação, que, tendo íntima relação com o sistema de Wettstein, consiste em designar os mss. em unciais por números arábicos precedidos de zero (01, 02, *etc.*), se bem que, para os 45 mss. mais comuns, deixa-se livre o uso da nomenclatura já estabelecida por letras maiúsculas; os mss. em minúsculas têm os números 1, 2, *etc.*; os papiros são designados por um "P" maiúsculo ou gótico, seguido de um algarismo arábico como se fosse um expoente (P^1, P^2, *etc.*).

Em 1914, H. F. von Soden propôs um sistema de nomenclatura completamente novo, abandonando a distinção dos mss. pelo tipo de escrita e agrupando-os pelo conteúdo. No sistema de von Soden, um δ (de διαθήκη) anteposto indica que o ms. contém todo o NT; um ϵ (de εὐαγγέλιον), os evangelhos; e um α (de ἀπόστολος), o restante dos livros (Atos, epístolas e Apocalipse), total ou parcialmente. Cada grupo possui seu próprio número de ordem (δ1, δ2, *etc.*), que foi escolhido de maneira progressiva, de acordo com a idade do ms.. Esse sistema, embora engenhoso, revelou-se totalmente impraticável, de maneira que o de Gregory continuou sendo de uso generalizado, tendo sido ampliado por E. von Dobschütz, W. Eltester, Kurt Aland e, atualmente, Barbara Aland, na qualidade de diretora do Instituto de Pesquisa Textual do NT, da Universidade de Wilhelms da Vestefália, em Münster, Alemanha.

CAPÍTULO 2

FONTES DOCUMENTAIS

O desaparecimento dos autógrafos do NT deu-se muito cedo na história da Igreja. É verdade que Tertuliano, no fim do século II, declarou que as "cartas autênticas" dos apóstolos ainda eram lidas em Corinto, Filipos, Tessalônica, Éfeso e Roma,[1] mas, apologista que era, sua declaração pode indicar apenas um apaixonado tom retórico ao querer contrastar, por exemplo, os livros canônicos com os apócrifos, ou ainda os mss. em sua língua original com as versões.[2] Da mesma forma, as muitas tradições medievais análogas não passavam de piedosas lendas, como o ms. original de Marcos, que era o orgulho de Veneza e que se constatou não ser nada mais que apenas parte de um ms. latino das Escrituras.

Diante disso, nos trabalhos de restauração textual, os críticos valem-se dos milhares de documentos do NT que chegaram até nós mediante a tradição manuscrita, dividindo-os basicamente em três grupos: os mss. gregos, as antigas versões e as citações do NT feitas por antigos autores cristãos. Sendo que cada um dos grupos apresenta características próprias, a classificação reflete também diferentes graus de importância e utilidade em relação ao texto bíblico.

1 *A prescrição dos hereges*, XXXVI, 1, 2.
2 VAGANAY, *An introduction to the textual criticism*, p. 97.

Manuscritos Gregos

Facilmente se pode notar que os manuscritos gregos dos diversos tipos e formas constituem a principal fonte dos trabalhos crítico-textuais do NT, por representarem a descendência mais direta do texto original, embora algumas das antigas versões estejam mais próximas que a maioria dos mss., quanto ao tempo que as separa dos autógrafos. Conforme já mencionado, eles são em número aproximado de 5 500, os quais contêm o NT no todo ou em parte, e são classificados como papiros, unciais e minúsculos, dependendo do material usado e do próprio estilo da escrita. Também são classificados como mss. gregos os lecionários, os óstracos e os talismãs, embora sejam bem menos importantes para a crítica textual, à exceção dos lecionários, cujo valor já foi reconhecido, mas que só em décadas bem recentes começaram a ser estudados e parcialmente utilizados de maneira sistemática.

Papiros

As cópias manuscritas do NT foram a princípio preparadas em escrita uncial e, até o século IV, predominantemente em papiros. São conhecidos e catalogados até o momento 96 papiros,[3] a maioria dos quais representando fragmentos de códices; apenas P^{12}, P^{13}, P^{18} e possivelmente P^{43} são fragmentos de rolos. Alguns são mais extensos, como P^{45}, P^{46} e P^{74}, enquanto outros consistem apenas numa folha, como P^{1}, ou mesmo num só versículo, como P^{12} e P^{80}, que contêm respectivamente Hebreus 1.1 e João 3.34. À exceção de 1 e 2 Timóteo, todos os demais livros do NT estão representados nos papiros, embora bem poucos em sua totalidade. Apesar disso, os papiros são de especial importância para a crítica textual, já que consistem nos mais antigos mss. conhecidos do NT. Os mais importantes são os seguintes:

[3] ALAND & ALAND, *The text of the New Testament*, p. 74. O papiro continuou a ser usado, embora escassamente, no preparo de mss. bíblicos até o século VIII. São conhecidos até o momento 39 papiros do NT posteriores ao século IV.

P^{45} (Papiro Chester Beatty I). Parte de uma importante descoberta de A. Chester Beatty, que comprou fragmentos de 12 mss. de papiro de um negociante egípcio por volta de 1930. Esses manuscritos compreendem sete do AT, três do NT (P^{45}, P^{46}, P^{47}) e dois de outros livros cristãos, e encontram-se atualmente no Museu Beatty, em Dublim.[4] O P^{45} consiste em 30 folhas de um códice que em sua origem continha os quatro evangelhos e Atos num total estimado em cerca de 220 folhas. Os cadernos são formados por apenas duas folhas cada um, sugerindo uma data anterior à dos códices com cadernos de até 12 folhas. A escrita é pequena e numa única coluna. As folhas consistem em duas de Mateus, seis de Marcos, sete de Lucas, duas de João e 13 de Atos, e datam do início do século III.

P^{46} (Papiro Chester Beatty II). Contém 86 folhas quase perfeitas de um códice das epístolas de Paulo que tinha, num único caderno, cerca de 104 folhas, das quais as últimas cinco eram provavelmente em branco. A ordem das epístolas é a seguinte: Romanos, Hebreus, 1 e 2 Coríntios, Efésios, Gálatas, Filipenses, Colossenses e 1 e 2 Tessalonicenses. Estão faltando as pastorais, que talvez nunca fizeram parte do códice. A importância desse ms., datado do final do século II ou início do III, é seu testemunho acerca das epístolas paulinas, incluindo-se Hebreus, pelo menos um século antes dos grandes unciais.

P^{47} (Papiro Chester Beatty III). Dez folhas de um códice do Apocalipse (9.10—17.2), de um total original calculado em 32. Foi escrito de forma grosseira no século III e consiste no mais antigo, porém não melhor ms. do Apocalipse.

P^{52} (Papiro Rylands 457). Pequeno fragmento adquirido no Egito em 1920 por B. P. Grenfell, para a biblioteca John Rylands, de Manchester. Com cerca de 6,5 x 8,5 cm de tamanho, foi identificado e publicado somente em 1934 por C. H. Roberts. Contém parte de João 18.31 a 33 de um lado e dos versículos 37 e 38 de outro, numa

[4] Uma folha do P^{45} e 30 do P^{46} encontram-se respectivamente na Biblioteca Nacional de Viena e na Universidade de Michigan.

A ordem dos livros neotestamentários é a seguinte: evangelhos, epístolas paulinas, Atos, epístolas católicas e Apocalipse, após o qual há ainda a Epístola de Barnabé e grande parte de O Pastor de Hermas, dois livros pós-apostólicos. É o mais antigo ms. completo existente, e um dos mais valiosos, pela qualidade de seu texto. Dentre as várias omissões que apresenta, destacam-se as seguintes: a doxologia da Oração do Senhor (Mt 6.13); os versículos finais do evangelho de Marcos (16.9-20); e o incidente da mulher adúltera (Jo 7.53—8.11).

A história desse ms. é dramática e merece ser repetida. Em 1844, enquanto viajava pelo Oriente Médio à procura de mss., Tischendorf visitou o Mosteiro Ortodoxo de Santa Catarina, no Monte Sinai, onde, num cesto de lixo, encontrou algumas folhas da Septuaginta[9] que estavam para ser queimadas. Reconhecendo a importância das folhas, pôde guardar as 43 que encontrou. Retornando ao mosteiro em 1853, os monges mostraram-se cautelosos diante de seu excitamento ao querer procurar outras porções do mesmo ms., e proibiram-no de fazê-lo. Voltando novamente em 1859, agora sob a proteção do Tçar (ou Czar) Alexandre II, patrono da Igreja Ortodoxa Grega, foi-lhe permitido levar o ms. ao Cairo e copiá-lo. Com muita diplomacia e persistência, Tischendorf também persuadiu os monges a enviá-lo como doação ao tçar. Assim, o ms. permaneceu na então Leningrado até o Natal de 1933, quando foi vendido pelo governo soviético, por aproximadamente 500 000 dólares, ao Museu Britânico de Londres, onde se encontra atualmente.

A ou *02* (Códice Alexandrino). Escrito em duas colunas por página, num pergaminho muito fino, consiste em 773 folhas de praticamente todo o AT e o NT (com algumas lacunas principalmente em Mateus, João e 2 Coríntios), mais as duas epístolas de Clemente de Roma. Data do início do século V, e foi escrito provavelmente no

9 *Septuaginta* (ou LXX): a primeira e mais importante versão grega do AT. Segundo a tradição, foi preparada por 72 sábios judeus em Alexandria, no tempo do reinado do Ptolomeu Filadelfo (285-246 a.C.). A referência de Flávio Josefo de que o trabalho foi feito em 72 dias (*Antigüidades judaicas*, XII, 2) talvez se aplique apenas ao Pentateuco; acredita-se que a tradução do restante do AT não foi completada senão nos meados do século II a.C.

Egito, pois os títulos de alguns livros contêm formas coptas do alfa e do ni. Ao que parece, cinco escribas trabalharam seu texto, e várias correções posteriores são perceptíveis. A escrita é graciosa e sem adornos, mas as iniciais são maiores. O texto em sua maior parte é inferior, mas é o melhor ms. no que diz respeito ao Apocalipse.

A história do Códice Alexandrino é obscura até o ano de 1098, quando, segundo uma nota em latim no próprio ms., foi doado à Biblioteca Patriarcal de Alexandria. Em 1624, Cirilo Lucar, patriarca de Constantinopla (antes, de Alexandria, de onde trouxera o ms.), ofereceu-o a Thomas Roe, embaixador inglês na Turquia, para ser presenteado ao Rei Tiago I. Como Tiago I morresse logo depois da oferta, ao chegar o presente à Inglaterra, em 1628, foi entregue ao então reinante Carlos I. Por mais de um século o ms. permaneceu em poder da Biblioteca Real, até que, em 1751, foi doado à nação por Jorge II, passando a compor o acervo do Museu Britânico em Londres. Outra nota, escrita em árabe no século XIII ou XIV e de origem desconhecida, informa que o ms. fora produzido por uma certa mártir chamada Tecla, e o próprio Cirilo Lucar repetia essa nota, informando que Tecla havia sido uma nobre senhora egípcia e que seu nome constava originariamente no fim do ms. Isso, todavia, talvez não proceda, uma vez que o fim do ms. já se havia perdido muito tempo antes de Cirilo.[10]

B ou *03* (Códice Vaticano). Escrito em pergaminho de excelente qualidade, consiste em 759 folhas de um códice que continha originariamente cerca de 820. Contém quase todo o AT e a maior parte do NT: faltam Hebreus 9.15 a 13.25, 1 e 2 Timóteo, Tito, Filemom e Apocalipse, que podem ter formado cadernos adicionais que se perderam. Foi escrito no início do século IV, em três colunas por página, com letras pequenas e claras, de rara beleza. Como a tinta desbotasse, por volta do século X um escriba recobriu todo o texto com tinta nova, fazendo também uma espécie de revisão ao deixar intactas as palavras e letras que lhe pareceram incorretas. Já antes dele, dois outros corretores haviam trabalhado no texto original.

10 Frederic G. KENYON, *Our Bible and the ancient manuscripts*, p. 135.

Escrito provavelmente no Egito, o ms. entrou na Biblioteca do Vaticano (onde permanece como um de seus maiores tesouros) em alguma época antes de 1475, ano em que aparece pela primeira vez no catálogo dos livros da biblioteca. Contudo, as autoridades hesitaram em permitir seu uso, até que foi publicado em 1857 e novamente em 1859 pelo Cardeal Angelo Mai; ambas as edições, porém, diferiam muito uma da outra, e eram tão inexatas que quase não podiam ser usadas. Nova edição revisada apareceu entre 1868 e 1872, mas uma perfeita reprodução fotográfica foi publicada somente nos anos de 1889 e 1890, a partir de quando os estudiosos da crítica textual finalmente puderam passar a fazer uso completo desse que é reconhecido como o mais valioso de todos os mss. gregos do NT. É o que contém, proporcionalmente, o menor número de erros, estando também menos retocado que o Sinaítico, com quem se une em parentesco até o ponto de pertencerem a um tronco comum, representando uma forma de texto que deve ter circulado no Egito antes do ano 200.[11] Kenyon declara que "os críticos em geral crêem ser B a evidência principal da mais antiga forma de texto do NT".[12]

C ou *04* (Códice Efraimita). É um palimpsesto, o mais importante do NT. Escrito no século V, provavelmente no Egito, foi trazido do Oriente Médio para a Europa no início do século XVI. Continha originariamente toda a Bíblia, tendo sido conservadas apenas 64 folhas do AT e 145 do NT, com uma coluna de texto por página. Exceção feita a 2 Tessalonicenses e 2 João, todos os livros do NT estão representados, porém, imperfeitos. No século XII, teve seu texto raspado a fim de prover material para uma tradução grega dos tratados de Efraim, da Síria. A escrita original, todavia, foi decifrada numa difícil tarefa concluída pela primeira vez por Tischendorf. Encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris, e é a principal testemunha da segunda parte de Mateus 20.16 — "... porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos".

[11] ZIMMERMANN, *Los métodos histórico-críticos en el Nuevo Testamento*, p. 47 e 52.

[12] *Op. cit.*, p. 140.

D ou *05* (Códice Beza). Trata-se do mais antigo códice bilíngüe do NT. Escrito colometricamente no final do século V ou início do século VI, consiste em 406 folhas e contém, em páginas paralelas de uma coluna cada, o texto grego e uma tradução latina dos evangelhos, quase em sua totalidade, e da maior parte de Atos. Originariamente deveria conter cerca de 510 folhas, abrangendo ainda as epístolas católicas, pois preserva também um pequeno fragmento do final de 3 João. Produzido provavelmente na Europa Ocidental, estava em Lião no ano de 1562, quando foi saqueado do Mosteiro de Santo Ireneu pelos huguenotes e entregue a Teodoro Beza, discípulo e sucessor de João Calvino, em Genebra. Em 1581, Beza o doou à Universidade de Cambridge, em cuja biblioteca encontra-se desde então. Sua importância está nas muitas variações que apresenta em relação aos grandes unciais anteriores. É caracterizado pela livre adição e umas poucas omissões de palavras, frases e até incidentes. Um bom exemplo está em Lucas 6, onde o versículo 5 aparece depois do 10, e entre os versículos 4 e 6 apresenta o seguinte relato: "No mesmo dia, vendo alguém trabalhando no dia de sábado, disse-lhe: Se sabes o que estás fazendo, bem-aventurado és; mas se não sabes, és maldito e trangressor da lei". As maiores divergências, porém, encontram-se no livro de Atos, sempre relacionadas a acréscimos.

D_2 ou *06* (Códice Claromontano). Também um ms. bilíngüe, no mesmo estilo do Códice Beza; seu texto grego, porém, é superior, e o latim inferior ao daquele ms. Contendo 533 folhas muito bem escritas, as de número 162 e 163 são palimpsestos. Foi escrito no século VI, provavelmente na Sardenha, e contém todas as epístolas paulinas, incluindo-se Hebreus. Tendo sido encontrado no Mosteiro de Clermont, perto de Beauvais, na França, também pertenceu a Beza, e desde 1656 se encontra na Biblioteca Nacional de Paris.

E_2 ou *08* (Códice Laudiano). É um ms. de Atos contendo 227 folhas escritas em colunas paralelas de grego, à direita, e latim, à esquerda. Uma inscrição do próprio ms. mostra que foi escrito na Sardenha, provavelmente no final do século VI. Na virada do século VII para o VIII, foi levado para o Mosteiro de Jarrow, no Norte da Inglaterra; sabe-se que foi usado por Beda, o Venerável, em seu

comentário de Atos. Algum tempo depois, foi levado à Alemanha, provavelmente pelo grande missionário Bonifácio, onde permaneceu por vários séculos. Em 1631, no entanto, quando o Mosteiro de Würzburg foi saqueado pelos suecos, o ms. foi tomado como parte dos despojos de guerra. Finalmente, acabou parando nas mãos do Arcebispo Guilherme Laud, que o doou, em 1636, à Biblioteca Blodeiana de Oxford, onde se encontra desde então. É o mais antigo ms. que registra a confissão de fé do etíope (Atos 8.37), embora o relato já fosse conhecido por Ireneu[13] desde o final do século II.

W ou *032* (Códice Washingtoniano). Situado entre os mais importantes mss. unciais descobertos no século XX, o Códice Washingtoniano compreende 187 folhas dos quatro evangelhos, cujo texto está distribuído em uma coluna por página. Os evangelhos seguem a ordem ocidental: Mateus, João, Lucas e Marcos, os quais, pela variedade de estilo, parecem haver sido copiados de diferentes mss. Escrito no século V, foi adquirido no Egito em 1906 por Charles L. Freer e desde então se encontra no Museu Freer da Instituição Smithsoniana, em Washington. Uma de suas mais notáveis características é o fato de ser o único ms. conhecido a trazer um curioso relato após Marcos 16.14, como para atenuar a censura de Jesus aos discípulos por não haverem crido em Sua ressurreição:

> E eles se desculparam dizendo: Esta era de impiedade e incredulidade está sob o domínio de Satanás, que não permite que a verdade e o poder de Deus prevaleçam sobre as imundícias dos espíritos [ou "não permite que o que jaz sob os espíritos imundos entenda a verdade e o poder de Deus"]. Por isso, revela agora a tua justiça — assim disseram a Cristo. E Cristo replicou-lhes: O limite de tempo do poder de Satanás está cumprido, mas outras coisas terríveis se aproximam. Pelos que pecaram eu fui entregue à morte, para que retornem à verdade e não pequem mais, a fim de que possam herdar a glória espiritual e incorruptível da justiça que está no Céu.

[13] *Contra heresias*, III, 12.

Embora a primeira parte da inserção já fosse conhecida por Jerônimo, que dizia tê-la encontrado "em certas cópias e especialmente nos códices gregos",[14] ela tem naturalmente um sabor apócrifo.

Θ ou *038* (Códice Korideto). Trata-se de um ms. dos evangelhos do século IX, contendo 249 folhas de texto distribuído em duas colunas por página. Foi escrito provavelmente no Sinai, por um escriba que conhecia muito pouco de grego: as letras são pesadas e rudes. Foi descoberto pela primeira vez em 1853 num mosteiro em Korideto, nos montes Cáucasos, de onde foi levado para São Petersburgo. Cerca de duas décadas depois retornava para os Cáucasos, tendo sua localização ignorada por cerca de 30 anos. Em 1901, foi redescoberto pelo Bispo Kirion, que o levou para Tbilisi, capital da Geórgia, em cujo museu permanece desde então. Em Mateus, Lucas e João reflete um texto posterior, mas seu texto de Marcos é bem antigo, muito semelhante ao que foi usado em Cesaréia por Orígenes e Eusébio, nos séculos III e IV.[15]

Minúsculos

O termo designa os mss. em escrita minúscula preparados desde o século IX, quando teve início a reforma da escrita, até o século XVI, quando começaram a surgir os textos gregos impressos.[16] A maior parte está em pergaminho; os que estão em papel são muito poucos, além de recentes. Estão catalogados até o momento 2 812 mss. minúsculos,[17] portanto a maior parte de todos os mss. gregos do NT,

[14] *Diálogo contra os pelagianos*, II, 15.

[15] Para uma relação descritiva de todos os unciais do NT atualmente catalogados, veja ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 107-28.

[16] Alguns códices gregos do NT ainda foram produzidos de forma manuscrita mesmo após a circulação dos primeiros textos gregos impressos. Tal é o caso, por exemplo, dos mss. 2258 e 2318, respectivamente dos séculos XVII e XVIII.

[17] ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 74.

mas que na verdade carecem de valor crítico ou apresentam valor muito reduzido; são importantes apenas como testemunhas da história medieval do texto do NT, embora ainda haja muito que se conhecer a respeito desse assunto. Formam exceções aqueles poucos mss. que são cópias de importantes unciais já desaparecidos, os quais, pelas notáveis similaridades que exibem, foram agrupados em duas famílias.

f^1 (Família 1 ou Lake). Em 1902, Kirsopp Lake descobriu a íntima correspondência textual entre os mss. 1, 118, 131 e 209, todos copiados entre os séculos XII e XIV. Uma análise do evangelho de Marcos mostrou que o texto preservado nesses mss. freqüentemente concorda com o do Códice Korideto, e parece vir de um tipo de texto corrente em Cesaréia nos séculos III e IV. A essa família também pertence o ms. 1582.

f^{13} (Família 13 ou Ferrar). Bem antes de Lake, em 1868, William H. Ferrar já havia identificado uma família de mss., formada pelos minúsculos 13, 69, 124 e 346 (posteriormente foram incluídos os mss. 174, 230, 543, 788, 826, 828, 983, 1689 e 1709), todos copiados entre os séculos XI e XIII, descendendo de um arquétipo comum proveniente da Calábria, no sul da Itália, ou da Sicília. Importante característica dessa família é que o episódio da mulher adúltera (Jo 7.53—8.11) não aparece no evangelho de João, mas depois de Lucas 21.38. Semelhantemente à família 1, essa família também tem afinidades com o tipo de texto que circulava em Cesaréia nos tempos de Orígenes e Eusébio; com ambas as famílias ainda estão aparentados os mss. 22, 28, 565 e 700.[18]

Outros minúsculos que também merecem ser mencionados são os seguintes:

33. Conhecido desde o início do século XIX como o "rei dos minúsculos", apresenta um excelente texto, com grandes afinidades com o do Códice Vaticano. Contém os evangelhos, Atos e as

[18] WIKENHAUSER, *Introducción al Nuevo Testamento*, p. 85.

epístolas, e foi escrito no século IX. Encontra-se atualmente na Biblioteca Nacional de Paris.

565. Escrito no século IX com letras de ouro em pergaminho purpúreo, é um dos mais belos dentre todos os mss. gregos do NT. Trata-se de uma cópia de luxo dos evangelhos escrita provavelmente para a Imperatriz Teodora. Encontra-se atualmente na Biblioteca Pública de São Petersburgo.

1739. Trata-se de um ms. de Atos e das epístolas que continha originariamente todo o NT e foi escrito no século X. Foi descoberto em 1879 por E. von der Goltz no Mosteiro Ortodoxo da Grande Laura, no Monte Atos, na Grécia, onde permanece até hoje. Sua importância está no fato de trazer na margem notas tomadas dos escritos de Ireneu, Clemente, Orígenes e Basílio. Visto Basílio ser o mais recente de todos, tendo vivido de 329 a 379, parece que o ancestral desse ms. foi preparado no final do século IV. Um colofão indica que para as epístolas paulinas o escriba seguiu o texto usado por Orígenes; para Romanos, menciona-se haver sido tomado diretamente de seu comentário. Nas demais epístolas, porém, reflete um texto ainda mais antigo, o mesmo que circulava em Alexandria no final do século II.[19]

2053. Escrito no século XIII, contém o texto do Apocalipse e o comentário de Ecumênio sobre ele. Juntamente com os Códices Alexandrino e Efraimita, representa uma das fontes mais confiáveis para o texto do Apocalipse. Encontra-se atualmente na Biblioteca da Universidade de Messina, na Sicília.[20]

[19] Bruce M. METZGER, *The text of the New Testament*, p. 65.

[20] Para uma relação dos demais minúsculos do NT, veja ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 129-38.

Lecionários

Os mss. gregos com porções do NT destinadas à leitura nos serviços de culto são denominados lecionários. Prática herdada das sinagogas judaicas, onde trechos da lei e dos profetas eram lidos nas reuniões de culto, essa leitura era de porções específicas dos evangelhos, Atos e epístolas, arranjadas não em sua seqüência ordinária, mas em unidades adequadas aos dias do calendário anual ou à ordem seguida pelo ano eclesiástico. Há lecionários que apresentam lições completas para todos os dias da semana, enquanto outros possuem lições apenas para os sábados, domingos e outros dias santificados do ano cristão. Em muitos mss. aparece a indicação do dia e da semana no início de cada lição, além das palavras ἀρχή e τέλος, geralmente colocadas à margem ou entre as linhas do texto para indicar ao leitor onde começar e onde terminar a leitura. E, para facilitar a compreensão, pequenos ajustes às vezes também eram feitos nas palavras iniciais das frases, como a substituição de um pronome por um nome, ou a eliminação de uma conjunção.

À semelhança dos mss. unciais e minúsculos, os lecionários também são códices confeccionados em pergaminho, cuja forma varia de acordo com a província eclesiástica da qual se originam. Estão catalogados até o momento 2 281 lecionários,[21] dos quais uma parte está em uncial e a maioria em escrita minúscula; são designados por um "*l*" itálico ou minúsculo seguido de um expoente numérico (l^1, l^2, *etc.*). É provável que os lecionários começaram a surgir no fim do século III ou início do século IV,[22] embora o mais antigo fragmento conhecido seja do século V (l^{1043}). Quanto à distribuição em relação aos livros do NT, de um quarto a um terço dos lecionários conhecidos são de Atos e das epístolas; perto de uma centena combina os evangelhos, Atos e as epístolas; enquanto todos os demais são dos evangelhos. Não se conhece nenhum lecionário do Apocalipse. Quanto à nomenclatura, os lecionários com trechos dos evangelhos eram chamados na Igreja Grega de εὐαγγελία (em latim, *evangeliaria* ou

[21] ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 74.
[22] PARVIS, *The interpreter's dictionary of the Bible*, p. 598.

evangelistaria); aqueles cujo conteúdo era extraído de Atos e das epístolas paulinas e católicas eram chamados de ἀπόστολοι ou πραξαπόστολοι (em latim, *apostoli* ou *praxapostoli*).

Do ponto de vista da crítica textual, os lecionários foram muito pouco estudados durante longo tempo e, por essa razão, nunca foram adequadamente representados em qualquer aparato crítico. O equilíbrio, porém, começou a ser restaurado em 1933, quando teve início a publicação da série *Studies in the Lectionary Text of the New Testament*, pela Universidade de Chicago. O passo seguinte ocorreu em 1963, quando ficou pronto um relatório de estudos feitos pela mesma universidade[23] especialmente para o *The Greek New Testament*, editado pelas Sociedades Bíblicas Unidas a partir de 1966, em cujo aparato crítico os testemunhos de vários lecionários são pela primeira vez citados de maneira sistemática. Bruce M. Metzger, membro da comissão editorial desse NT grego, declara:

> Visto que a forma da citação das Escrituras em livros litúrgicos oficiais sempre tende a ser conservadora e quase arcaica, os lecionários são valiosos na preservação de um tipo de texto freqüentemente muito mais antigo que a idade real do ms. poderia levar alguém a suspeitar.[24]

Óstracos

Outro material de escrita usado na antigüidade eram os óstracos (ὄστρακοι),[25] que são fragmentos de jarros quebrados ou de louça. Milhares deles foram encontrados tanto no Egito quanto na Palestina, contendo frases curtas escritas principalmente com objetos

[23] Veja Allen WIKGREN, Chicago studies in the Greek lectionary of the New Testament, em *Biblical and patristic in memory of Robert Pierce Casey*, ed. J. H. Birdsall e R. W. Thomson (Nova Iorque: Herder, 1963), p. 96-121.

[24] *Op. cit.*, p. 31.

[25] O termo originariamente significava "conchas de ostras", mas era aplicado pelos gregos também aos cacos de cerâmica nos quais registravam seus votos. O nome dos candidatos ao exílio político também era escrito em óstracos, daí a palavra "ostracismo".

pontiagudos. São recibos, memorandos, contratos, receitas, enfim, a literatura do dia-a-dia usada pelas classes mais baixas, que não podiam comprar o papiro ou que não consideravam a coisa a ser escrita suficientemente importante para justificar sua compra. Foram encontrados até o momento 25 óstracos com passagens do NT,[26] cuja designação é feita mediante a letra "O" maiúscula ou gótica seguida de um expoente numérico (O^1, O^2, *etc.*). Merecem menção os óstracos O^1 e O^2, que trazem inscritas diferentes cenas da narrativa da paixão, enquanto a maioria traz apenas pequenas frases ou versículos do NT, especialmente dos evangelhos. São de pouca ou nenhuma importância para a crítica textual.

Talismãs

O último grupo de documentos classificados como mss. gregos são os talismãs, ou amuletos, preparados de madeira, cerâmica, papiro ou pergaminho, contendo pequenas porções das Escrituras. São conhecidos atualmente apenas nove talismãs do NT,[27] os quais se estendem do século IV ao século XIII; a representação é feita pela letra "T" maiúscula ou gótica seguida de um índice numérico (T^1, T^2, *etc*). Por se destinarem a servir de proteção contra o mal, o texto mais comumente usado nas inscrições é o pai-nosso (T^1, T^3, T^5 e T^6), embora outras passagens também sejam usadas. Não possuem outro valor senão como curiosidades.

Antigas Versões

Depois dos mss. gregos, a mais importante fonte para os trabalhos de restauração textual do NT são as antigas versões, que surgiram em decorrência da expansão do cristianismo em regiões onde vários grupos étnicos não dominavam a língua grega universal. Tais versões começaram a aparecer provavelmente já nos meados do século II, e

[26] PARVIS, *op. cit.*, p. 595.
[27] *Ibid.*

continuaram aumentando em número e variedade à medida que a fé cristã se difundia cada vez mais. As mais antigas e importantes são a Siríaca, a Latina e a Copta, as quais remontam a protótipos gregos anteriores à grande maioria dos mss. gregos hoje conhecidos. Assim, embora os mais antigos mss. sobreviventes dessas versões não ultrapassem o início do século IV ou, quando muito, o final do III, o texto que evidenciam representa um estágio de desenvolvimento provavelmente não posterior ao final do século II.[28] Daí o valor das versões para a crítica textual não estar propriamente nelas mesmas, mas nas indicações que dão do texto grego de que foram traduzidas.

Convém destacar, no entanto, que as versões só devem ser usadas com muita cautela como testemunhas do texto grego, em razão das limitações que mesmo as mais antigas apresentam. Além de algumas delas haverem sido preparadas por pessoas sem completo domínio do grego,[29] há também o fato de que a sintaxe e o vocabulário gregos apresentam peculiaridades não encontradas em outras línguas. O latim, por exemplo, não possui artigo definido, o siríaco não pode distinguir entre o aoristo e o perfeito gregos e o copta não tem voz passiva. Muitas vezes, uma variante de versão não passa de simples interpretação de um texto grego difícil. Há que se destacar ainda que, ao serem copiadas e recopiadas, as versões também ficaram expostas aos mesmos erros cometidos nos mss. gregos. De qualquer maneira, as primeiras versões permitem-nos retroceder a uma forma do NT que, do ponto de vista cronológico, aproxima-se quase como nenhuma outra do texto original e possibilitam conclusões seguras a respeito do texto grego que se achava em uso nos lugares onde foram feitas.

[28] Werner Georg KÜMMEL, *Introdução ao Novo Testamento*, p. 695.

[29] Referindo-se às primeiras traduções latinas, Agostinho declarou: "Os que traduziram as Sagradas Escrituras do hebraico para o grego podem ser contados, mas os tradutores latinos não o podem, pois cada um em cujas mãos caía um códice grego, nos primeiros tempos da fé, imaginando possuir certo conhecimento de ambas as línguas, atrevia-se a traduzir" (*A doutrina cristã*, II, 11).

Siríaca

O siríaco era falado na Mesopotâmia, na Síria e, com algumas diferenças dialetais, em partes da Palestina. Como a Igreja apostólica rapidamente penetrasse nessas regiões (veja Atos 6.5; 11.19-30; *etc.*), onde se formaram importantes centros cristãos (como Antioquia e Edessa), logo surgiu a necessidade de uma tradução do NT para aqueles que tinham dificuldades com o grego.[30] Aceita-se, em geral, que foi provavelmente para o siríaco que as primeiras traduções do NT foram feitas, e isso por volta do ano 150, ou pouco depois. Cinco são as versões siríacas que se distinguem: a Antiga Siríaca (que envolve a Sinaítica e a Curetoniana), a Peshita, a Palestinense, a Filoxeniana e a Heracleana,[31] cujos documentos perfazem um total aproximado de 400 mss. São designadas pela abreviatura syr seguida de uma letra exponencial de caráter distintivo.[32]

syr^s (Siríaca Sinaítica). A versão Antiga Siríaca, cujo texto remonta aos meados do século II, é conhecida apenas mediante dois mss. dos evangelhos, se bem que com grandes lacunas e com tantas diferenças textuais que certamente apontam para duas recensões[33] distintas. O primeiro ms., a syr^s, consiste num palimpsesto do século IV. Foi descoberto em 1892 por Agnes Smith Lewis no Mosteiro Ortodoxo de Santa Catarina, no Monte Sinai, onde permanece ainda hoje.

30 H. E. DANA, em *Escundriñando las Escrituras*, p. 181, declara que na Síria oriental havia "uma falta de conhecimento geral do idioma grego".

31 Algumas vezes se fazem referências à chamada Siríaca Karkafensiana, mas na verdade não consiste numa versão, senão numa simples coleção de textos siríacos acompanhados de notas sobre ortografia e pronúncia.

32 Existem pequenas variações nas abreviaturas com que as versões são designadas; as aqui adotadas seguem o *The Greek New Testament*, das Sociedades Bíblicas Unidas.

33 *Recensão*: é a seleção, depois do exame de todos os documentos conhecidos, da evidência de maior confiança na qual se deve basear o texto. Visava a dar a determinado segmento da Igreja um texto elaborado de acordo com certos critérios específicos.

syr^c (Siríaca Curetoniana). O outro ms., também do século IV, mas escrito com letra bela e clara, foi descoberto por William Cureton em 1842, no Mosteiro de Santa Maria, no deserto de Nitria, a oeste do Cairo. Encontra-se agora no Museu Britânico.

syr^p (Siríaca Peshita). Também conhecida como Vulgata Siríaca, foi preparada no início do século V e consiste provavelmente numa recensão da Antiga Siríaca. É conhecida hoje mediante mais de 350 mss., muitos dos quais tão antigos que remontam ao próprio século V ou início do VI. Contém todo o NT, exceto 2 Pedro, 2 e 3 João, Judas e Apocalipse, que não eram reconhecidos como canônicos pela Igreja Síria.

syr^pal (Siríaca Palestinense). Preparada para os cristãos do norte da Palestina que falavam o aramaico, sua data é muito disputada: em geral, aceita-se o século V. Seus documentos mais importantes são três lecionários dos evangelhos dos séculos XI e XII, além de fragmentos em texto contínuo de Atos e das epístolas paulinas.

syr^ph (Siríaca Filoxeniana). Preparada nos anos 507 e 508 pelo prelado auxiliar Policarpo, a pedido de Filoxeno, bispo de Mabug, compreende os livros que haviam sido omitidos na Peshita. São conhecidos apenas dois mss.: um contendo 2 Pedro, 2 e 3 João e Judas, e outro contendo o Apocalipse.

syr^h (Siríaca Heracleana). Conhecida mediante uns 50 mss. que datam a partir do século VIII, foi preparada no ano 616 por Tomás de Heracléia, num mosteiro antoniano em Alexandria, após haver sido deposto de seu episcopado e expulso de Magub pelo Imperador Maurício. Ao final de diversos mss., porém, um colofão dividiu a opinião crítica, ao ligar o trabalho de Tomás ao de Filoxeno, um século antes, de maneira que a questão é saber se ele se contentou em comparar o texto filoxeniano com alguns mss. gregos, demarcando o resultado na forma de sinais e notas marginais, ou se chegou mesmo a alterar o texto, elaborando uma verdadeira revisão. Em favor da segunda posição está o fato de que a tradição síria designa os mss. como heracleanos, e não como filoxenianos. Não obstante, “o

problema ainda não foi resolvido de modo satisfatório".[34]

Latina

Duas são as versões latinas que se distinguem: a Antiga Latina, que engloba todas as traduções feitas até o século IV, e a Vulgata Latina, preparada por Jerônimo entre 383 e 405. As evidências indicam que as primeiras traduções latinas começaram a surgir no norte da África, provavelmente em Cartago, um dos centros da cultura romana, e, pelos indícios de textos latinos que há nos escritos de Tertuliano, essas traduções remontam ao último quartel do século II. Pouco depois, talvez já no início do século III, outras traduções começaram a surgir na Europa, em países como Itália, Gália e Espanha, onde o grego, que predominara até então, começava a ser superado pelo latim. A Antiga Latina, portanto, está dividida em duas famílias ou grupos de traduções: a africana, mais antiga e mais livre em relação ao original, e a européia, que, embora não tenha surgido sem conhecimento e utilização do texto africano, não consiste em mera recensão deste, senão em nova tradução. Às vezes se tem falado ainda numa terceira família, a italiana, que teria surgido no século IV provavelmente para amenizar as diferenças entre as traduções africanas e européias. Boa parte dos críticos, porém, questiona essa tríplice divisão, argumentando que o suposto texto italiano representa apenas uma forma da Vulgata Latina.[35] São conhecidos até o momento cerca de 70 mss. e fragmentos da Antiga Latina, dos quais nenhum possui o NT completo; cobrem o período que vai do século IV ao século XIII e são designados pela abreviatura it, de "Ítala",[36] seguida de uma letra pequena na forma de expoente.

[34] WIKENHAUSER, *op. cit.*, p. 107.

[35] Veja KENYON, *op. cit.*, p. 171.

[36] A designação de "Ítala" para a Antiga Latina, embora tradicional, é incorreta, pois a citação de Agostinho da qual deriva (*A doutrina cristã*, II, 15) provavelmente só se refira a uma forma européia da Antiga Latina. (Veja discussão sobre o assunto em Bruce M. METZGER, *The early versions of the New Testament*, p. 290-93.)

Os mais importantes representantes do texto africano são os seguintes:

it^{e} (Códice Palatino). Datado do século V, contém partes dos quatro evangelhos. Foi escrito com letras prateadas sobre pergaminho purpúreo. Apesar de ser essencialmente africano, foi modificado ao estilo europeu e é similar ao texto usado por Agostinho. Encontra-se atualmente no Museu Nacional de Trento.

it^{h} (Códice Fleury). É um palimpsesto do século V. Possui uma quarta parte de Atos, juntamente com porções das epístolas católicas e o Apocalipse. A tradução é bastante livre, e há muitos erros escribais. Acha-se preservado na Biblioteca do Vaticano.

it^{k} (Códice Bobiense). Escrito na África no final do século IV ou início do V, foi trazido ao mosteiro irlandês de Bobbio, no norte da Itália, encontrando-se agora na Biblioteca Nacional de Turim. Sinais paleográficos indicam que foi copiado de um ms. do século II. Consiste em 96 folhas com partes de Mateus e Marcos, e representa o documento mais importante da Antiga Latina.

Dentre os mss. europeus, destacam-se os seguintes:

it^{a} (Códice Vercelense). Escrito no século IV, é provavelmente o mais antigo ms. europeu da Antiga Latina. Há uma tradição segundo a qual foi copiado por Eusébio, bispo de Vercelli, que foi martirizado em 370 ou 371. Contém os evangelhos e, depois do Códice Bobiense, é o mais importante da Antiga Latina. Encontra-se na Biblioteca da Catedral de Vercelli, no norte da Itália.

it^{b} (Códice Veronense). Datado do século V, contém os quatro evangelhos escritos com letras douradas e prateadas em pergaminho purpúreo. Segundo Francis C. Burkitt, representa o tipo de texto usado por Jerônimo para a Vulgata.[37] É propriedade da Catedral de Verona.

[37] *Ap.* METZGER, *The text of the New Testament*, p. 31.

it[d] (Códice Beza). Contém os evangelhos e Atos e foi escrito no século V. Recebeu esse nome por representar o texto latino do Códice Beza. Embora não pareça ser tradução do grego do referido ms., parece preservar um texto latino não posterior ao século III. Encontra-se atualmente na Biblioteca da Universidade de Cambridge.

O resultado do livre surgimento de tantas traduções na África e na Europa foi a proliferação de um grande número de divergências textuais. De acordo com Agostinho, muitas eram as dúvidas que essa infinita variedade de traduções oferecia.[38] Jerônimo dizia que havia tantas versões quantos eram os códices[39] e, por haver-se queixado do problema ao Papa Dâmaso, este o comissionou, em 383, a que revisasse a Bíblia Latina. No ano seguinte, a primeira parte do trabalho ficou pronta: a revisão dos evangelhos, onde as variações eram maiores. Jerônimo procurou principalmente eliminar as adições e harmonizações presentes nas versões latinas e, ao assim fazer, introduziu alterações em cerca de 3 500 lugares.[40] No ano 405, a tradução do AT e do restante do NT ficou pronta[41] e só muito lentamente foi conquistando prioridade, até que nos séculos VIII e IX impôs-se de modo quase universal, embora a Antiga Latina continuasse sendo copiada e usada até por volta do século XIII. O título honorífico de "Vulgata", que significa "comum" ou "de uso público", foi-lhe dado pela primeira vez em fins da Idade Média, vindo a consolidar-se como a Bíblia oficial da Igreja Católica no Concílio de Trento, em 1546.[42]

[38] *A doutrina cristã*, II, 11.

[39] Veja o prefácio de sua revisão latina dos evangelhos.

[40] KÜMMEL, *op. cit.*, p. 705.

[41] Em tempos modernos, vários estudiosos têm negado que a revisão latina dos livros restantes do NT também tenha sido feita por Jerônimo (W. Thielle, F. Cavallera, D. De Bruyne, B. Fischer), mesmo tendo ele afirmado expressamente que o fizera (veja *Homens ilustres*, CXXXV). Não há dúvida, porém, de que em nenhum outro livro ele penetrou tão a fundo no texto latino nem trabalhou com tanto cuidado como nos evangelhos.

[42] Com a oficialização da Vulgata, houve um esforço no sentido de publicar uma edição com seu texto revisado, a fim de eliminar as variantes que haviam aparecido nas cópias elaboradas durante a Idade Média. A edição publicada em

Para o AT, Jerônimo baseou-se diretamente em mss. hebraicos, mas, para o NT, apenas revisou as traduções latinas já existentes. Em vista disso, na reconstituição do texto grego original do NT, a Vulgata só entra em cena como testemunha do protótipo em latim antigo e, como tal, deve ser usada com cautela. O número de mss. da Vulgata com textos do NT é muito mais expressivo que o de mss. gregos. É estimado em mais de 10 000 mss., dos quais o mais antigo, o Códice Sangalense,[43] provém do século V e pode, na opinião de A. E. Lowe, ter sido copiado enquanto Jerônimo ainda vivia.[44] O melhor ms. é o Códice Amiatino, do século VIII: contém toda a Bíblia e acha-se atualmente na Biblioteca Laurentiana de Florença.

Copta

O copta representa o último estágio de desenvolvimento da antiga língua egípcia. Nos primeiros séculos da Era Cristã, consistia em cerca de meia dúzia de dialetos e era escrito com caracteres unciais gregos adicionados de sete outras letras. Devido às grandes colônias judaicas no Egito, particularmente em Alexandria, o cristianismo entrou bem cedo nessa região e logo estendeu sua influência entre os egípcios aborígenes. Como as influências da língua grega universal fossem bem menores no Alto Egito, foi justamente ali, onde

1590, sob os auspícios do Papa Sisto V, e por isso chamada Vulgata Sistina, foi substituída já em 1592 pela Vulgata Clementina, preparada por ordem do novo papa, Clemente VIII. Os erros dessa edição foram parcialmente corrigidos por uma segunda (1593) e finalmente pela terceira (1598). Entre 1889 e 1954, os anglicanos John Wordsworth e Henry J. White prepararam uma edição crítica em três volumes do NT da Vulgata, publicada em Oxford com o título *Novum Testamentum Domini Nostri Iesu Christi Latine Secundum Editionem Sancti Hieronymi*.

43 Os mss. da Vulgata são normalmente designados por letras maiúsculas latinas e gregas. No aparato crítico do *The Greek New Testament*, porém, usam-se apenas as abreviaturas vg, quando as edições Clementina e Wordsworth-White concordam; vg^{cl}, quando a edição Clementina difere da Wordsworth-White; e vg^{ww}, quando a edição Wordsworth-White difere da Clementina.

44 *Ap.* METZGER, *The early versions of the New Testament*, p. 335.

predominava o dialeto saídico, que se fizeram necessárias as primeiras traduções coptas do NT, já no início do século III. No século seguinte, surgiram as traduções nos dialetos boaírico, do Baixo Egito, e faiúmico e acmímico, do Médio Egito. Cada uma dessas traduções é designada pelo próprio nome abreviado e afixado na forma de um expoente à abreviatura cop, que designa a versão.

cop^{sa} (Copta Saídica). É conhecida mediante códices completos e muitos fragmentos de mss. datados do século IV em diante, compreendendo praticamente todo o NT. Embora date do início do século III, as muitas divergências textuais indicam que a tradução foi feita por etapas, e por tradutores independentes.

cop^{bo} (Copta Boaírica). Situado na região de Alexandria, a capital cultural do Egito, o boaírico era o mais literário dos dialetos coptas. A tradução boaírica do NT foi feita no século IV e é testemunhada por cerca de uma centena de mss., sendo um do próprio século IV e o restante de origem bem posterior.

cop^{fay} (Copta Faiúmica). Entre os poucos mss. que preservam porções do NT no dialeto faiúmico, um dos mais antigos é um códice de papiro do século IV: contém João 6.11 a 15.11, com algumas lacunas, e encontra-se atualmente na Universidade de Michigan.

cop^{ach} (Copta Acmímica). Um dos mais importantes mss. do NT em acmímico, o mais antigo dos dialetos coptas, é um códice de papiro também contendo o evangelho de João, com data aproximada entre 350 e 375.

Outras Versões

Há ainda um bom número de outras antigas versões do NT, como a Gótica, a Armênia, a Etíope, a Geórgica, a Nubiana, a Arábica e a Eslava, mas de menor importância para a crítica textual, por não haverem sido traduzidas diretamente do texto grego. A Armênia, por exemplo, é tradução da Siríaca, enquanto a Geórgica já provém da

Armênia. A única exceção é a Gótica, traduzida no século IV pelo Bispo Wulfila. Seu valor crítico, porém, é limitado, porque o protótipo grego do qual deriva representa uma forma de texto que estava em uso na região de Constantinopla ao redor do ano 350, já com inúmeras variantes. Essas versões juntas são testemunhadas por várias centenas de mss., a maioria dos quais de origem bem recente. A Armênia, conhecida como "a rainha das versões", por sua beleza e exatidão, é a que preserva o maior número deles: cerca de 1 300.[45]

Citações Patrísticas

O terceiro e último grupo de documentos do NT são as citações encontradas nos comentários, sermões, cartas e outros trabalhos dos antigos escritores cristãos, os chamados Pais da Igreja, especialmente os situados até os séculos IV ou V. São tão numerosas essas citações que praticamente poder-se-ia reconstituir todo o NT por intermédio delas, mesmo sem a ajuda dos mss. gregos e versões. Somente pelas citações de Orígenes isso quase já seria possível. De acordo com John W. Burgon, Justino Mártir, por exemplo, citou 387 vezes o NT; Ireneu, 1 819; Clemente de Alexandria, 2 406; enquanto Orígenes o fez 17 922 vezes.[46]

A dificuldade dessas citações é que muitas delas foram feitas de memória, pelo que são inexatas, sobretudo as mais breves. Mesmo assim, são importantes tanto por representarem um texto bastante antigo, do qual pouco ou nenhum testemunho de ms. existe, quanto por evidenciarem as primeiras tendências que influenciaram o desenvolvimento histórico do texto neotestamentário. Além disso, pelo fato de em quase todos os casos poderem ser datadas e localizadas geograficamente, permitem também que se verifique a data e a

45 Para um estudo completo dessas demais versões, veja METZGER, *The early versions of the New Testament*, p. 153-268 e 375-442.

46 *Ap.*, ANGUS, *História, doutrina e interpretação da Bíblia*, v. 1, p. 47. Os dezesseis volumes manuscritos do *Index Patristicus*, compilado por J. W. Burgon no final do século XIX, apesar de incompletos, contêm 86 489 citações patrísticas. Encontram-se no Museu Britânico.

procedência geográfica dos textos dos mss., quando comparadas com eles. Enfim, as citações patrísticas representam um auxílio valioso para a reconstituição da história primitiva do texto do NT e, por conseguinte, de sua mais antiga forma textual acessível. A maior parte delas é encontrada em documentos gregos e latinos; muitas estão em siríaco, e um pouco em algumas outras línguas. Alguns dos Pais da Igreja mais importantes para a crítica textual são os seguintes:

Agostinho (354-430), bispo de Hipona. Descrito como aquele com quem "a Igreja antiga atingiu seu ponto religioso mais elevado desde os tempos apostólicos",[47] escreveu, segundo seu próprio balanço literário,[48] nada menos de 93 obras filosóficas, dogmáticas, exegéticas e outras, sem contar os numerosos sermões e as não menos numerosas cartas, por vezes bem extensas. Seu trabalho mais importante foi a *A Cidade de Deus*, dividida em 22 livros, onde inseriu sua filosofia da história e sua defesa do cristianismo contra a acusação pagã de que, no abandono dos antigos deuses, sob cuja proteção Roma atingira posição de destaque, estava a causa de sua ruína.

Ambrósio (c. 337-397), bispo de Milão. Embora limitasse suas exposições bíblicas ao método alegórico, foi pregador e teólogo de grande talento e autor de várias homilias, tratados exegéticos e escritos morais e dogmáticos. Seus tratados exegéticos baseiam-se principalmente no AT, mas também incluem uma exposição do evangelho de Lucas.

Atanásio (295-373), bispo de Alexandria, mas cinco vezes desterrado pelos arianos e seus simpatizantes. Descrito como "o campeão da ortodoxia contra o arianismo",[49] escreveu obras de um

[47] W. WALKER, *História da Igreja cristã*, v. 1, p. 231.
[48] *Retratações*, II, 76.
[49] J. D. DOUGLAS, ed., *The new international dictionary of the Christian Church*, p. 81.
Arianismo: doutrina formulada por Ário (280-336), presbítero de Alexandria, que via em Cristo um Ser criado e, portanto, de substância diferente da de Deus. Na

alcance impressionante: tratados apologéticos e doutrinários, ensaios contra os arianos, comentários de muitos livros bíblicos e um bom volume de cartas.

Basílio (330-379), bispo de Cesaréia, na Capadócia. Grandemente versado em Orígenes, fez muito para popularizar o tipo comunal de organização monástica. Escreveu várias obras dogmáticas, ascéticas e muitas cartas, onde se revela um pastor muito afetuoso, bastante interessado no bem-estar físico e espiritual de seu povo.

Cipriano (c. 200-258), bispo de Cartago. Em sua obra mais importante, *A Unidade da Igreja Católica*, foi o primeiro a fazer uma formulação doutrinária da sucessão apostólica e da primazia do bispo romano na Igreja. Escreveu também muitas cartas, além de outras obras.

Cirilo (c. 370-444), bispo de Alexandria. Conhecido como o último dos antigos apologistas cristãos, esteve envolvido em muitas controvérsias cristológicas. Escreveu diversas obras apologéticas e exegéticas, que incluem comentários de diversos livros bíblicos; são conhecidos também cerca de 20 de seus sermões e muitas cartas de interesse dogmático.

Cirilo (c. 315-386), bispo de Jerusalém. Ficou conhecido principalmente por suas conferências catequéticas destinadas aos candidatos ao batismo, as quais incluem inúmeras citações e referências bíblicas. Embora seu bispado tenha sido interrompido em duas ocasiões por motivos teológicos, sua ortodoxia foi confirmada pelo Concílio de Constantinopla, em 381.

Clemente (c. 155 - c. 215). Sucessor de Panteno na Escola Catequética de Alexandria, foi um dos responsáveis pela união do cristianismo com a filosofia grega. Escreveu um tratado sobre ética

verdade, Cristo era tido como Deus, mas um Deus inferior, de modo algum uno com o Pai em essência ou eternidade.

cristã, o primeiro no gênero; escreveu obras apologéticas e uma coleção de pensamentos sobre religião e filosofia intitulada *Miscelâneas*, onde evidencia seu amplo conhecimento bíblico e da literatura pagã de seu tempo.

Eusébio (c. 265 - c. 339), bispo de Cesaréia. Conhecido como o "Pai da História da Igreja", recebeu esse título por sua *História Eclesiástica*, onde fornece um panorama da história da Igreja desde os tempos apostólicos até o ano 324. Como historiador, escreveu ainda uma biografia um tanto laudatória de Constantino e uma história universal desde o tempo de Abraão até 323, que deu à história medieval o quadro cronológico usado por muitos. Também escreveu comentários de livros bíblicos, além de outras obras. Preparou ainda os já citados cânones ou tabelas para localizar passagens paralelas nos evangelhos.

Gregório (c. 330 - c. 394), bispo de Nissa. Natural de Cesaréia, na Capadócia, e irmão mais novo de Basílio, tornou-se notável orador e escritor, embora fosse muito tímido. Escreveu inúmeros tratados exegéticos, dogmáticos e ascéticos. Era tão apreciado, mesmo tempos depois de sua morte, que no Sétimo Concílio Geral da Igreja, realizado em Nicéia no ano 787, recebeu o título de "Pai dos Pais".

Hipólito (c. 170 - c. 235). Presbítero da Igreja de Roma destacado por sua grande erudição, foi o último teólogo ocidental de porte a servir-se do grego e não do latim para escrever suas obras. Escreveu comentários, crônicas e apologias e era tido em tão alta conta que, após a sua morte, seus seguidores erigiram em sua homenagem a primeira estátua cristã de que se tem notícia.

Ireneu (c. 140 - c. 202), bispo de Lião. Foi o primeiro líder teológico a alcançar distinção na incipiente Igreja Católica. Natural da Ásia Menor, foi educado em Esmirna, onde conheceu e ouviu Policarpo, que havia sido discípulo do apóstolo João. Sua obra *Contra Heresias* é conhecida no original grego apenas pelas citações de outros Pais, mas também chegou até nós uma tradução muito fiel em latim, feita logo depois de os originais ficarem prontos.

Jerônimo (c. 340-420) ou Sofrônio Eusébio Jerônimo. Natural da Dalmácia, viveu em Antioquia, Constantinopla, Roma e Belém e é descrito como "o maior escritor da antigüidade latina".[50] Seu principal trabalho literário sem dúvida foi a Vulgata Latina, mas também escreveu obras biográficas, inúmeros comentários das Escrituras até hoje úteis, além de outros tratados e um grande volume de cartas.

João (c. 345-407), patriarca de Constantinopla. Devido a sua grande eloqüência, foi chamado "Crisóstomo" logo depois de sua morte, e mereceu literalmente o título, que traduzido significa "boca-de-ouro". Tendo sido um verdadeiro gigante em estatura moral e espiritual, é o escritor da Igreja Oriental de quem mais escritos chegaram até nós, os quais compreendem comentários bíblicos e cerca de 640 homilias, a maioria delas sobre as epístolas de Paulo.

Justino (c. 100-165), chamado "o Mártir". Principal apologista do século II, sua obra *Apologia*, dirigida ao Imperador Antonino Pio e seus filhos adotivos, consiste numa defesa enérgica do cristianismo contra a perseguição governamental e as críticas pagãs; *Diálogo com Trifo* é uma apologia contra as objeções judaicas.

Marcião (c. 90 - c. 160). Filho de um bispo de Sinope, em Ponto, na Ásia Menor, mudou-se para Roma por volta de 138 e filiou-se à congregação local, sendo excomungado como herege pouco tempo depois, ao redor do ano 144. Em seu livro *Antítese* opôs o evangelho à lei e o Deus de misericórdia do NT ao Deus de justiça do AT, a quem considerava simples demiurgo, Deus vingativo e Deus dos judeus. Segundo ele, Jesus veio inaugurar uma economia de salvação completamente nova, de maneira que o AT deve ser repudiado. Mesmo aos escritos apostólicos considerava suspeitos e só aceitava o evangelho de Lucas e dez das epístolas paulinas (rejeitava 1 e 2 Timóteo e Tito), das quais ainda retirou todas as citações do AT e as referências à ascendência judaica de Jesus.

[50] WIKENHAUSER, *op. cit.*, p. 93.

Orígenes (c. 185-254). Natural de Alexandria, viveu os últimos vinte anos de sua vida em Cesaréia, na Palestina, sendo identificado como "o mais completo conhecedor da Bíblia entre todos os escritores da Igreja Primitiva".[51] Sua maior produção literária foi a monumental Hexapla, de aproximadamente 12 000 páginas, que consistia num estudo crítico-textual do AT em seis diferentes versões, em seis colunas paralelas: o texto hebraico, uma transliteração grega do texto hebraico e as versões gregas de Áquila, de Símaco, da LXX revisada por ele próprio e a de Teodócio.[52] Escreveu também uma longa série de comentários e notas mais breves a respeito de quase toda a Bíblia. Sua obra *As Origens* foi a primeira grande apresentação sistemática do cristianismo; *Contra Celso* foi a defesa mais profunda e convincente da fé cristã que o mundo antigo produziu. Além disso, ainda encontrou tempo para discutir temas cristãos de caráter prático, tais como a oração e o martírio, e para preparar inúmeros sermões.

Taciano (c. 110-172). Erudito sírio muito viajado e discípulo de Justino em Roma, escreveu obras apologéticas e uma harmonia dos evangelhos em narrativa única, o Diatessaron,[53] que logo se tornou muito popular no Oriente, relegando a um segundo plano a antiga versão siríaca dos evangelhos. Como perto do final de sua vida Taciano se tornasse herege, Teodoreto, bispo de Ciro a partir de 423, destruiu todas as cópias do Diatessaron que pôde encontrar, umas 200 ao todo, por julgar que os cristãos estariam em perigo se as usassem. Conseqüentemente, nenhuma cópia completa dessa que foi a primeira harmonia dos evangelhos chegou até nós, de maneira que o conhecimento que hoje se tem dela depende das citações que alguns

51 WALKER, *op. cit.*, v. 1, p. 111.

52 Nenhum fragmento original da Hexapla chegou até nós. No final do século III, Panfílio (c. 250-310), presbítero de Cesaréia, restaurou boa parte da biblioteca de Orígenes, de cujo acervo ela fazia parte, e onde muitos autores patrísticos a utilizaram nos séculos seguintes, dentre os quais Jerônimo, até ser destruída em 653, durante a conquista islâmica do Oriente Próximo. A única parte considerável que sobreviveu em alguns poucos mss. gregos e siríacos foi o texto da quinta coluna, que havia sido copiado separadamente por Eusébio.

53 Da expressão grega *διὰ τεσσάρων*, que literalmente significa "através dos quatro".

Pais Sírios incluíram em suas homilias e outros tratados, particularmente nos comentários de Efraim, no século IV.[54]

Teodoro (c. 350-428), bispo de Mopsuéstia, na Cilícia. Tido como "o princípe dos exegetas antigos",[55] não aceitava o sistema alegórico de interpretação e propunha uma interpretação gramático-histórica do texto. Escreveu comentários de livros bíblicos e obras de caráter dogmático.

Tertuliano (c. 150 - c. 220). Primeiro escritor eclesiástico importante em língua latina, ligou-se aos montanistas[56] por volta de 202, atraído principalmente pelos aspectos ascéticos e antimundanos do movimento, passando a atacar veementemente a Igreja Católica. De estilo apaixonado e radical, foi um dos mais prolíficos escritores dentre os Pais Latinos. Sua obra *Apologia* é conhecida em diversos e antigos mss.; muitos de seus trabalhos estão combinados num ms. do século IX, enquanto outros se perderam.[57]

54 Em 1933, um pequeno fragmento de pergaminho contendo parte do Diatessaron numa tradução grega foi encontrado nas ruínas de Dura-Europos, antiga fortaleza romana junto ao Eufrates. Na verdade, muito se discute sobre ter sido o Diatessaron escrito originariamente em siríaco ou grego. Wikenhauser (p. 101-2), citando D. Plooij, A. Baumstark, C. Peters, P. Kahle e A. Vööbus, aceita que a composição original foi em siríaco, sendo depois traduzida para o grego. O referido ms. data do início do século III e está na lista dos mss. unciais sob o n.º 0212.

55 Earle E. CAIRNS, *O cristianismo através dos séculos*, p. 114.

56 *Montanismo*: movimento carismático surgido na Frígia por volta do ano 156, o qual afirmava estar cumprida a promessa de Cristo de enviar o Espírito Santo, cuja dispensação fora inaugurada com Montano, o fundador, que se declarava o porta-voz do Espírito Santo.

57 Para uma relação descritiva dos outros Pais da Igreja citados no aparato crítico do *The Greek New Testament*, veja ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 174-84.

CAPÍTULO 3

A HISTÓRIA DO TEXTO ESCRITO

Chegamos agora ao âmago do problema textual do NT: a reconstituição de sua história manuscrita, ou seja, a tentativa de explicar o surgimento das primeiras leituras divergentes e a influência que elas exerceram em toda a subseqüente transmissão do texto. Não é difícil notar que se trata de assunto de extrema importância, pois quanto mais definidos estiverem os estágios primitivos da história textual do NT, não há dúvida de que tanto mais bem equipados estaremos para restaurá-lo à sua forma original.

Acontece que essa história, que começa já com a redação dos originais, está envolta em muita obscuridade, sobretudo nos primeiros tempos da Igreja. A literatura patrística lança pouquíssima luz a respeito, de maneira que o historiador, segundo Vaganay, pode ser comparado a um homem diante de um quebra-cabeça, em que a maioria das peças se perdeu, enquanto outras estão quebradas, pelo que deve contentar-se apenas com um esboço muitas vezes hipotético.[1] No período que se estende até o início do século IV, quando o cristianismo foi reconhecido pelo Império Romano, o NT circulou em muitas cópias em que o tratamento textual parece ter sido bastante livre e, devido à escassez de informações disponíveis, mesmo uma investigação bem cuidadosa não poderá eliminar todas as interrogações que se nos apresentam.

[1] *An introduction to the textual criticism of the New Testament*, p. 96.

Cópias Livres

Nos primórdios do cristianismo, quando sob intensa oposição tanto judaica quanto romana, os livros do NT, incluindo-se os autógrafos, nem sempre puderam ser preparados em circunstâncias muito favoráveis. À exceção de Lucas, que, valendo-se de sua acuidade intelectual e amparo financeiro, revela ter-se esmerado na elaboração de seus livros (veja Lc 1.1-4; *cf.* At 1.1),[2] parece que nenhum outro escritor apostólico pôde dispor de tantos recursos em seus trabalhos literários. Paulo também era erudito, mas, além de padecer séria deficiência visual (veja At 9.8; *cf.* 2 Co 12.7-10; Gl 4.12-15; 6.11), algumas de suas epístolas ainda teve de escrevê-las enquanto prisioneiro (veja Ef 6.20; Cl 4.18; 2 Tm 4.6; Fm 9), o que em certo sentido também aconteceu com João em relação ao Apocalipse (veja 1.9-11). É certo que em dadas ocasiões tanto Paulo quanto João, além de Pedro, utilizaram-se de secretários ou assistentes (veja Rm 16.22; 1 Co 16.21; Cl 4.18; 2 Ts 3.17; Jo 21.24; 1 Pe 5.12), contudo é bem pouco provável que se tratassem de escribas ou redatores profissionais.

A situação das primeiras cópias certamente não foi muito diversa. Tendo as cartas apostólicas sido enviadas a uma congregação ou a um indivíduo, ou os evangelhos escritos para satisfazerem às necessidades de um público leitor em particular, os autógrafos do NT estavam separados e espalhados entre as várias comunidades cristãs e, ao ser copiados, não tiveram a oportunidade de receber um tratamento profissional: uma edição oficial que respeitasse as formas precisas do texto. Em sua pobreza e diante da necessidade de reproduzir os escritos apostólicos, tanto pela pouca durabilidade do papiro quanto

2 Lucas era médico (Cl 4.14) e, por sua cultura e genialidade literária, é digno "de ocupar um lugar respeitável entre os gigantes literários de todos os tempos" (Broadus David HALE, *Introdução ao estudo do Novo Testamento*, p. 103.). Quanto aos seus recursos financeiros, é bem provável que Teófilo, a quem o evangelho e Atos são dedicados, fosse, conforme o costume da época, seu *patronus libri*, que teria financiado "as primeiras cópias e seria uma influência para que o livro pudesse alcançar uma audiência seleta e mais numerosa" (Horne P. SILVA, *Cristo e os evangelhos*, p. 10.).

pela rápida expansão do cristianismo, as igrejas muitas vezes tinham de empregar copistas amadores ou até mesmo irmãos bem-intencionados mas de pouca habilidade gráfica. E assim, tão logo os originais começaram a ser reproduzidos, o que deve ter acontecido ainda dentro do período apostólico (veja Cl 4.16; 2 Pe 3.15, 16),[3] as primeiras variantes textuais começaram a surgir e, pela falta de um revisor que checasse o trabalho, passaram a se multiplicar nas cópias seguintes.

Variantes involuntárias, portanto, são facilmente explicadas. Omissões, inversões, repetições e outros equívocos são passíveis de ser cometidos em qualquer cópia manuscrita, e se o documento for de apreciável extensão, como é o caso da maioria dos livros do NT, considera-se certo que duas cópias jamais sairiam exatamente iguais entre si, e que nenhuma delas seria totalmente idêntica ao original,[4] ainda mais se o trabalho fosse feito por um escriba inexperiente. Além disso, sendo o papiro um tanto delicado, cópias submetidas a intenso manuseio poderiam facilmente ser mutiladas, especialmente nas partes iniciais e finais, e, quando reproduzidas, propagariam as omissões.

Outra fonte de divergências textuais era o descuido na exatidão literal. Os cristãos primitivos, a começar com os apóstolos e evangelistas ao citarem o AT,[5] não mostravam a mesma veneração da letra do texto bíblico que prevalecia entre os judeus. Eles achavam, como disse Jerônimo, que "a letra não era nada sem o significado

3 A epístola de Paulo aos laodicenses, mencionada em Colossenses 4.16, por uma razão ou outra logo se extraviou; já no tempo de Marcião apenas se conjecturava a respeito dela. O que mais importa nesse versículo, porém, é a indicação de que pelo menos as epístolas paulinas já haviam começado a circular entre as várias comunidades cristãs ainda dentro do período apostólico, e isso era feito pela simples troca de mss., ou, o que é mais provável, mediante a elaboração e o envio de cópias. 2 Pedro 3.15 e 16 também evidencia o mesmo fato, ou seja, que boa parte das epístolas de Paulo já era conhecida em várias comunidades cristãs da Ásia Menor (veja 1 Pe 1.1; *cf.* 2 Pe 3.1).

4 GREENLEE, *Introduction to New Testament textual criticism*, p. 12.

5 Dependendo do critério que se utilize, o NT pode conter até 4 105 passagens que lembram o AT (veja Roger NICOLE, New Testament use of the Old Testament, em *Revelation and the Bible*, p. 138); dessas, apenas 160 são citações diretas (Henry Barclay SWETE, *An introduction to the Old Testament in Greek*, p. 386).

comunicado por ela, e que, nesse caso, o Livro é para o homem, e não o homem para o Livro".[6] Daí o fato de os Pais da Igreja citarem o NT muitas vezes de maneira descuidada, freqüentemente se valendo da memória e se contentando apenas com alusões. Assim chegamos às variantes intencionais, que por sinal compreendem a maior parte das variantes do NT, e resultam de copistas e corretores que tomavam a liberdade de efetuar correções ou alterações no texto sagrado com base puramente em sua preferência pessoal, em alguma tradição alternativa ou no relato paralelo de outro livro bíblico.

Tais alterações, porém, não devem ser atribuídas unicamente ao tratamento menos piedoso dos livros, pelo fato de o NT ainda não ser aceito como "Escritura", como chegou a ser sugerido algum tempo atrás.[7] Já nos próprios dias apostólicos a equiparação de livros do NT aos do AT parece haver sido estabelecida. Comentando 2 Pedro 3.16, Russell N. Champlin declara que, mediante a expressão "as demais Escrituras", Pedro "classifica definidamente algumas das epístolas de Paulo como `Escritura'".[8] E Paulo, em 1 Timóteo 5.18, ao citar o evangelho de Lucas (10.7) e o livro de Deuteronômio (25.4), confere a ambos a mesma autoridade escriturística.

Agora, é fato que Justino Mártir, ao redor do ano 150, aparece como o primeiro Pai da Igreja a enquadrar formalmente as "memórias dos apóstolos" na mesma categoria dos livros sagrados do AT,[9] apesar de que, a partir do final do século I, autores como Clemente,[10] Inácio,[11] Policarpo[12] e outros Pais Apostólicos[13] já passam a demonstrar a grande reverência com que os livros do NT eram tidos na Igreja Primitiva,

6 *Ap.* VAGANAY, *op. cit.*, p. 99-100.

7 Ernest C. COLWELL, em *What is the best New Testament?*, p. 53, confessa que anteriormente já havia defendido essa teoria e que A. T. Robertson, A. Souter, Kenyon e muitos outros também tinham incorrido no mesmo erro.

8 *O Novo Testamento interpretado*, v. 6, p. 213.

9 *Apologia*, I, 67.

10 *1 Clemente* 13.1.

11 *Aos esmirneus* 7.2; *Aos magnésios* 13.1.

12 *Aos filipenses* 3.2; 9.1; 11.2, 3.

13 Os chamados "Pais Apostólicos" são autores que escreveram geralmente entre 90 e 150 e receberam esse cognome por ser provável que alguns deles tenham sido discípulos dos apóstolos.

apesar de o cânon ainda não estar definido. Aliás, a própria fixação do cânon neotestamentário — processo que se estendeu mais ou menos até o final do século IV — evidencia o alto apreço com que eram tidos os livros apostólicos, ao ponto de serem finalmente considerados como a "Palavra de Deus". Bruce declara:

> Uma coisa precisa ser afirmada com toda ênfase: os livros do NT não se fizeram possuídos de autoridade para a Igreja pelo fato de virem a ser formalmente incluídos em uma lista canônica; pelo contrário, a Igreja incluiu-os no cânon porque já os havia por divinamente inspirados, reconhecendo-lhes o valor inato e a autoridade apostólica, direta ou indireta. Os primeiros concílios eclesiásticos a classificar os livros canônicos realizaram-se ambos no norte da África: em Hipona Régia, em 393, e em Cartago, em 397. O que esses concílios fizeram, todavia, não foi impor algo novo às comunidades cristãs, mas apenas codificar o que já era prática geral nessas comunidades.[14]

É bem razoável, portanto, supormos que as alterações propositadas no texto bíblico, em vez de surgirem pelo descaso dos copistas e corretores para com a literatura apostólica, surgiram justamente pelo fato de o NT ser o "tesouro religioso da Igreja":[15] amado e venerado pelos cristãos primitivos. Por estranho que possa parecer, muitas das variantes não passam de tentativas de zelosos escribas que, agindo de boa fé, tentavam melhorar o texto, fazendo correções ortográficas, gramaticais, estilísticas ou mesmo exegéticas. Em meio ao calor das heresias que fervilhavam nos primeiros tempos do cristianismo, certas palavras ou expressões que pudessem dar ensejo a más interpretações muitas vezes eram deliberadamente evitadas para que a verdade pudesse ser salvaguardada. Ao assim fazer, porém, os escribas, na realidade, acabavam por roubar do texto sua originalidade, quando não chegavam até mesmo a modificar-lhe completamente o sentido. Numa de suas cartas, Jerônimo queixa-se de que os copistas "escrevem não o que vêem, mas o que imaginam significar; e, ao

14 *The New Testament documents*, p. 27.
15 COLWELL, *op. cit.*, p. 53. Veja também VAGANAY, *op. cit.*, p. 99.

pretender corrigir os erros de outros, meramente exibem os seus".[16]

Convém destacar, todavia, que bem antes de Jerônimo o problema já havia assumido grandes proporções. No início do século III, Orígenes já havia mencionado a grande divergência que existia entre os mss., destacando as mesmas espécies de alterações e atribuindo-as tanto à negligência de alguns copistas quanto à audácia pervertida de outros, inclusive de corretores que costumavam estender ou encurtar o texto como melhor lhes parecia.[17] E são justamente as variantes que surgiram mais ou menos até o final do século II que requerem especial consideração da parte da crítica textual, uma vez que consistem na grande maioria de todas as variantes hoje conhecidas. A questão é que a corrupção do texto apostólico foi muito rápida e severa e não tem sido fácil encontrar uma explicação adequada para o fato.

H. J. Vogels destaca que, por terem ocorrido tão bruscamente, essas alterações não podem ser atribuídas apenas aos copistas, senão teriam vindo à tona de forma mais gradual.[18] Deve ter havido, portanto, as chamadas recensões, onde certos indivíduos engajavam-se em alguma revisão geral de um livro ou grupo de livros. É muito improvável, porém, que se tratassem de procedimentos técnicos e abalizados; possivelmente não passavam de algumas recensões bastante rudimentares,[19] que teriam sido feitas, por exemplo, quando várias porções do NT, tais como as epístolas paulinas ou os evangelhos, passaram a ser juntadas num único códice, ao este começar substituir os rolos individuais ou, ao contrário, quando certos livros como Lucas e Atos, que originariamente haviam sido juntados, foram então separados em edições posteriores. Todavia, como conclui Vaganay,[20] dessas primeiras recensões, de quando e onde foram feitas e de suas características distintivas, praticamente nada sabemos, além da grande

16 *Cartas* LXXI, 5.

17 *Comentário de Mateus*, XV, 14.

18 *Ap.* VAGANAY, *op. cit.*, p. 105.

19 Veja José M. BOVER e José O'CALLAGHAN, *Nuevo Testamento trilingüe*, p. XXXIX.

20 VAGANAY, *op. cit.*, p. 101.

probabilidade de que alguma vez foram feitas.[21]

Textos Locais

O surgimento de variantes nesse período primitivo, particularmente no que respeita à variedade, esteve ainda relacionado com o fator conhecido como textos locais. Embora sendo fundamentalmente uma, a comunidade cristã era altamente diversificada tanto por razões de índoles provinciais ou características individuais quanto pela influência segregadora de perseguição, e isso fez com que se desenvolvessem diferentes tipos de textos nos diversos centros cristãos.

Quando as primeiras cópias do NT foram levadas às diversas localidades do mundo cristão, cada ms. certamente continha suas próprias variantes textuais características e, ao serem recopiados, as cópias resultantes tendiam a preservar as variantes básicas de seu modelo, só que adicionadas de outras que lhe eram peculiares. Dessa forma, os mss. que circulavam em dada localidade tendiam a assemelhar-se mais entre si que aos de outras localidades. Mesmo em se tratando da mesma região, porém, é praticamente impossível que houvesse dois mss. exatamente idênticos; por outro lado, certos grupos

[21] Se de fato pudermos vincular as recensões ao agrupamento de determinados livros num único ms., então talvez possamos encontrar uma ou outra resposta. A passagem de 2 Pedro 3.16 parece testificar que a primeira coleção de epístolas paulinas foi composta na Ásia Menor, ainda nos dias apostólicos. Quanto aos evangelhos, como João não foi escrito senão ao redor do ano 100, na cidade de Éfeso, só puderam ser coligidos e ordenados no início do século II, provavelmente na própria Éfeso. Isso não impede, todavia, que Mateus, Marcos e Lucas já estivessem circulando juntos há algum tempo. Em três obras pós-apostólicas, escritas nas proximidades do ano 100 — a Epístola de Barnabé, originária talvez de Alexandria, o Didaquê ou "Ensino dos Doze Apóstolos", oriundo da Síria ou da Palestina, e a carta escrita à Igreja de Corinto pelo Bispo Clemente de Roma, por volta do ano 96 — achamos citações indubitáveis da tradição comum dos evangelhos sinóticos, além de Atos, Romanos, 1 Coríntios, Efésios, Tito, Hebreus e 1 Pedro, com possíveis alusões a outros livros do NT. E é digno de nota que essas três obras provêm de três regiões completamente distintas, as quais correspondem aos antigos centros do cristianismo.

de mss. poderiam assemelhar-se uns aos outros mais intimamente que a outros grupos do mesmo texto local. Para complicar ainda mais, certos mss. poderiam ser comparados a cópias de outras localidades e por elas corrigidos, produzindo assim um texto misto. No todo, porém, durante os primeiros séculos, as tendências de desenvolver e preservar um tipo particular de texto prevaleceram sobre as tendências de misturar os textos.

Por falar em similaridade de mss., deve ser lembrado que muitos deles são idênticos em mais de 80% do texto. Tecnicamente, porém, o que determina sua classificação quanto a diferentes tipos ou famílias textuais é a concordância no erro, ou seja, os mss., que concordam em determinadas variantes ou em muitos pequenos detalhes evidenciam seguir a mesma linhagem textual, cujo desenvolvimento deu-se em algum importante centro cristão da antigüidade, como Alexandria, Roma, Cesaréia ou Constantinopla.

Vale ressaltar, porém, que a identificação de um tipo de texto com determinada área geográfica não é arbitrária, mas feita com base no que Dana chama de "probabilidade antecedente",[22] ou probabilidade histórica, aliada ao testemunho das versões e citações patrísticas, que em certos casos é bastante conclusivo. No cristianismo primitivo, Antioquia, Éfeso, Roma e Alexandria aparecem rapidamente como importantes centros eclesiásticos. Éfeso logo uniu sua influência a Roma e chegou mesmo a estar-lhe subordinada. Em pouco tempo, Cesaréia ocupou lugar ao lado de Alexandria, e, pouco depois, Constantinopla sobrepujou Antioquia e despontou como a grande capital do cristianismo oriental. Não deveríamos ficar surpresos, portanto, se a história textual do NT girasse em torno dessas localidades de influência, e as evidências apontam justamente nessa direção, sugerindo que diferentes textos locais podem ter circulado nas regiões dominadas por tais centros. São os seguintes:[23]

[22] *Escudriñando las Escrituras*, p. 190-91.

[23] A nomenclatura aqui adotada para os diferentes tipos de textos corresponde à usada pelas Sociedades Bíblicas Unidas.

Texto Alexandrino

No período helenístico,[24] Alexandria superou Atenas e tornou-se o mais importante centro cultural do mundo mediterrâneo: além de ser o berço da filosofia neoplatônica, possuía também famosa biblioteca, cujo acervo é estimado em cerca de 700 000 volumes[25] e onde os poemas épicos homéricos foram pela primeira vez submetidos a rigorosos estudos críticos. Em 274 a.C., por exemplo, Zenódoto de Éfeso, o primeiro diretor da biblioteca, comparou diversos mss. e procurou restaurar o texto original da *Ilíada* e da *Odisséia*. Diretores subseqüentes, como Aristófanes de Bizâncio (c. 257 - c. 180 a.C.), talvez "o maior filólogo da antigüidade grega",[26] e seu grande discípulo Aristarco de Samotrácia (c. 220 - c. 144 a.C.), também prepararam edições críticas de Homero, bem como de outros autores gregos. Essa tradição literária provavelmente influenciou a igreja local, uma vez que as cópias do NT ali produzidas revelam-se de excelente qualidade textual. Há que se destacar, também, a falta de contato direto dos cristãos alexandrinos com o cristianismo apostólico (veja At 18.24, 25), o que parece tê-los feito inteiramente dependentes dos escritos sagrados para seu conhecimento dos fundamentos da religião cristã. As reminiscências pessoais e a tradição oral faltavam ali, o que teria aumentado a exigência quanto à exatidão textual das fontes literárias.

Seja como for, o fato é que o texto alexandrino é usualmente reputado como o melhor tipo de texto, com pouquíssimas modificações gramaticais e estilísticas, distanciando-se do original, segundo Champlin, em não mais de 2% ou 3%; através de vários séculos, os mss. que se originaram desse texto receberam tanto quanto cerca de 5% de variantes.[27] Suas principais características são a brevidade e a austeridade, ou seja, é geralmente mais breve que outros

[24] Período que abarca os três séculos transcorridos a partir da vitória de Alexandre, o Grande, sobre Dario III (333 a.C.), durante os quais a influência da cultura grega manifestou-se tanto no Oriente quanto no Ocidente.

[25] John RICHES, *The world of Jesus*, p. 138.

[26] METZGER, *The text of the New Testament*, p. 151.

[27] *Op. cit.*, v. 1, p. 97.

tipos de textos e não exibe o mesmo grau de polimento lingüístico que caracteriza, por exemplo, o texto local de Constantinopla ou, em menor grau, o de Cesaréia. Seus testemunhos mais importantes são os Códices Vaticano e Sinaítico, além dos Papiros Chester Beatty e Bodmer, especialmente P^{45} e P^{66}, ambos datados do século II ou início do III, o que vem demonstrar que o texto alexandrino retrocede a um arquétipo que deve ter sido escrito na primeira metade do século II.[28] Os principais testemunhos são os seguintes:

Proto-Alexandrinos:

P^{45} (em Atos), P^{46}, P^{66}, P^{75}, ℵ, B, cop^{sa} (em parte), Clemente de Alexandria, Orígenes (em parte) e a maior parte dos fragmentos em papiro das epístolas paulinas.

Alexandrinos posteriores:[29]

Evangelhos: (C), L, T, W (em Lucas 1.1—8.12 e João), (X), Z, Δ (em Marcos), Ξ, Ψ (em Marcos; parcialmente em Lucas e João), 33, 579, 892, 1241 e cop^{bo}.
Atos: P^{50}, A, (C), Ψ, 33, 81, 104 e 326.
Epístolas paulinas: A, (C), H, I, Ψ, 33, 81, 104, 326 e 1739.
Epístolas católicas: P^{20}, P^{23}, A, (C), Ψ, 33, 81, 104, 326 e 1739.
Apocalipse: A, (C), 1006, 1611, 1854, 2053 e 2344; pouco inferiores: P^{47}, ℵ.

Texto Ocidental

Em Roma e outras regiões dominadas pela cultura latina, como a Gália e o norte da África, também antes da metade do século II, desenvolveu-se outro tipo de texto, o texto ocidental, com alterações bastante radicais nos evangelhos e principalmente em Atos, onde é quase 10% mais longo que a forma original,[30] o que já fez até

[28] METZGER, *The text of the New Testament*, p. 216.
[29] Os testemunhos entre parênteses apresentam um texto de caráter misto.
[30] METZGER, *A textual commentary on the Greek New Testament*, p. 260.

mesmo com que fosse aventada a hipótese de duas edições desse livro por Lucas.[31] Foi o texto usado por Marcião, Taciano, Ireneu, Tertuliano e Cipriano. Num estágio posterior, esteve em uso também no Egito, o que é demonstrado pelos papiros P[38] e P[48], ambos do final do século III. Os mais importantes mss. gregos que apresentam esse tipo de texto são os Códices Beza e Claromontano, escritos mais ou menos no início do século VI. Também é testemunhado pelas antigas traduções latinas e, em parte, siríacas.

Sua principal característica é o gosto pela paráfrase. Palavras, frases e até mesmo porções inteiras foram livremente modificadas, omitidas ou acrescentadas. Algumas vezes, o motivo disso parece ter sido a harmonização, principalmente no caso dos evangelhos sinóticos; outras vezes, o enriquecimento da narrativa mediante a inclusão de alguma tradição autêntica ou mesmo apócrifa, envolvendo umas poucas declarações e incidentes da vida de Jesus e dos apóstolos. Há textos, porém, cujas alterações são inteiramente triviais, e nenhuma razão especial se lhes pode atribuir. Uma das características mais intrigantes do texto ocidental, que é comumente mais longo que outros tipos de textos, é que no final do evangelho de Lucas, bem como em outros livros, há certas omissões de palavras e frases que se fazem presentes em outros tipos de textos, inclusive o alexandrino. Até meados deste século, muitos estudiosos dispuseram-se a reputar essas formas mais breves como originais, mas, desde a descoberta do P[75], a tendência tem sido a de considerá-las corruptas. Enfim, de todos os tipos de textos, é o mais livre e incoerente consigo mesmo, não sendo, portanto, de boa qualidade, embora possa ter conservado certas leituras originais que estão ausentes até mesmo do texto alexandrino.[32] Seus principais testemunhos são os seguintes:

Evangelhos: D, W (em Marcos 1.1—5.30), 0171, a Antiga Latina, syr^{s}, syr^{c} (em parte), os primeiros Pais Latinos e o Diatessaron.
Atos: P[29], P[38], P[48], D, 383, 614, $syr^{h\ mg}$, os primeiros Pais Latinos

31 *Ibid.*

32 WIKENHAUSER, *Introducción al Nuevo Testamento*, p. 122. Para um estudo mais completo dos problemas relacionados com o texto ocidental, veja METZGER, *A textual commentary on the Greek New Testament*, p. 259-72.

e Efraim.
Epístolas paulinas: D, E, F, G, Pais Gregos até o fim do século III, a Antiga Latina, os primeiros Pais Latinos e Pais Sírios até cerca do ano 450.[33]

Texto Cesareense

É possível que tenha tido origem comum com o texto alexandrino, no Egito, portanto, o que se demonstra pelo P^{45}, de onde teria sido levado para Cesaréia provavelmente por Orígenes. Essa hipótese é aventada pelo fato de o próprio Orígenes ter usado esse tipo de texto e também o alexandrino, em seu *Comentário de João*, quando ainda morava em Alexandria. Tendo-se transferido para Cesaréia, passou a usar apenas o texto cesareense, do qual algumas cópias chegaram até Jerusalém, pois foi o texto usado por Cirilo e pelos armênios, os quais, em data bem remota, tinham ali uma colônia. A seguir, passou também para os georgianos, cuja primeira tradução dos evangelhos teve por base a versão Armênia. Um dos principais testemunhos gregos é o Códice Korideto, escrito no século IX e encontrado justamente na região dos Cáucasos.

Apesar de remontar ao século II, desenvolveu-se essencialmente no III e caracteriza-se por uma distintiva mescla das formas alexandrina e ocidental, estando ligeiramente mais próximo da ocidental,[34] sem, contudo, apresentar as longas adições e paráfrases desse texto. Também se pode observar certo esforço pela busca da elegância na expressão, o que é uma característica especial do tipo bizantino de texto. Na verdade, historicamente falando, o texto cesareense como tal representa apenas mais um estágio no desenvolvimento em direção ao texto bizantino e, como no caso de outros tipos de textos, também apresenta formas que refletem séculos anteriores ou posteriores. Os mss. que Orígenes trouxera do Egito, refletidos, por exemplo, em P^{45}, W, f^1 e f^{13}, pertenciam a uma forma anterior desse texto, mais

33 Quanto às epístolas católicas e ao Apocalipse, praticamente nenhum testemunho ocidental específico têm sido identificado.

34 Burnett H. STREETER, *The four gospels*, p. 84.

próxima do alexandrino. Já os mss. Θ, 565 e 700, entre outros, pertencem ao texto cesareense propriamente dito. Há que se destacar, porém, que essa classificação tem sido mais plenamente explorada no texto do evangelho de Marcos, embora agrupamentos similares às vezes tenham sido propostos também para os demais livros do NT.[35] Os seguintes testemunhos representam os mais importantes:

Pré-Cesareenses:
P[45], W (em Marcos 5.31—16.20), *f*[1], *f*[13] e 28.

Cesareenses propriamente ditos:
Θ, 565, 700, Armênia, Geórgica, Orígenes (em parte), Eusébio e Cirilo de Jerusalém.

Texto Bizantino

É o último dos tipos distintivos de textos do NT e parece ter resultado de uma revisão de antigos textos locais feita por Luciano de Antioquia, pouco antes de 312, ano de seu martírio. Com efeito, há uma alusão de Jerônimo de que as igrejas de Antioquia e Constantinopla preferiam o texto luciânico,[36] e sabe-se, através do Menológio — catálogo litúrgico que inclui pequenos relatos de santos e mártires da Igreja Grega para ser lido em ocasiões especiais — que Luciano legou a seus discípulos uma cópia das Escrituras do AT e NT que ele mesmo havia escrito em três colunas paralelas.[37] Além disso, o primeiro Pai da Igreja cujas citações são essencialmente bizantinas é João Crisóstomo, e vale lembrar que ele começou seus trabalhos literários justamente em Antioquia, no ano 381, e figura como um dos mais famosos representantes da escola de Luciano.[38] Depois de Crisóstomo, esse tipo de texto torna-se cada vez mais comum nos escritores relacionados com Antioquia ou Constantinopla, alcançando

35 Veja WIKENHAUSER, *op. cit.*, p. 124.
36 Veja o prefácio de sua tradução latina de Crônicas.
37 STREETER, *op. cit.*, p. 113.
38 *Ibid.*

a seguir predomínio absoluto em todo Império Bizantino.

Como característica principal, o texto bizantino reflete um esforço no sentido de suavizar qualquer aspereza de linguagem, de polir o estilo, de acrescentar breves interpolações para facilitar a interpretação, de combinar dois ou mais textos divergentes em uma forma expandida e também de harmonizar passagens paralelas. Reúne, portanto, elementos comuns aos textos alexandrino, ocidental e cesareense, chegando mesmo, tanto quanto possível a combiná-los numa única narrativa, só que mais bem elaborada, mais completa, mais fácil, e com certo ar de elegância acadêmica. Trata-se, portanto, de um texto distintamente mesclado, e sua origem bem posterior elimina quase todas as chances de que alguma de suas variantes represente a forma original.[39] Nos evangelhos, é representado principalmente pelo Códice Alexandrino, do século V, e em todo o NT pelos unciais posteriores e pela grande massa dos mss. minúsculos, o que indica que acabou sendo o tipo de texto mais largamente aceito e posto em circulação. Na verdade, chegou mesmo a tornar-se uma espécie de texto padrão, principalmente após o século VIII, a partir de quando, à exceção de uns poucos mss. ocasionais que vieram a preservar alguma forma anterior de texto, praticamente apenas mss. bizantinos foram produzidos. Os mais importantes são os seguintes:

Evangelhos: A, E, F, G, H, K, P, S, V, W (em Mateus e Lucas 8.13—24.53), Π, Ψ (em Lucas e João), Ω e a maioria dos minúsculos.
Atos: H, L, P, 049 e a maioria dos minúsculos.
Epístolas: L, 049 e a maioria dos minúsculos.
Apocalipse: 046, 051, 052 e muitos minúsculos.

Unificação Textual

A conversão de Constantino, no ano 312, inaugurou uma nova fase na história textual do NT, especialmente após a promulgação do Edito

[39] CHAMPLIN, *op. cit.*, v. 1, p. 98.

de Milão, no início do ano seguinte, que colocava o cristianismo em pé de plena igualdade com qualquer outra religião do Império Romano e ordenava que fossem restituídas todas as propriedades eclesiásticas confiscadas na recente perseguição. De imediato, houve considerável aumento na circulação das Escrituras, cujos mss. não mais corriam o risco de ser apreendidos e queimados em praça pública, o que, segundo Eusébio, era comum até havia bem pouco tempo.[40] Muitos donativos também eram entregues ao clero, e o texto sagrado pôde passar a ser copiado mais cuidadosamente e com todos os recursos de produção literária disponíveis na época. Em muitos lugares, começaram a surgir os escritórios (*scriptoria*), que eram casas especializadas na confecção de livros para fins comerciais, com escribas treinados e equipados com pergaminho, penas e tintas as mais variadas. O papiro tornou-se ultrapassado, e a maior abundância de espaço levou também ao relativo aumento no tamanho das letras e embelezamento de suas formas, e belos e luxuosos mss. passaram então a ser produzidos.

Quanto ao texto propriamente dito, verificou-se uma nova tendência. A maior integração da comunidade cristã criou tanto a oportunidade quanto a necessidade da comparação de mss. e a obtenção de um tipo de texto que não apresentasse tantas divergências. E foi assim que os vários textos locais que até ali tinham coexistido no mundo cristão foram pouco a pouco dando lugar a um único tipo de texto. Nesse aspecto, Constantinopla desempenhou um importante papel.

No ano 330, a antiga cidade de Bizâncio, que havia sido reconstruída, tornou-se formalmente a nova capital do Império Romano no Oriente, passando a dividir com Roma a tarefa de manter a integridade territorial de seus domínios. Constantino chamou-a de Nova Roma, mas o nome que acabou prevalecendo foi Constantinopla, como era popularmente chamada. Embora os motivos de sua fundação tenham sido de caráter político e estratégico, as conseqüências religiosas foram muito vastas, inclusive para o texto do NT. Dedicada à Santíssima Trindade e à Virgem Maria, Constantinopla estava

[40] *História eclesiática*, VIII, 2.

situada na porção mais fortemente cristianizada do mundo de então. Por isso, como sede eclesiástica, logo se projetou ao lado de Roma também como a nova capital cristã do Oriente, e, como seria de se esperar, o texto local ali usado, o bizantino, gradualmente se fixou como o texto dominante em todas as regiões do Império onde ainda se falava o grego.

O primeiro tipo de texto a circular em Constantinopla, porém, pode não ter sido o bizantino. Em 331, Eusébio foi encarregado por Constantino de preparar 50 cópias das Escrituras em pergaminho para que fossem usadas pelas igrejas da nova capital, e, como Eusébio usava o texto cesareense, é provável que tenha sido esse o tipo de texto primeiramente usado ali.[41] Cerca de meio século depois, porém, Jerônimo já constatava que as autoridades constantinopolitanas eram ardorosas defensoras do texto de Luciano,[42] mas foi somente após a nomeação de João Crisóstomo como patriarca local, em 398, que esse texto veio mesmo a popularizar-se em todo o Império Bizantino.[43]

Quanto ao que teria acontecido às 50 cópias providenciadas por Eusébio, Burnett H. Streeter sugere que teriam sido submetidas a correções com base no texto luciânico, até serem finalmente substituídas por novas cópias essencialmente bizantinas, produzidas em algum escritório ou mosteiro local. As cópias corrigidas poderiam então ser aos poucos encaminhadas às várias províncias do Império, onde, por sua vez, ter-se-iam tornado os ancestrais de alguns dos mss. bizantinos que chegaram até nós.[44] Tendo ou não sido realmente assim, uma coisa é certa: a correção de mss. com base no texto luciânico tornou-se com efeito um procedimento bastante comum. À exceção dos fragmentos, apenas os Códices Sinaítico, Vaticano e Beza revelam ter escapado à maioria de tais correções,[45] sendo muito significativo verificarmos que os dois primeiros trazem um texto essencialmente alexandrino e são mais antigos que quaisquer outros

[41] STREETER, *op. cit.*, p. 103.
[42] Veja o prefácio de sua revisão latina dos evangelhos.
[43] VAGANAY, *op. cit.*, p. 127.
[44] STREETER, *op. cit.*, p. 103-4.
[45] *Ibid.*, p. 42.

mss. unciais hoje conhecidos.

Esse fato, ou seja, o de haver mss. que exibem diferentes graus de correções bizantinas, reflete, por sua vez, outra verdade: as correções, embora comuns, costumavam ser extremamente irregulares, o que muitas vezes acabava dando origem a mss. de textos mistos. O mesmo Códice Sinaítico, por exemplo, mostra ter passado pelas mãos de vários corretores. Um deles, denominado $\aleph^{b}$, corrigiu os primeiros capítulos de Mateus com grande cuidado, mas seu interesse pelo trabalho parece ter diminuído, pois fez poucas correções nos capítulos subseqüentes, e quase nenhuma nos outros evangelhos. Outro corretor do século V ou VI já foi bem mais sistemático que o anterior, e assim por diante. E, se após várias correções o ms. fosse recopiado, o resultado certamente seria um texto heterogêneo, como no caso do Códice Efraimita. E assim, o processo de unificação textual, iniciado em Constantinopla lá pelos meados do século IV, só chegou a estar completo, conforme o testemunho dos mss., por volta do século VIII,[46] a partir de quando praticamente apenas o texto bizantino foi reproduzido.

A partir do século IX, com a introdução da escrita minúscula, a produção de mss. bíblicos recebeu novo impulso, de maneira que 95% dos mss. gregos hoje conhecidos são dessa época em diante, e, por não ter havido mais nenhum fator que provocasse maiores alterações no texto, bem poucos desses mss. diferem consideravelmente do texto bizantino. Durante toda a Idade Média, quando boa parte do território do Império estava ocupada por populações eslavas, árabes e turcas e a cultura grega atingia o nível mais baixo de toda sua história, a Igreja Grega submeteu-se inteiramente ao domínio desse texto. Conquanto existam certas variações entre os mss., uma vez que eles continuaram a ser copiados à mão, o texto, depois do século IX, foi quase sempre o mesmo.

A influência do texto luciânico, porém, não esteve limitada às regiões de fala grega do Império. Já na segunda metade do século IV, serviu de base para a primeira tradução das Escrituras numa língua teutônica, o gótico, feita pelo Bispo Wulfila, a quem se atribui

46 GREENLEE, *op. cit.*, p. 62.

também a invenção do alfabeto gótico. Conhecido como "o apóstolo aos godos", Wulfila foi ordenado bispo provavelmente em Antioquia da Síria, no ano 341, e esteve presente no Sínodo de Constantinopla, realizado em 360, pelo que não nos admira o fato de sua tradução haver tido como base tal texto. Metzger, no entanto, salienta que a versão Gótica não preserva o texto de Luciano, mas apenas deriva dele, visto que também apresenta algumas variantes de outros tipos textuais, especialmente o ocidental.[47]

Outra versão que também se valeu desse texto é a Eslava, feita no século IX pelos missionários Cirilo e Metódio. A Cirilo igualmente é atribuída a invenção do alfabeto eslavo, também conhecido como alfabeto cirílico. Embora não seja muito clara a relação dos dois tradutores com a cidade de Constantinopla, não há dúvida de que o texto da antiga versão Eslava apresente mais afinidade com o texto bizantino que com os demais. De 2 500 variantes analisadas, mais ou menos a metade é bizantina, e apenas um quinto é ocidental; verificou-se inclusive a presença de algumas variantes alexandrinas.[48] Sob o aspecto da influência, uma vez que a maioria das traduções nas línguas eslavas do passado e do presente tiveram como base a antiga tradução de Cirilo e Metódio, boa parte do texto bizantino continua ainda hoje sendo usada por milhões de cristãos eslavos.

Na Europa Ocidental, porém, onde a tradição latina muito cedo sobrepusera-se à grega, o texto que acabou predominando foi o da Vulgata Latina, de Jerônimo, mas isso não significa que o texto de Luciano fosse desconhecido ali. Muitos dos mss. greco-latinos que sobreviveram trazem justamente o texto bizantino, se bem que mesclado com variantes derivadas da Antiga Latina.[49] Mesmo a Vulgata acabou incorporando algumas formas bizantinas.[50] Com a invenção da imprensa, já no século XVI os editores europeus lançaram-se à publicação do NT grego, e o texto que veio a ser editado não foi outro senão o bizantino, e continuou a sê-lo, com pequenas modificações, até a última parte do século XIX. E, quando

[47] *Chapters in the history of New Testament textual criticism, p. 28.*
[48] *Ibid.*, p. 29.
[49] VAGANAY, *op. cit.*, p. 138.
[50] DANA, *op. cit.*, p. 198.

consideramos que a maioria das traduções nas diversas línguas da Europa, Ásia, África e América do Sul tiveram como base essas edições gregas, podemos perceber quão grande foi a influência exercida por Luciano e quão duradouros foram os esforços pela unificação textual do NT.

Tipos de Variantes

Finalmente, para que a reconstituição da história manuscrita do NT esteja completa, há a necessidade de conhecer a origem e a natureza dos erros de transcrição, ou seja, os tipos de variantes, sem o que nenhum trabalho de restauração poderá ser possível. Nas palavras de Metzger, como um médico deve fazer um correto diagnóstico da doença antes de tentar curá-la, assim também o crítico textual deve estar bem inteirado dos erros que se introduziram no NT antes de tentar eliminá-los.[51] Tais erros são geralmente classificados em dois grupos: os que resultaram de simples acidentes e os que foram cometidos de maneira intencional, se bem que em casos particulares é difícil precisar a que grupo pertence determinada variante.

Alterações Acidentais

Esse grupo compreende grande número de variantes e inclui erros dos mais diferentes tipos, todos relacionados com a falibilidade dos copistas, e, por isso mesmo, encontrados em mss. de todos os tempos, sobretudo quando ainda não era deixado espaço entre as palavras, quando não era usado qualquer sinal de pontuação ou divisão no texto que facilitasse a leitura. Como regra, não são os mais difíceis de ser corrigidos e podem ter causas de várias espécies, como as seguintes:

Equívoco visual. Alguns erros foram cometidos ao confundir o copista certas letras com outras de grafia semelhante, como as unciais

[51] *The text of the New Testament*, p. 186.

A, Δ e Λ, E e Σ, O e Θ, H e N, Π, IT e ΓI, e as minúsculas κ e β, ει, εσ e ετ, μ e ν, π e ω e ζ e ξ. Em Atos 15.40, por exemplo, alguns mss. trazem ΕΠΙΛΕΞΑΜΕΝΟΣ ("tendo escolhido"), enquanto outros trazem ΕΠΙΔΕΞΑΜΕΝΟΣ ("tendo recebido"). Uma importante variante de 1 Timóteo 3.16 envolve a diferença entre ΟΣ ("aquele que") e ΘΣ ("Deus"). Quando começou a separação das palavras e a colocação de sinais diacríticos, alguns copistas leram, em Marcos 10.40, ἀλλ' οἷς ἡτοίμασται ("porque é para aqueles a quem está preparado"), já outros leram ἄλλοις ἡτοίμασται ("isso está preparado para outros").

Outra espécie de equívoco visual é a parablepse,[52] que significa pular de uma palavra, frase ou parágrafo para outro, devido a começos ou términos semelhantes, com a omissão das palavras intermediárias. Lucas 18.39, por exemplo, não aparece em alguns mss., o que foi provocado, sem dúvida, pelo término semelhante do versículo 38: υἱὲ Δαυίδ, ἐλέησόν με ("Filho de Davi, tem compaixão de mim"). Em 1 João 2.23, muitos copistas pularam da primeira ocorrência de τὸν πατέρα ἔχει ("tem o Pai") para a segunda. Duas omissões em Mateus 5.19 e 20 certamente foram em virtude das três ocorrências de τῶν οὐρανῶν ("dos céus") nesses versículos.

Nessa mesma categoria de equívocos está a ditografia, que é a repetição errônea de uma sílaba ou frase, ou parte de uma frase. Um bom exemplo encontra-se em Atos 19.34, onde a expressão "Grande é a Diana dos efésios!" aparece duas vezes no Códice Vaticano. O erro oposto é a haplografia e caracteriza-se pela omissão indevida de uma sílaba, palavra ou frase, ou parte de uma frase. Às vezes, porém, é difícil precisar se o erro é ditográfico ou haplográfico, ou seja, se a variante curta ou a longa é a original. Em 1 Tessalonicenses 2.7, por exemplo, os mss. dividem-se entre as expressões ἐγενήθημεν νήπιοι ("nos tornamos crianças") e ἐγενήθημεν ἤπιοι ("nos tornamos dóceis"), e Champlin conclui: "Não há meio seguro de escolhermos a forma correta, no presente caso, embora o peso dos mss. mais antigos certamente inclina-se para a forma 'crianças'".[53]

[52] *Parablepse* (do grego παραβλεψις): neologismo técnico que literalmente significa "um olhar ao lado".

[53] *Op. cit.*, v. 5, p. 178.

A metátese, que é a transposição de fonemas no interior de um mesmo vocábulo ou a transposição de vocábulos numa mesma frase, também consiste em equívoco visual. Em Marcos 14.65, por exemplo, um copista trocou *ἔλαβον* por *ἔβαλον*, e, em Atos 13.23, outro copista confundiu ΣΡΑ ΙΝ (*σωτῆρα Ἰησοῦν*) com ΣΡΙΑΝ (*σωτηρίαν*). Mais exemplos poderiam ser citados, incluindo-se os de outros tipos de variantes originados de equívocos visuais, uma vez que os escribas eram humanos e os mss. divergiam muito na forma e legibilidade.

Equívoco auditivo. Certas vogais e ditongos gregos vieram a ser pronunciados de maneira praticamente idêntica, fenômeno conhecido como iotacismo, bem presente no grego moderno. Por exemplo, *αι* e *ε*, *ο*, *ῳ* e *ω*, ou ainda *ι*, *υ*, *η*, *ῃ*, *ει*, *οι* e *υι* acabaram tendo uma pronúncia bastante semelhante, e, como no preparo de muitas cópias alguns escribas costumavam reunir-se em salas apropriadas e escrever enquanto um leitor lhes ditava o texto sagrado, inúmeras confusões eram passíveis de ocorrer. Um conhecido exemplo é Romanos 5.1, onde tanto a forma *ἔχομεν* ("temos") quanto *ἔχωμεν* ("tenhamos") são sustentadas pelos mss. Outro exemplo, e um tanto curioso, vem do Códice Beza, em Marcos 14.31, onde certo copista escreveu *μή* em vez de *με*, pelo que Pedro teria respondido a Jesus que nunca o negaria "se *não* fosse necessário morrer".

Equívoco de memória. Quando a mente do escriba o traía, ele chegava a cometer erros que poderiam variar desde a substituição de sinônimos (*εὐθύς* por *εὐθέως*; *ὅτι* por *διότι*; *περί* por *ὑπέρ*; *etc*), a inversão na seqüência das palavras (como *καλοὺς ποιεῖ* por *ποιεῖ καλούς*, em Mateus 7.17) ou até a influência inconsciente de passagens paralelas (como a adição de *αὐτοῦ ἀκούσεσθε*, "a Ele ouvirás", de Deuteronômio 18.15 em Atos 7.37), se bem que nesse último caso a maioria das variantes enquadra-se no grupo das alterações intencionais.

Equívoco de julgamento. Quando um copista se deparava com comentários diversos anotados na margem do ms. que lhe estivesse servindo de modelo e não dispusesse de outras cópias para efeito de

comparação, poderia incluí-los no texto julgando que de fato devessem estar ali. Nesse caso, a variante deve ser tida como acidental, uma vez que o copista não tivera a menor intenção de alterar o texto. Greenlee sugere que pode ser esse o caso da informação sobre o anjo que movia as águas do tanque de Betesda (Jo 5.3, 4),[54] o que também é defendido por Metzger.[55] No ms. 109, do século XIV, há outro possível exemplo de erro de julgamento, e muito curioso. O modelo do qual foi copiado o evangelho de Lucas deveria trazer a geneologia de Jesus (3.23-38) em duas colunas paralelas de 28 linhas cada. Acontece que, em vez de copiar o texto seguindo a ordem das colunas, o escriba o fez seguindo a ordem das linhas, passando de uma coluna para outra. Como resultado, praticamente todos os filhos tiveram seus pais trocados.

Alterações Intencionais

Esse grupo compreende a maior parte de todas as variantes hoje conhecidas, que são também as mais importantes, bem como as mais difíceis de ser corrigidas. Elas resultam principalmente do esforço de escribas e corretores por um texto melhor e mais correto. Bem poucas, na verdade, são as provas de que variantes heréticas ou destrutivas foram deliberadamente introduzidas nos mss. E, como no caso das alterações acidentais, as intencionais também podem ser de vários tipos. São elas:

Harmonização textual e litúrgica. Os livros que apresentassem passagens paralelas, mas um pouco divergentes, faziam com que o escriba se sentisse fortemente tentado a harmonizá-los. Isso acontecia principalmente com os evangelhos sinóticos, onde muitos textos eram alterados em benefício de uma narrativa a mais unificada possível. Os seguintes acréscimos são comuns em diversos mss.: Marcos 11.26, de Mateus 6.15; Marcos 15.28, de Lucas 22.37; Mateus 17.21, de Marcos 9.29; e vários outros. Em Atos, as três narrativas da

[54] *Op. cit.*, p. 65.
[55] *The text of the New Testament*, p. 194.

conversão de Paulo (9.1-9; 22.6-11; e 26.12-18) também exibem tentativas de harmonização em muitos mss. Mesmo as epístolas paulinas às vezes eram alvos desse tipo de alteração: depois de Gálatas 4.17, por exemplo, vários mss. adicionam 1 Coríntios 12.31.

Outra espécie de harmonização textual era com respeito às citações do AT, que na maioria das vezes foram feitas sem qualquer rigidez pelos escritores neotestamentários, e que os copistas procuravam adaptar ao texto da LXX. Isaías 29.13, por exemplo, é citado livremente em Mateus 15.8, mas inúmeros mss. trazem a citação de maneira bem literal. Às vezes, o crédito da citação é que está incorreto, e os copistas então procediam à devida correção. Isso é o que acontece, por exemplo, em Marcos 1.2, onde a expressão "na profecia de Isaías" aparece mudada em muitos mss. para apenas "nos profetas", porque os escribas verificaram que a citação não é só de Isaías.

A conformação de textos do NT à liturgia da Igreja é outro tipo de harmonização. Certas porções bíblicas eram especialmente adaptadas para que pudessem ser lidas publicamente nos serviços de culto, e tais adaptações acabaram por influenciar a própria transmissão do texto. O exemplo mais notório é o da Oração do Senhor (Mt 6.9-13), cuja doxologia "pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém.", acrescentada para uso litúrgico, acabou sendo incorporada no texto de muitos mss.

Correção ortográfica, gramatical e estilística. Devido à falta de qualquer padronização oficial e à influência de vários dialetos, inúmeros termos gregos acabaram tendo formas diversas na soletração, principalmente os nomes próprios, e por isso é justamente neles que reside a maior parte das alterações ortográficas nos mss. bíblicos. Καφαρναοὺμ, por exemplo, tornou-se Καπερναοὺμ; Δαυίδ tornou-se Δαβίδ, e assim por diante. Os escribas também costumavam corrigir o que julgavam ser erros gramaticais. Em Lucas 4.1, por exemplo, em que, depois do verbo de movimento ἤγετο ("foi guiado"), vários mss. substituem o dativo ἐν τῇ ἐρήμῳ ("no deserto") pelo acusativo εἰς τὴν ἔρημον ("ao deserto"), para resolver um problema sintático, embora no grego helenístico a construção usada

por Lucas não estivesse incorreta.[56] Vários outros exemplos poderiam ser citados, principalmente do livro do Apocalipse, que, com tantos semitismos e solecismos, era uma verdadeira tentação ao escriba literato.

Com relação ao estilo, algumas vezes palavras pouco conhecidas eram substituídas por outras mais comuns, como em Tito 1.5, em que ἀπέλιπον ("deixei") foi substituída em alguns mss. por κατέλιπον. Às vezes, a substituição era a de palavras um tanto vulgares por sinônimos mais elegantes, como em Marcos 7.5, em que ἀνίπτοις ("por lavar") aparece em diversos mss. no lugar de κοιναῖς. Ocorria também que o escriba tentasse tornar a construção mais suave ou lógica mediante o emprego de certas partículas. Esse é o caso, por exemplo, de Marcos 4.24, em que γάρ aparece adicionada ao texto em muitos mss.

Correção histórica e geográfica. Alguns escribas tentaram harmonizar o relato joanino da cronologia da Paixão de Cristo com o de Marcos, mudando a "hora sexta" de João 19.14 para "hora terceira", mencionada em Marcos 15.25. A informação de Marcos 8.31, de que a ressurreição de Cristo ocorreria "depois de três dias" (μετὰ τρεῖς ἡμέρας) de sua morte, também parece envolver certo problema cronológico, pelo que alguns copistas mudaram a frase para uma expressão mais familiar: "no terceiro dia" (τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ). Em João 1.28, Orígenes informa ter alterado Βηθανίᾳ para Βηθαβαρᾷ,[57] para remover o que pensava ser uma dificuldade geográfica, e sua correção aparece hoje em muitos mss.

Correção exegética e doutrinária. As correções exegéticas costumavam ser feitas quando o escriba se deparava com uma passagem de difícil interpretação. Freqüentemente, ele tentava completar-lhe o sentido, tornando-a mais exata, menos ofensiva ou obscura. Em Colossenses 2.2, por exemplo, insatisfeitos com a expressão paulina "o mistério de Deus, Cristo", os escribas fizeram-lhe inúmeras alterações, a fim de torná-la mais clara. Enquanto alguns

[56] VAGANAY, *op. cit.*, p. 59.
[57] *Comentário de João*, II, 19.

simplesmente reduziram-na para "o mistério de Deus" ou "o mistério de Cristo", outros a alongaram de diversas formas: "o mistério de Deus e Cristo", "o mistério de Deus, que é o Cristo", "o mistério de Deus Pai em Cristo Jesus", e assim por diante. Outro exemplo é João 13.10, em que o escriba do Códice Sinaítico omitiu a expressão "senão os pés", talvez por julgá-la redundante, uma vez que já havia certa especificação no verbo usado por Jesus — *νίπτω*, que literalmente significa "lavar uma parte do corpo", em contraste com *λούω*, que se refere a um banho completo ("Quem já se banhou...").

Quanto às correções doutrinárias, os mss. preservados evidenciam serem elas de dois tipos: as que envolvem a eliminação ou alteração daquilo considerado doutrinariamente inaceitável ou inconveniente e as que procuram reforçar doutrinas ou práticas favoritas. Em Mateus 24.36, por exemplo, alguns mss. omitem a expressão "nem o Filho", o que certamente ocorreu porque, sabendo que Cristo era igual ao Pai, o copista deduziu que ele também era onisciente. Da mesma forma, certas expressões usadas por Lucas ao narrar a infância de Jesus, como "o pai e a mãe do menino" (2.33) e "seus pais" (2.41), foram respectivamente substituídas por "José e sua mãe" e "José e Maria", para salvaguardar o nascimento virginal de Jesus. Outro exemplo vem da Antiga Latina e da Gótica, em que, ao transcrever o prólogo de Lucas, os copistas acharam que o evangelista deveria ter-se referido à aprovação divina à sua decisão de compor o evangelho e por isso acrescentaram à expressão "a mim me pareceu bem" (1.3) o complemento "e ao Espírito Santo", talvez por influência de Atos 15.28.

Algumas alterações também foram feitas por tendências heréticas ou preconceitos raciais dos cristãos para com os judeus. No texto de Mateus 1.21, por exemplo, a expressão "seu povo" foi substituída em alguns mss. da Antiga Siríaca por "mundo". Igualmente, Marcião eliminou do evangelho de Lucas e das epístolas paulinas todas as referências à ascendência judaica de Jesus. Já o Diatessaron, de Taciano, contém muitas alterações que foram feitas para dar suporte à sua visão excessivamente ascética e encratística. Na verdade, a crescente importância do ascetismo verificada na Igreja Primitiva e a insistência quanto ao jejum como obrigação imposta a todos os cristãos levaram muitos copistas a introduzir nos mss. bíblicos

diversas referências ao jejum, particularmente relacionado à oração. Isso aconteceu, por exemplo, em Marcos 9.29, Atos 10.30 e 1 Coríntios 7.5. Em Romanos 14.17, onde o reino de Deus é descrito como não sendo nem comida nem bebida, "mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo", o ms. 4 insere depois de "justiça" as palavras "e ascetismo" (καὶ ἄσκησις). Interpolações semelhantes são muito comuns em 1 Coríntios 7.

Interpolações de notas marginais, complementos naturais e tradições. A utilização das margens dos mss. para apontamentos diversos, como correções, interpretações, reações pessoais e mesmo informações gerais quanto ao texto não era coisa rara, como também não o era a inclusão de tais elementos no próprio corpo textual em cópias posteriores, especialmente nos mss. ocidentais e bizantinos. Por exemplo, algum leitor do ms. 1518 anotou na margem de Tiago 1.5, após "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria", a expressão "espiritual e não humana". Mais tarde, o ms. foi copiado, e o escriba do 603 inclui tal expressão no texto. Outro exemplo, talvez o mais conhecido de todos, é a chamada Coma Joanina, também conhecida como "as três testemunhas celestiais", que muito provavelmente foi incorporada ao texto de 1 João 5.7 e 8 a partir de um comentário anotado à margem de algum ms.[58]

Por complementos naturais devemos entender certas palavras ou expressões que normalmente aparecem juntas no texto bíblico ou no uso habitual da Igreja, e a falta de uma delas numa ou noutra passagem muitas vezes provocava o copista a acrescentá-la. Nos evangelhos, por exemplo, muitos escribas não toleravam a palavra "sacerdotes" sozinha e então acrescentavam aqueles que tradicionalmente apareciam como opositores de Cristo, os "escribas" e "fariseus". Outro bom exemplo é encontrado em Gálatas 6.17, onde escribas piedosos não resistiram ao fato de o nome "Jesus" vir sozinho, pelo que lhe fizeram várias adições: "Senhor Jesus", "Senhor Jesus Cristo" e "nosso Senhor Jesus Cristo". De igual modo em João 7.39 muitos mss. registram "Espírito Santo", em vez de apenas

[58] METZGER, *The text of the New Testament*, p. 102.

"Espírito".

Por fim, o último tipo relevante de alteração intencional são as interpolações de narrativas autênticas que envolviam Jesus ou os apóstolos e haviam sido deixadas de fora do texto pelos autores neotestamentários, mas que foram preservadas por alguma tradição oral ou escrita até serem finalmente acrescentadas em mss. bíblicos posteriores.

Que Jesus de fato fez muito mais que aquilo que os evangelhos registram não há a menor dúvida. O próprio relato evangélico assim o confirma (veja João 21.25). E muitos desses feitos adicionais certamente permaneciam vivos ou na memória dos cristãos mais antigos ou em escritos fragmentários de origem apostólica ou não. Lucas informa, no prólogo de seu evangelho (1.1-4), que "muitos" já haviam empreendido a tarefa de preparar uma "narração coordenada" dos fatos envolvendo a pessoa de Jesus, fatos esses que tinham sido transmitidos pelos que deles haviam sido "testemunhas oculares" desde o princípio. Não é necessário que tais testemunhas fossem apenas os discípulos, e Paulo menciona mais de 500 pessoas que haviam testemunhado a ressurreição de Cristo, isto é, suas aparições após a ressurreição (1 Co 15.6).

No próprio NT já se verifica a presença de declarações atribuídas a Jesus, mas não encontradas em nenhum dos evangelhos que conhecemos. Tal é o caso da citação com a qual Paulo conclui seu discurso perante os líderes da Igreja de Éfeso: "... Mais bem-aventurado é dar que receber" (At 20.35). Há também as referências de 1 Coríntios 7.10 e 9.14, as quais não encontram nenhuma correspondência exata com o texto dos evangelistas (veja Mc 10.11, 12 e Mt 10.10), mesmo porque 1 Coríntios pode bem ter sido escrito antes ou sem qualquer conhecimento de nenhum dos nossos quatro evangelhos.[59] Conquanto Paulo afirme que a essência do evangelho, ele não a havia recebido "de homem algum, mas mediante revelação de

[59] O primeiro evangelho a ser escrito foi o de Marcos, e isso ao redor do ano 50, mais ou menos na mesma época em que Paulo publicou suas primeiras epístolas (1 e 2 Tessalonicenses e 1 e 2 Coríntios), mas é bem provável que um não exercera qualquer influência nas publicações do outro, visto que estavam separados já por volta de sete ou oito anos (*cf.* At 13.13; 15.37-40).

Jesus Cristo" (Gl 1.12), as referências que faz às declarações de Jesus certamente foram obtidas junto às tradições orais ou fragmentárias que circulavam na Igreja apostólica.

O mesmo acontece nos escritos dos primeiros Pais da Igreja. Além das citações feitas muito livremente, a maioria das quais consistindo apenas em alusões ao texto evangélico, existem umas poucas referências a certas declarações de Jesus, como as de Inácio[60] e Clemente[61] que não procedem nem da literatura canônica nem da apócrifa,[62] mas eram conhecidas porque alguma antiga tradição as havia preservado. Papias, pouco antes da metade do século II, descreve, numa conhecida citação preservada por Eusébio, sua preferência por aprender as verdades cristãs diretamente daqueles que haviam estado com os apóstolos, "pois eu julgava" — declara ele — "que não poderia obter tanto proveito da leitura dos livros quanto da viva voz dos homens que ainda viviam".[63] E assim, muito daquilo que Jesus fez e falou era transmitido de geração a geração, apesar de não haver sido incluso originariamente no texto sagrado, até que escribas piedosos resolveram fazê-lo. Foi dessa maneira que episódios como o da mulher adúltera (Jo 7.53—8.11) e do suor que se tornou em sangue (Lc 22.43, 44) foram perpetuados na memória da Igreja, e devemos ser muito gratos por isso.

Todavia, quando consideramos os muitos tipos de variantes, tanto acidentais quanto intencionais, e sua grande ocorrência, é possível que

[60] *Aos esmirneus* 3.2.

[61] *II Clemente* 4.5; 5.2-4; 8.5; 12.2.

[62] A literatura apócrifa do NT é bem conhecida e não constitui nenhum problema, porque é rejeitada por todos os segmentos do cristianismo. Os livros que a compõem podem ser classsificados como o próprio NT — evangelhos, Atos, epístolas e Apocalipse; há também aqueles que consistem em cânones de disciplina eclesiástica e de liturgia, como as Constituições Apostólicas, que afirmam representar práticas apostólicas, e o Testamento do Nosso Senhor, que tem a pretensão de conter os discursos proferidos por Cristo depois de sua ressurreição. Escritos para preencher lacunas da vida de Cristo, como a infância e a juventude, ou para ampliar seus ensinos e fazê-los apoiar doutrinas e práticas gnósticas, os "evangelhos" são os seguintes: dos hebreus, dos egípcios, de Tomé, de Pedro, de Nicodemos, de Tiago, dos ebionitas, de Filipe, de Bartolomeu, de Gamaliel e da verdade.

[63] *Op. cit.*, III, 39.

alguém seja tentado a substituir a gratidão pela frustação, no temor de que a Palavra de Deus seja hoje mais humana que divina. Devemos lembrar-nos, entretanto, de que desde seus primórdios a Igreja nunca se mostrou indiferente diante de tais alterações, pelo contrário, dependendo da gravidade do problema, eram tomadas até mesmo sérias medidas disciplinares, como no caso de Marcião. Se a questão fosse mais simples, a defesa da fé era deixada por conta dos apologistas, os quais, na verdade, eram ávidos por denunciar as mudanças introduzidas no texto pelos que costumavam fomentar heresias, especialmente os gnósticos. Dionísio de Corinto,[64] Ireneu,[65] Clemente de Alexandria,[66] Tertuliano[67] e Orígenes[68] são apenas alguns dos muitos Pais da Igreja que não mediram esforços para salvaguardar as Escrituras das corrupções heréticas. Ademais, devemos lembrar-nos ainda de que, se por um lado muitos copistas foram displicentes e negligentes em seu trabalho, por outro, houve os extremamente prudentes e cuidadosos, como os que produziram os mss. P^{46}, B, א, D, 33 e outros, o que, entre outros fatores, tem permitido à crítica textual o estabelecimento de um texto, se não totalmente, pelo menos muito próximo do original.

Também não deve ser esquecido que os trabalhos crítico-textuais têm demonstrado que a grande maioria das variantes diz respeito a questões de pouca ou nenhuma importância e que as de significação teológica não passam de um número muito reduzido. Mesmo assim, como as verdades do NT que afetam a fé e a moral não são expressas em um só lugar, mas a maioria em muitos lugares, o fundo doutrinário do NT não pode de modo algum ficar obscurecido, nem pouco alterado, pelas passagens criticamente incertas. Em outras palavras, nenhuma doutrina cristã repousa sobre textos duvidosos.[69] Portanto, como declara Alfred Wikenhauser, “pode-se afirmar com a melhor consciência científica que o texto do NT, se não criticamente, foi conservado dogmaticamente incorrupto”.[70]

64 *Ap*. EUSÉBIO, *op. cit.*, IV, 23.
65 *Contra heresias*, I, 20.
66 *Miscelâneas*, III, 4.
67 *Contra Marcião*, V, 4.
68 *Contra Celso*, II, 26.
69 Veja GREENLEE, *op. cit.*, p. 68.
70 *Op. cit.*, p. 77.

CAPÍTULO 4

O TEXTO IMPRESSO

Nos séculos XV e XVI, dois fatores contribuíram para que tivesse início uma nova era na história textual do NT, a era do texto impresso. O primeiro, obviamente, foi a invenção da imprensa, que tornou os trabalhos de reprodução textual mais rápidos e baratos, além de acabar de uma vez com a multiplicação dos erros de transcrição. Ou seja, as cópias do NT puderam passar a ser feitas com muito mais agilidade e precisão, tão exatamente como haviam sido escritas, salvo raras exceções, a maioria das quais de erros tipográficos de menor importância.

O segundo fator, e não menos importante, foi o movimento renascentista, que, com sua ênfase nos valores artísticos e literários do homem, fez despertar na Europa um grande interesse pela cultura grega clássica. Como resultado, os estudiosos cristãos também começaram a valorizar os mss. gregos do NT e passaram a revisar a Vulgata por intermédio deles. Isso, somado ao advento da imprensa, abriu caminho para o desenvolvimento e a sistematização da crítica textual.

Primeiras Edições

Mesmo com o invento de J. Gutenberg, porém, o NT grego não surgiu senão tardiamente na cena dos textos impressos. O primeiro produto representativo da tipografia foi justamente a Bíblia, mas essa era a Vulgata de Jerônimo, publicada em dois volumes na cidade de

Mainz, entre 1450 e 1455.[1] Dentro dos 50 anos seguintes, pelo menos cem edições da Bíblia Latina ainda se seguiram, sendo preparadas por várias casas editoras da Europa. Em 1477, apareceu a primeira porção impressa da Bíblia hebraica, O Livro dos Salmos, e, em 1488, uma edição completa do AT em sua língua original foi publicada na Lombardia, Itália. Antes do ano de 1500, a Bíblia já havia sido publicada em várias das principais línguas européias: checo, francês, alemão e italiano.[2] O NT grego, porém, exceto em pequenas porções,[3] ainda teve de esperar cerca de duas décadas para ser publicado, embora o editor veneziano Aldo Manuzio, ainda dentro do século XV, tivesse tencionado fazê-lo, como revela sua correspondência particular.[4]

Essa demora deveu-se basicamente a dois fatores: o primeiro foi a dificuldade e o custo em produzirem-se tipos gregos aceitáveis. Ao tentar reproduzir a letra grega minúscula, os impressores a princípio incorreram no erro de querer duplicar os muitos tipos diferentes de letras e combinações de letras que se achavam nos mss., pelo que

[1] Embora algumas obras tragam a data de 1456, James Thorpe, em *The Gutenberg Bible*, p. 2, afirma que o término da impressão deu-se antes da separação dos sócios J. Gutenberg, J. Fust e P. Schöffer, que ocorreu em 6 de novembro de 1455.

[2] Em 1495, foram publicados na língua portuguesa, em Saragoça, as epístolas paulinas e os evangelhos. No mesmo ano, foi publicada em Lisboa uma harmonia dos evangelhos, em quatro volumes. Em 1505, também em Lisboa, os Atos e as epístolas foram impressos. O NT completo foi publicado pela primeira vez em 1681, em Amsterdã, já na versão de João Ferreira de Almeida. A primeira edição completa da Bíblia em português ocorreu somente em 1753, também na Holanda, após Jacó op den Akker haver completado a tradução do AT, interrompida em Ezequiel 48.12 com a morte de Almeida, ocorrida em 1691.

[3] Em 1481, o texto grego dos cânticos de Maria e Zacarias (Lc 1.46-55 e 68-79) foi publicado em Milão, no apêndice de um Saltério Grego. As mesmas passagens foram publicadas uma segunda vez em 1486, em Veneza. Elas apareceram, ainda em Veneza, em 1496 ou 1497, num livro publicado pela famosa Editora Aldine. Em 1504, a Editora Aldine publicou os seis primeiros capítulos do evangelho de João em grego, num livro que continha uma tradução latina dos poemas de Gregório de Nazianzo. Posteriormente, em 1514, João 1.1-14 foi reimpresso em Tübingen.

[4] DANA, *El Nuevo Testamento ante la crítica*, p. 60.

tinham um total de cerca de 200 caracteres distintos, em vez dos 24 necessários. Por fim, essa variação foi abandonada, excetuando-se o sigma, que permanece apresentando duas formas (σ e ς). O segundo e principal fator foi o grande prestígio e a supremacia da Vulgata, mesmo em relação às traduções nas línguas vernáculas, o que, inicialmente, levou os estudiosos a se preocupar mais com a literatura clássica profana. Finalmente, em 1514 surgiu o primeiro texto impresso do NT grego.

Francisco Ximenes de Cisneros (1437-1517), cardeal e arcebispo de Toledo, detém a glória de haver promovido e organizado a primeira edição impressa do texto grego do NT, como parte da chamada Bíblia Poliglota Complutense. Trata-se de uma obra em seis volumes, contendo o AT em três colunas paralelas, em hebraico, latim da Vulgata e grego da LXX, com uma tradução latina interlinear; na parte inferior da página, o texto aramaico do Targum de Onkelos,[5] acompanhado de uma tradução latina e o NT em grego e latim. Foi impressa na Universidade de Alcalá, que em latim chamava-se Complutum, daí o título "Poliglota Complutense".

Os trabalhos foram iniciados em 1502, com a nomeação de um grupo de estudiosos, e o primeiro volume a ficar pronto foi justamente o quinto, contendo o NT, cuja impressão foi concluída em 10 de janeiro de 1514.[6] No ano seguinte, foi impresso o sexto volume, que consiste num apêndice contendo uma gramática elementar e um léxico hebraicos. Finalmente, em 10 de julho de 1517, os trabalhos de

[5] *Targum*: tradução ou paráfrase aramaica de alguma porção do AT. Depois do cativeiro babilônico, o aramaico começou a substituir o hebraico como língua nativa do povo judeu, pelo que surgiu a necessidade de traduzir as Escrituras para que o povo comum pudesse entendê-las. Dentre os vários Targuns do Pentateuco, o de Onkelos, que segundo a tradição era um prosélito do século I, é extremamente conservador e mantém-se bem perto do original.

[6] O texto grego da Poliglota Complutense foi reimpresso, com pequenas mudanças, em Antuérpia, em 1571, 1572, 1573, 1574, 1583 e 1584, por Christopher Plantin e também por vários editores de Genebra, de 1609 em diante, incluindo-se as edições datadas de 1609, 1610, 1612, 1619, 1620, 1622, 1627 e 1628.

impressão dos quatro volumes do AT foram completados.[7] Todavia, a autorização do Papa Leão X da divulgação dessa obra grandiosa não foi obtida senão em 22 de março de 1520, depois de haverem sido devolvidos à Biblioteca do Vaticano os mss. que de lá se haviam tomado emprestados. Mesmo assim, não se sabe ao certo o porquê, sua circulação veio a ocorrer somente dois anos depois.

Com respeito aos mss. utilizados, na dedicação ao Papa Leão X, depois de mencionar as dificuldades enfrentadas para obter mss. latinos, hebraicos e gregos, Ximenes declara: "Pelas cópias gregas, somos reconhecidos a sua santidade, que muito bondosamente nos enviou da Biblioteca Apostólica códices muito antigos, tanto do AT quanto do NT, que muitos nos ajudaram nesta empreitada". E, no prefácio ao NT, declara também que se tratavam das "mais antigas e exatas cópias, de fato tão antigas e exatas, que, se não forem inteiramente confiáveis, nenhuma outra merece ser". Essa declaração, porém, deve ser tida com bastante reserva, pois, como salienta Vaganay, embora nenhum dos mss. utilizados em Alcalá haja sido identificado com precisão, sabe-se hoje, com base na qualidade do texto, que eram recentes e que não tinham nenhuma afinidade com o Códice Vaticano.[8]

Desidério Erasmo (1469-1536), mais conhecido como Erasmo de Roterdã, famoso escritor e humanista holandês, beneficiado com o atraso na divulgação da obra de Ximenes, acabou produzindo, em 1516, o primeiro NT grego que chegou ao domínio público. Não é possível determinar exatamente quando Erasmo decidiu preparar uma edição do texto grego do NT, mas ao visitar Basiléia, em 1514, recebeu uma proposta do editor J. Froben para que preparasse tal edição, pelo que seria muito bem remunerado. Froben ouvira falar do empreendimento de Ximenes, e desejava antecipar-se a ele.

[7] Ao todo, foram impressas 600 coleções, das quais são hoje conhecidas e localizadas 97, sendo que uma delas encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

[8] VAGANAY, *An introduction to the textual criticism of the New Testament*, p. 145.

As negociações parecem ter sido interrompidas por algum tempo, mas, uma vez reassumidas, Erasmo retornou a Basiléia em julho de 1515, e já em março de 1516 a primeira edição, dedicada ao Papa Leão X, estava pronta.[9] Chamada pelo próprio Erasmo de *Novum Instrumentum*, essa edição trazia, em cerca de 700 páginas, cada uma com duas colunas paralelas, o texto grego e uma nova e elegante tradução latina do NT, a primeira de todo o NT desde o tempo de Jerônimo.[10]

Em Basiléia, Erasmo não encontrou mss. gregos suficientemente bons, e nenhum que contivesse o NT completo. Para a maior parte do texto, baseou-se em apenas dois mss. minúsculos da biblioteca de um mosteiro dominicano local, sendo um dos evangelhos (2e) e outro dos Atos e epístolas (2^{ap}), ambos mais ou menos do século XII; e contentou-se em utilizar apenas outros três mss. (1^{eap}, 4^{ap} e 7^{p}), sendo do século XII o mais antigo, para eventuais correções do texto. Para o Apocalipse, possuía apenas um ms.(1^{r}), também do século XII, que tomara emprestado do amigo e também humanista J. Reuchlin. A esse ms., porém, faltava a última folha com os seis últimos versículos da Bíblia. Para suprir essa falta, bem como de alguns outros versículos ilegíveis do ms., Erasmo retraduziu-os da Vulgata Latina.

Como se poderia esperar, o texto produzido por Erasmo era mesclado, além de ter sido baseado em meia dúzia de mss. recentes e inferiores. À exceção do códice 1^{eap}, um dos menos usados e primeiro membro da f^{1}, todos os demais representam o tipo bizantino de texto. Além disso, por haver sido descuidada e apressada, a primeira edição estava repleta de erros tipográficos. O próprio Erasmo, numa carta enviada a um amigo, reconheceu logo depois que sua obra havia sido "mais precipitada que editada".[11] E, embora a maioria desses erros fossem corrigidos nas quatro edições seguintes

9 Parvis, em *The interpreter's dictionary of the Bible*, p. 600, declara que todas as evidências apontam para o fato de que Froben havia obtido direitos exclusivos para publicar o NT grego por um período de quatro anos, o que explicaria a demora do papa em autorizar a circulação da Poliglota Complutense.

10 Francis D. NICHOL, ed., "Lower" and "Higher" Biblical Criticism, em *The Seventh-day Adventist Bible commentary*, p. 141.

11 *Ap.* KÜMMEL, *Introdução ao Novo Testamento*, p. 714.

(1519, 1522,1527 e 1535), o texto permaneceu praticamente o mesmo, e esse era "o mais sério defeito" das edições de Erasmo.[12] Infelizmente, foi assim que o NT grego foi oferecido ao mundo!

O Texto Recebido

A reação do público diante do primeiro NT grego impresso foi diversa. De um lado houve ampla aceitação, e muitos compradores foram encontrados através da Europa. Dentro de três anos, Erasmo preparou uma nova edição, e a tiragem total das edições de 1516 e 1519 alcançou 3 300 exemplares. A segunda edição, agora intitulada *Novum Testamentum*, foi a base da tradução alemã de Martinho Lutero. De outro lado, porém, a obra de Erasmo foi recebida com grande preconceito e até mesmo com declarada hostilidade. Três fatores contribuíram para isso: 1) as várias diferenças que havia entre sua nova tradução latina e a consagrada Vulgata; 2) as longas anotações, nas quais procurava justificar sua tradução e 3) a inclusão, entre as notas filológicas, de diversos comentários cáusticos sobre a vida desregrada e corrupta de muitos sacerdotes. Como resultado, clérigos protestaram fazendo uso dos púlpitos, e seu clamor se fez ouvir por toda a parte. Universidades, como as de Cambridge e Oxford, proibiram seus alunos de lerem os escritos de Erasmo, e os livreiros de os venderem.

Dentre as críticas levantadas contra Erasmo, uma das mais sérias veio da parte de Lopes de Stunica, um dos editores da Poliglota Complutense, que o acusou de não incluir no texto de 1 João 5.7 e 8 a Coma Joanina. Erasmo replicou que não havia encontrado nenhum ms. grego que a contivesse, e descuidadamente prometeu que a incluiria em suas próximas edições se apenas um único ms. grego que trouxesse a passagem no texto lhe fosse apresentado. O ms. foi-lhe trazido, e Erasmo cumpriu sua promessa na terceira edição, de 1522, mas em longa nota marginal revela suas suspeitas de que o ms. havia sido preparado unicamente para confundi-lo. Segundo Metzger, esse

[12] ALAND & ALAND, *The text of the New Testament*, p. 4.

ms. parece ter sido falsamente preparado em Oxford, cerca do ano 1520, por um frade franciscano chamado Froy, que tomara o texto da Vulgata Latina.[13]

Em 1527, Erasmo preparou uma quarta e definitiva edição, que continha, à semelhança da terceira, outra coluna paralela com o texto da Vulgata. Para essa edição, ele fez algumas alterações no texto grego, com base na Complutense, que conhecera pouco antes. O Apocalipse, por exemplo, foi alterado em cerca de noventa lugares. A quinta edição deixou de lado o latim da Vulgata, mas seu texto grego era praticamente o mesmo da edição anterior.[14]

Do ponto de vista crítico, o texto de Erasmo era inferior ao de Ximenes, mas, por ter sido o primeiro a ser divulgado, por ser mais barato e por estar disponível num formato mais prático, obteve maior circulação e exerceu muito mais influência que seu concorrente. Além disso, afora suas cinco edições regulares, mais de trinta reedições não-autorizadas foram publicadas em Veneza, Estrasburgo, Basiléia, Paris e outros lugares. Outros editores do século XVI ainda pensaram em melhorar o texto erasmiano, mas, pelo fato de se basearem na Poliglota Complutense ou em mss. igualmente recentes, em sua essência apenas reproduziram aquela mesma forma já deteriorada do NT grego, e contribuíram para sua gradativa fixação.

Simão Colineu (c. 1475-1545), impressor humanista e inovador da tipografia francesa, além de bibliotecário ajuramentado da Universidade de Paris por mais de 20 anos, foi o primeiro a publicar, em 1534, uma edição crítica do NT grego — isto é, baseada na colação de mss., no texto de Erasmo e no texto complutense — e a adotar inúmeras variantes que são hoje geralmente aceitas, posto que não teve sucesso algum em obter crédito para elas. Assim, apesar de ser preferível em relação às edições anteriores, seu trabalho nunca foi reimpresso, pelo que acabou sendo totalmente superado pelas edições de Estéfano, seu enteado.

[13] *The text of the New Testament*, p. 101.

[14] Na seção de obras raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro também existem dois exemplares do NT grego de Erasmo, um da primeira e outro da quarta edição.

Roberto Estéfano (1503-1559), famoso editor parisiense e protegido de Francisco I, preparou quatro edições do NT grego, sendo que três na Imprensa Real de Paris (1546, 1549 e 1550) e a última em Genebra (1551), as quais foram baseadas essencialmente na quarta e na quinta edição de Erasmo. Sua terceira edição, conhecida como *Editio Regia*, uma edição de luxo dedicada ao então monarca Henrique II, foi a primeira a trazer um aparato crítico na margem interna, onde apareciam variantes de 15 mss. gregos e da Poliglota Complutense. Foi essa a edição que se popularizou e prevaleceu na Inglaterra até o final do século XIX.

A quarta edição apenas acrescentou as versões latinas de Jerônimo e Erasmo em cada um dos lados do texto grego, que era exatamente o mesmo da terceira, mas é digna de nota na história do texto bíblico porque, pela primeira vez, o texto aparece dividido em versículos numerados. Como fosse feita durante uma viagem a cavalo de Paris a Lião, conforme declarou seu filho Henrique,[15] tem-se dito freqüentemente que Estéfano foi confundido pelo balanço do animal ao fazer essa divisão,[16] uma vez que em muitos lugares ela é totalmente arbitrária, chegando até mesmo a obscurecer o sentido do texto. Metzger, porém, acha mais razoável a conclusão de que o trabalho foi executado durante o repouso das hospedarias ao longo da estrada.[17] A divisão em versículos do AT também foi obra de Estéfano, que a introduziu numa edição latina da Bíblia, em 1555. Seu objetivo ao dividir os capítulos em passagens menores era o de poder usar uma concordância que ele mesmo estava preparando, e que foi publicada por Henrique somente em 1594.

Teodoro Beza (1519-1605), amigo e sucessor de João Calvino em Genebra, publicou nada menos de nove edições do NT grego entre 1565 e 1604, e uma edição póstuma apareceu ainda em 1611. Contudo, apenas quatro delas foram edições independentes (1565, 1582, 1588 e 1598); as outras foram apenas reedições em tamanho

[15] *Ap*. DOUGLAS, *The new international dictionary of the Christian Church*, p. 353.

[16] A. T. ROBERTSON, *An introduction to the textual criticism of the New Testament*, p. 100.

[17] *The text of the New Testament*, p. 104.

menor, mas todas traziam, em colunas paralelas, os textos grego, da Vulgata e de uma tradução latina do próprio editor. Essas edições, porém, apesar de apresentar um número considerável de informações críticas extraídas de vários mss., de sua própria tradução latina e da Vulgata de Jerônimo, praticamente em nada se distanciaram do texto da terceira edição de Estéfano. Ou seja, não significaram nenhum progresso substancial com respeito ao aperfeiçoamento do texto grego do NT e apenas contribuíram para que este se esteriotipasse e popularizasse. A mais famosa tradução inglesa, a King James Version (1611), teve como base principal as edições de Beza, particularmente a de 1598, bem como a *Editio Regia* de Estéfano.

Nas edições impressas no século XVII, o texto de Erasmo finalmente fixou-se de modo definitivo no chamado Texto Recebido. As revisões efetuadas sucessivamente por Estéfano e por Beza não chegaram a alterar a substância do texto, que agora se firmava de maneira absoluta em todo o continente europeu. Foi aceito em 1710 pela Sociedade Bíblica de Canstein, organizada nesse mesmo ano na cidade alemã de Halle e, em 1810, pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, fundada seis anos antes em Londres, vindo a servir de base a todas as principais traduções protestantes até 1881, inclusive a de João Ferreira de Almeida.

Boaventura (1583-1652) e *Abraão Elzevir* (1592-1652), dois membros de uma famosa família holandesa de editores,[18] publicaram três edições do NT grego em Leiden (1624, 1633 e 1641),[19] as quais se destacaram essencialmente pela ótima impressão tipográfica e bela apresentação, num tamanho menor e mais adequado. Sendo basicamente editores de autores clássicos, o propósito deles ao

[18] Embora algumas obras os apresentem como irmãos, *The New Encyclopaedia Britannica*, v. 4, p. 467, registra que Boaventura e Abraão eram respectivamente filho e neto de Louis Elzevir (1540-1617), que se estabelecera em Leiden em 1581 e fundara ali a editora que, sob a direção da família, produziu muitas edições de autores clássicos até 1712.

[19] Outras quatro edições foram publicadas posteriormente em Amsterdã (até 1678), também por membros da família Elzevir, que operava ainda nas cidades de Hague e Ultrecht.

publicar o texto grego do NT era mais comercial que crítico, apesar de procurarem introduzir algumas alterações no texto que tomaram como base, a terceira edição de Estéfano, e o fazerem em 287 lugares. Algumas das mudanças foram baseadas nas edições de Beza, mas nem todas, de maneira que havia passagens em que seu texto divergia tanto do de Beza quanto do de Estéfano.

A segunda edição, publicada em 1633, é duplamente importante. Em primeiro lugar, porque serviu de base para a tradução de Almeida do NT em língua portuguesa, por sinal a 13.ª tradução numa língua moderna depois da Reforma.[20] Publicada originariamente em 1681, em Amsterdã, essa tradução sofreu sucessivas revisões com relação à linguagem e à ortografia, especialmente na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX,[21] mas o antigo texto erasmiano sobreviveu e continua bem presente na popular versão Revista e Corrigida, nome que tem desde 1898, e na Edição Contemporânea, lançada em 1990.

A outra razão pela qual a segunda edição dos Elzevires merece destaque é bem mais ampla, e concerne à história geral do texto neotestamentário. No prefácio em latim, anunciava-se que o leitor tinha em mãos "o texto que é agora recebido por todos, no qual nada damos de modificado ou corrompido".[22] E foi desse elogio exagerado dos editores à própria obra que nasceu a expressão "texto recebido" (*textus receptus*), o qual, na verdade, não era outro senão o próprio texto bizantino, um texto posterior e inferior, que rolara durante centenas de anos em cópias manuscritas e acumulara uma sobrecarga de acréscimos e erros equivalentes a 15% do NT.[23] Apesar disso, tornou-se o texto básico do mundo protestante, e sua autoridade era considerada canônica. Os dias do século XV já eram decorridos quando o texto da Vulgata Latina passava a ser aceito como

20 BITTENCOURT, *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*, p. 210.

21 Veja John MEIN, *A Bíblia e como chegou até nós*, p. 69-79, e BITTENCOURT, *op. cit.*, p. 216.

22 Em latim: "*textum ergo habes, nunc ab omnibus receptum: in quo nihil immutatum aut corruptum damus*".

23 CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado*, v. 1, p. 100.

suficiente.[24] Muitos teólogos dos séculos XVI e XVII adotaram-no verdadeiramente como um texto revelado. Ao manter a crença na inspiração verbal, isto é, na literal e inerrante inspiração do texto, a antiga ortodoxia protestante não conseguia admitir a idéia de que as palavras bíblicas tivessem sido corrompidas no decurso de sua transmissão, e o Texto Recebido, com todos os seus erros, incluindo-se aquelas alterações textuais de caráter tão irrisório, era tido como intocável.

Edições Intermediárias

O estágio seguinte na história do NT grego caracterizou-se pela preocupação em colecionar variantes textuais e formular os princípios de uma crítica textual mais científica, fundamentada na pesquisa progressiva dos mss. gregos, das versões e da literatura patrística. O pano de fundo histórico, porém, já era outro. Embora o espírito renascentista jamais deixasse de estar presente nos séculos seguintes, os estudiosos tinham agora de fazer frente às pressões do movimento racionalista, que encontrara no deísmo sua expressão religiosa. Defendendo a existência de uma religião natural, onde a verdade só podia ser alcançada pela razão e pelo método científico, o deísmo encarava as Escrituras como um simples manual ético de origem humana, e contribuiu, entre outras coisas, para que sua pureza textual fosse amplamente questionada. Assim, pesquisadores cristãos surgiram nos principais países europeus em defesa do cristianismo histórico e da integridade textual de seu Livro Santo. E, no esforço por provar que o NT de que dispunham correspondia exatamente àquilo que os autores originais haviam escrito, tiveram também de defrontar-se com o Texto Recebido, em torno do qual os problemas tornaram-se ainda mais graves.

Por cerca de dois séculos, os críticos vasculharam bibliotecas e mosteiros na Europa e em todo o mundo mediterrâneo à procura de material que lhes pudesse ser útil. Mas, a despeito do avanço nas

[24] À exceção da Igreja Católica, cuja teologia mantinha uma posição bem diferente.

pesquisas, continuaram a publicar o Texto Recebido, submetendo-se inteiramente ao seu domínio. Por ser um texto já tradicional e reverenciado por todos, não se aventuravam a modificá-lo, sob o risco de censura ou até mesmo séria disciplina eclesiástica.

Brian Walton (1600-1661), pesquisador e clérigo anglicano, foi o primeiro a apresentar uma relação de variantes mais cientificamente elaboradas, como parte de sua monumental edição da Bíblia, conhecida como Poliglota de Londres, publicada em seis volumes entre 1655 e 1657. O quinto volume,[25] publicado em 1657, continha o NT em seis diferentes línguas: grego, latim, siríaco, etíope, árabe e, nos evangelhos, persa. O texto grego era o da terceira edição de Estéfano, modificado em apenas três passagens, e estava acompanhado, bem como cada uma das versões orientais, de uma tradução literal para o latim. Ao pé da página, estavam as variantes encontradas no Códice Alexandrino,[26] que recentemente havia sido doado ao governo britânico por Cirilo Lucar, patriarca de Constantinopla.

Nos prolegômenos do primeiro volume, Walton reservara algumas páginas para a questão das variantes textuais nas Escrituras e no sexto, um apêndice, chegou mesmo a incluir um aparato crítico que continha as variantes já publicadas por Estéfano, juntamente com um grupo de outras variantes recentemente coligidas de 15 mss. pelo Arcebispo James Ussher. E foi justamente por causa disso que, em 1667, obteve a honra de ter sua obra incluída no *Index Librorum Prohibitorum*.[27]

John Fell (1625-1686), deão da Igreja de Cristo e depois bispo de Oxford, usou mais de cem mss. e todas as versões da Poliglota de

[25] Os primeiros volumes, referentes ao AT, traziam o texto hebraico com uma tradução latina interlinear, o latim da Vulgata, o grego da LXX, o aramaico do Targum, o siríaco, o árabe e ainda o Pentateuco e o Targum Samaritanos, sendo que os seis últimos vinham acompanhados cada um de uma tradução latina literal.

[26] Nessas notas críticas, o Códice Alexandrino foi designado pela sigla A, sendo essa a primeira vez que uma letra maiúscula foi usada para designar um ms. uncial do NT.

[27] Mesmo assim, uma coleção completa chegou ao Brasil e também se encontra na Biblioteca Nacional do Rio.

Londres, além da Copta e da Gótica, para sua edição de bolso do NT grego, a primeira publicada em Oxford, em 1675. Embora o texto fosse o da segunda edição dos Elzevires, trazia um aparato crítico com grande número de variantes extraídas das edições de Estéfano e de Walton, bem como das versões e dos mss. por ele consultados. Infelizmente, cerca de 20 desses testemunhos não são citados individualmente, mas apenas em declarações quanto ao número total de mss. que concordam em determinada variante. Não obstante, essa edição representou um sensível avanço em relação às anteriores, mas sua crítica indireta ao Texto Recebido não obteve o menor êxito sequer em produzir-lhe qualquer mudança; pelo contrário, apenas contribuiu para firmá-lo ainda mais.

Richard Simon (1638-1712), pesquisador francês de confissão católica, apesar de não haver preparado nenhuma nova relação de variantes ou mesmo edição grega do NT, marcou época na história da crítica textual ao publicar, a partir de 1689, uma série de livros sobre a questão,[28] os quais, por sua aguda compreensão dos problemas envolvidos, enunciaram verdades que só viriam a ser proclamadas pelos críticos cerca de dois séculos depois. É certo que seus trabalhos tendem a misturar questões de pura crítica textual com problemas relacionados ao cânon do NT; apesar disso, contêm opiniões muito sugestivas sobre o valor da Vulgata, o caráter de variantes em livros heréticos e a importância da análise interna no exame das leituras divergentes.

John Mill (1645-1707), professor em Oxford, publicou em Paris no ano de 1707 uma notável edição do NT grego, depois de haver gastado perto de 30 anos em pesquisas. Embora tenha reproduzido o texto da *Editio Regia* de Estéfano, as notas críticas traziam cerca de 30 000 variantes compiladas de edições anteriores, da colação que ele mesmo

[28] *Histoire Critique du Texte du Nouveau Testament*, Roterdã, 1689; *Histoire Critique des Versions du Nouveau Testament*, Roterdã, 1690; *Histoire Critique des Principaux Commentateurs du Nouveau Testament*, Roterdã, 1693; e *Nouvelles Observations Sur le Texte Et les Versions du Nouveau Testament*, Paris, 1695.

fizera de 78 mss., das antigas versões e citações patrísticas. No todo, ele não apenas citou mais variantes que qualquer dos editores passados, como também se atreveu a opinar sobre o valor de muitas delas em relação ao Texto Recebido, apesar de tê-lo corrigido em apenas 31 lugares. Mesmo assim, teve de enfrentar severas críticas, embora não tenha sofrido muito por causa delas, pois veio a falecer apenas duas semanas após a publicação de sua obra, identificada por Vaganay como um verdadeiro "monumento da erudição".[29] Mill figura como o primeiro a reconhecer o real valor e importância das antigas versões e dos Pais da Igreja para o estudo do texto do NT.[30]

Edward Wells (1667-1727), matemático e teólogo, publicou em Oxford um NT grego em dez partes, entre 1709 e 1719. Seu objetivo era especificamente o de corrigir o texto do NT com o auxílio dos mss., e acabou por afastar-se em 210 lugares do texto dos Elzevires. A maioria das variantes que adotou foram extraídas da rica coleção de Mill, e quase todas foram confirmadas pelos modernos editores críticos. Embora sua edição tenha sido grandemente ignorada por seus contemporâneos, Wells, como salienta Metzger, passou para a história como o primeiro editor a abandonar o Texto Recebido em favor de variantes de mss. mais antigos.[31]

Richard Bentley (1662-1742), famoso pesquisador de Cambridge, também não editou nenhum NT grego, mas, num trabalho publicado em 1720, propôs um programa completo para tal edição. Seu programa defendia o total abandono do Texto Recebido, e ainda dava como exemplo o último capítulo do Apocalipse em grego e latim, onde o texto de Estéfano aparecia corrigido em mais de 40 lugares. Ele chegou até mesmo a lamentar o fato de Estéfano haver-se tornando o "papa dos protestantes",[32] ao contrapor os erros do NT

[29] VAGANAY, *op. cit.*, p. 156.

[30] Em 1710, a obra de Mill foi reimpressa, com algumas alterações, em Amsterdã e Roterdã por Ludolf Küster. A edição de Küster também apareceu em Leipzig em 1723 e novamente em Amsterdã em 1746.

[31] *The text of the New Testament*, p. 109.

[32] *Ap.* VAGANAY, *op. cit.*, p. 157.

grego aos do NT latino, segundo a edição oficial da Vulgata sob o Papa Clemente VIII, datada de 1592. Esse era um grave protesto, e como resultado teve de amargar pesadas críticas. Bentley, porém, não se deixou intimidar, e passou a reunir mais material junto aos mss. gregos e literatura patrística para uma edição crítica completa, que infelizmente teve de ser interrompida com sua morte. Suas propostas, porém, exerceram grande influência.

Johann A. Bengel (1687-1752), superintendente da Igreja Evangélica de Vurtembergue, publicou no ano de 1734, em Tübingen, uma edição do NT grego também baseada no Texto Recebido. À exceção do livro de Apocalipse, onde alterou 19 passagens, não incluiu no texto uma única variante que já não houvesse aparecido em alguma edição anterior, mas o fez na margem, e ainda indicou, mediante o emprego de letras gregas, sua opinião quanto ao valor delas: α indicava variantes decididamente melhores que o texto; β, variantes provavelmente melhores que o texto; γ, variantes iguais ao texto; δ, variantes um pouco inferiores ao texto; e ϵ, variantes consideravelmente inferiores ao texto. Além disso, na parte final do volume, incluiu um aparato crítico em que relacionou as evidências dos mss. para as variantes, agrupando-as em duas famílias: a asiática, derivada de Constantinopla e arredores, que abrigava o maior número e os mais recentes mss., e a africana, de Alexandria e algumas localidades latinas, com mss. em pequena quantidade porém mais antigos e melhores. Conquanto essa classificação possa ser questionada em vários pontos, ela merece distinção por ter sido a primeira na história da crítica textual do NT, e foi Bengel quem também padronizou a pontuação e a divisão em parágrafos do texto, sendo seguido em várias edições posteriores. Embora fosse muito piedoso, sua obra valeu-lhe severas críticas, inclusive a de ser inimigo das Escrituras.

Johann J. Wettstein (1693-1753), de origem suíça, publicou em Amsterdã sua edição grega do NT em dois volumes, nos anos de 1751 e 1752, após 40 anos de estudos textuais. Embora tenha reproduzido o texto dos Elzevires, ele indicou junto à margem as passagens que necessitavam ser corrigidas e foi o primeiro a introduzir no aparato

crítico as siglas que ainda hoje são geralmente usadas para os mss. gregos, com letras maiúsculas para os unciais e números arábicos para os minúsculos. No apêndice, em que discutia os problemas textuais do NT, defendeu o princípio de que os mss. devem ser avaliados por sua qualidade e não meramente por seu peso numérico, o que já havia sido defendido por Bengel; e, além disso, sua edição trazia um léxico com citações de autores gregos, latinos e rabínicos, ilustrando o uso de determinadas palavras e frases do NT. Desde o início de suas pesquisas, porém, teve de enfrentar séria oposição. A mais forte veio já em 1730, quando foi deposto de seu pastorado em Basiléia e enviado ao exílio, vindo a encontrar refúgio em Amsterdã. Ali, pouco depois, tornou-se professor de Filosofia e Hebraico num colégio arminiano e somente então pôde reiniciar seus trabalhos textuais.

William Bowyer, Jr. (1699-1777), membro de uma tradicional família de impressores londrinos, publicou sua edição crítica do NT grego em 1763, em dois volumes, depois de já haver publicado com seu pai quatro edições do Texto Recebido (1715, 1728, 1743 e 1760). Ele construiu seu texto com base principalmente nas notas críticas de Wettstein quanto à forma textual mais antiga e colocou entre colchetes as passagens que careciam do apoio de bons mss. Em outras passagens, teve a coragem de abandonar o Texto Recebido e introduzir variantes que dispunham de melhor suporte textual. No apêndice do segundo volume, reservou ainda cerca de 200 páginas para um grande número de emendas conjecturais do texto do NT e sua devida pontuação. Embora estivesse "adiantado para sua época",[33] antecipando em mais de um século as conclusões da maioria dos estudiosos, sua edição foi recebida com grande menosprezo nos círculos acadêmicos e clericais.

Johann S. Semler (1725-1791), professor em Halle, embora não tenha publicado nenhuma edição do NT grego, fez notáveis contribuições no âmbito da crítica textual ao publicar, em 1764, um comentário crítico baseado nas pesquisas de Wettstein. Tendo adotado

[33] METZGER, *Chapters in the history of the New Testament textual criticism*, p. 160.

o sistema introduzido por Bengel de classificar os mss. em grupos de textos, ampliou a classificação para três grupos: o alexandrino, que, segundo pensava, derivava de Orígenes e era preservado pelas versões Siríaca, Copta Boaírica e Etíope; o oriental, utilizado pelos Pais Gregos; e o ocidental, encontrado nas versões e nos Pais Latinos. Com ele, também, as variantes do NT começaram a ser objetos de pesquisa histórica.

Edward Harwood (1729-1794), ministro dissidente, publicou em Londres sua edição do NT grego em dois volumes, no ano de 1776. Para os evangelhos e Atos, seguiu principalmente o Códice Beza e, para as epístolas paulinas, o Códice Claromontano; onde esses mss. não eram aproveitáveis, utilizou-se de outros, em especial o Códice Alexandrino. Numa análise de cerca de mil páginas do NT, E. Reuss verificou que Harwood se afastou em mais de 70% do Texto Recebido, e em 643 passagens concorda com a memorável edição de K. Lachmann, publicada meio século depois.[34]

Johann J. Griesbach (1745-1812), professor de NT na Universidade de Jena, publicou entre 1775 e 1777, em Halle,[35] uma edição crítica do NT grego em três volumes, que serviu de modelo para muitos editores subseqüentes. De forma geral, suas investigações foram baseadas especificamente nos trabalhos de Bengel, Wettstein e Semler. De Bengel, tomou diversos princípios metodológicos, sobretudo o de avaliar uma variante de acordo com o valor do ms.; de Wettstein, o reconhecimento da grande importância das citações patrísticas e das antigas versões, dedicando especial atenção àquelas que ainda não haviam sido muito estudadas, como a Gótica, a Armênia e a Siríaca Filoxeniana; e de Semler, que havia sido seu professor em Halle, tomou a teoria das três famílias textuais: a alexandrina, a ocidental e a bizantina, distinguindo os testemunhos representativos de cada uma. Na prática, porém, Griesbach foi um tanto condescendente com o

34 *Ap.* METZGER, *The text of the New Testament*, p. 116-17.

35 Outras edições ainda foram publicadas em Halle e Londres entre 1796 e 1806, e em Leipzig entre 1803 e 1807, além de outras promovidas por vários editores na Inglaterra, Escócia e Estados Unidos.

Texto Recebido, corrigindo-o bem menos do que poderia tê-lo feito. Mesmo assim, pelos princípios que desenvolveu, talvez possa ser considerado, como diz Vaganay, o precursor da moderna crítica textual do NT,[36] vindo a exercer junto aos críticos posteriores extraordinária influência.[37]

Christian F. Matthaei (1744-1811), professor de Literatura Clássica em Vitenbergue e depois em Moscou, publicou em Riga uma edição do NT em grego e latim em 12 volumes, entre 1782 e 1788. Por não ser elaborado sob os melhores critérios metodológicos e estar baseado apenas em mss. recentes, seu texto grego é de pouco valor crítico. O mesmo, porém, já não pode ser dito do aparato, onde muitos mss. são citados com bastante exatidão, sendo que vários deles são conhecidos hoje apenas mediante tais citações. Além de ter colado mss. em Dresden, Leipzig e Göttingen, Matthaei o fez também em Moscou, onde encontrou inúmeros mss. bíblicos e patrísticos que haviam sido trazidos do monte Atos. Ele fez, por exemplo, a colação de 34 mss. das homilias de João Crisóstomo sobre os evangelhos e as epístolas paulinas. Em sua segunda edição, publicada em três volumes entre 1803 e 1807, agora sem o texto latino, acrescentou as evidências de cerca de 30 outros mss. Sua edição é digna de nota também porque mencionou, parece que pela primeira vez, as evidências extraídas da versão Eslava.

Johann L. Hug (1765-1846), professor na Universidade de Friburgo, não editou propriamente um NT grego, mas, numa obra publicada em 1808, desenvolveu a teoria de que mais ou menos no início do século III os muitos tipos de textos do NT degeneraram-se rapidamente e produziram o que denominou de edição comum, o mesmo texto que hoje é conhecido como ocidental. Por volta da metade do século III, na sua opinião, essa edição foi revisada em três diferentes lugares: na Palestina, por Orígenes, revisão essa mais tarde

[36] *Op. cit.*, p. 160.
[37] ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 9.

adotada por Jerônimo; no Egito, por Hesíquio;[38] e na Síria, por Luciano. Embora a atribuição a Orígenes tenha sido equivocada e a distribuição dos mss. nas diferentes famílias apresente muitos erros, sua teoria foi muito perceptiva e apresentou-se fundamentalmente correta; tem recebido bem poucos reparos.

Johannes M. A. Scholz (1794-1852), estudioso católico e professor na Universidade de Bonn, publicou sua edição grega do NT em dois volumes, entre 1830 e 1836. Tendo viajado pela Europa e pelo Oriente Próximo, redigiu aquela que se tornou a primeira lista completa de mss. do NT, adicionando 616 novos mss. aos já conhecidos. Ele também foi o primeiro a enfatizar a importância de se conhecer a região geográfica representada pelos muitos mss. no que se tornou o precursor da teoria dos textos locais, e, ao classificar os mss. em grupos textuais, seguiu a dupla classificação de Bengel: os textos alexandrino e constantinopolitano. Durante seu minucioso exame de mss. minúsculos, porém, foi grandemente impressionado pela uniformidade geral do texto, característica que considerou como prova de sua superioridade em relação ao texto alexandrino. Assim, embora publicasse um texto crítico, isto é, baseado em princípios críticos, sua edição representou um retrocesso em direção ao Texto Recebido, somente em virtude de sua incoerência na aplicação das teorias textuais. Parvis declara que "Scholz foi talvez o estudioso mais equivocado que já editou o NT",[39] ainda que suas pesquisas certamente contribuíssem para o desenvolvimento da crítica textual.

38 No prefácio de sua tradução latina de Crônicas, Jerônimo afirma que o texto da LXX preparado por Hesíquio era o preferido em Alexandria, enquanto o de Luciano o era em Antioquia e Constantinopla, e, no prefácio dos evangelhos, condena o trabalho de ambos, declarando que não deveriam ter-se atrevido a corrigir o texto da LXX. Lamenta também que era inútil tentar corrigir o NT pelas muitas versões cujas alterações eram indevidas. E é com base nessas vagas citações que mesmo hoje há autores que vinculam o tipo de texto alexandrino a Hesíquio. Nada mais, porém, sabe-se acerca dele, além do fato de que era bispo no Egito e foi martirizado em Alexandria, cerca do ano 311, pelo Imperador Maximino (veja EUSÉBIO, *História eclesiástica*, VIII, 13.).

39 *Op. cit.*, p. 602.

Assim, poderíamos dizer que durante esse segundo período não houve qualquer progresso real quanto ao texto grego do NT que estava sendo publicado. Por outro lado, as muitas variantes que se tornaram conhecidas mediante o progressivo e acurado exame dos mss., o início de sua classificação de acordo com as famílias textuais e o desenvolvimento das teorias críticas ofereceram a base necessária para que tal progresso se concretizasse no período seguinte. Na luta que se iniciara entre os partidários do Texto Recebido e os que estavam convencidos da superioridade dos mss. mais antigos, a vitória dos últimos seria uma questão de tempo. As evidências que se acumulavam tornavam cada vez mais evidente que o texto em uso necessitava ser corrigido, até mesmo para o próprio bem do cristianismo histórico em face dos ataques racionalistas.[40] Muitos, porém, que já estavam em condições de fazê-lo, não se aventuravam a ir longe demais, mas eles podem ser escusados: a opinião pública ainda não estava pronta. "Um texto crítico" — diz Vaganay — "poderia não ter achado nenhum editor ou leitor",[41] podendo mesmo gerar muito infortúnio a quem o preparasse. Mas o reinado do Texto Recebido estava chegando ao final; os princípios que permitiriam essa conquista já estavam praticamente estabelecidos e necessitavam apenas ser aprimorados.

Edições Modernas

No século XIX, a predominância do Texto Recebido foi finalmente interrompida. Os esforços dos pesquisadores nos dois séculos anteriores fizeram com que a crítica textual realmente se tornasse uma ciência. A distribuição dos mss. nos diferentes grupos permitiu que os muitos documentos começassem a ser organizados e, mais que isso, que a história da tradição manuscrita começasse a ser reconstruída. Isso levou ao desenvolvimento sistemático de princípios metodológicos e ao tratamento cada vez mais científico das inúmeras leituras variantes. Apesar de os críticos ainda divergirem com relação a

40 Veja CAIRNS, *O cristianismo através dos séculos*, p. 325.
41 *Op. cit.*, p. 163.

algumas das teorias textuais, todos buscavam um texto que estivesse o mais próximo possível do original e, nesse novo período, sob os mais violentos protestos, romperam definitivamente com o Texto Recebido. Assim surgiu o texto crítico e, com ele, o período moderno da crítica textual do NT.

Karl Lachmann (1793-1851), professor de Filologia Clássica em Berlim, foi o primeiro pesquisador que se opôs frontalmente ao texto dos Elzevires, aplicando à crítica textual do NT os princípios já testados da pesquisa textual filológica clássica. Tendo-se tornado famoso pelas edições de antigos autores clássicos e medievais, anunciou seu programa num artigo publicado em 1830, propondo-se a reconstruir o texto grego do NT em uso na Igreja em fins do século IV, pois julgava impossível um recuo ainda maior. No ano seguinte, depois de cinco anos de pesquisas, publicou sua edição crítica em Berlim, tendo usado apenas mss. gregos unciais, mss. da Antiga Latina e da Vulgata e as citações de Ireneu, Orígenes, Cipriano, Hilário e Lucífero. Assim, pela primeira vez, surgiu um texto realmente crítico do NT, fundamentado nos melhores testemunhos disponíveis na época. A repercussão, porém, não poderia ter sido pior. Lachmann foi muito criticado pelo que fez, sendo também acusado de ter-se baseado em poucos mss. E, no prefácio de sua segunda edição, agora uma edição greco-latina publicada em dois volumes entre 1842 e 1850, atacou veementemente seus críticos por preferirem às cegas um texto familiar mas corrompido a um primitivo muito mais exato.[42] Conquanto realmente usasse um número limitado de testemunhos, eram de fato antigos e fidedignos, e o descobrimento posterior de mss. ainda mais antigos provou ter ele razão na maioria de suas conclusões.

Lobegott F. Constantin von Tischendorf (1815-1874), de Leipzig, é descrito como "o homem a quem mais deve a moderna crítica textual do NT".[43] Tendo iniciado seus trabalhos textuais com apenas 25 anos de idade, dedicou-se de tal maneira como se estivesse

[42] *Ap.* METZGER, *The text of the New Testament*, p. 125.
[43] *Ibid*, p. 126.

comissionado à tarefa de restaurar o texto autógrafo dos escritos neotestamentários, chegando a escrever para sua noiva: "Resolvi dedicar-me a uma tarefa sagrada — a luta para conseguir a forma original do NT".[44] Em razão das muitas viagens que empreendeu pela Europa e pelo Oriente Médio à procura de mss., acabou descobrindo um bom número deles: Kenyon menciona que foram 18 unciais e seis minúsculos e que também preparou edições inéditas de 21 unciais e reedições de outros 11; transcrições de quatro e colações de mais 13. À exceção dos Códices Alexandrino e Beza, não existe nenhum outro ms. uncial de destacada importância em relação ao qual ele não fizesse maiores ou menores contribuições.[45] Além disso, escreveu mais de 150 livros e artigos, a maior parte dos quais diretamente ligada à crítica bíblica.

Entre 1841 e 1873, preparou oito edições do NT grego, além de 16 reedições, algumas das quais acompanhadas do texto alemão ou latino. Sua edição mais importante é justamente a última, conhecida como *Editio Octava Critica Maior*, publicada em dois volumes em Leipzig nos anos de 1869 a 1872, em cujo aparato crítico reúne tudo sobre variantes textuais que ele ou seus predecessores tinham encontrado nos mss., versões e citações patrísticas — um material valioso para qualquer trabalho crítico-textual do NT até os dias de hoje. Tanto é assim que foi reimpressa em 1965.

Das oito edições críticas, nas três primeiras, publicadas nos anos de 1841 e 1842, seguiu bem de perto o texto de Lachmann, nas quatro seguintes, publicadas entre 1849 e 1859, pareceu recuar um pouco em direção ao Texto Recebido, mas na última, mudou totalmente sua perspectiva e seguiu da maneira mais próxima possível o produto de sua grande descoberta, o Códice Sinaítico, que ele mesmo editara em 1862. De acordo com Eberhard Nestle, para sua oitava edição, Tischendorf fez 3 572 alterações no texto da anterior,[46] o que lhe trouxe inúmeras críticas, principalmente a de que dera preferência exagerada a um único ms. Ao assim fazer, todavia, na maioria das vezes esteve correto, o que lhe permitiu reconstruir o tipo de texto que

[44] *Ibid.*

[45] *Ap.* COLWELL, *What is the best New Testament?*, p. 23.

[46] *Introduction to the textual criticism of the Greek New Testament*, p. 20.

representa um desenvolvimento não posterior ao final do século II, com pequeníssima porcentagem de erro.[47]

Samuel P. Tregelles (1813-1875), estudioso inglês contemporâneo de Tischendorf, exerceu na Inglaterra influência semelhante à de Lachmann no Continente, quanto à rejeição do Texto Recebido a favor de um texto crítico. Seu interesse pelo texto grego do NT começou quando ainda tinha cerca de 20 anos de idade, e, depois de dezenas de anos de intenso trabalho, publicou sua edição crítica em Londres em seis partes, entre 1857 e 1872. Tendo empreendido inúmeras viagens pela Europa, conseguiu colar 17 mss. de maneira tão cuidadosa que lhe permitiu inclusive corrigir algumas citações errôneas de críticos anteriores; também examinou muitas citações patrísticas e antigas versões. Por sua aguda percepção no julgamento das variantes e por apresentar um aparato crítico em forma mais conveniente, sua obra deve ser preferida à de Tischendorf, apesar de não a ter superado, visto que não usou o Códice Sinaítico.

Brooke F. Westcott (1825-1901) e *Fenton J. A. Hort* (1828-1892), professores de Teologia na Universidade de Cambridge, publicaram, em 1881, a mais notável edição crítica do NT grego até então, intitulada *The New Testament in the Original Greek*. Fruto de um trabalho de cerca de 28 anos, constava de dois volumes: um com o texto grego, reconstituído com base principalmente no Códice Vaticano, e o outro com uma introdução e um apêndice, publicado por Hort no ano seguinte, no qual se descrevem os princípios metodológicos seguidos pelos editores, juntamente com a discussão de várias passagens problemáticas. Ao contrário dos críticos anteriores, eles não se preocuparam em colar mss., nem elaboraram um aparato crítico propriamente dito. Porém, valendo-se de coleções de variantes já existentes, aperfeiçoaram os princípios desenvolvidos por Griesbach, Lachmann, Tischendorf e Tregelles, aplicando-os com bastante rigor e imparcialidade na reconstituição do texto.[48]

[47] CHAMPLIN, *op. cit.*, v. 1, p. 101.

[48] Para um resumo dos princípios e procedimentos críticos adotados por Wetscott e Hort, veja METZGER, *The text of the New Testament*, p. 129-31.

Como resultado de suas investigações sobre a relação entre os vários testemunhos do texto neotestamentário, Westcott e Hort distinguiram quatro principais famílias textuais, as quais denominaram: siríaca, ocidental, alexandrina e neutra, sendo essa última a mais importante, por haver preservado, segundo pensavam, uma forma textual relativamente pura, bem próxima dos autógrafos, sendo representada principalmente pelo Códice Vaticano e depois pelo Sinaítico. Eles afirmavam que não era seguro rejeitar totalmente nenhuma variante desses dois mss. e que suas leituras combinadas podiam seguramente ser aceitas como genuínas, a menos que houvesse forte evidência interna que demonstrasse o contrário.[49]

Evidentemente, essa opinião não era partilhada pelos defensores do Texto Recebido, o qual, apesar de praticamente não ser mais aceito nos círculos acadêmicos, ainda o era pelas lideranças eclesiásticas; e, dentre aqueles que se opuseram a Westcott e Hort, destacam-se John W. Burgon, Frederick H. A. Scrivener, George Salmon e Edward Miller, religiosos e pesquisadores de relativa influência na Inglaterra, mas os argumentos que apresentaram não tiveram a ressonância esperada e, após morrerem, pode-se dizer que a polêmica foi para sempre encerrada.[50] A teoria textual de Westcott e Hort representou para o Texto Recebido o que Colwell chamou de "tiro de misericórdia",[51] aquele que provocou sua derrota final, embora ainda

[49] Veja p. 559-60.

[50] O Texto Recebido continua a ter uns poucos defensores, principalmente nos Estados Unidos. Em 1956, Edward F. Hills publicou, em Des Moines, o livro *The King James Version Defended! A Christian View of the New Testament Manuscripts*. Ataque um pouco mais recente ao texto crítico veio em 1977, por Wilbur N. Pickering, em sua obra *The Identity of the New Testament Text*, publicado em Nashville. Em 1982, Arthur L. Farstad e Zane C. Hodges editaram, também em Nashville, *The Greek New Testament According to the Majority Text*. Além disso, há o popular Η ΚΑΙΝΗ ΔΙΑΘΗΚΗ, freqüentemente editado em Londres pela Sociedade Bíblica Trinitariana, que tem como autoridade primária a edição de Beza de 1598 e corresponde ao *The New Testament in the Original Greek According to the Text Followed in the Authorized Version*, editado por Scrivener e publicado em Cambridge em 1894 e 1902. Essas obras, todavia, não têm encontrado resposta favorável, senão em alguns círculos muito restritos.

[51] *Op. cit.*, p. 35.

levasse cerca de 20 anos até ser definitivamente substituído pelo texto crítico nas principais sociedades bíblicas da Europa.

Bernhard Weiss (1827-1918), teólogo alemão, publicou entre 1894 e 1900, em Leipzig, sua edição crítica do NT grego em três volumes. Como professor de exegese neotestamentária, operou principalmente com base nas chamadas evidências internas para a escolha das variantes e, apesar disso, seu texto mostrou-se notavelmente similar ao de Westcott e Hort. Em primeiro lugar, procurou conhecer detalhadamente os problemas teológicos e literários do NT e a seguir passou a escolher as variantes que pareciam mais apropriadas ao estilo e à teologia de cada autor sagrado, as que pareciam harmonizar-se melhor com o intuito geral do texto. Ao assim fazer, pôde avaliar cada um dos principais mss. gregos do NT em relação aos diversos tipos de erros que catalogou e como resultado também concluiu que o Códice Vaticano é o que mais se aproxima dos originais. Dessa forma, a importância de sua obra está em demonstrar que a metodologia subjetiva confirma os resultados de métodos mais objetivos, como a comparação de mss., na reconstituição de um texto.

Eberhard Nestle (1851-1913), professor em Maulbronn, lançou em 1898 a primeira edição de seu *Novum Testamentum Graece*, que não apresentava um texto propriamente novo, mas havia sido elaborado para fins práticos, com base nas edições de Tischendorf e Westcott e Hort. Quando o texto de ambas as edições divergia, a edição de Weiss era consultada. E assim foi tomada a maioria das decisões: a concordância entre duas edições determinava o texto, enquanto a variante divergente tinha lugar no aparato, juntamente com uma série de símbolos que permitiam ao leitor a reconstrução exata dos textos das edições usadas. Quanto às evidências textuais, o aparato era bastante limitado, uma vez que dedicava apenas uma ou duas linhas para as variantes do Códice Beza. Em vez de ser tida como muito elementar, porém, a edição fora preparada justamente para fins utilitários e apenas sintetizava os resultados das pesquisas textuais do século XIX. Deixava de lado os extremos de Tischendorf (com sua preferência pelo Códice Sinaítico) e de Westcott e Hort (que haviam preferido o Códice Vaticano), especialmente quando o texto de Weiss

era adotado.

Publicada sob os auspícios da Sociedade Bíblica de Vurtembergue, em Stuttgart, a edição Nestle assinalou a aceitação geral do texto crítico nos meios tanto eclesiásticos quanto acadêmicos. Sua terceira edição (1903) foi aceita em 1904 pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, a maior e mais influente sociedade bíblica da época, e assim o Texto Recebido, cujo reinado estendera-se por quase 400 anos, estava definitivamente deposto.

Hermann F. von Soden (1852-1914), americano de nascimento, era pastor e professor em Berlim quando publicou sua monumental edição crítica do NT grego em quatro volumes, entre 1902 e 1913, com o pomposo título *Die Schriften des Neuen Testaments in ihrer ältesten erreichbaren Textgestalt hergestelt auf Grund ihrer Textgeschichte.*[52] Com o apoio de Elise König, abastada patrocinadora que lhe proveu os meios necessários, enviou cerca de 40 estudantes e críticos aos mosteiros e bibliotecas da Europa e do Oriente Médio à procura de mss., e um grande número de colações veio à luz. Não obstante suas prolongadas investigações de inúmeros mss. e seu intenso estudo da história do texto grego, os princípios textuais que adotou representaram verdadeiro retrocesso, ao ponto de seu trabalho ser comumente descrito como "um magnífico fracasso".[53]

Sua teoria textual era bem diversa da de Westcott e Hort. Ele partiu da premissa de que até o ano 300 foram realizadas três recensões do NT, o que teria dado origem a três tipos de textos: 1) o texto K (Κοινή), de Luciano, em Antioquia (Equivalente ao texto siríaco de Westcott e Hort, inclui a grande massa de mss. minúsculos, os quais se subdividem ainda em numerosas famílias, representando vários estágios de desenvolvimento.); 2) o texto H (Ἡσύχιος), de Hesíquio, em Alexandria (Abrange os textos neutro e alexandrino de Westcott e Hort e compreende os antigos unciais, alguns minúsculos [33, 892, 579, 1241], a versão Copta e as citações de Atanásio, Dídimo, Cirilo de

[52] "Os escritos do NT em sua forma textual mais antiga acessível, restaurada com base em sua história textual."

[53] METZGER, *The text of the New Testament*, p. 139.

Alexandria e outros.); 3) o texto I (Ἱερουσαλήμ), de Panfílio, na Palestina (Inclui o texto ocidental de Westcott e Hort, além de muito material adicional, que representa essencialmente uma gradual degeneração rumo ao texto koinê. Os principais testemunhos são D, Θ, 565, f^{13} e as versões Antiga Latina e Siríaca, os quais também se subdividem em numerosas famílias formadas mais ou menos unitariamente.). De acordo com Von Soden, essas três recensões remontam a um só arquétipo (chamado HIK) não preservado, mas podendo ser reconstituído comparando-se as recensões ora entre si, ora com as versões Antiga Latina e Siríaca, e as citações patrísticas. Além disso, dizia ele, o texto original foi corrompido no século II: os evangelhos e Atos por Taciano, e as epístolas paulinas por Marcião. Ao ser descobertas e eliminadas as corrupções, chega-se, portanto, ao texto original.

Tal reconstituição histórica, porém, suscitou inúmeras críticas, particularmente quanto à independência da recensão K, à unidade do texto I e à influência de Taciano e Marcião no desenvolvimento do texto. Além disso, Von Soden situou testemunhos tão diversos em cada grupo textual, que somente o agrupamento koinê revelou-se autêntico. Quanto ao texto que produziu, por estar baseado em princípios derivados de sua questionável classificação dos mss., aliada ao trabalho medíocre de muitos de seus auxiliares, mostrou-se muito inferior ao de Westcott e Hort e mesmo ao de Tischendorf. Até nas vendas mostrou-se um fracasso: levou mais de 50 anos para que a edição se esgotasse. Apesar de tudo isso, os trabalhos de Von Soden não devem ser totalmente postos de lado. Seus estudos pioneiros quanto aos níveis de desenvolvimento do texto koinê, o mesmo texto bizantino, foram de real importância e proveram inúmeras evidências para a classificação de uma imensa quantidade de mss. minúsculos nos diferentes grupos e famílias textuais.

Alexander Souter (1873-1949), teólogo de origem escocesa, publicou sua edição do NT grego em Oxford, no ano de 1910. Intitulada *Novum Testamentum Graece*, consistia meramente numa adaptação do Texto Recebido e pretendia reconstruir o texto grego que

presumivelmente dera origem à English Revised Version de 1881,[54] razão por que sua importância estava mais no aparato crítico que no texto propriamente dito.[55] Apesar de ocupar-se apenas com variantes selecionadas, o aparato apresentava muitas evidências de versões e citações patrísticas. Na segunda edição, publicada em 1947, novas evidências foram relacionadas a partir de um bom número de mss. recentemente descobertos, incluindo-se os Papiros Chester Beatty, mas o texto permaneceu inalterado.[56]

Henrich J. Vogels (1880-1972) publicou seu NT grego em Düsseldorf, no ano de 1920, sendo esse o primeiro esforço católico romano no sentido de fazer frente à circulação cada vez mais ampla em seu meio da popular edição de Nestle, que, por ser produzida por uma sociedade bíblica, entidade que ainda era oficialmente proscrita pelo catolicismo, apenas agravava a situação. O texto de Vogels, porém, tinha mais afinidades com o de Von Soden e com o Texto Recebido que qualquer outra edição crítica recente.[57] Seu aparato crítico também era por demais reduzido, posto que trazia muitas citações da Antiga Latina e das versões siríacas. Outra inconveniência do aparato era que as citações dos mss. minúsculos haviam sido feitas mediante os símbolos usados por Tischendorf em vez dos de Gregory. A partir da segunda edição (1922), passou a trazer também o texto latino, mas o texto grego não foi aperfeiçoado. Em 1955, apareceu em sua quarta edição, agora publicada em Friburgo.

Burnett H. Streeter (1874-1937), famoso clérigo e pesquisador inglês, embora não publicasse nenhuma edição do NT grego, fez

[54] Revisão de King James Version efetuada no final do século XIX por estudiosos ingleses e americanos; o NT foi publicado em 1881, e o AT, em 1885.

[55] Metzger, em *The Text of the New Testament*, p. 139, registra uma análise de 11 capítulos, tirados como amostra de todo o NT, segundo a qual o texto de Souter diferia do Texto Recebido em apenas 47 casos, enquanto a diferença em Nestle era de 233 casos, ou seja, 496% a mais.

[56] Outra reconstrução do texto grego subjacente a uma versão inglesa foi publicada por R. V. G. Tasker em Londres, em 1964, tendo como base a New English Bible, publicada em 1946.

[57] GREENLEE, *Introduction to New Testament textual criticism*, p. 94.

notáveis contribuições no âmbito da crítica textual. Em sua obra *The Four Gospels: a Study of Origins*, publicada em Londres em 1924, soube combinar uma sólida pesquisa com um envolvente estilo literário e, construindo sobre a teoria de Westcott e Hort, aprimorou sua metodologia à luz de novos mss. descobertos desde então. Valendo-se também dos estudos de Hug, enfatizou a importância de isolarem-se as formas de textos correntes nas principais localidades do cristianismo antigo e, mediante as citações dos Pais da Igreja, identificou cinco diferentes tipos de texto, os quais denominou de textos locais, que se haviam desenvolvido nos vários centros cristãos até por volta do ano 200, quando o NT teria alcançado o máximo de divergência, conforme refletido nas versões latinas, siríacas e coptas.[58]

Além dos já conhecidos textos que haviam circulado em Constantinopla, Roma e Alexandria, Streeter identificou os seguintes textos locais: o texto cesareense, demonstrando haver sido empregado por Orígenes em Cesaréia e concluindo a seguir que sua difusão se dera a partir dali;[59] e o texto oriental, corrente em Antioquia e cercanias antes do texto de Luciano e testemunhado nos evangelhos pela versão Antiga Siríaca (Sinaítica e Curetoniana), bem como pelas citações de Afraates e Efraim.[60] Além disso, seus trabalhos

58 P. 27.

59 *Ibid.*, p. 78. Com a publicação dos Códices Washingtoniano e Korideto, respectivamente em 1912 e 1913, Burkitt chamou a atenção, em 1916, para o fato de que eles ofereciam um texto estranho, diferente das formas textuais até então conhecidas. Lake e R. P. Blake, em 1923, indicaram que esse texto achava-se também em outros testemunhos: f^1 e f^{13} e os minúsculos 28, 565 e 700. Finalmente, em 1924, Streeter demonstrou sua utilização por Orígenes em Cesaréia e denominou-o de texto cesareense.

60 *Ibid.*, p. 74. Burkit, em 1904, publicou o texto das versões siríacas Sinaítica e Curetoniana e, por representarem fundamentalmente a mesma versão, aventou a hipótese de derivarem do primeiro texto que circulou em Antioquia. A identificação final, porém, veio 20 anos depois, quando Streeter verificou que o mesmo texto fora citado por alguns Pais Sírios e apresentava algumas afinidades com a versão Armênia. O texto oriental, porém, pela pouca expressividade em testemunhos e influência e pela necessidade de maiores comprovações, não tem recebido tanto destaque da parte dos críticos modernos como os demais textos locais. (Para a reconstrução hipotética de sua história, veja STREETER, *op. cit.*,

conduziram a outras modificações na teoria textual de Westcott e Hort. O termo "neutro", para referir-se à família textual representada pelos Códices Vaticano e Sinaítico e sem uma localização geográfica propriamente dita, deixa de ser usado, uma vez que tais mss., conquanto de fato se aproximem consideravelmente do original, não possuem um texto tão impecável como se pensava, mas apenas o texto de Alexandria em sua forma mais pura; por outro lado, por não haver clara distinção entre as famílias neutra e alexandrina, elas são combinadas numa só. Também a família siríaca, pela confusão que pode gerar com a versão homônima, é designada como bizantina, conforme já o fizera Griesbach. E o texto ocidental, que pode recuar a um período bem primitivo, é considerado digno de ser ouvido.[61]

Erwin Nestle (1883-1972), em resposta aos apelos dos especialistas alemães em NT e seguindo novas orientações, deu continuidade aos trabalhos de seu pai, lançando em 1927 a 13.ª edição do "Nestle", o que marcou o início de um novo período na história desse NT grego. O aparato crítico, que ainda trazia as variantes das edições nas quais o texto fora baseado (adicionadas de outras que constavam na edição de Von Soden), estava agora totalmente remodelado, com as principais variantes supridas das evidências de mss., versões e citações patrísticas, o que permitia até um julgamento independente sobre o texto. E foi assim que o Nestle começou a se desprender de seu primitivo formato de 1898 para tornar-se um manual técnico sem concorrentes. Sua circulação aumentou consideravelmente, sobretudo nas edições bilíngües — com o texto latino da Vulgata Clementina ou o da tradução alemã de Lutero revisada em 1912 —, e sua influência se fez sentir até mesmo no Brasil.

Na primeira reunião da Imprensa Bíblica Brasileira, em julho de 1940, uma das decisões a princípio tomadas foi a de iniciar uma profunda revisão no texto da tradução de Almeida. Tendo como base os textos de Nestle e de Westcott e Hort,[62] o NT apareceu em uma edição especial já em 1949, mas a edição definitiva, mais tarde

p. 72-6.)

61 *Ibid*, p. 59, 30 e 32.

62 BITTENCOURT, *op. cit.*, p. 216-17.

chamada de Versão Revisada, só sairia em 1967. A versão Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil também foi preparada a partir do texto de Nestle, especificamente o da 16.ª edição. Iniciada em 1943, ainda sob os auspícios das Sociedades Bíblicas Unidas[63] (a Sociedade Bíblica do Brasil seria fundada somente em junho de 1948), a revisão do NT ficou pronta já em 1951, sendo publicada pela primeira vez no ano seguinte, e desde então vem sendo largamente divulgada. B. P. Bittencourt destaca que um texto grego mais avançado e criticamente melhor poderia ter sido escolhido, como por exemplo alguma edição mais recente do próprio Nestle. Mas o avanço já foi muito grande. Do texto grego usado por Almeida, o Texto Recebido, para a 16.ª edição do Nestle, a diferença é considerável.[64]

Augustin Merk (1869-1945), outro pesquisador católico, publicou seu *Novum Testamentum Graece et Latine* em 1933, pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. O texto, apesar de bem superior ao de Vogels, ainda revelava grande influência de Von Soden e da Vulgata Latina.[65] O aparato crítico, por outro lado, incluía as evidências de um vasto número de testemunhos, especialmente de mss. minúsculos e das citações de Taciano, os quais estavam organizados de forma e exibir o relacionamento textual que havia entre si. Infelizmente, Merk não foi muito preciso ao arrolar tais evidências e, quando estas não estavam disponíveis em outras publicações para que se pudessem conferir, alguns hesitaram em confiar em seu testemunho.[66] Em 1964, apareceu a nona edição, póstuma, que trazia um apêndice com as variantes de vários papiros recentemente descobertos; foi reimpressa em 1984. Os tradutores da Bíblia de Jerusalém, lançada em português no ano de 1981, fizeram largo uso das edições de Merk, embora dando prioridade às opções textuais da Escola Bíblica de

63 Uma associação formada pela Sociedade Bíblica Americana, a Sociedade Bíblica Nacional da Escócia e a Sociedade Bíblica de Vurtembergue (agora Alemã). A essas três, uniram-se mais tarde a Sociedade Bíblica da Holanda e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira.

64 *Op. cit.*, p. 237.

65 GREENLEE, *op. cit.*, p. 94.

66 METZGER, *The text of the New Testament*, p. 143.

Jerusalém, dos padres dominicanos.

José M. Bover (1877-1954), professor de Teologia Bíblica em Barcelona, publicou em 1943 seu *Novi Testamenti Biblia Graeca et Latina*, a última edição crítica católica que merece destaque.[67] Depois de ter colecionado e avaliado evidências textuais durante cerca de dez anos, elaborou um texto eclético com base principalmente nas edições de Tischendorf, Westcott e Hort, Weiss, Von Soden e Vogels. Embora um prospecto afirmasse que haviam sido escolhidas as variantes que contavam com o "testemunho dos melhores e mais antigos códices, versões e autores eclesiásticos",[68] percebe-se que na verdade Bover, à semelhança de Vogels e Merk, também fora grandemente influenciado por Von Soden e pela Vulgata Latina.[69] O aparato crítico, que trazia informações extraídas das edições consultadas, comentava apenas as principais variantes, se bem que na maioria das vezes as evidências de mss. minúsculos, versões e lecionários eram mais abundantes que em Nestle. Foram publicadas ao todo cinco edições até 1968, e em 1977 apareceu reformulada por José O'Callaghan com o título *Nuevo Testamento Trilingüe*, trazendo também uma versão castelhana; o aparato crítico foi ampliado com novas evidências textuais, incluindo-se as extraídas dos papiros, mas o texto grego, em que pese a revisão efetuada por O'Callaghan, não sofreu muitas mudanças.[70] A segunda edição, de 1988, foi enriquecida apenas com algumas informações bibliográficas.

[67] Em 1981, Gianfranco Nolli publicou em Roma seu *Novum Testamentum Graece et Latine*, com o texto grego acompanhado da Nova Vulgata, que consiste numa nova e oficial versão latina da Bíblia iniciada em 1965, a pedido do Papa Paulo VI, e concluída em 1979. Como essa nova versão fosse elaborada com base em recentes edições críticas hebraicas e gregas, a edição de Nolli apresenta várias anomalias, uma vez que ele editou um texto grego diferente. Seu aparato crítico também deixa muito a desejar (veja ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 223).

[68] *Ap.* METZGER, *Chapters in the history of the New Testament textual criticism*, p. 137.

[69] GRENLEE, *op. cit.*, p. 94.

[70] ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 25.

Kurt Aland, um dos maiores nomes na crítica textual do NT do século XX, apareceu pela primeira vez em 1952 como editor associado do NT grego de Nestle, então na 21.ª edição, e desde esse tempo tem contribuído grandemente para incrementar o aparato crítico com novas evidências textuais, em particular aquelas derivadas dos papiros, o que fez com que o leitor passasse a ter a clara impressão de que o texto publicado fora estabelecido com base inteiramente nos mss. e não apenas em outras edições. Em 1979, o "Nestle-Aland", como ficou conhecido, apareceu em sua 26.ª edição, tendo Barbara Aland por co-editora, e as diferenças textuais que se foram acumulando ao longo desses 80 anos, em relação à primeira edição, já são ao redor de 700;[71] e, por trazer um texto de fato reconstituído com base nos melhores testemunhos hoje conhecidos e um aparato crítico detalhado e abrangente, embora compacto, continua sendo o NT grego mais apreciado e usado pelos pesquisadores em geral.[72]

Eugene A. Nida, secretário do Departamento de Traduções da Sociedade Bíblica Americana, foi o originador, organizador e administrador do projeto que lançou, em 1966, o *The Greek New Testament*, edição crítica do NT grego destinada principalmente a satisfazer às exigências dos tradutores da Bíblia em todo o mundo. Em virtude desse propósito bem definido, no aparato crítico foram incluídas apenas as séries de variantes de maior importância exegética, embora supridas de uma copiosa lista de testemunhos. Num segundo aparato, foram alistadas também várias diferenças de pontuação entre as mais famosas edições críticas e as traduções mais importantes nas principais línguas modernas.

Os trabalhos começaram em 1955, quando as Sociedades Bíblicas Unidas nomearam uma comissão internacional de especialistas em estudos do NT para que preparasse uma edição assim. Dentre os

71 *Ibid.*, p. 20.

72 Quanto ao texto propriamente dito, ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 27, registraram a seguinte comparação: em relação à 25.ª edição do Nestle-Aland (1963), a oitava edição de Tischendorf difere 1 262 vezes; a de Westcott e Hort, 558; a de von Soden, 2 047; a quarta de Vogels, 1 996; a nona de Merk, 770; e a quinta de Bover, 1 161.

muitos assessores e consultores que também participaram do projeto,[73] a comissão editorial foi formada especificamente por Kurt Aland, de Münster, Matthew Black, de St. Andrews, Escócia, Bruce M. Metzger, de Princeton, e Allen P. Wikgren, de Chicago, os quais procederam da seguinte forma: 1) tomando como base a edição de Westcott e Hort, fizeram uma comparação do texto e do aparato crítico de várias outras edições, incluindo-se as de Nestle, Vogels, Merk e Bover, e até certo ponto as de Tischendorf e Von Soden, com o propósito de determinar quais variantes mereciam estudo mais amplo; 2) em torno dos milhares de variantes, compilaram dados não apenas de tais edições, mas também de comentários e estudos técnicos, bem como de papiros, unciais, minúsculos e lecionários não usados até então; 3) escolheram e compararam entre o texto grego e as principais versões em inglês, alemão e francês cerca de 600 variações de pontuação; finalmente, 4) estabeleceram o texto grego, avaliaram o grau de certeza da leitura adotada no texto e decidiram quais variantes deveriam ser incluídas no aparato.

A partir da segunda edição, lançada em 1968 com poucas alterações textuais, Carlo M. Martini, então reitor do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, foi integrado à comissão editorial, o que consagra o caráter interdenominacional do projeto, conforme pretendido por Nida. Em 1975, depois de profunda revisão do texto, ficou pronta a terceira edição, diferente da anterior em mais de 500 lugares.[74] E foi justamente essa edição que serviu de base para o NT da Bíblia na Linguagem de Hoje, lançada em 1988 pela Sociedade Bíblica do Brasil. Não há dúvida de que se trata de uma grande conquista o fato de já termos entre nós uma tradução que segue um texto grego moderno e altamente confiável, mas é provável que alguns preferissem que ela fosse um pouco menos interpretativa.

As principais alterações no texto da segunda edição do *The Greek New Testament* haviam sido sugeridas por Aland, que estivera efetuando uma detalhada análise das mudanças propostas para a 26.ª edição do Nestle-Aland. Em conseqüência, a comissão editorial pôde estabelecer um só texto para a terceira edição do *The Greek New*

[73] Veja Kurt ALAND *et al.*, *The Greek New Testament*, p. vii.
[74] *Ibid.*, p. ix.

Testament e a 26.ª do Nestle-Aland,[75] o que certamente representa grande progresso na fixação do texto grego do NT.[76] Por outro lado, os objetivos de ambas as publicações permanecem distintos: o Nestle-Aland continuará a desenvolver-se como edição científica de tamanho manual, ao passo que o *The Greek New Testament* continuará citando mais evidências em apoio de um número mais seleto de variantes;[77] também o arranjo e o formato de ambas as edições continuarão distintos, mas os textos serão os mesmos e publicados pela mesma comissão editorial, da qual atualmente também fazem parte Barbara Aland, de Münster, e Johannes Karavidopoulos, de Salonica.

Assim, depois dos quase 500 anos do texto impresso e das mais de mil edições já surgidas desde Erasmo,[78] além das centenas de outros estudos técnicos, a crítica textual do NT chegou a um estágio tal de desenvolvimento que a concordância entre os estudiosos quanto ao texto crítico moderno é espantosamente grande, ao passo que o número de variantes ainda contestadas é por demais reduzido. E, mesmo que uma nova edição venha a divergir em alguns pormenores do texto que é hoje geralmente aceito, as descobertas e pesquisas mais recentes mostram que nosso NT grego "deve estar muito próximo do texto primitivo dos escritos do NT, que foram introduzidos no cânon".[79] O Texto Recebido é um caso completamente encerrado. Nenhum dos modernos especialistas de renome em estudos do NT defende-o de alguma forma como o texto mais próximo dos autógrafos. Mesmo as escolas mais conservadoras têm abandonado

75 ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 33, informam que "a unificação tornou-se completa quando a Sociedade Bíblica de Vurtembergue abandonou os planos para uma edição independente, decidindo que o *The Greek New Testament* e o Nestle-Aland poderiam não apenas oferecer um texto comum, mas também ser de responsabilidade da mesma comissão editorial".

76 Até 1983, embora os textos fossem os mesmos, havia ainda algumas poucas diferenças na pontuação e na divisão dos parágrafos entre ambas as edições. Nesse ano, porém, com o lançamento da terceira edição *corrigida* do *The Greek New Testament*, tais diferenças foram total e definitivamente eliminadas.

77 Para uma detalhada análise comparativa do aparato crítico de ambas as edições, veja ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 43-7.

78 METZGER, *The text of the New Testament*, p. 146.

79 KÜMMEL, *op. cit.*, p. 731.

essa defesa inútil, quer de maneira direta, quer indireta, como na simples adoção de versões vernáculas mais recentes, baseadas em textos gregos criticamente bem elaborados. Devemos, portanto, como conclui Champlin,

> um voto de agradecimento [...] àqueles que, contra tão grande oposição, tomaram a sério a sua tarefa de devolver ao mundo um texto essencialmente puro do NT, e, porquanto perceberam a seriedade de seu empreendimento, realizaram-na com zelo e dedicação.[80]

[80] CHAMPLIN, *op. cit.*, v. 1, p. 101.

CAPÍTULO 5

PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS TEXTUAIS

A história do texto impresso demonstra que os trabalhos de restauração textual já seguiram os mais diferentes princípios metodológicos,[1] e, ao passo que muitos deles revelaram-se deficientes e por isso caíram em desuso, outros tiveram sua validade científica confirmada à medida que novas evidências manuscritas foram sendo descobertas e submetidas a estudos cada vez mais rigorosos. Conhecer tais princípios, porém, não é o bastante. Eles precisam vir acompanhados de uma aplicação bastante criteriosa, a fim de que se possa realmente chegar a uma escolha acertada do texto que mais se aproxime do original ou de fato o represente. É certo que em determinados casos não será possível uma conclusão de todo segura; os exemplos, todavia, nunca serão numerosos.

Os métodos crítico-textuais que necessitam ser conhecidos, no entanto, não se limitam aos princípios mediante os quais variantes devem ser avaliadas. Por isso e também por razões didáticas, o presente capítulo começa com os critérios utilizados no próprio exame dos mss., pelo qual as variantes são compiladas e classificadas, e inclui ainda uma introdução ao uso das principais edições críticas modernas, dado ser o aparato crítico a fonte básica de informações já devidamente organizadas quanto às variantes mais significativas e seus

[1] Para uma abordagem detalhada dos princípios textuais já praticados desde os tempos patrísticos, veja PARVIS, *The interpreter's dictionary of the Bible*, p. 603-13, e METZGER, *The text of the New Testament*, p. 149-85.

respectivos testemunhos, sem o que qualquer trabalho de restauração textual seria impossível.

Colação de Manuscritos[2]

O processo de comparar o texto de um documento com outro é denominado colação. Em crítica textual, colação comumente refere-se ao processo de comparar um ms. a um texto impresso e assim verificar as eventuais diferenças entre ambos. Consegue-se, com isso, ter à mão todo o texto do novo ms. sem que seja necessário imprimi-lo por completo; basta apenas que o texto impresso contra o qual o ms. fora colado seja lido, e substituídas as respectivas variantes. Desse modo, o texto do ms. pode ser mantido num espaço muito menor que o necessário para uma edição completa, com a segunda vantagem de os elementos distintivos de cada texto poderem ser mais facilmente notados.

A segunda razão para a colação de um ms. é o acréscimo de seu testemunho ao aparato crítico de um texto impresso. Nesse caso, obviamente, o melhor procedimento é colar o ms. contra o texto no qual o aparato crítico está sendo usado.

Uma terceira razão para a colação de um ms. é a checagem de suas características textuais, isto é, a verificação de seu tipo de texto. Teoricamente, isso poderia ser feito mediante o exame de todas as variantes substanciais do ms. Na prática, porém, o que se costuma fazer é colar o ms. contra o Texto Recebido e depois analisar as divergências. Uma vez que o Texto Recebido é basicamente do tipo bizantino, o resultado da colação revelará as leituras não-bizantinas do ms., e a soma das diferenças é o que vai indicar se o ms. é essencialmente bizantino ou não-bizantino. As variantes do Texto Recebido também podem ser analisadas para determinar com quais testemunhos o ms. mais freqüentemente concorda e, por fim, com qual tipo de texto pode ser identificado. Também pode ser muito útil

[2] Baseado principalmente em GREENLEE, *Introduction to New Testament textual criticism*, p. 135-41. Veja também METZGER, *Manuscripts of the Greek Bible*, p. 52-3.

analisar as variantes de maior importância que o ms. não segue, o que permite estabelecer um nítido contraste entre o caráter textual das variantes que estão presentes no ms. e as que estão ausentes.

Quanto ao método propriamente dito de escriturar uma colação, esta sempre deveria incluir o nome e a edição do texto contra o qual o ms. foi colado, como por exemplo: "reimpressão de 1985 da Sociedade Bíblica Trinitariana das edições de 1894 e 1902 do Texto Recebido de F. H. A. Scrivener", ou "reimpressão de 1953 da MacMillan & Co. Ltd. da edição de 1881 do texto de B. F. Westcott e F. J. A. Hort". E, no registro, a primeira variante sempre deve ser a do texto impresso, seguida de uma marca de separação, como um colchete invertido], e por fim a variante do ms. A colação é então lida da seguinte maneira: "No capítulo..., versículo..., em que no texto impresso se lê..., o ms. com o qual ele está sendo comparado diz...".

Nenhuma palavra desnecessária deve ser incluída na colação. Por exemplo, se no texto impresso aparece ἐν οἴκῳ e no ms., ἐν τῷ οἴκῳ, a colação deveria ser simplesmente εν] ad. τῳ ou εν] εν τῳ, ou ainda οικῳ] τῳ οικῳ. No caso de omissão, o processo é o mesmo e trabalha-se com a abreviatura om. Se a variante diz respeito a uma palavra ou frase que aparece exatamente da mesma forma mais de uma vez no versículo, um pequeno numeral na forma de um expoente seguindo a palavra ou frase indica qual delas é a que está sendo citada, como και^2. E, se duas ou mais palavras sucessivas diferem do texto-base, elas podem ser registradas juntas como uma única variante, se logicamente estiverem associadas (εν αυτῳ] εις αυτον). No caso de ocorrerem independentemente uma da outra, devem ser registradas de forma separada.

Se no ms. colado houver palavras ou letras ausentes ou ilegíveis, essas falhas devem ser assinaladas mediante o uso de colchetes, como ερχ[ ]αι. Se porventura não houver nenhuma dúvida quanto à identificação das letras ausentes, essas poderão ser incluídas nos colchetes (ερχ[ετ]αι). Às vezes, poderá ocorrer de as letras estarem apenas parcialmente ilegíveis, o que dispensaria o uso dos colchetes, mas um ponto deveria ser colocado embaixo de cada letra duvidosa (ερχετ̣αι). No caso de o ms. apresentar alguma correção entre as linhas ou acréscimo marginal, ambas as variantes devem ser

assinaladas, como a seguir: *υποτασσεσθαι*] *υποτασσεσθαι*, cor. *υποτασσεσθε* ou *του*] om., ad. mg. *του*. A correção de correção, ou acréscimo, deve ser especificada com o uso de expoentes numéricos (cor.[1], cor.[2], *etc.*).

Abreviações, símbolos e outras contrações em um ms. poderão ser lidos como se fossem soletrados, e, no caso de concordarem com o texto-base, nenhuma marcação especial necessita ser feita. Exceção feita ao *nomen sacrum* ΔΑΔ, que pode representar qualquer uma das três ou mais formas soletradas de "Davi". Essa abreviação deve, então, ser marcada como tal, a fim de mostrar que seu testemunho não poderá ser aceito em favor de nenhuma soletração em particular.

Para exemplificar o que foi dito, segue-se a colação de uma página do Papiro Chester Beatty I (P^{45}),[3] usando-se o Texto Recebido[4] como texto-base:

João 10.7-25

v. 7 Intr.[5] *ειπεν*
παλιν] om.
οτι] om.

v. 8 *προ εμου*] om.

[3] Frederic G. Kenyon, *The Chester Beatty biblical papyri descriptions and texts of twelve manuscripts on papyrus of the Greek Bible*, fascículo 2 (texto), p. 29-30.

[4] Η ΚΑΙΝΗ ΔΙΑΘΗΚΗ, p. 193-94 (reimpressão pela Sociedade Bíblica Trinitariana das edições de 1894 e 1902 do Texto Recebido de F. H. A. Scrivener, intitulado *The New Testament in the Original Greek According to the Text Followed in the Authorised Version*, e publicado pela Cambridge University Press).

[5] Nessa colação, as referências às notas de rodapé sempre serão colocadas após o colchete, à exceção dessa primeira, onde o registro "Intr. *ειπεν*" tem a finalidade de indicar a palavra com a qual a página do ms. está sendo introduzida. O numeral colocado como expoente junto à expressão *τα προβατα* (v. 12) está indicando qual de suas ocorrências no versículo é a que está sendo citada.

εισι][6] εισιν
ηκουσαν] ηκουσεν

v. 11 ο ποιμην ο καλος (*bis*)][7] ο καλος ποιμην
τιθησιν] διδωσιν

v. 12 δε] om.
εισι] εστιν
τα προβατα ιδια] ιδια τα προβατα
τα προβατα[3]] om.

v. 13 ο δε μισθωτος φευγει] om.
εστι] εστιν

v. 14 γινωσκομαι υπο των εμων] γινωσκ[ουσι] με τα εμα

v. 15 καθως] και καθως
τιθημι] διδωμι

v. 16 α] απερ
με δει] δει με
ακουσουσι] α[κουσου]σιν
γενησεται] γενησονται
ο πατηρ με] με ο πατηρ

v. 18 αιρει] ηρεν
εξουσιαν εγω παλιν] παλιν εξου[σιαν εγω]
την εντολην ελαβον] ελαβον [ε]ντολην

v. 19 ουν] om.

v. 20 αυτων] ad. οτι

[6] Para certos propósitos, as diferenças envolvendo o ν (ni) eufônico não necessitam ser registradas.

[7] O *bis* significa que a variação se repete na segunda ocorrência da expressão.

v. 22 τοις] om.
καὶ χειμων] χειμων δε

Por fim, algumas palavras acerca da colação dos lecionários em particular. As lições começam quase sempre com uma das seguintes frases:

1) τῳ καιρῳ εκεινῳ,
2) ειπεν ο κυριος τοις εαυτου μαθηταις,
3) ειπεν ο κυριος προς τους εληλυθοτας προς αυτον Ιουδαιους,
4) ειπεν ο κυριος προς τους πεπιστευκοτας αυτῳ Ιουδαιους,
5) ειπεν ο κυριος,
6) ειπεν ο κυριος την παραβολην ταυτην.

Além disso, as primeiras palavras do versículo bíblico que vem logo depois dessas frases podem, com freqüência, estar ligeiramente adaptadas à forma lecionária, de modo que tais mudanças deveriam ser registradas apenas como parte da introdução de uma lição, e não necessariamente como variante textual. Em Lucas 20.19, por exemplo, o Texto Recebido começa com καὶ ἐζήτησαν οἱ ἀρχιερεῖς καὶ οἱ γραμματεῖς ἐπιβαλεῖν ἐπ᾽αὐτὸν τὰς χεῖρας, enquanto certos lecionários trazem τῷ καιρῷ ἐκείνῳ ἐζήτουν οἱ ἀρχιερεῖς καὶ οἱ γραμματεῖς ἐπιβαλεῖν ἐπὶ τὸν Ι̅ν̅ τὰς χεῖρας, de maneira que o início dessa lição poderia ser colado da seguinte forma: Intr. 1 εζητουν οι αρχιερεις και οι γραμματεις επιβαλειν επι τον Ιησουν τας, que é o texto do lecionário correspondente ao texto regular do NT.

Com respeito ao uso das colações, além de registrar as diferenças entre um ms. e determinado texto impresso, elas servem também para que sejam analisadas as afinidades textuais do ms. e seu respectivo tipo de texto. Por essa razão, as diferenças coladas (como as do Texto Recebido) são alistadas com vários testemunhos que concordam nas mesmas leituras, e os resultados são então sumariados. Isso permitiria que se pudesse observar claramente qual tipo de texto apóia cada leitura e observar também quando uma leitura é apoiada por um, dois ou mais tipos de textos. O sumário poderia ainda mostrar a freqüência com que cada tipo de texto individualmente apóia as variantes do ms.,

bem como a freqüência do apoio pelas combinações dos tipos de textos. O seguinte exemplo ajudará a esclarecer o assunto:

Apoio total dos tipos de textos isolados
(em qualquer combinação)

Alexandrino	13 vezes
Cesareense	22 vezes
Ocidental	7 vezes
Nenhum tipo	7 vezes

Apoio dos tipos de textos combinados

Alexandrino-Cesareense	9	Alex.-Cesar.-Ocid.	2
Cesareense somente	8	Alexandrino-Ocidental	1
Cesareense-Ocidental	3	Ocidental somente	1
Alexandrino somente	1	Nenhum tipo	7

Esse sumário indica que o texto do suposto ms. é definitivamente do tipo cesareense, com mais íntima relação com o alexandrino que com o ocidental.

Continuando, a relação de um ms. com os outros em particular poderia ser observada com o intuito de saber também com quais testemunhos dentro do próprio grupo textual ele apresenta maiores afinidades. Não deve ser esquecido, entretanto, que a relação de um ms. com dado texto não pode ser determinada meramente com base em sua relação com os outros mss. individuais. Por exemplo, o testemunho cesareense supracitado poderia ser apoiado pelos Códices Sinaítico e Vaticano tão freqüentemente quanto por qualquer outro ms. cesareense. Tal situação pode ocorrer porque nenhum ms. individual é um perfeito representante de seu tipo de texto; quaisquer mss. podem ter variantes peculiares a certa quantia de variantes bizantinas, e algumas variantes de outros grupos textuais. Assim, a determinação da relação de um ms. com dado tipo de texto deve vir inteiramente de

sua concordância com o consenso dos testemunhos do mesmo grupo.

Finalmente, se alguém desejasse determinar da forma mais exata possível a linhagem textual de um ms., poderia estudar as variantes com as quais seu ms. não concorda e determinar a que tipo de texto pertencem. Isso vai fornecer um contraste que poderá ajudar a confirmar o tipo de texto do ms. em questão. Reportando-nos novamente ao suposto ms. cesareense referido logo acima, as variantes que ele não registra são basicamente do tipo alexandrino e raramente do tipo ocidental. Mas um estudo dessas variantes opostas tem ainda outro valor se, por exemplo, um ms. se caracteriza por leituras alexandrinas em suas variantes do Texto Recebido, mas verifica-se, por outro lado, que há um considerável número de leituras alexandrinas que o ms. não registra, então não se poderá dizer que ele seja completamente um testemunho alexandrino, senão que tem um caráter parcialmente alexandrino.

A determinação e análise dessas variantes opostas é particularmente importante no exame do texto de um Pai da Igreja. Uma vez que o texto de uma citação patrística do NT é naturalmente fragmentária, ninguém poderia meramente assumir 1) que o escritor seguiu apenas o tipo de texto com o qual suas variantes estão identificadas, nem 2) que seu texto é bizantino onde quer que ele não tenha citado um apoio de outro grupo textual. No caso de muitas passagens, nem todas as informações estarão disponíveis. Portanto, ao passo que a análise da citação de um Pai da Igreja revele o tipo de texto por ele usado, a análise das citações opostas é necessária para determinar se ele seguiu totalmente o mesmo tipo de texto ou se há consideráveis elementos de seu tipo de texto que ele não seguiu.

Concluindo, poderia ser dito que a colação de um ms., enquanto requer meticulosa atenção para detalhes, pode ser, segundo Greenlee, tanto pessoalmente gratificante quanto uma significativa contribuição para os trabalhos textuais.[8]

[8] *Op. cit.*, p. 141.

Princípios Textuais

Os princípios de restauração textual que, de forma geral, são hoje praticados encontram-se dispostos em dois diferentes critérios, embora necessariamente simultâneos e interdependentes: a evidência externa e a evidência interna, cada qual envolvendo uma série de cinco regras definidas.[9]

Evidência Externa

O primeiro passo no julgamento de uma variante é avaliar sua evidência documental, ou seja, fazer o levantamento dos testemunhos junto aos mss., versões e citações patrísticas e então operar com bases nos seguintes princípios:

Deve-se valorizar mais a antigüidade do texto que a do ms. propriamente dito. A data da composição é o "mais proeminente fato" que se deve conhecer acerca de um ms.,[10] cuja evidência é tanto mais valiosa quanto mais antigo for o documento; quanto mais recente, mais viciado ele deve estar pelos copistas. Essa regra, todavia, pode apresentar exceções, contrariando portanto o procedimento geral dos críticos até mais ou menos o século XIX, quando pouco ou nenhum valor era dado aos mss. minúsculos, na crença de que a forma mais primitiva e pura do texto era encontrada somente nos mss. mais antigos. Investigações posteriores demonstraram ser perfeitamente possível que um ms. antigo oferecesse um texto já até certo ponto deteriorado, enquanto um minúsculo recente pudesse ter conservado uma forma bem primitiva do texto, tal como ocorre com o ms. 33, que, embora sendo do século IX, é um "excelente representante" do tipo alexandrino de texto.[11] Portanto, mais importante que a antigüidade do ms. em si é a antigüidade do

9 Definidas quanto à natureza, a formulação e mesmo a disposição numérica podem variar de um autor para outro.

10 PARVIS, *op. cit.*, p. 610.

11 METZGER, *The text of the New Testament*, p. 62.

texto do ms.

Devem-se avaliar os mss. em vez de contá-los. É facilmente compreensível que não se deve apenas contar o número de testemunhos em favor de uma variante, pois a qualidade é sempre mais importante que a quantidade. Um texto antigo e de boa procedência, mesmo se testemunhado por um único ms., oferece indubitavelmente mais garantia que o de vários mss. recentes. Impõe-se, portanto, que se examine com atenção cada um dos mss. — sua característica peculiar, o cuidado e a habilidade do copista, a qualidade do documento-base e por fim as variações em comparação com os outros mss. — até que se constate seu verdadeiro peso e autoridade. Deve ser lembrado, porém, que mesmo em se tratando dos mais importantes papiros ou unciais não há um único ms. sequer ou grupo de mss. que possam ser seguidos mecanicamente, ainda que certas combinações de testemunhos sejam mais dignas de confiança que outras. "As decisões em crítica textual devem ser tomadas uma após outra, passagem por passagem."[12]

Deve-se considerar o parentesco dos mss. entre si. Conquanto seja impossível a fixação da árvore genealógica dos mss. do NT,[13] salvo em raros casos onde é possível uma ou outra suposição,[14] sua classificação pelo menos quanto às diferentes famílias de textos já tem permitido aos críticos a redução do complicado quadro dos mss. a

[12] ALAND & ALAND, *The text of the New Testament*, p. 281.

[13] Lachmann, na primeira parte do século XIX, foi quem introduziu o chamado método genealógico, segundo o qual o melhor e mais antigo texto de qualquer obra pode ser reconstruído traçando-se sua árvore genealógica a partir dos mss. conhecidos. (Para maiores informações, veja COLWELL, *What is the best New Testament?*, p. 35-40.) Conquanto possa em parte ser aplicado à literatura clássica profana, que dispõe de um número bastante reduzido de mss., em relação ao texto do NT "esse método é impraticável" (VAGANAY, *An introduction to the textual criticism of the New Testament*, p. 71), em que pese a tentativa de alguns críticos de empregá-lo. Já em 1904, foi descrito por Lake como "um fracasso, embora esplêndido" (*Ap.*, PARVIS, *op. cit.*, p. 611).

[14] Veja ZIMMERMANN, *Los métodos histórico-críticos en el Nuevo Testamento*, p. 31.

simples esquemas de procedências textuais. E, para quem sabe avaliar bem os diversos grupos de testemunhos, não será difícil, quase sempre, decidir que variante escolher. É certo que poderá ocorrer que um grupo reconhecidamente superior não apresente necessariamente a forma original. As poucas exceções, todavia, não anulam a validade geral da regra.

Deve-se observar a tradição indireta quanto ao texto. Apesar de não testemunharem direta e exatamente o texto grego original, as antigas versões e citações patrísticas são de reconhecida importância nos trabalhos de restauração textual do NT, porque refletem como o texto bíblico era compreendido, interpretado e traduzido no período primitivo da Igreja. Algumas versões são mais antigas que muitos mss. gregos, e muitas citações dos antigos escritores podem ser datadas e localizadas geograficamente com bastante precisão, possibilitando assim a reconstituição da história de determinadas passagens, o que é básico para um correto julgamento das variantes. Embora, não há dúvida, peso maior deva ser dado à tradição manuscrita grega, essas fontes, que têm mais "uma função suplementar e corroborativa",[15] podem representar a solução mais aproximada para certos textos problemáticos.

Devem-se ter em conta as influências externas sofridas pelo texto. A presença de novos elementos no texto, em certos casos, pode ser atribuída à influência exercida, por exemplo, pela LXX. Citando como citam, com mais ou menos liberdade, os escritores do NT passagens do AT, nada estranho que o copista posterior de um ms. procurasse corrigir as diferenças entre a citação encontrada e o texto original da LXX. E é isso mesmo o que se verifica com bastante freqüência.[16] A teologia do copista, tradutor ou intérprete ou sua "filiação religiosa"[17] também devem ter influenciado o surgimento de novas variantes, de maneira que, a fim de serem corretamente avaliadas, é necessário que se conheçam tão profundamente quanto possível os

[15] ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 280.

[16] ZIMMERMANN, *op. cit.*, p. 39.

[17] BITTENCOURT, *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*, p. 190.

movimentos e tendências da Igreja Primitiva. Finalmente, deve-se também estar atento quanto à possibilidade de determinados elementos que, não fazendo parte do texto original, mas sendo autênticos e tendo sido preservados mediante alguma tradição oral ou mesmo escrita, encontraram facilmente seu caminho para o texto bíblico em cópias posteriores.

Evidência Interna

O passo seguinte no julgamento de uma variante é procurar determinar-lhe o grau de originalidade a partir de sua relação com as demais formas alternativas do texto e com o contexto. Tal critério, naturalmente, consiste apenas numa questão de probabilidade, e por isso é tido como "a mais rudimentar forma de crítica",[18] tanto que "nunca pode ser a única base para uma decisão crítica, especialmente em oposição à evidência externa".[19] Envolve os seguintes princípios:

Deve-se preferir a variante mais difícil. Esse princípio, de fácil compreensão, foi estabelecido já no século XVIII por Bengel, inspirado numa formulação parecida de Mill. A análise dos mss. demonstrou que a tendência do copista era sempre a de simplificar ou esclarecer o texto original, e nunca a de acrescentar uma dificuldade. Dentre duas ou mais variantes de um texto, portanto, a escolha deve recair sobre aquela que, da ótica do copista e não do crítico,[20] poderia representar algum problema exegético, doutrinário ou lingüístico, devendo ser consideradas como suspeitas as que exibem marcas de simplificação ou aperfeiçoamento estilístico, ainda mais se consideradas a relativa pobreza gramatical e a linguagem pouco aprimorada de alguns dos autores do NT. A regra, todavia, não é absoluta, pois alguma dificuldade textual pode muito bem ser decorrente de um erro involuntário da parte do copista.

[18] PARVIS, *op. cit.*, p. 609.
[19] ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 280.
[20] BITTENCOURT, *op. cit.*, p. 190.

Deve-se escolher a variante mais curta. É natural admitir que um texto originariamente curto tenha sido ampliado em cópias posteriores, e não o contrário, em que um texto longo em sua origem tenha sido encurtado. E os mss. confirmam que, no esforço por tornar uma passagem mais compreensível ou correta, os copistas tendiam muito mais a acrescentar novos elementos que omitir qualquer coisa do texto, a não ser quando imaginavam tratar-se de material supérfluo, contrário à fé, ao uso litúrgico ou a uma prática ascética. Também se deve ter em mente que muitas das omissões representam casos óbvios de parablepse ou haplografia, de modo que uma "cega consistência" na aplicação dessa e de outra regra pode ser tão danosa para o texto sagrado quanto sua total negligência.[21]

Deve-se optar pela variante em desacordo. Esse princípio diz respeito aos textos paralelos principalmente dos evangelhos, em relação aos quais a tendência dos escribas era quase sempre a de harmonizá-los, caso divergissem um ou outro. Também é aplicável às citações do NT que, tendo sido feitas na maioria das vezes de forma bastante livre, em muitos casos eram conformadas com o texto grego da LXX. Isso não significa, porém, que, sempre que variantes concordem com passagens paralelas ou com a LXX, houve algum tipo de harmonização. Verifica-se certa interdependência literária entre os evangelhos sinóticos, ou, mais precisamente, uma dependência de Mateus e Lucas com respeito ao evangelho de Marcos, que teria sido usado por ambos como fonte de informações sobre a vida e os ensinos de Cristo.[22] Verifica-se também que, do grande número de citações

[21] ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 281.

[22] A interdependência literária entre os evangelhos sinóticos é, de longa data, um assunto muito discutido. Lucas relata haver empreendido uma espécie de pesquisa para poder escrever seu evangelho (1.1-4) e parece que o evangelho de Marcos, o primeiro a ser escrito, foi um dos documentos que ele utilizou: dos 661 versículos de Marcos, Lucas reproduz 320. Mateus também parece ter sido guiado pelo Espírito Santo a valer-se do mesmo evangelho: ele reproduz 606 versículos de Marcos (correspondendo a 500 por causa da diferente disposição do conteúdo), o que significa que Mateus também deve concordar com Lucas, uma vez que ambos se utilizaram da mesma fonte, e de fato o fazem em 296 versículos (dos 320 versículos citados por Lucas, há 24 que não foram usados por

do AT, há várias delas que "exibem uma concordância literal com a LXX".[23]

Deve-se decidir pela variante que melhor se harmonize com o livro em questão. A variante de um texto não pode ser considerada original se entra em choque com o capítulo ou versículo correspondentes, ou com o caráter geral do livro, quer na simples interrupção da fluidez do pensamento, quer no emprego de vocábulos ou estilos diferentes aos do autor original. Outras vezes, a própria teologia do autor pode ser contrariada. A questão do estilo, porém, deve ser vista com relativo cuidado, pois, além daqueles que fizeram uso de fontes (como Mateus e Lucas) e de secretários ou assistentes (como Pedro, Paulo e João), os autores não eram obrigados a usar as mesmas palavras ou expressões diversas vezes ao longo do livro. Isso significa que uma forma rara pode, em determinados momentos, ser a original, enquanto outra mais comum pode representar apenas "o esforço de um escriba por regularizar o estilo do autor".[24] Diante dessa possibilidade, um exame individual dos hábitos dos copistas e corretores, especialmente na escolha dos sinônimos ou verbos, talvez revele seu próprio estilo ou tendência.

Deve-se eleger a variante que melhor explique a origem das outras. Tido como a "contraprova" para a escolha de uma variante,[25] esse princípio traz por fundamento o fato de que os vários tipos de alterações involuntárias ou intencionais geralmente apontam para uma forma antecedente da qual uma ou mais variantes podem ter-se

Mateus). Um claro exemplo dessa dupla dependência de Marcos está nas passagens paralelas de Mateus 9.6 e Lucas 5.24, que apresentam uma fraseologia praticamente idêntica à de Marcos 2.10 e 11, até com a mesma dificuldade gramatical. Mateus e Lucas, porém, concordam ainda em outros 250 versículos de um material que não é de Marcos e que os críticos costumam chamar de Q, do alemão *Quelle*, que significa "fonte". (Para uma discussão mais completa sobre o assunto, veja Donald GUTHRIE, *New Testament introduction*, p. 121-87.)

[23] NICOLE, New Testament use of the Old Testament, em *Revelation and the Bible*, p. 148.

[24] GREENLEE, *op. cit.*, p. 115.

[25] ZIMMERMANN, *op. cit.*, p. 44.

originado, daí que o texto escolhido, para mostrar-se válido, deve poder explicar tanto quanto possível a origem das formas divergentes que foram consideradas como secundárias. Trata-se do mesmo método genealógico, só que agora não mais aplicado aos mss. como se pretendia no século passado. As variantes é que são assim estudadas, individualmente, e se sua genealogia for estabelecida com precisão, então é bem provável que se possa chegar ao texto original.

Convém destacar, no entanto, que mesmo esse último princípio nem sempre será determinante, pois poderá ser o caso, e de fato há exemplos disso, de que duas variantes se expliquem mutuamente, podendo qualquer uma ter-se originado da outra, de maneira que nem sempre todos os princípios poderão ser aplicados a todos os casos. Às vezes, a prioridade deverá ser dada a determinada evidência sobre outra; e também a ordem dos princípios acima não visa a estabelecer graus de importância, senão de simples enumeração. Além disso, a advertência já várias vezes referida, de que nenhuma regra é absoluta, ou de que não há regra sem exceção, deve lembrar-nos de que a crítica textual do NT não é uma ciência exata, um trabalho que possa ser feito mecanicamente. O crítico deve ter sempre diante de si as regras em seu conjunto e saber aplicá-las com imparcialidade, acuidade intelectual e muita perspicácia. Metzger declara: "Ensinar alguém a tornar-se crítico textual é semelhante a ensinar-lhe a ser poeta".[26] Por fim, valem as palavras de Lake, lembrando a grande cautela que se exige para que um texto não seja tido como corrupto quando na verdade isso é apenas possível. "O crítico" — diz ele — "deve estar sempre pronto para revisar seu julgamento. Deve sempre suspeitar das variantes, mas deve suspeitar ainda mais de suas próprias conclusões."[27]

Bom senso, conhecimento e talento, porém, não são o bastante, embora sejam imprescindíveis.[28] Há dois outros requisitos igualmente necessários àquele que se aplica ao estudo textual do NT, ou a

[26] *The text of the New Testament*, p. 211.
[27] *The text of the New Testament*, p. 5.
[28] Veja LADD, *The New Testament and criticism*, p. 81.

qualquer outra matéria da Escritura, que são “reverência e fé”.[29] Jamais se deveria olvidar o fato de que a Bíblia não é um livro como outro qualquer. É a Palavra de Deus, conquanto em linguagem humana. Restaurar seu texto original, portanto, deveria ser muito mais que um simples exercício acadêmico. Deveria ser um ato de respeito e devoção, onde a advertência de Deus a Moisés — “...tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa” (Êx 3.5) — deveria inspirar a postura de todo aquele que pisa o umbral do estudo do Livro Santo. Daí a crítica textual, sendo ciência e arte ao mesmo tempo, ser também muito mais que isso, e, ao cada crítico avaliar a seu modo as evidências disponíveis, sob a direção do Espírito Santo, a observação dos critérios normais e fundamentais de restauração textual não permitirá mais que uma “distância mínima nas conclusões finais”.[30]

O Aparato Crítico

Ao contrário do que ocorre nas colações de mss. e nas avaliações das variantes, em que o procedimento dos críticos é mais ou menos uniforme, a elaboração do aparato crítico numa edição técnica do NT grego segue padrões quase sempre particulares, tanto na seleção das variantes quanto na disposição dos testemunhos e dos símbolos empregados. Isso faz com que seja necessário um conhecimento individualizado de todas as edições que se pretende usar, seus critérios e sua linguagem, para que o estudo textual seja o mais fluente e exato possível. Por essa razão, serão dadas a seguir orientações quanto ao uso das duas edições críticas mais usadas na atualidade, a 26.ª do Nestle-Aland e a terceira do *The Greek New Testament*, que, embora apresentem o mesmo texto e sejam de responsabilidade da mesma comissão editorial, possuem um aparato crítico bem distinto, como

[29] Ernest F. KEVAN, The principles of interpretation, em *Revelation and the Bible*, p. 293.

[30] BITTENCOURT, *op. cit.*, p. 191.

distinto é o objetivo de cada uma delas.[31] Além do mais, essas edições tiveram seu texto formalmente aprovado como base para novas traduções no *Guiding Principles* de 1968, sendo também confirmado no *Guidelines* para tradutores promulgado pelo Vaticano e pelas Sociedades Bíblicas Unidas em 1987.[32]

Nestle-Aland

O sistema dos sinais críticos empregados nessa edição, muitos dos quais em uso já por várias décadas, é bem mais complexo que o do *The Greek New Testament*, e isso em virtude da maior riqueza de informações num espaço relativamente menor. O arranjo tipográfico, porém, é muito bem feito, de maneira a facilitar a identificação dos elementos correspondentes no texto e no aparato. Os primeiros sinais que necessitam ser conhecidos são os seguintes:

°	A palavra seguinte é omitida em parte da tradição.
⸀	A palavra seguinte é substituída por uma ou mais diferentes palavras em parte da tradição.
⸆	Neste ponto há uma inserção, na maioria das vezes de uma simples palavra, em parte da tradição.
⸋ ⸌	As palavras contidas entre esses sinais são omitidas em parte da tradição.
⸂ ⸃	As palavras contidas entre esses dois sinais são substituídas por outras em parte da tradição.
⸉ ⸊	As palavras contidas entre esses dois sinais são preservadas numa ordem diferente em parte da tradição.
⸉ *3214*	A ordem das palavras transpostas nas diferentes variantes é indicada por numerais.
⸉·	Indica normalmente a transposição da palavra ou versículo seguinte para um lugar designado no aparato (*e.g.*, Lucas 6.5).

31 Para uma introdução resumida a sete outras edições, veja GREENLEE, *op. cit.*, p. 96-113.

32 ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 222.

Quando num mesmo versículo ocorre mais de uma omissão, subtituição, inserção de uma ou mais palavras ou transposição, esses sinais são usados no texto como indicação numérica, como °1, °2, *etc.*; ⸀, ⸀1, ⸀2, *etc.*; ⸆, ⸆1, ⸆1, *etc.*; □1, □2, *etc.*; ⸂, ⸂1, ⸂2 *etc.*; ⸉1, ⸉2, *etc.*; com sinais correspondentes no aparato. As razões pelas quais a primeira repetição de alguns dos sinais é indicada com um ponto (⸁, ⸇, ⸄) e de outros com um número (°1, □1, ⸉1) são puramente técnicas: com ° ou □ um ponto poderia facilmente passar despercebido, além do fato de que ⸉ foi reservado para outra finalidade.

Apesar de sua aparente complexidade, principalmente em relação ao *The Greek New Testament*, esses sinais, que nem são tantos assim, na verdade não são muito complicados, ainda mais quando se observa que a forma de cada um deles já sugere sua respectivas funções: ° e □ para omissões, ⸀ e ⸂ para substituições, ⸆ para inserções e ⸉ para transposições, e também sua presença no texto é muito fácil de ser notada, de modo que o leitor no mesmo instante fica informado da presença e da natureza de qualquer variação. Em Mateus 21.33-35, por exemplo, não há nenhum sinal crítico, o que significa que esses versículos foram transmitidos sem nenhuma variação mais significativa. Nos versículos imediatamente anteriores (vv. 28-32), porém, os sinais já são mais ou menos numerosos, ao passo que nos seguintes (vv. 36-44), são relativamente poucos. E, para mostrar exatamente como esses sinais críticos são usados, tomemos como exemplo os versículos acima: Mateus 21.28-32, que relatam a parábola dos dois filhos.[33]

O sinal ° aparece na primeira linha do parágrafo (v. 28), e mais uma vez na quarta linha (v. 29):

v. 28 ° καὶ προσελθὼν τῷ πρώτῳ εἶπεν

v. 29 ὕστερον ° δὲ μεταμεληθεὶς ἀπῆλθεν

[33] Este e os demais exemplos citados a seguir são extraídos de ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 223-60.

No versículo 28, *καί* é omitido, e uma olhada no aparato crítico mostra que sua omissão ocorre nos seguintes testemunhos: os unciais ℵ* (o asterisco indica que o Códice Sinaítico na referida passagem foi corrigido e o texto original é que está sendo citado), L e Z; os códices e e ff[1] da Antiga Latina; a Antiga Siríaca (com algumas adaptações textuais muito insignificantes, por isso entre parênteses); e a tradição copta. Nesses mss., o texto é *προσελθὼν τῷ πρώτῳ εἶπεν*. A presença de † antes da lista dos testemunhos indica que *καί* também é omitido na edição anterior desse NT grego, a 25.ª. No versículo 29, a partícula *δέ* é que é omitida, e isso nos seguintes documentos: os unciais ℵ* (novamente o texto original do Sinaítico) e B (o Códice Vaticano omite com ligeiras adaptações textuais); os minúsculos 1010 e alguns outros (o que é indicado pela abreviatura *pc*, do latim *pauci*); a Antiga Latina; e parte da tradição saídica. Em tais mss., a leitura é *ὕστερον μεταμεληθεὶς ἀπῆλθεν*.

O sinal ⸀ é encontrado na quinta e na penúltima linha do parágrafo (vv. 30 e 32):

v. 30 *τῷ ⸀ ἑτέρῳ εἶπεν ὡσαύτως*

v. 32 *ὑμεῖς δὲ ἰδόντες ⸀ οὐδὲ μετεμελήθητε*

Sua ocorrência indica que a palavra seguinte foi substituída por outra em alguns mss., e o aparato crítico mostra que em lugar de *ἑτέρῳ*, no versículo 30, aparece o termo *δευτέρῳ* nos unciais ℵ[2] (a segunda correção do Sinaítico), B, C[2] (também a segunda correção do Efraimita), L e Z; nos minúsculos *f*[1], 28, 33, 700, 892, 1424 e muitos outros (o que é indicado pela abreviatura *pm*, do latim *permulti*); bem como nas tradições médio-egípcia e boaírica. A presença de † novamente indica que essa também é a leitura da 25.ª edição. No versículo 32, *οὐδέ* é substituído por *οὐ* em ℵ, C, L, W e no Texto Majoritário (indicado pelo sinal 𝔐), uma referencia à família bizantina de mss., onde se lê *ὑμεῖς δὲ ἰδόντες οὐ μετεμελήθητε*. O sinal de subtração que segue a barra vertical seccionada indica que a negativa

é omitida pelo uncial D; pelos códices c (com ligeiras adaptações textuais), e e *ff*[1]* (no texto original, pois há uma correção que adiciona a negativa) da Antiga Latina; e pela Siríaca Sinaítica, onde se lê *ὑμεῖς δὲ ἰδόντες μετεμελήθητε*. A variante com *οὐδέ*, que é a forma adotada no texto (indicada no aparato pela abreviatura *txt*) aparece nos seguintes testemunhos: B, Θ, 0138, *f*[1], *f*[13], 33, 700, 892 e outros mss. (indicados pela abreviatura *al*, do latim *alii*); toda a tradição latina (isto é, a Antiga Latina e a Vulgata, logicamente à exceção dos códices c, e e ff[1], citados em apoio à variante anterior); e as versões siríacas Curetoniana, Peshita e Heracleana.

O sinal ᵀ, para inserções, aparece no versículo 28, logo na primeira linha, e no versículo 31, na sétima linha do parágrafo:

v. 28 *ἄνθρωπος* ᵀ *εἶχεν*

v. 31 *λέγουσιν* ᵀ

Qualquer pessoa que esteja familiarizada com os hábitos escribais saberia dizer quais adições ocorrem nessas frases, mesmo sem olhar o aparato crítico: *τίς*, no versículo 28, e *αὐτῷ*, no 31. Ambas as inserções são exemplos típicos de expansões escribais no texto do NT. No versículo 28, *τίς* é adicionado pelos unciais C, Δ e Θ; pelos minúsculos *f*[1], *f*[13], 33, 892[c] (isto é, uma correção posterior é que adiciona o pronome), 1241, 1424 e muitos outros; pela Antiga Latina e pela Vulgata Clementina; e por toda a tradição siríaca. No versículo 31, *αὐτῷ* é inserido depois de *λέγουσιν* nos unciais C, W e 0138; nos minúsculos *f*[1] e nos mss. do Texto Majoritário; em quase toda a Antiga Latina e na Vulgata Clementina; em todas as versões siríacas; nas tradições saídica e médio-egípcia e em apenas um ms. da boaírica.

Os sinais ᵒ ˋ, que indicam longa omissão, não são encontrados na passagem em questão. No mesmo capítulo, porém, há todo um versículo assim assinalado, o 44. Conferindo no aparato, verificamos que ele é omitido pelos códices D, 33 e por vários antigo-latinos, pela Siríaca Sinaítica e por Eusébio.

Os sinais ʻ ʼ, que delimitam duas ou mais palavras substituídas

por outras em parte dos mss., aparecem no versículo 28, na terceira linha, bem como no 31, na sétima linha do parágrafo:

v. 28 ⸀τῷ ἀμπελῶνι# ⸁

v. 31 ⸀ὁ πρῶτος ⸁

No aparato, o sinal ⸀ é repetido (o segundo sinal, ⸁ , é totalmente desnecessário), seguido então da leitura divergente, que no versículo 28 é εἰς τὸν ἀμπελῶνα, e seus respectivos testemunhos: os mss. D e 1424. Quanto ao versículo 31, o aparato registra o seguinte: † ὁ ὕστερος (ἔσχατος Θ, *f*[13], 700, *pc*) B, Θ, *f*[13], 700, *al*, sa[mss], bo. Duas, portanto, são as expressões mencionadas: a leitura ὁ ὕστερος aparece em B e vários outros mss. gregos, bem como em alguns mss. saídicos e toda a tradição boaírica, ao passo que ὁ ἔσχατος aparece em Θ, *f*[13], 700 e mais uns poucos mss. Essa segunda leitura é mencionada entre parênteses porque representa apenas uma subvariante (um sinônimo) de ὁ ὕστερος, e conseqüentemente os testemunhos Θ, *f*[13] e 700 são repetidos em apoio à variante principal. O uso de *al* junto à primeira leitura, em contraste com o *pc* da segunda, explica essa formulação, ao indicar que há bem mais mss. minúsculos em apoio ao texto de B e seus associados que ao de Θ.

Os sinais ⸉ ⸊, que assinalam transposições no texto, aparecem no mesmo versículo 28 e também no 32, respectivamente na primeira e na décima linha do parágrafo:

v. 28 ⸉τέκνα δύο⸊

v. 32 ⸉Ἰωάννης πρὸς ὑμᾶς ⸊

No aparato, também apenas o primeiro sinal é repetido, seguido dos testemunhos: ⸉ B, 1424, *pc*, lat, nos quais a leitura é δύο τέκνα. O procedimento é semelhante no caso do versículo 32, em relação ao

qual o aparato também registra somente os testemunhos, sem mencionar como as três palavras são ali transpostas, o que é totalmente desnecessário já que nesse caso a transposição não poderia ser outra que não *πρὸς ὑμᾶς* Ἰωάννης. Quando a transposição envolve mais de uma ordem possível, a seqüência das palavras é indicada por números, como no v. 39 do mesmo capítulo, onde o texto registra ⸉ *αὐτὸν ἐξέβαλον ἔξω τοῦ ἀμπελῶνος καὶ ἀπέκτειναν*⸊. Como são sete palavras, o aparato trabalha apenas com os números correspondentes, da seguinte forma: ⸉*1 7 6 2-5* D, it; Lcf. ¦ *7 1 6 2-5* Θ. Isso significa que o Códice Beza, a Antiga Latina e o Pai da Igreja Lucífero trazem *αὐτὸν ἀπέκτειναν καὶ ἐξέβαλον ἔξω τοῦ ἀμπελῶνος*, enquanto o Códice Korideto apresenta *ἀπέκτειναν αὐτὸν καὶ ἐξέβαλον ἔξω τοῦ ἀμπελῶνος*.

O sistema de representar palavras por números também é usado em outras situações, quando apropriado. Em Mateus 21.11, por exemplo, o texto traz ⸀ *ὁ προφήτης* Ἰησοῦς⸁, e o aparato: ⸀*3 1 2* C, L, W, *f*[1], 𝔐, lat, sy, mae, bo[ms] ¦ *1 2 f*[13], 1241, *pc*, a, aur. Assim, enquanto os unciais C, L e W, os minúsculos *f*[1] e o Texto Majoritário, e as tradições latinas, síriacas, médio-egípcia e um ms. boaírico registram Ἰησοῦς *ὁ προφήτης*, os minúsculos *f*[13], 1241 e os demais testemunhos registram apenas *ὁ προφήτης*.

O último sinal cujo emprego ainda falta ser exemplificado é ⸋, que designa a transposição de uma palavra ou mais para outro lugar, indicado no aparato se antes (mediante a abreviatura *a.*, do latim *ante*) ou depois (*p.*, de *post*) de determinada frase ou passagem. Em Mateus 25.33, por exemplo, o texto traz *καὶ στήσει τὰ μὲν πρόβατα ἐκ δεξιῶν* ⸋*αὐτοῦ, τὰ δὲ ἐρίφια ἐξ εὐωνύμων*. O aparato, por sua vez, registra simplesmente: ⸋*p. ευων.* ℵ ¦ -A, *pc*. Assim, enquanto o Códice Sinaítico apresenta *τὰ δὲ ἐρίφια ἐξ εὐωνύμων αὐτοῦ*, o Alexandrino e mais uns poucos testemunhos omitem *αὐτοῦ*. E, como as transposições costumam ocorrer nos mss. com intervalos nem sempre pequenos, esse procedimento simplifica consideravelmente o aparato, sem que a clareza seja sacrificada.

Além desses sinais que dizem respeito à natureza das variantes, há vários outros, bem como inúmeras abreviaturas, que necessitam ser mencionados. Na estrutura do aparato crítico, o sinal ¦ é usado para separar diferentes leituras que apresentam um pequeno grau de

variação; o sinal | é usado para separar as diferentes variantes que ocorrem num mesmo versículo; e o sinal • é usado para separar os versículos no aparato de uma página. Importa destacar que a ordem dos testemunhos no aparato crítico é sempre a mesma: primeiro os mss. gregos, em seguida as versões latinas, siríacas e coptas e finalmente os outros testemunhos, sendo que os Pais da Igreja vêm separados por um ponto-e-vírgula. Entre os mss. gregos, a seqüência observada é a seguinte: papiros, unciais, minúsculos e lecionários, cada qual representado por sua designação usual, exceto os minúsculos, que, depois dos grupos f^1 e f^{13} e de uns poucos mss. citados de forma individual, aparecem citados em grupos.

O Texto Majoritário, representado pelo sinal 𝔐 , refere-se aos muitos mss. do texto bizantino,[34] os quais não poderiam ser individualmente citados por razões de espaço, exceto aqueles de maior importância, ou seja, os mss. que apresentam alguma significação particular em relação à história do texto. Nesse caso, sempre aparecem explicitados. Grupos menos importantes de testemunhos minúsculos sempre são citados resumidamente, de acordo com sua quantidade, mediante as seguintes abreviaturas: *pc*, do latim *pauci*, equivalente a “poucos”; *al*, de *alii*, de “outros”; *pm*, de *permulti*, de “muitos”; *cet*, de *ceteri*, de “alguns outros”; e *rell*, de *reliqui*, de “o resto”. As quantidades representadas por esses termos, que visam a fornecer uma idéia geral da extensão do apoio a favor de uma variante, são óbvias, observando-se sempre que *al* e *cet* não são termos de precisão numérica: *al* situa-se mais ou menos entre *pc* e *pm*, porém mais próximo de *pc* que de *pm*; *cet*, por sua vez, nunca indica “muitos”; e *pm* refere-se a um grande número de mss. dos que constituem o Texto Majoritário.

Esses são os mais importantes princípios, regras e sinais empregados no Nestle-Aland. Mas há também todo um conjunto de sinais adicionais que às vezes são usados para modificar ou expandir sua aplicação. Eles são distintamente secundários e devem ser aprendidos somente depois de os sinais acima ficarem bem

34 Para maiores informações sobre o emprego do sinal 𝔐 , veja o Nestle-Aland, p. 47* e 53*.

conhecidos. No caso dos unciais, por exemplo, e raramente em relação a outros mss., alguns sinais são usados para indicar o escriba de um ms: * para a primeira mão, isto é, o escriba original, e ^{1}, ^{2} e ^{3} respectivamente para a mão do primeiro, segundo e terceiro corretores de um ms., quando tais distinções são possíveis; caso contrário, usa-se apenas um ^{c} para indicar o texto do corretor.

Também relativamente comum é um ms. apresentar alguma leitura marginal, ou seja, uma leitura adicionada ao lado da coluna de texto. Se entendida como leitura alternativa, recebe a designação *v. l.*, de *varia lectio* ("leitura variante"); se a intenção for duvidosa, a variante é descrita simplesmente mediante um ^{mg} ("na margem"). Correções separadas por séculos são facilmente reconhecíveis, o mesmo não acontecendo com aquelas próximas do original, e muitas delas podem até ser contemporâneas ao texto da primeira mão,[35] de maneira que, quando um ms. for assinalado por um ^{s} ("suplemento"), isso significa que a variante em apreço deriva de uma adição posterior e, portanto, não deveria de forma alguma ser associada à autoridade original do ms.

As palavras simples freqüentemente são abreviadas no aparato para economizar espaço, mas uma rápida olhada no texto acima já permite saber a palavra em questão. Em Mateus 1.10, por exemplo, o aparato consigna M-σσην e M-σση, indicando que os mss. citados trazem respectivamente as formas Μανασσῆν e Μανασσῆ. Já em Mateus 2.23, no aparato se lê apenas -ρεθ, obviamente significando que a forma Ναζαρέτ no texto é soletrada de maneira diferente em C, K e assim por diante. Variantes maiores podem ter diversas palavras representadas apenas por suas iniciais, sem qualquer prejuízo para a identificação do texto. Quando uma variante no aparato tem reticências (...) entre as palavras, isso significa que a porção intermediária não mostra nenhuma variação em relação à forma adotada no texto.

No caso de a variante apresentar muitas subvariantes, isto é, diferenças menores dentro da mesma variante, a indicação é feita mediante o uso de parênteses e os sinais $^+$ (para inserções) e $^-$ (para omissões), como no exemplo que se segue. Em Mateus 5.44, o

[35] Um ms. preparado em um *scriptorium* costumava ser examinado logo em seguida para a verificação de sua exatidão textual.

aparato registra:

ʼ *p)* ευλογειτε τους καταρωμενους υμας (υμιν D* *pc*; - ε. τ. κ. υ. 1230. 1242* *pc* lat), καλως ποιειτε τοις μισουσιν υμας (- κ. π. τ. μ. υ. 1071 *pc*; Cl Eus) και (-W) προσευχεσθε υπερ των επηρεαζοντων υμας (-D *pc*) και D L W Θ f[13] 𝔐 lat sy[(p).h]; Cl Eus ¦ *txt* ℵ B *f*[1] *pc* k sy[s.c] sa bo[pt]; Cyp.

Em primeiro lugar, não há dúvida de que o texto *καὶ προσεύχεσθε ὑπὲρ τῶν*, adotado pelos mss. ℵ, B, além de outros, bem como Cipriano, é superior à variante encontrada nos códices D, L, W, e também em Eusébio. O *p)*, logo no início, indica que a variante seguinte deriva de uma tradição paralela, ou seja, dos esforços de enriquecer o texto de Mateus e fazê-lo combinar com uma passagem análoga em outro evangelho, que no caso é Lucas 6.28. Essa conclusão é bastante segura à luz da brevidade de Mateus 5.44. A variante, porém, apresenta algumas diferenças secundárias, conforme indicado pelo uso dos parênteses: *ὑμᾶς* é substituído por *ὑμῖν* em D*; os mss. 1230, 1242* e alguns outros, além da maior parte dos mss. latinos, omitem (note-se o sinal -) *ε. τ. κ. υ.*[36] As abreviaturas correspondem às palavras imediatamente anteriores: *εὐλογεῖτε τοὺς καταρωμένους ὑμᾶς*, assim como - *κ. π. τ. μ. υ.* nos parênteses seguintes indicam a omissão das palavras precedentes *καλῶς ποιεῖτε τοῖς μισοῦσιν ὑμᾶς* pelo minúsculo 1071 e os demais testemunhos. Depois do *καί* vem (-W), o que significa que o Códice Washingtoniano omite *καί*, do mesmo modo como os mss. D e alguns outros omitem *ὑμᾶς*. Esse arranjo das evidências pode parecer confuso à primeira vista, mas a confusão aqui é mínima em comparação à complexidade do trabalho direto com toda uma variedade de diferentes leituras se elas forem relacionadas uma a uma e em detalhes, o que também ocuparia muito mais espaço.

O aparato procura evitar qualquer nota explicativa adicional, mas isso nem sempre é possível. Quando tais notas são necessárias, o latim

[36] Quando os testemunhos entre parênteses estiverem separados por vírgula, significa que exibem diferenças ainda menores entre si.

é empregado como solução neutra, mas as abreviaturas escolhidas podem ser prontamente entendidas nas línguas modernas. Quando o significado de alguma delas apresentar dificuldade, a dúvida poderá ser eliminada mediante a consulta do Apêndice IV (p. 778-79), onde todas as abreviaturas aparecem em ordem alfabética e devidamente explicadas. As mais comuns são *add.* e *om.*, do latim *addit(unt)* e *omittit(unt),* que significam respectivamente "adiciona(m)" e "omite(m)". Essas abreviaturas são usadas quando os sinais $^{+}$ e $^{-}$ não são funcionais. Também são importantes *a.*, de *ante* ("antes") e *p.*, de *post* ("depois"), que normalmente aparecem com *pon.*, de *ponit(unt)*, que pode ser entendido como "colocado(s)", para descrever a transposição de uma palavra ou versículo (marcado por ⸉ no texto) de forma tão sucinta e precisa quanto possível. Outra importante abreviatura é ^{vid}, de *ut videtur* ("aparentemente"). Especialmente nos papiros, nem sempre é possível determinar com absoluta certeza a leitura de uma passagem em particular. Quando isso ocorre, um ^{vid} é empregado no aparato, indicando apenas uma certeza qualificada. No caso de dúvida, o sinal *?* é empregado junto aos testemunhos gregos, quando estes não podem ser checados por filme, ou junto às versões, quando não pode ser determinado se seu testemunho é evidente. Quando uma leitura parece não fazer sentido, um ponto de exclamação entre parênteses é empregado *(!)*, o que equivale à conhecida expressão *sic* ("assim").

Uma nota é por vezes adicionada para explicar a origem de uma variante, como nos seguintes exemplos: *ex err*, de *ex errore* ("por erro"); *ex itac*, de *ex itacismo* (explicado como um "iotacismo"); *ex lect*, de *ex lectionariis* (derivado do costume dos lecionários de adaptar o texto no início ou no final da lição para tornar claro o contexto); *ex lat?*, de *ex versione latina* (possivelmente derivado do latim). A inserção de *h. t.*, de *homoeoteleuton*, indica que a leitura originou-se de um descuido escribal, quando os olhos do escriba saltaram de uma palavra, frase ou parágrafo para outro, devido a términos semelhantes numa seqüência, provocando a omissão das palavras intermediárias.

Os colchetes [ ] no aparato servem para encerrar alguma informação derivada não de mss. gregos ou das demais evidências textuais, mas de outros editores ou comentaristas (*comm*, de *commentatores recentiores*) modernos, seja em relação às suas

conjecturas textuais (*e.g.*, o aparato de Mateus 5.6 mostra que Julius Wellhausen propõe a omissão de todo o versículo), ou simples variações na pontuação (veja Mt 2.4), que são assinaladas no texto mediante :, :' e assim por diante. O aparato também mostra onde o texto difere da edição anterior, a 25.ª, pelo uso do sinal †, que indica as leituras, agora no aparato, anteriormente mantidas no texto.

Quanto aos apêndices, relativamente pouco necessita ser dito sobre eles. O Apêndice I (p. 684-716) traz a relação e a descrição dos mss. gregos e latinos citados no aparato. Apenas um esclarecimento quanto aos sinais *, (*) e [*] ali empregados junto à designação dos mss.: o primeiro assinala os testemunhos que sempre são citados explicitamente; o segundo, aqueles que são citados explicitamente apenas quando diferem de 𝔐; e o terceiro, aqueles que são citados com relativa freqüência em apoio somente de determinados trechos do texto, o que é especificado na descrição do respectivo conteúdo.

O Apêndice II (p. 717-38) traz um levantamento das leituras diferentes em relação às seguintes edições: de Tischendorf (T), de Westcott e Hort (H), de von Soden (S), de Vogels (V), de Merk (M), de Bover (B) e a 25.ª de Nestle-Aland (N). Esse estudo comparativo é de grande valor, uma vez que oferece um quadro de todas as diferenças textuais nas principais edições dos últimos cem anos.

Finalmente, o Apêndice III (p. 739-75) provê a mais completa lista de citações e alusões do AT já publicada numa edição do NT. Todas as referências que aparecem à margem do texto são ali agrupadas na ordem dos livros veterotestamentários. As referências do NT em itálico são citações diretas, e as que aparecem em tipo normal são alusões; as divisões em capítulos e versículos sempre seguem o uso da *Biblia Hebraica*.[37] As citações da LXX[38] também seguem o uso hebraico, de maneira que, quando o sinal 𝔊 e as abreviaturas Aqu, Theod e Symm (respectivamente de "Áquila", "Teodócio" e "Símaco") são encontrados ao lado de alguma referência marginal, as tabelas comparativas dadas no início, mostrando as diferenças nos capítulos e versículos entre os vários livros do AT, poderiam ser consultadas. Essas tabelas, que indicam em detalhes todas as diferenças numéricas

[37] Editada por R. Kittel, 1973 (16.ª ed.).
[38] Edição de A. Rahlfs, 1935.

entre os textos hebraico e grego, são de grande proveito mesmo para os especialistas, pois, como se sabe, as diferenças numéricas de capítulos e versículos entre o texto hebraico (e todas as versões nele baseadas) e o texto grego da LXX (bem como do texto latino e das versões que dele se originaram) apontam na verdade para diferenças bem mais profundas envolvendo a tradição textual. O apêndice também apresenta, no final, uma relação das alusões e citações de escritores gregos não-cristãos encontradas no NT, bem como citações de fontes desconhecidas, designadas pelo termo latino *unde?*, que significa "de onde?". O Apêndice IV, que traz as legendas dos sinais e abreviaturas empregados, já foi comentado alguns parágrafos atrás.

"The Greek New Testament"

A estrutura do aparato crítico dessa edição difere totalmente do Nestle-Aland, a começar pelos objetivos: o *The Greek New Testament* procura satisfazer as necessidades dos tradutores, enquanto o Nestle-Aland é para professores, expositores e outros especialistas em NT. Essa distinção, todavia, não precisa ser dogmatizada. O primeiro pode muito bem ser usado por estudiosos que se contentam em trabalhar com um texto crítico sem tomar interesse nos detalhes de sua transmissão e história textual como aparece no segundo. Uma coisa é certa, o *The Greek New Testament* é uma edição bem mais interessante para aqueles que acham o sistema do Nestle-Aland um tanto complicado. Uma vez que o texto de ambas as edições é exatamente o mesmo, a decisão quanto ao uso depende inteiramente dos interesses de cada leitor.

A preocupação do *The Greek New Testament* com os tradutores fica evidente já a partir da própria disposição do texto, que aparece dividido em tópicos, cada qual com seu respectivo título (em inglês); nos evangelhos, os títulos ainda vêm seguidos das referências paralelas. O texto grego do Nestle-Aland é contínuo, e as referências paralelas são sempre indicadas na margem externa, mediante tipos um pouco maiores que os usados para as referências do AT. O sistema do aparato crítico do *The Greek New Testament* também facilita o trabalho do tradutor: as palavras ou frases no texto que apresentam

leituras divergentes são assinaladas com um número elevado, o qual é repetido no aparato na forma de uma nota de rodapé, vindo a seguir as referências críticas.

Em primeiro lugar, aparece o grau de certeza, na opinião dos editores, da leitura adotada no texto, cuja representação é feita mediante as letras maiúsculas A, B, C e D dentro de chaves { }. Então é repetida a leitura que está no texto, seguida de seus testemunhos, que sempre aparecem na seguinte ordem: mss. gregos (papiros, unciais, minúsculos e lecionários), versões (começando pelas latinas e vindo a seguir as siríacas, as coptas e as demais) e, por fim, os Pais da Igreja. Duas barras inclinadas // são então usadas para introduzir a primeira leitura divergente e suas respectivas evidências textuais, o mesmo acontecendo com as demais, se houver. Por sinal, o número de variantes discutidas é sensivelmente menor que no Nestle-Aland, pois só inclui as variantes que poderiam afetar a tradução.

O princípio dominante nessa edição é o da clareza, e isso tanto na organização do aparato como também na própria citação dos testemunhos. O nome dos Pais da Igreja, por exemplo, nunca é abreviado, como acontece no Nestle-Aland, e o Diatessaron sempre é citado seguido de uma letra elevada para indicar precisamente qual de suas várias tradições está sendo citada (isso no caso de haver diferença entre elas): o [a] refere-se à tradição arábica; [p], à persa; [f] (de "Fulda"), à latina; [s] (de "Stuttgart"), à velho-alemã; [t], à toscana; [v], à veneziana; [i], à italiana (quando [t] e [v] concordam); [l] (de "Liege"), à velho-holandesa; [e arm] e [e syr], respectivamente, às citações armênias e siríacas dos comentários de Efraim.[39] Há também as citações da Antiga Latina, onde o aparato faz questão de arrolar todos os principais mss. em apoio de cada uma das variantes, mesmo que haja apenas duas. A propósito, essa versão é designada como it (de "Ítala"), vindo a seguir, em letras elevadas, a identificação dos mss. As tradições siríacas e coptas também são identificadas mediante letras elevadas,

[39] ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 227, declaram que a utilidade de referências tão detalhadas é questionável (especialmente para tradutores), de maneira que a quarta edição do *The Greek New Testament* eliminará todas as tradições secundárias, à exceção de [e arm] e [e syr].

seguindo-se respectivamente às abreviaturas syr e cop.

Destaque deve ser dado à citação dos lecionários. Embora o número dos que são citados à partir de colações originais seja menor em relação àqueles já mencionados em edições anteriores,[40]o *The Greek New Testament* leva grande vantagem sobre as outras edições quanto ao número total de lecionários mencionados; mesmo o Nestle-Aland não cita mais que cinco desses mss. As seguintes referências são as mais usadas: *Lect*, que se refere à leitura da maioria dos lecionários no Sinaxário (o chamado "ano móvel", que começa com a Páscoa da Ressurreição) e no Menológio (o chamado "ano fixo", que começa em 1.º de setembro), quando os dois concordam; $Lect^{m}$, que se refere à leitura da maioria dos lecionários no Menológio, quando ocorre somente aí ou quando essa difere da leitura do Sinaxário; l^{1}, l^{2}, *etc.*, quando um lecionário específico está sendo citado, cuja leitura difere da maioria das formas nas passagens do Sinaxário; $l^{15\,m}$, $l^{10\,m}$, *etc.*, quando um lecionário individual em seu Menológio difere da maioria dos outros lecionários.

Também é importante mencionar as principais diferenças entre as abreviaturas usadas nas duas edições. O Nestle-Aland usa não somente vid (*videtur*), como faz o *The Greek New Testament* (embora em itálico), mas também v (*vide*). O uso de v.r. (de *variant reading*) no *The Greek New Testament* e *v.l.* (*varia lectio*) no Nestle-Aland para "leitura variante" reflete apenas o uso do inglês e do latim respectivamente como língua editorial e não requer nenhuma explicação. Da mesma forma, supp, no *The Greek New Testament*, e ^{s} ou suppl, no Nestle-Aland, são facilmente reconhecidos como abreviaturas de *supplement* (*um*) e indicam uma adição posterior a um ms., cuja autoridade não pode ser comparada à do texto original. Ambas as edições fazem uso idêntico das abreviaturas ^{txt} e ^{comm} junto ao nome de Pais da Igreja: ao citar comentários patrísticos, pode haver uma diferença considerável entre a leitura encontrada no texto que precede o comentário (no qual as passagens de conexão poderiam ter sido facilmente substituídas por um escriba posterior a partir de outro ms.) e a leitura do comentário propriamente dito, ao citar frases

[40] Veja ALAND *et. al.*, p. xxviii-xxxi.

do texto (onde as alterações escribais são menos prováveis, o que nos dá mais segurança de que o texto encontrado consiste no original do respectivo escritor). Isso é verdade, porém, somente no uso de txt e comm na citação da evidência patrística no aparato crítico (*e.g.*, Or^{txt} e Or^{comm}). No aparato crítico do Nestle-Aland, txt normalmente é impresso em tipo normal para introduzir os símbolos em relação aos testemunhos que apóiam o texto impresso acima, e comm (*e.g.*, com variantes de pontuação e conjecturas) para referir-se a comentaristas modernos. O ponto de interrogação é também usado com significados diferentes: no *The Greek New Testament*, indica incerteza quanto ao ms. ou versão em questão realmente apoiar ou não a leitura para a qual é citado, enquanto no Nestle-Aland significa simplesmente que o texto citado não pode ser checado junto à fonte original grega, ou que o texto subjacente na versão não pode ser determinado com absoluta precisão.

Além do aparato textual, o *The Greek New Testament* traz também um segundo aparato, em que aparecem as variantes de pontuação de aproximadamente 600 passagens, conforme encontradas em várias edições do NT grego, bem como nas principais versões modernas em língua inglesa, alemã e francesa (as classificações e abreviaturas são bastante simples e podem ser encontradas nas pp. de xliii a xlv).

O sistema de referência também segue o princípio da clareza e simplicidade, o que significa ser bem menos extenso que o do Nestle-Aland e, com suas referências repetitivas dos textos paralelos do NT, servir a uma finalidade totalmente diferente. Na terceira edição corrigida do *The Greek New Testament*, o índice das citações do AT (p. 887-900) está separado do índice das alusões e paralelos verbais (p. 901-11); o Nestle-Aland, como já visto, combina os dois.

Por fim, as duas edições concordam quanto ao uso no texto dos colchetes: enquanto os colchetes simples [ ] assinalam as palavras cuja autenticidade é bastante duvidosa, os colchetes duplos ⟦ ⟧ assinalam aquelas que decididamente não fazem parte do texto original, mas são de destacada importância, sanidade e antigüidade e, por isso mesmo, foram deixadas no texto, cuja redação pode muito bem remontar ao tempo dos apóstolos, como a conclusão do evangelho de Marcos (16.9-20), ou cuja autenticidade não deve ser questionada, como o episódio da mulher adúltera (Jo 7.53—8.11), embora tenha sido

incorporado ao texto bíblico somente em cópias posteriores.

Certamente, há vários outros símbolos e abreviaturas em ambas as edições que poderiam ser comentados, tanto pelo uso em si quanto pelos diferentes critérios em sua utilização, mas a clareza com que são empregados dispensa maiores explicações, especialmente em relação ao *The Greek New Testament* (se houver alguma dúvida quanto ao significado de determinado sinal empregado nessa edição, o leitor poderá consultar a relação geral dos símbolos e abreviaturas que se encontra nas pp. de xlvii a liii).

CAPÍTULO 6

ANÁLISE DE TEXTOS

Depois de conhecidos os princípios de restauração textual e a linguagem crítica das duas edições do NT grego mais difundidas na atualidade, faz-se necessário oferecer, a título de iniciação, alguns exemplos de análise textual, e, ao fazê-lo, o presente capítulo procurou focalizar alguns dos textos evangélicos mais conhecidos e que melhor tipificassem a natureza do problema em questão. Por razões de espaço, todavia, uma vez que a opção foi por um estudo mais desenvolvido, nem todos os tipos de erro puderam ser aqui exemplificados.

Em virtude de sua relativa simplicidade, o que consiste numa grande vantagem para o iniciante, decidiu-se pelo uso referencial do aparato crítico do *The Greek New Testament*,[1] embora ele não seja reproduzido minuciosamente.[2] A análise propriamente dita segue o procedimento convencional da crítica textual, ou seja, o de fazer, em primeiro lugar, o levantamento dos dados da *evidência externa*, seguido de uma conclusão experimental, e depois proceder da mesma

[1] O livro de Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, foi publicado em 1971 (2.ª ed., 1975) para servir de complemento à terceira edição do *The Greek New Testament*, com a principal finalidade de expor as razões, na forma de um comentário crítico-textual, pelas quais a comissão editorial optou por determinada leitura no texto, relegando as demais para o aparato crítico. Na presente análise, esse volume foi muito utilizado.

[2] A disposição gráfica das leituras variantes foi simplificada e, como regra, são mencionadas somente as evidências textuais mais importantes, de maneira que, se assim o desejar, o leitor poderá consultar o aparato do *The Greek New Testament* para ter uma visão mais completa dos testemunhos.

forma em relação à *evidência interna*, vindo por último a conclusão geral.[3] Quando necessário, o estudo poderá trazer ainda uma reconstituição histórica de como se originou determinada leitura variante, ou de como acabou sendo introduzida no Texto Recebido.

Mateus 6.13

De todos os textos bíblicos que apresentam problemas textuais, certamente o mais conhecido é Mateus 6.13, e isso porque, bem cedo na vida cristã, a diferença entre católicos e protestantes quanto à parte final da Oração do Senhor salta com surpresa aos olhos, sem que se saiba como explicá-la. Na tradição protestante, a oração termina com a doxologia "pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém", que está ausente na tradição católica. E parece que esta é a que está correta, tanto que as modernas edições evangélicas da Bíblia já estão omitindo essa leitura.[4] Em relação a esse texto, o aparato crítico mostra as seguintes variantes:[5]

(1) {A} *πονηρου̂.*
ℵ, B, D, 0170, f^{1}, l^{547}, $it^{a, aur, b}$, vg^{ww}, cop^{bo}, Tertuliano, Orígenes, Cipriano, Hilário.

(2) *πονηρου̂. ἀμήν.*
17, vg^{cl}, Cirilo de Jerusalém.

(3) *πονηρου̂, ὅτι σου̂ ἐστιν ἡ βασιλεία καὶ ἡ δύναμις καὶ ἡ δόξα εἰς τοὺς αἰῶνας. ἀμήν.*
K, L, W, Δ, Θ, Π, f^{13}, 28, 33, (157, 225, 418 *δόξα, του̂*

[3] Veja HALE, *Introdução ao estudo do Novo Testamento*, p. 50-1.

[4] Em inglês: The New International Version, The Revised Standard Version, The New English Bible, The Living Bible e Good News Bible; em português, as equivalentes às duas últimas: A Bíblia Viva e a Bíblia na Linguagem de Hoje.

[5] A variante 1 dessa e das demais análises sempre corresponde à forma adotada no texto.

πατρὸς καὶ τοῦ υἱοῦ καὶ τοῦ ἁγίου πνεύματος εἰς), 565, 700, (2148 *αἰῶνας τῶν αἰώνων. ἀμήν*), 2174, *Byz*, *Lect*, syr^{h,pal}, cop$^{bo\ mss}$, goth, arm, eth, geo, Diatessaron, Constituições Apostólicas, Crisóstomo.

(4) *πονηροῦ ὅτι σοῦ ἐστιν ἡ δύναμις εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων.*
it^{k}.

(5) *πονηροῦ ὅτι σοῦ ἐστιν ἡ δύναμις καὶ ἡ δόξα εἰς τοὺς αἰῶνας, ἀμήν.*
cop^{sa,fay}, (Didaquê omite *ἀμήν*).

(6) *πονηροῦ ὅτι σοῦ ἐστιν ἡ βασιλεία καί ἡ δόξα εἰς τοὺς αἰῶνας. ἀμήν.*
syr^{c}.

(7) *πονηροῦ ὅτι σοῦ ἐστιν ἡ βασιλεία, τοῦ πατρὸς καὶ τοῦ υἱοῦ καὶ τοῦ ἁγίου πνεύματος εἰς τοὺς αἰῶνας. ἀμήν.*
1253.

Como se pode ver, a doxologia ocorre de diversas maneiras. Nos mss. K, L, W, Δ, Θ, Π, *f*^{13} e vários outros, ela aparece em sua forma mais conhecida, ao passo que as tradições saídica e faiúmica, bem como o Didaquê, não trazem as palavras *ἡ βασιλεία καί*; à Siríaca Curetoniana faltam as palavras *ἡ δύναμις καί*; e no Códice Bobiense da Antiga Latina lemos apenas "pois teu é o poder, para sempre e sempre". Alguns mss. gregos expandem a forma "para sempre" em "para sempre e sempre" e quase todos adicionam o "amém". Alguns mss. posteriores (157, 225, 418) adicionam uma declaração trinitária: "pois teu é o reino, e o poder e a glória do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo para sempre. Amém." A mesma adição ocorre também no término do pai-nosso na liturgia tradicionalmente atribuída a João Crisóstomo.

Evidência externa. Ao analisarmos as variantes e seus respectivos testemunhos, verificamos que os melhores representantes dos textos

alexandrino (א e B), ocidental (D e a maioria dos antigo-latinos) e pré-cesareense (*f*[1]) omitem a doxologia em qualquer de suas formas, o mesmo acontecendo com os mais antigos comentários patrísticos sobre o pai-nosso, como os de Tertuliano, Orígenes e Cipriano. O primeiro Pai da Igreja a citá-la foi João Crisóstomo, no final do século IV, e o mais antigo ms. grego a registrá-la é o Códice Washingtoniano, do século V; sua ocorrência torna-se comum apenas em mss. bizantinos mais recentes.

As evidências documentais, portanto, sugerem que a doxologia do pai-nosso consiste num acréscimo posterior. O fato de constar no Diatessaron, de Taciano, e no Didaquê revela que sua origem é bastante antiga, podendo mesmo recuar ao final do século I, mas não encontrou caminho para o texto grego senão a partir do século V.

Evidência interna. Bittencourt chama a atenção para o fato de que o texto sem a doxologia é mais simples e está mais de acordo com a realidade religiosa de Jesus e sua simplicidade.[6] De fato, os Sinóticos não registram nenhuma expressão de louvor tão retórica quanto essa como tendo saído dos lábios de Cristo. Mas o argumento interno mais forte contra a autenticidade dessa leitura parece vir de Lucas 11.2-4, em que a mesma oração omite a doxologia, e é notório constatar que a tradição manuscrita nessa passagem exibe vários esforços por tentar harmonizá-la ao texto paralelo de Mateus, em praticamente os mesmos mss. que nele adicionam a doxologia.[7]

Por que razão os copistas, ao harmonizarem Mateus e Lucas, não acrescentaram ao segundo a doxologia que eles mesmos haviam acrescentado ao primeiro? A resposta parece ser a seguinte: sendo a Oração do Senhor na versão de Mateus a mais usada na liturgia cristã primitiva, como ainda hoje, por ser mais completa e fluente, os escribas optaram por acrescentar a doxologia somente ali, enquanto em Lucas introduziram apenas os elementos que faltavam para uma simples harmonização do conteúdo original. Em outras palavras, em Mateus o acréscimo foi por razões litúrgicas, ao passo que em Lucas,

6 *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*, p. 204.
7 Veja o aparato crítico de Lucas 11.2-4.

pela simples combinação de textos paralelos.

Que o pai-nosso na versão de Mateus era o preferido dos cristãos primitivos fica evidente por seu emprego no Didaquê. De acordo com Helmut Koester, o autor dessa obra pós-apostólica baseou-se inteiramente em Mateus ao redigir a oração[8] e fez questão de introduzi-la com as palavras "como o Senhor ordenou em seu evangelho".[9]

Conclusão. A crítica textual, portanto, com base nas evidências tanto externa quanto interna, conclui que o texto grego de Mateus 6.13 deve terminar com a palavra *πονηρου*, contrariando a herança do Texto Recebido. Os críticos são unânimes nesse parecer e estão tão seguros dele que para os editores do *The Greek New Testament* o grau de certeza do texto sem a doxologia em qualquer de suas formas é "A", ou seja, não há nenhuma dúvida a respeito.

Duas perguntas, porém, naturalmente nos vêm à mente: 1) como se originou essa doxologia? e 2) como fica seu uso hoje em dia? O mais provável é que ela tenha se originado quando algum líder eclesiástico primitivo achou que a Oração do Senhor precisava de um complemento litúrgico,[10] principalmente pela observação de que as mais importantes orações da liturgia judaica terminavam com uma doxologia formal. E. F. Scott não hesita em afirmar que essas palavras "foram acrescentadas pela Igreja conforme a prática recebida do judaísmo de encerrar todas as orações públicas com uma solene atribuição de glória a Deus".[11]

Que a doxologia tem uma base judaica não há a menor dúvida, pois a afirmação de que o reino pertence somente a Deus, a exaltação de seu poder e sua glória e a esperança futura eram temas comuns no judaísmo (veja 1 Cr 29.10-13; Sl 145.11); e nada há de estranho no fato de tais temas acabarem penetrando na liturgia cristã. Os primeiros cristãos eram todos devotos judeus; assim, nem seria preciso dizer

[8] *Ancient Christian gospels*, p. 16.

[9] Didaquê 8.2.

[10] Assim já dizia Eutímio, no século XII: uma "aclamação que foi acrescentada por luminares divinos e mestres da Igreja" (*Contra os Massalianos*, VII).

[11] *The Lord's prayer*, p. 25.

que, como os demais judeus, também recitavam orações judaicas em seus cultos públicos, como por exemplo alguma versão primitiva do Kadish que, depois do Shema, é reverenciado como a mais sagrada das orações judaicas. Para os cristãos, o Kadish deveria significar muito mais que mero ritual, em virtude de sua passagem messiânica. E é exatamente essa passagem, que se refere ao estabelecimento do reino de Deus, que pode ter sido parafraseada para formar a doxologia do pai-nosso.[12]

Assim, é bem provável que a doxologia tenha começado a tomar sua forma atual ainda nos tempos apostólicos. A passagem de Paulo em 2 Timóteo 4.18 é vista por alguns autores como uma possível indicação desse fato.[13] De qualquer modo, sua presença no Didaquê impede decididamente que sua origem seja postergada para o século II; o autor dessa obra incluiu-a porque certamente ela já estava em franco uso na Igreja de seus dias. Esse uso, porém, não necessita ser generalizado. Parece que se deu a princípio nas igrejas da Síria, o lugar onde provavelmente foi escrito o Didaquê, e essa conclusão é reforçada pelo aparecimento da doxologia também no Diatessaron e nas demais tradições siríacas. Daí teria sido incorporada em alguns mss. cesareenses, passando, a seguir, para os bizantinos, vindo então a popularizar-se no Texto Recebido, o que explica sua ocorrência em todas as antigas Bíblias evangélicas; esteve ausente das versões católicas por estas seguirem a tradição textual da Vulgata Latina.

Quanto ao seu uso hoje em dia, não há razão alguma para este ser interrompido. Mesmo não sendo parte original da oração ensinada por Cristo, a doxologia exibe tal sanidade, veracidade e beleza declarativas que sua recitação pode até ser recomendada, além do fato de que, para os que estamos acostumados a ouvi-la, ela como que completa a sonoridade do pai-nosso. Por outro lado, como salienta David Brown, o que o Senhor quis fazer talvez foi ensinar um "modelo de oração para ser concluída mais ou menos como as circunstâncias determinassem",[14] o que explicaria sua forma aparentemente

[12] Veja Nathan AUSUBEL, ed., *Conhecimento judaico*, v. 1, p. 372.

[13] BITTENCOURT, *op. cit.*, p. 203. Veja também R. C. H. LENSKI, *The interpretation of St. Matthew's Gospel*, p. 271-72.

[14] *The four gospels*, p. 42.

incompleta. Seja como for, usado de forma literal ou adaptado ao momento, o que vai mesmo fazer diferença no pai-nosso ou em qualquer outra oração é a fé com a qual o adorador aproxima-se de Deus (veja Hb 11.6).

Mateus 27.16, 17

Um dos personagens bíblicos que talvez menos inspire simpatia é Barrabás. Ele leva consigo o estigma de alguém que foi preferido pelo povo judeu a Cristo, e o fato de os evangelhos caracterizarem-no como salteador, sedicioso e homicida (Lc 23.19; Jo 18.40), provavelmente o líder de algum grupo revolucionário interessado em subverter o domínio romano na Judéia, agrava em muito a situação (veja At 3.14). Curiosamente, porém, há um grupo de mss. que parecem tornar o fato ainda mais dramático, ao trazer aquele que seria o nome completo de Barrabás: "Jesus Barrabás", e já existem algumas versões modernas que estão adotando essa leitura.[15] Na verdade, o que temos em Mateus 27.16 e 17 é um dos mais intrigantes casos de alteração escribal de todo o NT. De acordo com o aparato crítico, cada versículo possui as seguintes variantes:

v. 16

(1) {C} ᾽Ιησοῦν Βαραββᾶν.
Θ, f^{1}, 700*, $syr^{s,pal\ mss}$, arm, geo^{2}, Orígenes.

(2) Βαραββᾶν.
א, A, B, D, K, L, W, Δ, Π, 064, 0250, f^{13}, 33, 565, 700^{c}, 892, 1009, 1010, 1071, 1079, 1195, *Byz, Lect,* $it^{a,aur,b,c,d,f}$, vg, $syr^{p,h,pal\ ms}$, $cop^{sa,bo}$, goth, eth, geo^{1}, $Orígenes^{lat}$.

[15] Today's English Version e sua equivalente em português, a Bíblia na Linguagem de Hoje.

v. 17

(1) {C} Ἰησοῦν τὸν Βαραββᾶν.
(Θ, 700* omitem τόν), f^{1}, $syr^{s,pal}$, arm geo^{2}, $Orígenes^{pt}$.

(2) τὸν Βαραββᾶν.
B, 1010, $Orígenes^{pt}$.

(3) Βαραββᾶν.
ℵ, A, D, K, L, W, Δ, Π, 064, f^{13}, 565, 700^{c}, 892, 1009, 1071, 1079, 1195, *Byz*, *Lect*, $cop^{sa,bo}$, goth.

(4) Βαραββᾶν ou τὸν Βαραββᾶν.
$it^{a,aur,b,c,d,f}$, vg, $syr^{p,h}$, eth, geo^{1}.

Embora o aparato crítico do versículo 17 apresente quatro variantes, elas na verdade dividem-se em apenas duas formas principais, como no versículo 16: a que inclui o nome Ἰησοῦς e a que traz apenas Βαραββᾶς. A presença do artigo na variante 2 é de somenos importância, e a variante quatro aparece desmembrada unicamente em virtude da impossibilidade de saber se o texto grego por detrás das respectivas versões tinha ou não o artigo.

Evidência externa.[16] A leitura "Jesus Barrabás", apesar de não constar nos grandes unciais, parece remontar a uma data bastante antiga. Ela já era conhecida, por exemplo, no século III, o que é evidenciado por sua presença nos melhores representantes do texto cesareense, como os mss. Θ e 700 e as versões Armênia e Geórgica. Orígenes também a conhecia, embora preferisse a forma curta. Ele declara o seguinte: "Em muitas cópias não se diz que Barrabás também era chamado 'Jesus', e talvez a omissão esteja certa".[17] A

[16] A análise a seguir é baseada principalmente em VAGANAY, *An introduction to the textual criticism of the New Testament*, p. 193-97.
[17] *Comentário de Mateus*, sér. 121.

seguir, Orígenes mostra sua razão para desaprovar a forma "Jesus Barrabás"; não pode estar certa, subentende ele, porque "na gama inteira da Escritura não se acha nenhum pecador com o nome Jesus".[18] De Orígenes também pode ser o seguinte comentário:

> Em muitas cópias antigas que conheço, encontrei o próprio Barrabás chamado "Jesus"; assim, a pergunta de Pilatos teria sido como segue: *Τίνα θέλετε ἀπὸ τῶν δύο ἀπολύσω ὑμῖν, Ἰησοῦν τὸν Βαραββᾶν ἢ Ἰησοῦν τὸν λεγόμενον Χριστόν;* pois aparentemente o nome paterno do assaltante era "Barrabás", que pode ser entendido como "filho do mestre".[19]

Essa leitura também deve ter existido já no século II, pois Orígenes declara que a conhecia de "muitas cópias antigas". Além disso, ela aparece num grupo de mss. pré-cesareenses (*f*[1]), bem como na Siríaca Sinaítica, talvez a mais antiga versão do NT.

O texto "Barrabás", por sua vez, também remonta ao século II. Além de encontrar-se nos melhores unciais (א e B) e de Orígenes declarar que o conhecia de "muitas cópias", também é o texto das antigas versões latinas e coptas. Por isso, a evidência externa não conduz a uma conclusão definitiva, devendo ser lembrado que o número de mss. a favor de uma variante não é o mais importante.

Evidência interna. Para os que defendem o texto breve, "Barrabás", a forma "Jesus Barrabás" é explicada como uma alteração acidental e, às vezes, intencional.

No caso de ter havido uma alteração acidental, "Jesus Barrabás" teria surgido de uma ditografia. No versículo 17, a palavra precedente é *ὑμῖν*, que na antiga escrita uncial era grafado YMIN. Num tempo bem remoto, algum copista poderia ter repetido inadvertidamente o final da palavra, fazendo YMININ. Mais tarde, essas duas letras

[18] *Ibid.*

[19] Essa citação, que aparece à margem do uncial S, do século X, e de cerca de 20 mss. minúsculos, é atribuída ou a Anastácio, Bispo de Antioquia (talvez na parte final do século VI), ou a Crisóstomo. Também aparece em um ms. atribuído a Orígenes, que talvez tenha sido sua fonte final.

teriam recebido um traço em cima, formando $\overline{\mathrm{IN}}$, justamente a forma contrata de Ἰησοῦν. O erro teria sido facilitado em virtude de Βαραββᾶς consistir numa espécie de sobrenome.

Tal explanação, embora muito engenhosa, não é inteiramente satisfatória. O texto longo, "Jesus Barrabás", aparece também no versículo 16, onde não há nenhum IN antes de Βαραββᾶν; diante disso, supõe-se que um copista posterior teria interpolado Ἰησοῦν no versículo 16 por razões de uniformização. Não é nada fácil, todavia, explicar por que o mesmo não foi feito também nos versículos 20 e 26, onde Barrabás e Jesus novamente são mencionados em oposição. Também é muito difícil conceber a idéia de que um texto tão intrigante tenha nascido de um erro tão simples.

Em se tratando de uma alteração intencional, "Jesus" antes de "Barrabás" poderia ter derivado da tradição apócrifa, sendo registrado primeiramente na margem de algum ms., passando, a seguir, para o texto, o que era uma falta comum nos escribas. Infelizmente, porém, não se conhece um único livro apócrifo que possa ser citado a favor dessa teoria; não há qualquer evidência para concluir, como fez Jerônimo,[20] que a passagem se achava no evangelho dos hebreus.

Para os que preferem o texto mais longo, "Jesus Barrabás", a forma "Barrabás" também é explicada como uma alteração tanto acidental quanto intencional.

No caso de uma alteração acidental, a forma breve poderia ser resultado de uma haplografia: o copista, lendo YMIN $\overline{\mathrm{IN}}$ no versículo 17, por descuido teria escrito YMIN. Essa explicação, no entanto, também é difícil de ser aceita, porque o copista não deixaria de ver o traço sobre o IN final. Além disso, ela não explica o versículo 16, onde a omissão de "Jesus" não pode ser devida à haplografia.

Se, porém, uma alteração intencional ocorreu, a supressão de "Jesus" antes de "Barrabás" poderia muito bem ser atribuída à piedade do copista, o que, mesmo que pareça simples demais, consiste na melhor explicação e na mais óbvia de todas, a julgar pela postura do próprio Orígenes. Quando sugeriu que o "Jesus" do texto longo consistia numa adição feita por hereges, já que tal nome não poderia

[20] *Comentário de Mateus*, IV, 27.

pertencer a um pecador, ele não fez outra coisa senão expressar o mesmo sentimento de devoção e respeito. Convém notar, porém, que Orígenes não mantém essa hipótese e prefere encontrar no texto longo o que chamou de "mistério".[21] E, ao suprimir "Jesus" antes de "Barrabás", o copista também poderia estar realizando uma segunda obra, a de harmonizar Mateus e Marcos (15.7), o que consistia em grande tentação para qualquer escriba.

Tem-se muitas vezes sugerido que "Jesus Barrabás" nos versículos 16 e 17 não pode ser original, uma vez que está ausente nos versículos 20 e 26, onde também deveria ser encontrado. Mas, os dois casos são diferentes. Nos versículos 20 e 26, o grego de Mateus segue Marcos bem de perto (veja Mc 15.11, 15), enquanto nos versículos 16, 17 e nos seguintes, deixa-o, especialmente no 19, ao introduzir o relato único acerca da mulher de Pilatos. Portanto, nada há de extraordinário que em tal contexto Mateus colocasse um novo pormenor a respeito de Barrabás, e também não seria a primeira vez que ele estaria sendo mais preciso na menção de um nome próprio (veja Mt 9.9; 26.3, 57). Além disso, há que se destacar que a forma τὸν Βαραββᾶν nos mss. B e 1010 parece pressupor a presença de Ἰησοῦν em algum ms. anterior, e que a própria declaração de Pilatos parece indicar que se tratava de dois homônimos: o adendo "chamado Cristo" não teria muito sentido se os dois nomes fossem diferentes. Por fim, deve ser lembrado que se a tradição evangélica preserva o nome de Barrabás, enquanto perde de vista os nomes dos outros dois ladrões, é porque originariamente ele poderia oferecer um paralelo explícito ao nome de Jesus.[22]

Conclusão. Considerando-se tudo, portanto, o texto mais longo possui todas as características de haver sido parte do original, mas, porque os mais zelosos dentre os fiéis não o teriam apreciado, é muito provável que logo veio a ser corrigido. Permaneceu, todavia, em certos textos locais da Palestina e da Síria, e também na recensão cesareense, graças ao texto de Orígenes, mas, devido à relativa

[21] *Comentário de Mateus*, sér. 121.

[22] Os nomes "Dimas" e "Gestas" são atribuídos aos outros dois ladrões unicamente na tradição apócrifa, no chamado evangelho de Nicodemos (1.10).

escassez de apoio documental, os editores do *The Greek New Testament* acharam prudente manter Ἰησοῦν entre colchetes.

Marcos 16.9-20

Tão familiar nos meios protestantes e católicos, o fim tradicional do evangelho de Marcos (16.9-20), também conhecido como a "longa conclusão de Marcos", tem tido sua genuinidade amplamente questionada pelos críticos textuais desde que Tischendorf descobriu o Códice Sinaítico, nos meados do século passado, tanto que, dentre as modernas edições críticas do NT grego, somente Merk e Bover admitem-na no texto sem qualquer forma de qualificação. Todas as outras trazem a passagem entre colchetes simples ou duplos: no *The Greek New Testament*, aparece entre colchetes duplos, seguida de um curto parágrafo conhecido como a "pequena conclusão de Marcos", também entre colchetes duplos. O aparato apresenta o seguinte quadro:

(1) {A} Omitem os vv. 9-20.
ℵ, B, 304, syr^{s}, cop$^{sa\ ms}$, arm^{mss}, Clemente, Orígenes, Eusébio, Jerônimo.

(2) Adicionam os vv. 9-20 com asteriscos, óbelos ou notas críticas.
f^{1}, 22, 138, 205, 1110, 1210, 1221, 1582 e outros.

(3) Adicionam os vv. 9-20.
A, C, D, K, (W com uma longa adição depois do v. 14), X, Δ, Θ, Π, *f*^{13}, 28, 33, 274^{txt}, 565, 700, 892, 1009, 1010, 1071, *Byz*, *l*^{60,69,70,185}, it^{aur,c}, vg, syr^{c,p,h,pal}, cop^{sa,bo,fay}, goth, arm^{mss}, eth^{mss}, Diatessaron^{a,1,n}, Justino?, Ireneu, Tertuliano.

(4) Adiciona a pequena conclusão.
it^{k}.

(5) Adicionam a pequena conclusão e os vv. 9-20.
L, Ψ, 099, 0112, 274^{mg}, 579, l^{1602}, $syr^{h\ mg}$, $cop^{sa\ mss,bo\ mss}$, eth^{mss}.

O término de Marcos como o conhecemos é o que aparece na maior parte dos testemunhos, na verdade cerca de 99% deles; alguns mss. gregos trazem-no com certos sinais ou comentários críticos, o que era feito sempre que o escriba suspeitava de um texto; e o Códice Washingtoniano é o único a trazer o seguinte relato após o versículo 14:

> E eles se desculparam dizendo: Esta era de impiedade e incredulidade está sob o domínio de Satanás, que não permite que a verdade e o poder de Deus prevaleçam sobre as imundícias dos espíritos [ou "não permite que o que jaz sob os espíritos imundos entenda a verdade e o poder de Deus"]. Por isso, revela agora a tua justiça — assim disseram a Cristo. E Cristo replicou-lhes: O limite de tempo do poder de Satanás está cumprido, mas outras coisas terríveis se aproximam. Pelos que pecaram eu fui entregue à morte, para que retornem à verdade e não pequem mais, a fim de que possam herdar a glória espiritual e incorruptível da justiça que está no Céu.

Diversos testemunhos, incluindo-se os mss. gregos L, Ψ, 099 e 0112, bem como o antigo-latino Bobiense (it^{k}), a Siríaca Heracleana na margem, vários mss. saídicos e boaíricos e não poucos mss. etíopes, continuam após o versículo 8 com a chamada pequena conclusão: "Mas, relataram resumidamente a Pedro e aos que com ele estavam tudo quanto lhes tinha sido dito. E, depois disso, o próprio Jesus enviou por meio deles, do Oriente ao Ocidente, a sagrada e imperecível proclamação da salvação eterna".

Todos esses testemunhos, exceto o Códice Bobiense, também continuam com os versículo de 9 a 20. Por fim, os Códices Sinaítico e Vaticano, a Siríaca Sinaítica, um ms. saídico, cerca de cem mss. armênios e alguns Pais da Igreja concluem o evangelho de Marcos com o versículo 8.

Evidência externa. Iniciando pela variante 5, verificamos que seus testemunhos são isolados e de data bem posterior. Além disso, ela consiste apenas numa combinação das variantes 3 e 4, sendo, portanto, posterior a elas.

A variante 4, ou a "pequena conclusão de Marcos", embora se vincule muito melhor ao versículo 8 que a conclusão longa, também não pode ser reputada como parte integrante do texto original do evangelho. Sua evidência externa é por demais limitada, mesmo se considerarmos o apoio à variante 5, e sua evidência interna é igualmente contrária: contém alta porcentagem de palavras não usadas por Marcos (*συντόμως*, *ἐξαγγέλλω*, *ἀνατολή*, *ἄχρι*, *δύσις*, *ἐξαποστέλλω*, *ἱερός*, *ἄφθαρτος*, *κήρυγμα* e *σωτηρία*), e seu tom retórico também difere totalmente do estilo simples do evangelista.

Dentre os mss. que apóiam a "longa conclusão de Marcos", o Códice Washingtoniano é o único a trazer uma longa adição após o versículo 14, que já era conhecida em parte por Jerônimo,[23] mas que não tem a mínima probabilidade de ser original e pode ter sido inspirada em Atos 26.18. Além da pobreza documental, ela contém várias palavras e expressões que também não pertencem ao uso de Marcos (incluindo-se *ὁ αἰὼν οὗτος*, *ἁμαρτάνω*, *ἀπολογέω*, *ἀληθινός* e *ὑποστρέφω*), e outras que não ocorrem em nenhuma outra parte do NT (como *δεινός*, *ὅρος* e *προσλέγω*). A adição toda reveste-se de um inequívoco sabor apócrifo e provavelmente foi obra de algum escriba do século II ou III interessado em suavizar a severa condenação aos discípulos no versículo 14.

A longa conclusão propriamente dita, disposta no aparato crítico como variante 3, também apresenta sérios problemas de ordem documental. Quanto aos mss. gregos, os melhores e mais antigos unciais, como os Códices Sinaítico e Vaticano, omitem-na, e é digno de nota que em vários dos minúsculos onde ela aparece verifica-se a presença ou de notas escribais declarando que a passagem não constava nas cópias gregas mais antigas, ou então de asteriscos ou óbelos, que eram os sinais comumente usados pelos copistas para indicar uma adição espúria a um documento. A passagem também é

[23] *Diálogo contra os pelagianos*, II, 15.

omitida pela versão Siríaca Sinaítica, bem como por importantes Pais da Igreja, como Clemente de Roma, Clemente de Alexandria, Orígenes, Cipriano, Cirilo de Jerusalém, Atanásio e vários outros, que em nenhum momento sequer demonstraram conhecer sua existência; seus principais testemunhos patrísticos, no todo ou em parte, são Ireneu, Tertuliano e o Diatessaron — não há certeza de que Justino Mártir estivesse familiarizado com ela, pois ele menciona apenas cinco palavras que ocorrem no versículo 20 numa seqüência diferente (τοῦ λόγου τοῦ ἰσχυροῦ ὃν ἀπὸ ᾿Ιερουσαλὴμ οἱ ἀπόστολοι αὐτοῦ ἐξελθόντες πανταχοῦ ἐκήρυξαν,[24] — o que equivale a dizer que os Pais da Igreja mais antigos que não conheciam esses versículos são muito mais representativos que aqueles que os conheciam.

Eusébio de Cesaréia, no início do século IV, declara que a passagem estava ausente dos mss. mais "exatos", e que bem poucos eram aqueles que a continham.[25] Por isso, na forma original de seus famosos cânones, ele não fez nenhuma provisão de seções numeradas do texto de Marcos após 16.8. Nenhum dos mss. por ele mencionados, todavia, sobreviveu; o mais antigo conhecido a registrar o referido texto, o Códice Alexandrino, é do século V, e seu tipo de texto nos evangelhos não é outro senão o bizantino, o mesmo que se perpetuou na tradição protestante mediante o Texto Recebido. E foi justamente a partir do século V que o uso desses versículos começou a tornar-se mais freqüente, como demonstram os escritos de Afraates, Ambrósio, Crisóstomo, Epifânio, Dídimo e Marcos, o Eremita. Jerônimo, à semelhança de Eusébio, também declara que eram poucos os mss. gregos que continham essa passagem[26] e por isso nunca a usou em seus escritos, mas, por tê-la encontrado nos mss. latinos que revisou, acabou sendo o responsável por sua fixação na tradição católica, ao inseri-la na Vulgata.

Finalmente, deve-se observar que a evidência externa a favor da chamada pequena conclusão resume-se em testemunhos adicionais que apóiam a omissão dos versículos de 9 a 20, pois ninguém que tivesse à disposição, como conclusão do evangelho de Marcos, os versículos

[24] *Apologia*, I, 45.
[25] *Para Marino*, quest. I, 1.
[26] *Cartas*, CXX, 3.

de 9 a 20, tão ricos em material histórico, tê-los-ia substituído deliberadamente por quatro ou cinco linhas de um sumário generalizado e descolorido, daí dever a evidência documental em apoio à pequena conclusão ser adicionada à evidência em apoio à variante 1. A primeira conclusão a que se chega, portanto, com base na evidência externa, é que o término tradicional do evangelho de Marcos deve ser tido como secundário em relação ao término em 16.8, o mesmo acontecendo com a pequena conclusão, ou com a junção das duas.

Evidência interna. A "longa conclusão de Marcos" deve ser julgada como secundária também pela evidência interna, embora esse julgamento não signifique necessariamente opção pelo término em 16.8.

Logo de início, verifica-se que a conexão entre os versículos 8 e de 9 a 20 é tão desajeitada que é muito difícil crer que o evangelista tencionava fazer da seção uma continuação do evangelho, pelas seguintes razões: o sujeito do versículo 8 são as mulheres, ao passo que o do 9 é presumivelmente Jesus; no versículo 9, a identificação de Maria Madalena como aquela "da qual expelira sete demônios" é totalmente desnecessária, além de tardia, visto que ela acabara de ser mencionada poucas linhas antes (*cf.* 15.47 e 16.1); as demais mulheres, dos versículos de 1 a 8, são subitamente esquecidas a partir do 9; e o uso de *ἀναστὰς δέ* e a posição de *πρῶτον* são próprios no começo de uma narrativa compreensiva, mas não cabem numa continuação dos versículos de 1 a 8.[27] Além disso, existem nos versículos de 9 a 20 nítidas diferenças de estilo e vocabulário em relação às outras partes do livro, e mesmo em relação ao restante do NT. Palavras e expressões como *ἀπιστέω*, *βλάπτω*, *βεβαιόω*, *ἐπακολουθέω*, *θεάομαι*, *μετὰ ταῦτα*, *πορεύομαι*, *συνεργέω* e *ὕστερον* (algumas delas usadas várias vezes nesses versículos) são estranhas à dicção de Marcos, além de *πρώτη σαββάτου*, como designação do primeiro dia da semana (v. 9; *cf.* Mt 28.1; Mc 16.2; Lc 24.1; Jo 20.1, 19; At 20.7; 1 Co 16.2), *τοῖς μετ' αὐτοῦ γενομένοις*, como

[27] METZGER, *A textual commentary on the Greek New Testament*, p. 125.

designação dos discípulos (v. 10), a construção ἐθεάθη ὑπ' αὐτῆς (v. 11) e o substantivo θανάσιμον (v. 18), que ocorrem somente aqui em todo o NT. Em suma, todas essas evidências demonstram que essa seção dificilmente teria saído da pena de Marcos, sendo mais provável ter sido adicionada posteriormente, por alguém que achou abrupto demais ou então incompleto o término do evangelho em 16.8.

A variante 1, portanto, parece ser a mais antiga forma discernível em que o evangelho de Marcos terminava. Todavia, há alguma evidência interna no sentido de que nem esta representa a conclusão original tencionada pelo evangelista, pois não parece nem um pouco provável que ele fosse concluir o evangelho, ou as "boas novas de Jesus Cristo" (Mc 1.1), com o relato tão sombrio de as mulheres fugindo amedrontadas, embora haja quem pense assim.[28] Além disso, o versículo 8 termina com a conjunção γάρ, e esse tipo de construção, segundo Metzger, é "extremamente raro" — na farta literatura grega que chegou até nós, são muito poucos os exemplos de alguma frase que termine com γάρ, e não se conhece nenhum livro que seja concluído dessa forma.[29] Por fim, é ainda possível que ao usar o verbo ἐφοβοῦντο, no versículo 8, Marcos quisesse indicar que as mulheres "estavam com medo *de*", como ele faz em outras quatro ocorrências do mesmo verbo em seu evangelho (*cf.* 6.20; 11.18, 32; 12.12). Parece provável, portanto, que houvesse outras frases depois de ἐφοβοῦντο γάρ.

Como entender, então, o término abrupto e aparentemente incompleto de Marcos 16.8? Quatro possibilidades se abrem: 1) o evangelista tencionou encerrar seu evangelho nesse ponto; 2) o evangelista, por alguma razão, não pôde concluir seu evangelho; 3) a conclusão original do evangelho foi deliberadamente suprimida; ou, como parece mais provável, 4) a conclusão original foi perdida ou destruída acidentalmente, antes de o evangelho ser multiplicado por meio de cópias.

É evidente que as primeiras e especialmente as últimas páginas de um ms. estavam mais expostas a se estragarem, ainda mais se o códice, ou mesmo o rolo, fosse de papiro. E, por ter sido o primeiro

[28] Veja KÜMMEL, *Introdução ao Novo Testamento*, p. 120-21.
[29] *The text the New Testament*, p. 228.

evangelho a ser escrito, não nos admira o fato de o ms. original de Marcos ter sido usado ao ponto de algumas de suas páginas sofrerem sério desgaste, não podendo com isso ser reproduzidas nas cópias posteriores. Também tem sido sugerido que, ao serem publicados os evangelhos de Mateus e Lucas, com mais detalhes e em estilo superior ao de Marcos, este poderia ter sofrido um eclipse de popularidade por algum tempo, até que os três evangelhos fossem reunidos num único cânon; nas cópias que se seguiram, alguns escribas podem ter-se contentado em reproduzir apenas as páginas preservadas, enquanto outros optaram por acrescentar uma conclusão mais definida, com base nos outros evangelhos, que acabou fazendo parte da maioria das cópias futuras.

Tendo ou não sido realmente assim, não há dúvida de que os versículos de 9 a 20 foram acrescentados a Marcos 16 já no início do século II, provavelmente na Ásia Menor, sendo a seguir levados para Roma e Síria, onde foram incorporados respectivamente em mss. latinos e siríacos, e desses últimos para o Texto Recebido. Há um lecionário armênio datado do ano 989, mas pretendendo ser cópia de um ms. muito antigo, que, entre Marcos 16.8 e os versículos de 9 a 20, tem um espaço equivalente a duas linhas, nas quais aparece em tinta vermelha a inscrição *Ariston eritsou* ("do presbítero Ariston"), que alguns têm pensado tratar-se de Arístion, contemporâneo de Papias e do apóstolo João, no início do século II.[30] Bem poucos estudiosos, todavia, consideram essa nota historicamente digna de confiança.[31]

Conclusão. Apesar de em muitos pontos a questão ainda permanecer obscura, uma coisa é certa: nenhum dos términos representativos e conhecidos do evangelho de Marcos — nem mesmo a interrupção em 16.8 — representa de fato o original. Mas, uma vez que todos os evangelistas foram testemunhas oculares dos fatos que relataram, ou então tiveram acesso às melhores tradições evangélicas existentes no período apostólico, podemos supor com segurança que o verdadeiro final de Marcos não diferia grandemente daquele que

[30] Veja Theodor ZAHN, *Introduction to the New Testament*, v. 2, p. 473.

[31] Veja METZGER, *The text of the New Testament*, p. 227.

encontramos nos outros evangelhos, ainda mais se nos lembrarmos de que tanto Mateus quanto Lucas valeram-se justamente de Marcos como uma de suas principais fontes informativas. Os editores do *The Greek New Testament*, todavia, em virtude da evidente antigüidade da longa conclusão e de sua importância na tradição textual do Evangelho, decidiram incluir os versículos de 9 a 20 como parte do texto, embora dentro dos colchetes duplos, indicando assim que fazem parte dos escritos de outro autor, que não o próprio Marcos.

Lucas 2.14

A diferença na leitura de Lucas 2.14 entre as versões de Almeida Revista e Corrigida, "paz na terra, boa vontade para com os homens", e Revista e Atualizada, "paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem", não envolve apenas uma questão exegética, mas, acima de tudo, uma questão crítico-textual. As duas leituras apontam para duas variantes do texto grego, cuja diferença entre elas não passa de uma simples letra, um sigma, mas capaz de alterar completamente a função sintática de uma palavra: enquanto alguns testemunhos trazem o nominativo εὐδοκία, de onde a leitura tradicional da Revista e Corrigida, outros trazem o genitivo εὐδοκίας, que se reflete na Revista e Atualizada. Qual é a forma correta? As variantes e suas respectivas séries de testemunhos são as seguintes:

(1) {B} ἐν ἀνθρώποις εὐδοκίας.
ℵ*, A, B*, D, W, it^{d}, vg^{ww}, cop^{sa}, goth, Orígenes^{gr,lat}, Cirilo de Jerusalém.

(2) ἀνθρώποις εὐδοκίας.
372, it^{a,aur,b}, vg^{cl}, Ireneu^{gr,lat}, Agostinho.

(3) ἐν ἀνθρώποις εὐδοκία.
ℵ^{c}, B^{3}, K, L, P, Δ, Θ, Ξ, Ψ, 053, *f*^{1}, *f*^{13}, 28, 565, 700, 892, 1009, 1010, 1071, 1079, 1195, 1216, 1230, *Byz*, *Lect*^{m}, syr$^{h,(pal)}$, cop^{bo}, arm, eth, geo, Orígenes, Eusébio, Basílio,

Cirilo de Jerusalém, Gregório de Nazianzo, Dídimo, Epifânio, Crisóstomo.

(4) καὶ εὐδοκία ἀνθρώποις.
syr[s].

(5) καὶ ἐν ἀνθρώποις εὐδοκία.
syr[h (com asterisco)]

Embora sejam dadas cinco variantes, elas na verdade se resumem em apenas duas principais: a que traz o genitivo εὐδοκίας e a que consigna o nominativo εὐδοκία; todas as outras diferenças são secundárias e não alteram em praticamente nada a tradução. A leitura que se popularizou mediante o Texto Recebido, "paz na terra, boa vontade para com os homens", conta com um grande número de testemunhos, tanto em mss. gregos quanto em versões e Pais da Igreja. Já a leitura "paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem" conta principalmente com o apoio dos Códices Sinaítico e Vaticano, em sua leitura original, conforme indicam os asteriscos. O aparato crítico do *The Greek New Testament* traz ainda uma sexta variante: "paz na terra e boa esperança para os homens", cujos testemunhos são muitos restritos e não têm a mínima probabilidade de representar a forma original.

Evidência externa. Como se pode ver, os melhores mss. gregos dos textos alexandrino (א e B) e Ocidental (D e W) são acompanhados por importantes versões (a Copta Saídica e vários códices antigo-latinos) e evidências patrísticas (Orígenes e Cirilo de Jerusalém) no apoio a εὐδοκίας, o que prova que essa leitura era amplamente difundida tanto no Ocidente quanto no Alto Egito e na Palestina desde a primeira metade do século II. Por outro lado, a forma nominativa da palavra também era amplamente conhecida na Síria (as versões siríacas) nos arredores do Delta do Nilo, no Egito (a Copta Boaírica), e em Cesaréia (Θ e Eusébio), igualmente datando de uma época tão primitiva quanto a metade do século II.

Apesar de ambas as leituras serem bastante antigas, a evidência

externa, pela combinação dos mss. ℵ, B, W, D e da antiga tradição latina, parece favorecer sensivelmente o caso genitivo; as correções posteriores nos Códices Sinaíticos e Vaticano (ℵ^c e B^3) juntamente sugerem que o desenvolvimento do texto só poderia ter sido de *εὐδοκίας* para *εὐδοκία*, e não o contrário.

Evidência interna. As considerações internas confirmam o julgamento anterior, pois, no contexto, o caso genitivo é mais difícil de ser construído e por isso poderia mais facilmente ser alterado para o nominativo que o contrário. A alteração, portanto, pode ter tido um motivo exegético. O copista talvez não tenha entendido o significado da expressão *ἀνθρώποις εὐδοκίας*, cujo significado literal é de fato um tanto obscuro ("aos homens da boa vontade") e então a simplificou, mediante a simples eliminação do sigma, fazendo-a significar "boa vontade para com os homens". A alteração pode ter parecido ainda mais interessante pelo fato de que, com ela, o escriba também converteria o hino dos anjos de um dístico para um terceto, fazendo assim a correspondência entre *δόξα*, *εἰρήνη* e *εὐδοκία*. Pode ter havido também uma simples alteração involuntária, um descuido visual do copista: no final da linha, *εὐδοκίας* diferiria de *εὐδοκία* unicamente pela presença de um pequeno sigma lunar, a antiga forma do sigma uncial, não sendo nada difícil ele passar despercebido (ΕΥΔΟΚΙΑ^c), e o erro pode ter continuado, uma vez que não impedia a compreensão do texto, embora lhe mudasse o significado.

Mas, além de a variante mais difícil ser a mais provável de representar o texto original, deve-se observar também que o substantivo *εὐδοκία* nunca é usado no NT como referência a uma qualidade moral, quer divina, quer humana;[32] seu uso regular nas Escrituras é para designar a "boa vontade" salvífica de Deus, isto é, sua livre e graciosa determinação de salvar a humanidade pecadora[33] (veja Mt 11.26; Lc 10.21; Ef 1.5, 9; Fp 2.13; 2 Ts 1.11), o que desabona completamente a construção *ἀνθρώποις εὐδοκία* em Lucas 2.14.

[32] R. C. H. LENSKI, *The interpretation of St. Luke's Gospel*, p. 135.
[33] *Ibid.*

No coro angélico, portanto, encontramos apenas dois versos: *Δόξα ἐν ὑψίστοις θεῷ* e *καὶ ἐπὶ γῆς εἰρήνη ἐν ἀνθρώποις εὐδοκίας*, sendo que as três últimas palavras qualificam e explicam *ἐπὶ γῆς*. O sentido parece ser, não que a paz divina estava sendo dada somente aos homens que tinham boa vontade,[34] mas que, com o nascimento de Cristo, chegara enfim o momento de a paz de Deus se estender sobre toda a humanidade, porque ele, segundo sua vontade, a escolhera para a salvação desde os tempos eternos (*cf.* 1 Pe 1.19, 20). A expressão "homens da boa vontade [de Deus]", embora pareça estranha, é na verdade uma expressão idiomática hebraica e tem equivalentes em diversos hinos encontrados nos rolos do Mar Morto, como por exemplo: "os filhos da sua [de Deus] boa vontade"[35] e "os eleitos da sua [de Deus] boa vontade".[36]

Conclusão. O nominativo *εὐδοκία*, portanto, deve ser reputado como secundário. Tanto a evidência documental quanto as considerações técnicas, exegéticas e lingüísticas da evidência interna favorecem a leitura *ἀνθρώποις εὐδοκίας*, cujo significado é que, com o nascimento de Cristo, Deus estava finalmente colocando em operação seu plano de redenção, e por isso a paz do perdão já podia ser oferecida aos homens, sobre os quais repousa seu favor. O grau de certeza "B" no aparato crítico do *The Greek New Testament* não representa necessariamente alguma dúvida dos editores quanto a esse parecer; consiste apenas num reconhecimento da evidente antigüidade da leitura *εὐδοκία*.

[34] Lenski (p. 136) também salienta que *ἄνθρωποι* nunca aparece no texto bíblico, incluindo-se o AT, ligado a um genitivo qualificativo; a passagem de 2 Tessalonicenses 2.3 não é uma exceção, uma vez que nela o genitivo caracteriza um homem individual, em vez de vir no plural, como um termo genérico para descrever toda a humanidade.

[35] 1QH4.32, 33; 11.9.

[36] 1QH8.6.

João 5.3, 4

A cura do paralítico junto ao tanque de Betesda[37] consiste num dos mais conhecidos milagres de Cristo, e isso talvez em virtude dos estranhos elementos que cercam a narrativa, como a descida periódica de um anjo, o movimento das águas e a cura que vinha somente ao primeiro que entrasse no tanque. Ocorre que a parte final de João 5.3, "esperando que se movesse a água...", e todo o versículo 4 apresentam sérios problemas textuais, parecendo não fazer parte do texto original do evangelho. A versão de Almeida Revista e Atualizada inclui toda a expansão no versículo 4, assinalando-a com colchetes; e, como os testemunhos são praticamente idênticos, o mesmo procedimento será adotado na descrição das variantes a seguir:

(1) {A} Omitem o versículo 4.
$P^{66,75}$, ℵ, B, C*, D, W^{supp}, 0125, 0141, 33, $it^{d,f,l,q}$, vg^{ww}, syr^{c}, $cop^{sa,bo\ mss,ach\ 2}$, geo, Nono.

(2) Incluem o versículo 4.
A, C^{3}, K, L, X^{comm}, Δ, Θ, Ψ, 063, 078, f^{1}, f^{13}, 28, 565, 700, 892, 1009, 1010, 1071, 1195, 1216, 1230, 1241, *Byz*, *Lect*, $it^{a,aur,b,c,e}$, vg^{cl}, $syr^{p,pal}$, $cop^{bo\ mss}$, arm, $Diatessaron^{a,e\ arm,i,n}$, Tertuliano, Ambrósio, Dídimo, Crisóstomo, Cirilo.

(3) Incluem o versículo 4 com asteriscos ou óbelos.
S, Λ, Π, 047, 1079, 2174, syr^{h}.

[37] O nome do tanque também apresenta um problema crítico-textual, pois aparece de várias maneiras nos mss.: Βηθσαϊδά, Βηθζαθά, Βηζαθά, Βελζεθά e Βηθεσδά (veja o aparato crítico de João 5.2). A leitura adotada no *The Greek New Testament* é Βηθζαθά, mas há autores que preferem Βηθεσδά, principalmente após a publicação, em 1960, do Rolo de Cobre descoberto em Qumram (3Q15), onde o lugar é chamado de *Beth'eshdāthaim* (veja F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 113).

Os mss., portanto, dividem-se em basicamente duas leituras: de um lado, aqueles que omitem a expansão ou incluem-na com suspeitas de corrupção (indicada pelos asteriscos ou óbelos); de outro, aqueles que a incluem sem nenhuma restrição crítica (a variante 2), embora isso não signifique uniformidade textual. O aparato crítico revela que os testemunhos a favor do versículo 4 exibem diversas variações na forma como o texto foi preservado, o que sem dúvida ajuda no julgamento da questão.

Evidência externa. A análise dos testemunhos é bastante conclusiva. Por meio dela, verificamos que a expansão está ausente dos melhores e mais antigos mss. gregos, como os Códices Sinaítico e Vaticano e dois dos Papiros Bodmer (P^{66} e P^{75}), que estão entre as mais antigas cópias do evangelho de João; e também está ausente das versões Siríaca Curetoniana, Copta Saídica, alguns mss. da Antiga Latina e o verdadeiro texto da Vulgata de Jerônimo (vg^{ww}). Outro importante fator é que, em mais de 20 mss. gregos que contêm a leitura (incluindo-se S, Λ, Π, 047, 1079 e 2174), ela está assinalada como espúria, mediante o emprego de asteriscos ou óbelos. Por fim, os demais mss. que incluem o versículo 4 apresentam tanta variedade de formas em que o texto foi transmitido que sua integridade textual fica seriamente comprometida.

Assim, embora a leitura pareça remontar a uma época bastante antiga, como demonstram o Diatessaron e alguns mss. antigo-latinos e coptas, ela esteve completamente ausente da tradição manuscrita grega até o século V, o que é suficiente para que seja reputada como secundária.

Evidência interna. Mediante as considerações internas, a conclusão anterior ganha ainda muito mais força. Quanto ao vocabulário, verificamos que a expansão contém vários termos ou expressões estranhos à dicção joanina, como ἐκδέχομαι e κίνησις (final do v. 3), e κατὰ καιρόν, ἐμβαίνω (com o sentido de "entrar no tanque" ou "na água"), ταραχή, κατέχω e νόσημα (v. 4), sendo que κίνησις, ταραχή e νόσημα ocorrem somente aqui em todo o NT.

Com respeito à teologia, os problemas são ainda maiores, pois o versículo 4 sugere que o sistema de curas em Betesda era por demais

seletivo, além de descontínuo, o que parece não se harmonizar muito bem com o caráter de Deus e sua maneira de agir. Se aceitarmos a autenticidade dessa variante, então teremos de admitir que quanto mais egoísta, determinado e forte fosse um homem, mais provável era que chegasse primeiro à água, atropelando assim os mais fracos e fazendo com que muitos deles talvez até morressem à beira do tanque. Os mais necessitados eram justamente os menos prováveis de se beneficiar. Mas Deus não procede dessa forma. Seus dons são igualmente para todos os que estão em condições de recebê-los (*cf.* Mt 7.7, 8). Em determinados casos, ele nem estipula condições (*cf.* Mt 5.45). Os princípios implícitos nesse registro de "curas", portanto, parecem estranhamente diferentes dos princípios mediante os quais Jesus efetuava seus milagres.[38]

Além disso, seria muito mais difícil explicar como essa leitura foi omitida dos melhores mss. que explicar a forma em que ela foi introduzida no texto — por exemplo, como uma nota marginal destinada a explicar o versículo 7, atribuindo a agitação das águas à visita periódica de um anjo. Assim, a idéia de que o primeiro a descer, depois que as águas fossem agitadas, ficava curado não se apresenta aqui necessariamente como a crença do apóstolo João ou o ensino do evangelho, mas apenas como a opinião implícita do paralítico, o que podia muito bem representar uma crença popular.

Conclusão. Parece não restar dúvidas, portanto (e para os pesquisadores das Sociedades Bíblicas Unidas o grau de certeza é "A"), de que o texto em questão consiste num acréscimo posterior, que teria aparecido pela primeira vez na recensão ocidental (Antiga Latina, Diatessaron), passando a seguir para a cesareense (Θ, f^1) e vindo finalmente a popularizar-se nos mss. bizantinos, daí não podermos atribuir ao evangelista a informação sobre o "anjo": é provável que ela apenas reproduza uma crença popular derivada de algum fenômeno natural que provocasse certo movimento na água, e que essa água possivelmente apresentasse alguma propriedade terapêutica, o que pode ser concluído a partir do versículo 7.

[38] NICHOL, ed., *The Seventh-day Adventist Bible commentary*, v. 5, p. 948.

Essa conclusão resulta também das seguintes considerações históricas: as ruínas do antigo tanque de Betesda foram descobertas em 1888, junto às ruínas da Basílica de Santa Ana, na região nordeste da Cidade Velha, um pouco ao norte da antiga área do templo. As escavações revelaram que havia dois tanques adjacentes, um para o Norte e outro para o Sul, e que a área em forma de trapézio ocupada por eles era cercada por quatro séries de colunas cobertas, uma de cada lado, com uma quinta sobre o muro de rocha viva que separava os dois compartimentos do tanque (*cf.* Jo 5.2). Era na sombra dessas colunas que os enfermos de todos os tipos, descritos no versículo 3, abrigavam-se do vento e da chuva, aguardando a oportunidade de cura.

O tanque duplo fazia parte de um grande sistema de reservatórios supridos a partir de outros mais amplos, chamados Tanques de Salomão. Ainda podem ser vistos restos dos canais de pedra que levavam a água, perto de Betesda, e um afresco já bastante apagado que ali existe, representando um anjo por sobre a água, é a prova de que para os cristãos primitivos era esse mesmo o tanque mencionado por João.

Quanto ao movimento das águas, o versículo 7 dá a impressão de que, além da água comum, o tanque também recebia água de uma fonte intermitente, possivelmente uma fonte medicinal, a julgar de antigas referências que falam da água como tendo uma tonalidade avermelhada.[39] Eusébio, que diz que os tanques recolhiam a água da chuva, fala da cor "notavelmente vermelha" da água.[40] De igual modo, o anônimo peregrino de Bordéus, que visitou Jerusalém no ano 333, declara: "A água desses tanques é turva e sua cor é escarlate".[41] E, considerando que algumas das fontes de Jerusalém são intermitentes, isto é, a água sai em grande torrente por uns momentos e logo cessa, o tanque de Betesda poderia ser suprido por uma dessas fontes, que no caso seria de cor avermelhada e teria propriedades terapêuticas, e a pressão da água poderia facilmente agitar a calma do tanque.

[39] BRUCE, *op. cit.*, p. 114.

[40] *Onomástica*, V.

[41] *Itinerário de Bordéus a Jerusalém.*

Com a omissão do versículo 4, portanto, não há nenhuma razão para que o movimento da água seja atribuído a alguma causa sobrenatural. Além disso, como já salientado, a informação do versículo 7 de que o primeiro a descer, depois que as águas fossem agitadas, era curado deve ser vista apenas como a crença do paralítico, que também era partilhada por outros, e não necessariamente como uma verdade histórica. Dessa mesma crença, que certamente é anterior à era apostólica, pode ter surgido a tradição sobre o anjo, que mais tarde teria sido anotada à margem de algum ms., e daí incorporada ao texto em cópias posteriores. Tertuliano conhecia essa tradição e parecia acreditar ser ela verdadeira. Ele comentou: "Um anjo, com sua intervenção, agitava o tanque de Betsaida [*sic*]. Os que padeciam de alguma enfermidade esperavam-no, porque o primeiro que descesse às aguas, depois de lavar-se, seria curado".[42]

Assim, o relato pode ter tido alguma base real, mas apenas no que concerne a alguma espécie de fonte intermitente de efeitos medicinais, que, ao fluir, ocasionava certa agitação nas águas do tanque. Algumas curas ali eventualmente obtidas podem ter gerado entre o povo simples a lenda da intervenção sobrenatural, como se fora a atividade de um anjo, e a crença de que a cura se limitava apenas ao primeiro que se banhasse nas águas agitadas pode muito bem dever-se tanto à necessidade de explicar a descontinuidade das curas quanto à dificuldade óbvia de, na confusão, saber quem tinha sido o primeiro a descer.

Para concluir, vale ressaltar, como observa W. Hendriksen, que o milagre relatado por João não é atribuído a nenhuma virtude medicinal do tanque, nem ao ministério angélico, mas ao poder e amor de Jesus.[43] O Salvador teria escolhido o pior caso, e o curou pelo poder de sua palavra, talvez para demonstrar ao paralítico sua reprovação a toda aquela crença infundada (*cf.* 9.7; 2 Rs 5.10, 14).

[42] *O batismo*, V.

[43] *The gospel according to John*, v. 1, p. 191.

João 7.53—8.11

Certa vez, um pregador referiu-se ao episódio da mulher flagrada em adultério, registrado em João de 7.53 a 8.11, como palco do que chamou de "o maior milagre de Cristo: o milagre do perdão". Inspiradoras como são as palavras que o Mestre dirigiu à pecadora — "...Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? ninguém te condenou? [...] Nem eu te condeno; vai, e não peques mais" — a verdade é que todo o relato "encerra uma das mais notáveis variantes textuais de todo o NT",[44] especialmente pelo fato de que se trata de uma seção inteira, e não apenas um versículo ou parte de um versículo, como acontece na maioria das vezes. As evidências textuais a favor e contra a autenticidade do relato são as seguintes:

(1) {A} Incluem 7.53—8.11.
D, (F), G, H, K, M, U, Γ, 28, 700, 892, 1009, 1010, 1071, 1079, 1195, 1216, 1344, 1365, 1546, 1646, 2148, 2174, *Byz*, it^{aur,c,d,e}, vg, syr$^{h\ ms,pal}$, cop$^{bo\ mss}$, arm^{mss}, eth, Didascália, Ambrosiaster, Constituições Apostólicas, Ambrósio, Jerônimo, Agostinho.

(2) Incluem a passagem com asteriscos ou óbelos.
(E inclui 8.2-11 com asteriscos), S, (Λ, Π incluem 8.3-11 com asteriscos), 1077, 1443, 1445, (*l*^{185m} inclui 8.1-11, *l*^{69m,70m,211m} incluem 8.3-11 com asteriscos).

(3) Incluem a passagem depois de João 21.25.
f^{1}, arm.

[44] Champlin, *O Novo Testamento interpretado*, v. 2, p. 395. Robert JAMIESON, A. R. FAUSSET & David BROWN, em *A commentary critical, experimental and practical on the Old and New Testaments*, v. 5, p. 400, chegam a declarar que "toda essa seção é, de longe, a mais complicada questão de crítica textual dos evangelhos".

(4) Inclui a passagem depois de Lucas 21.38.
f^{13}.

(5) Inclui 8.3-11 depois de Lucas 24.53.
1333^{c}.

(6) Inclui a passagem depois de João 7.36.
225.

(7) Omitem 7.53—8.11.
P^{66,75}, ℵ, A^{vid}, B, C^{vid}, L, N, T, W, X, Y, Δ, Θ, Ψ, 0141, 0211, 22, 33, 157, 209, 565, 1230 , 1241, 1242, 1253, 1333*, 2193, 2768, *Lect*, it^{a,f,l*,q}, syr^{c,s,p}, cop$^{sa,bo\ mss,ach\ 2}$, goth, arm^{mss}, geo, Diatessaron^{a,f}, Clemente^{vid}, Tertuliano, Orígenes, Cipriano, Crisóstomo, Nono, Cirilo, Cosme, Teofilato.

Como pode ser visto, apesar de existirem sete variantes, os testemunhos estão divididos em apenas dois grupos: os que trazem e os que não trazem a passagem. É muito importante observar, porém, que no primeiro grupo há considerável diversidade quanto ao lugar original da passagem (variantes de 3 a 6), além de haver aqueles mss. em que o relato aparece assinalado como textualmente duvidoso pela presença dos asteriscos ou óbelos. Por fim, vale a pena também examinar o aparato crítico de cada versículo que compõe a narrativa, e verificar as muitas formas em que todo o texto foi transmitido.

Evidência externa. A evidência documental não deixa nenhuma dúvida quanto à origem não-joanina da passagem. Quanto aos mss. gregos, em primeiro lugar percebe-se que ela está ausente dos melhores e mais antigos mss. conhecidos, como os Códices Sinaítico e Vaticano; o primeiro a registrá-la é o Códice Beza, do final do século V ou início do VI. Os mss. A e C são defeituosos nesse ponto do evangelho, mas é muito provável que nenhum deles contivesse o relato, pois uma medição cuidadosa mostra que não sobraria espaço suficiente para incluí-lo nas folhas perdidas junto com o restante; L e Δ deixam algum espaço, mas igualmente insuficiente. O segundo fato

que precisa ser mencionado é o caráter tão diverso dos testemunhos que omitem a passagem: representantes de todas as famílias textuais, incluindo-se perto de 80 mss. minúsculos do tipo bizantino e cerca de uma centena de lecionários. Também muito sugestivo é o fato de a passagem aparecer assinalada com asteriscos ou óbelos em um bom número de mss., o que indica as suspeitas dos copistas quanto à sua autenticidade textual. Finalmente, deve ser lembrado que, nos mss. posteriores que contêm o relato, este aparece com um considerável número de variações, o que indica que várias tradições se desenvolveram em torno dele.

Quanto às versões, a situação permanece a mesma. No Oriente, a passagem está ausente da Antiga Siríaca (Sinaítica e Curetoniana) e dos melhores mss. peshitos, bem como das versões coptas Saídica e Acmímica e dos mais antigos mss. boaíricos. Também não aparece em alguns mss. armênios e na antiga versão Geórgica. No Ocidente, está ausente da Gótica e de diversos mss. antigo-latinos.

Quanto aos Pais da Igreja Grega, dos vários que comentaram o evangelho de João e cujas obras sobreviveram, a passagem só é citada pelo mais recente deles, Eutímio, que viveu na primeira parte do século XII. Mesmo assim, ele declara que as cópias mais exatas do evangelho não a continham.[45]

A primeira conclusão a que se chega, portanto, é que é "impossível assegurar que essa seção seja parte autêntica do evangelho" de João.[46]

Evidência interna. Essa conclusão experimental da evidência externa é totalmente corroborada pelas considerações internas, em termos de estilo e vocabulário.

Começando pelo vocabulário, a passagem traz alguns substantivos, como *ὄρθρος*, *μοιχεία*, *κύπτο*, *ἐπιμένω*, *ἀνακύπτω*, *καταλείπω* e *κατακρίνω*, que não ocorrem nenhuma outra vez nesse ou em qualquer outro livro do apóstolo. João também nunca menciona o monte das Oliveiras (8.1), nem mesmo em 18.1. Há ainda palavras, como *καταγράφω*, *ἀναμάρτητος* e *κατακύπτω*, que não ocorrem nenhuma

[45] *Comentário de João*, VII, 52.

[46] Leon MORRIS, *The gospel according to John*, p. 882.

outra vez em todo o NT.

Com relação ao estilo, não é difícil perceber que o relato todo tem muito mais afinidade literária com os sinóticos que com João, mas há também afinidades lingüísticas, como as seguintes: *ὄρθρου* (8.2), como em Lucas 24.1, quando o costume de João é usar *πρωΐ* (18.28; 20.1); *λαός* (8.2) é usado muitas vezes em Mateus e Lucas, ao passo que é muito raro em João, que prefere *ὄχλος*; *ἀπὸ τοῦ νῦν* (8.11) não é encontrado em João, mas é freqüente em Lucas (1.48; 5.10; *etc.*). Além dessas, existem ainda aquelas construções que simplesmente são um tanto estranhas à dicção joanina, como o uso freqüente de *δέ* em vez do *οὖν* de João, e *πορεύομαι εἰς* (7.53), sendo que o apóstolo prefere *πρός* (14.12, 28; 16.28; *etc.*, embora *εἰς* seja usado em 7.35).[47] Na verdade, todo o relato parece estranho ao texto de João, sendo muito pouco apropriado o lugar que ocupa, entre 7.52 e 8.12.

Conclusão. Com base nas evidências tanto externa quanto interna, portanto, parece não haver dúvida de que a perícope da adúltera não é de origem joanina. Os editores do *The Greek New Testament* descrevem essa evidência como “esmagadora”.[48]

Tem-se afirmado, às vezes, que o relato teria sido deliberadamente omitido do quarto evangelho, porque poderia ser entendido como uma espécie de indulgência para com o adultério.[49] E há uma declaração de Agostinho na qual ele afirma que certas pessoas haviam tirado de seus códices tal seção por temerem que as mulheres a usassem como desculpa para sua infidelidade.[50] Todavia, em que pese toda a austeridade ascética que de fato existiu entre os séculos II e IV, essa hipótese é enfraquecida pela completa ausência de qualquer excisão escribal de uma passagem tão extensa unicamente para salvaguardar a moralidade, e além disso ela não consegue explicar, por exemplo, porque os três versículos preliminares (7.53—8.2), tão importantes para situar no tempo e no espaço os discursos do capítulo oito, teriam

[47] Para maiores detalhes, veja Henry ALFORD, *The Greek Testament*, v. 1, p. 785-90.

[48] METZGER, *A textual commentary on the Greek New Testament*, p. 219.

[49] Veja John Peter LANGE, *Commentary on the Holy Scriptures*, v. 17, p. 270.

[50] *O adultério conjugal*, II, 7.

que precisa ser mencionado é o caráter tão diverso dos testemunhos que omitem a passagem: representantes de todas as famílias textuais, incluindo-se perto de 80 mss. minúsculos do tipo bizantino e cerca de uma centena de lecionários. Também muito sugestivo é o fato de a passagem aparecer assinalada com asteriscos ou óbelos em um bom número de mss., o que indica as suspeitas dos copistas quanto à sua autenticidade textual. Finalmente, deve ser lembrado que, nos mss. posteriores que contêm o relato, este aparece com um considerável número de variações, o que indica que várias tradições se desenvolveram em torno dele.

Quanto às versões, a situação permanece a mesma. No Oriente, a passagem está ausente da Antiga Siríaca (Sinaítica e Curetoniana) e dos melhores mss. peshitos, bem como das versões coptas Saídica e Acmímica e dos mais antigos mss. boaíricos. Também não aparece em alguns mss. armênios e na antiga versão Geórgica. No Ocidente, está ausente da Gótica e de diversos mss. antigo-latinos.

Quanto aos Pais da Igreja Grega, dos vários que comentaram o evangelho de João e cujas obras sobreviveram, a passagem só é citada pelo mais recente deles, Eutímio, que viveu na primeira parte do século XII. Mesmo assim, ele declara que as cópias mais exatas do evangelho não a continham.[45]

A primeira conclusão a que se chega, portanto, é que é "impossível assegurar que essa seção seja parte autêntica do evangelho" de João.[46]

Evidência interna. Essa conclusão experimental da evidência externa é totalmente corroborada pelas considerações internas, em termos de estilo e vocabulário.

Começando pelo vocabulário, a passagem traz alguns substantivos, como *ὄρθρος*, *μοιχεία*, *κύπτο*, *ἐπιμένω*, *ἀνακύπτω*, *καταλείπω* e *κατακρίνω*, que não ocorrem nenhuma outra vez nesse ou em qualquer outro livro do apóstolo. João também nunca menciona o monte das Oliveiras (8.1), nem mesmo em 18.1. Há ainda palavras, como *καταγράφω*, *ἀναμάρτητος* e *κατακύπτω*, que não ocorrem nenhuma

[45] *Comentário de João*, VII, 52.

[46] Leon MORRIS, *The gospel according to John*, p. 882.

outra vez em todo o NT.

Com relação ao estilo, não é difícil perceber que o relato todo tem muito mais afinidade literária com os sinóticos que com João, mas há também afinidades lingüísticas, como as seguintes: *ὄρθρου* (8.2), como em Lucas 24.1, quando o costume de João é usar *πρωΐ* (18.28; 20.1); *λαός* (8.2) é usado muitas vezes em Mateus e Lucas, ao passo que é muito raro em João, que prefere *ὄχλος*; *ἀπὸ τοῦ νῦν* (8.11) não é encontrado em João, mas é freqüente em Lucas (1.48; 5.10; *etc.*). Além dessas, existem ainda aquelas construções que simplesmente são um tanto estranhas à dicção joanina, como o uso freqüente de *δέ* em vez do *οὖν* de João, e *πορεύομαι εἰς* (7.53), sendo que o apóstolo prefere *πρός* (14.12, 28; 16.28; *etc.*, embora *εἰς* seja usado em 7.35).[47] Na verdade, todo o relato parece estranho ao texto de João, sendo muito pouco apropriado o lugar que ocupa, entre 7.52 e 8.12.

Conclusão. Com base nas evidências tanto externa quanto interna, portanto, parece não haver dúvida de que a perícope da adúltera não é de origem joanina. Os editores do *The Greek New Testament* descrevem essa evidência como “esmagadora”.[48]

Tem-se afirmado, às vezes, que o relato teria sido deliberadamente omitido do quarto evangelho, porque poderia ser entendido como uma espécie de indulgência para com o adultério.[49] E há uma declaração de Agostinho na qual ele afirma que certas pessoas haviam tirado de seus códices tal seção por temerem que as mulheres a usassem como desculpa para sua infidelidade.[50] Todavia, em que pese toda a austeridade ascética que de fato existiu entre os séculos II e IV, essa hipótese é enfraquecida pela completa ausência de qualquer excisão escribal de uma passagem tão extensa unicamente para salvaguardar a moralidade, e além disso ela não consegue explicar, por exemplo, porque os três versículos preliminares (7.53—8.2), tão importantes para situar no tempo e no espaço os discursos do capítulo oito, teriam

[47] Para maiores detalhes, veja Henry ALFORD, *The Greek Testament*, v. 1, p. 785-90.

[48] METZGER, *A textual commentary on the Greek New Testament*, p. 219.

[49] Veja John Peter LANGE, *Commentary on the Holy Scriptures*, v. 17, p. 270.

[50] *O adultério conjugal*, II, 7.

sido omitidos juntamente com os demais. Assim, reiterando o que já foi dito, parece não haver dúvida de que o relato da mulher adúltera não é obra de João.

A questão, porém, não termina por aqui, pois embora não possamos afirmar que a história faça parte do quarto evangelho, nós podemos "sentir" que ela é verdadeira e corresponde plenamente ao caráter de Jesus.[51] Com efeito, "o caráter inspirado e a autenticidade histórica" do relato deveriam ser colocados acima de qualquer suspeita,[52] opinião essa defendida por muitos autores tanto antigos quanto modernos, incluindo-se os pesquisadores das Sociedades Bíblicas Unidas,[53] o que explica o grau de certeza "A" colocado no aparato crítico.

Acredita-se, em geral, que esse relato consista num fragmento de material evangélico autêntico não incluído originariamente em nenhum dos quatro evangelhos, mas que, sendo preservado mediante alguma tradição escrita ou oral, acabou mais tarde sendo anotado à margem do evangelho de João, talvez para ilustrar a declaração de Jesus em 8.15 — "...eu a ninguém julgo" — e daí logo chegou a ser incluído no texto de muitas cópias. A maioria dos copistas evidentemente pensou que interromperia menos a narrativa se a passagem fosse inserida após 7.52, ao passo que outros a inseriram após 7.36 (ms. 225), 7.44 (vários mss. geórgicos)[54] ou 21.25 (f^1 e mss. armênios); e outros ainda o fizeram em Lucas, após 21.38 (f^{13}) ou 24.53 (ms. 1333), e isso pode ter acontecido em função do estilo, que obviamente é muito mais lucano que joanino.

Que se trata de uma narrativa bastante antiga não há a menor dúvida, embora tenha demorado para ser introduzida na tradição manuscrita grega. Na Didascália, obra de origem síria do início do século III, aparece uma referência específica à história da adúltera como um exemplo bem conhecido da bondade de Jesus. Como parte de um conjunto de regulamentos eclesiásticos para uso de uma comunidade étnico-cristã, essa referência certamente significa que a

[51] MORRIS, *op. cit.*, p. 883.
[52] Bruce VAWTER, *Comentário bíblico San Jerónimo*, p. 466.
[53] Veja METZGER, *A textual commentary on the Greek New Testament*, p. 220.
[54] *Ibid.*, p. 221.

história era bem popular na Síria do século II. De acordo com Eusébio, Papias também parece havê-la conhecido e explicado. Ele declara o seguinte: "O mesmo escritor [Papias] explicou outro relato acerca de uma mulher acusada ante o Senhor de muitos pecados, o que está contido no evangelho dos hebreus".[55] Se essa for realmente, como parece, uma referência à mulher adúltera, então a história remonta mesmo à era apostólica, visto que, segundo Ireneu,[56] Papias fora discípulo do apóstolo João.

Com respeito à demora em ser aceita pelos cristãos em geral, essa poderia muito bem ser atribuída à rígida disciplina eclesiástica para com o adultério, uma vez que a narrativa revela que Cristo perdoou muito facilmente à mulher; somente quando a disciplina adotou métodos menos intolerantes, após o século IV, foi que a Igreja teria estado disposta a aceitá-la.

Tendo ou não sido realmente assim, uma coisa é certa: as provas de que dispomos são muito fortes, mas apenas em contrariar o *registro* evangélico da narrativa, e não sua *origem* evangélica. A história, segundo Champlin, respira o hálito do Espírito de Cristo[57] e dispõe de todos os indícios de ser historicamente autêntica, daí que, em vez de ser tirada do texto bíblico, deveria mesmo ser mantida em seu lugar tradicional, mesmo que seja entre colchetes duplos, e não haveria o menor problema em continuarmos a usá-la como ilustração daquele que realmente foi, e ainda é, "o maior milagre de Cristo".

[55] *História eclesiástica*, III, 39.
[56] *Contra heresias*, V, 33.
[57] *Op. cit.*, v. 2, p. 395.

CONCLUSÃO

De tudo o que foi dito até aqui, de todos os conhecimentos e avanços que se acumularam desde que Ximenes e Erasmo prepararam as primeiras edições do NT grego e da difícil vitória nas controvérsias que envolveram o Texto Recebido, sobretudo no século XIX, uma coisa não deve ser esquecida: a crítica textual do NT ainda não pode reivindicar ter alcançado uma compreensão clara e pormenorizada da história do texto apostólico, principalmente no século I de sua existência.

Há alguns fatos dessa história que parecem indiscutíveis. Não há dúvida, por exemplo, de que as leituras distintivas do texto bizantino são geralmente secundárias. Por outro lado, as leituras proto-alexandrinas não podem ser definitivamente consideradas recensionais; pelo contrário, em muitos casos é grande a probabilidade de que representem a leitura corrente na primeira parte do século II. Além disso, os estudos sistemáticos do caráter das leituras tipicamente ocidentais e cesareenses em variantes ternárias parecem demonstrar que uma leitura ocidental é geralmente inferior à leitura alternativa e suspeita de emenda, enquanto uma leitura cesareense (que raramente oferece uma leitura alternativa genuína) com freqüência parece ser uma tentativa de melhorar o texto, ou pelo menos de harmonizar leituras anteriores. Dessa forma, a leitura que, mediante o exame dos testemunhos, puder ser definida como não-ocidental, não-cesareense e não-bizantina (e era nesse sentido negativo que Westcott e Hort chamavam tal variante de neutra) geralmente estará "mais próxima da

leitura original que a variante alternativa".[1]

Mas é evidente que algumas dúvidas permanecem. Não há qualquer razão, todavia, para justificar algum tipo de ceticismo que leve, por exemplo, à adoção de um método eclético, em que a variante mais apropriada seja escolhida sem que se dê a devida atenção ao ms. do qual ela veio, ou ao tipo de texto a que pertence. Jamais deveríamos minimizar a grande concordância que existe hoje entre as edições críticas modernas, além do fato de os esforços editoriais já terem praticamente deixado de ser independentes, como ocorrera até o final do século XIX, o que mostra o alto grau de desenvolvimento a que chegou a crítica textual do NT. Os pontos de divergência estão reduzidos ao mínimo, o mesmo acontecendo com o número de variantes ainda passíveis de alguma contestação, razão por que a questão cética, como declara W. G. Kümmel, "que indaga se o texto primitivo 'permaneceu estável durante um período suficientemente longo para conquistar prioridade', não se justifica".[2]

Novas Pesquisas

Além de umas pouquíssimas leituras duvidosas, um campo que também apresenta alguns desafios aos críticos é a grande massa de mss. minúsculos hoje conhecidos. A Von Soden pertence o mérito por haver sido o primeiro a empreender estudos mais profundos desses mss., até então praticamente ignorados pela suposição de que os mss. recentes não poderiam oferecer senão textos igualmente recentes.[3] Diversas outras pesquisas foram feitas, principalmente por especialistas americanos;[4] famílias de mss. têm sido identificadas; métodos para selecionar os mss. individuais têm sido desenvolvidos, mas nenhum deles, conquanto apropriados para certos propósitos, tem oferecido uma maneira segura e confiável que permita o exame dos mss. em seu conjunto e a identificação de todos aqueles pertinentes

[1] C. M. MARTINI, *The interpreter's dictionary of the Bible*, p. 886.
[2] *Introdução ao Novo Testamento*, p. 731.
[3] WIKENHAUSER, *Introducción al Nuevo Testamento*, p. 84.
[4] Veja KÜMMEL, *op. cit.*, p. 639.

a determinada investigação.

Por essa razão, em uma monografia que apresentou numa conferência sobre a crítica textual realizada em setembro de 1987 na cidade inglesa de Birmingham, Barbara Aland propôs um método que, ao permitir a análise simultânea de toda a coleção dos minúsculos, tornaria três coisas possíveis: 1) a exclusão de todos aqueles mss. bizantinos copiados sem praticamente nenhuma diferença significativa e por isso sem nenhum valor para a reconstrução do texto original e de sua história primitiva; 2) a separação daqueles mss. que merecem estudo mais aprofundado e que até poderiam ser usados como base de alguma edição crítica — esses mss., que certamente não ultrapassariam o montante de 10% a 20% do número total de mss., não seriam escolhidos com base em nenhuma teoria textual existente, uma vez que apenas as cópias do tipo bizantino estariam excluídas e poderiam perfeitamente ser manuseadas pelo crítico textual; e 3) o exame e a inter-relação desses mss., estabelecendo assim, sempre que possível, famílias ou grupos textuais, o que permitiria que fossem traçados os estágios de seu desenvolvimento desde o texto original.[5]

Em linhas muito gerais, pode-se dizer que esse método demanda quatro passos. O primeiro deles consiste na seleção de uma série de passagens-teste com leituras bizantinas selecionadas cuidadosamente e espalhadas sobre todo o espectro de um livro como uma rede. Elas permitiriam que se avaliasse a qualidade do ms. e se determinasse se ele é do tipo bizantino ou de outro tipo textual.

A seguir, os mss. seriam então avaliados em conjunto em relação a cada passagem-teste, isto é, seriam alistados todos aqueles que registrassem a passagem em qualquer de suas leituras, as quais seriam devidamente assinaladas e substituídas por números de maneira que o máximo de informações pudesse ser mantido num espaço bem limitado. O trabalho, logicamente, não poderia ser feito sem o auxílio de processamento computadorizado, uma vez que o comparar qualquer ms. com todas as passagens-teste poderia requerer uma enormidade de tempo.

O terceiro passo consiste na comparação sucessiva de todos os mss.

[5] Essa monografia acha-se reproduzida em ALAND & ALAND, *The text of the New Testament*, p. 317-32.

incluídos no número total das passagens-teste. Para cada ms., todos os outros seriam relacionados em ordem decrescente de acordo com a porcentagem de concordância entre eles. Note-se que, na relação, cada leitura variante seria simplesmente contada como qualquer outra; a significação das leituras individuais não seria levada em conta.

Finalmente, seriam isolados os mss. cujo texto é do tipo bizantino, o que poderia ser determinado quando existisse uma concordância superior a 60% ou 70% nas passagens-teste. No geral, não há dúvida de que os mss. serão sempre os mesmos, o que permitirá mostrar quão desnecessário seria citá-los individualmente numa edição do NT. A grande maioria deles não passa de meras cópias, refletindo o mesmo texto com pequenas variações, portanto irrelevantes para a reconstrução do texto original e próprios para ser descartados. Após o descarte, seriam então identificados todos os mss. que merecessem exame mais cuidadoso, mss. esses que não apresentassem mais de 60% ou talvez até 50% das leituras bizantinas nas passagens-teste, podendo assim ser úteis no preparo de alguma edição crítica.

Esse método, que evidentemente não substitui as colações nas investigações especiais, foi aplicado inicialmente apenas no estudo das epístolas católicas, mas em princípio seria igualmente útil a todos os demais livros ou grupos de livros, e as perspectivas são muito favoráveis de que ele finalmente permita que se encontre alguma ordem e estrutura na desordenada massa dos mss. do NT. A verdade é que "a Palavra" — como lembra Harold K. Moulton — "é uma Palavra *viva*, e ela vai continuar a atrair os esforços da mente humana, bem como a devoção do coração e a dedicação da vontade".[6]

Mais Manuscritos

O esforço por preencher as pequenas lacunas que ainda existem na história textual do NT pode perfeitamente ser recompensado mediante a descoberta de algum novo ms., quem sabe mais antigo que aqueles hoje disponíveis. Com efeito, desde 1972 a comunidade científica

6 *Papyrus, parchment and print*, p. 52.

internacional vive às voltas com aquela que talvez seja a maior descoberta do século XX no âmbito da papirologia neotestamentária.

Em meio às centenas de pergaminhos hebraicos e aramaicos descobertos a partir de 1947 nas cavernas de Qumram, encontraram-se 19 fragmentos de papiros gregos na caverna de número 7. Dois deles foram identificados: fazem parte respectivamente do livro veterotestamentário de Êxodo (28.4-7) e do apócrifo de Baruc (6.43, 44). Em 1971, O'Callaghan, professor no Pontifício Instituto Bíblico de Roma, começou a trabalhar nos fragmentos não-identificados, sobretudo no de número 5, em virtude de um catálogo de mss. do AT que estava preparando. O trabalho foi em vão. Nem a seqüência de letras -ννησ-, na quarta linha, que parecia pertencer à palavra ἐγέννησεν, presente nas genealogias bíblicas, ajudou. Como Roberts, baseado em critérios paleográficos bastante confiáveis, houvesse datado o fragmento como de cerca do ano 50, O'Callaghan excluía toda possiblidade de tratar-se de um fragmento dos evangelhos sinóticos, tradicionalmente datados entre os anos 70 e 100.

O Padre O'Callaghan já estava para abandonar o trabalho quando pensou que as letras -ννησ- pudessem pertencer à palavra Γεννησαρέτ, nome de uma cidade palestina, mas não encontrou nenhum trecho no AT que coincidisse com esse grupo textual. O fragmento, chamado 7Q5, mede cerca de 3 x 4 cm e compreende apenas 20 letras dispostas em cinco linhas. Por fim, já em março de 1972, fez uma pesquisa no NT só a título de curiosidade e foi grande sua surpresa quando descobriu um trecho do evangelho de Marcos (6.52, 53) que correspondia perfeitamente. O ms. continha ainda outras coincidências, como o espaço em branco entre duas letras quando havia interrupção no discurso e o καί inicial, típico de Marcos.

Por questões de prudência, a notícia não foi oficializada, nem saiu do círculo dos especialistas, onde a reação contrária foi, a princípio, muito violenta. A aceitação da descoberta significaria o desmoronamento de alguns dos principais dogmas da exegese racionalista, uma vez que os evangelhos passariam a ser considerados testemunhos diretos de homens que haviam visto, ouvido e tocado tudo aquilo que relataram, e não mais obras de anônimos que apenas colecionaram as fábulas transmitidas pela tradição oral.

O fragmento foi submetido a muitos testes, inclusive com o computador. Em Liverpool, por exemplo, foi confrontado com toda a literatura greco-cristã, mas a resposta foi sempre a identificação com o trecho de Marcos. E, depois de mais de uma década de estranho silêncio, o assunto veio novamente à tona em 1987, com a publicação, pelo Instituto Bíblico de Roma, de um ensaio do pesquisador luterano Carsten Peter Thiede, de Wetzlar, afirmando categoricamente, com base em critérios paleográficos e crítico-textuais, que o texto fragmentário do 7Q5 é de fato Marcos 6.52 e 53 e, tendo sido escrito por volta do ano 50 e com certeza antes do ano 68, ano em que as cavernas de Qumram foram fechadas, esse ms. consiste no mais antigo fragmento conservado de um texto do NT.[7]

Numa tentativa de pôr fim às controvérsias, entre os dias 18 e 20 de outubro de 1991 foi realizado um congresso internacional na Universidade Católica de Eichstätt, na Alemanha, unicamente para tratar do assunto, e pode-se dizer que a evidência do 7Q5 foi oficializada, embora os estudiosos que contrariam a tese de O'Callaghan tenham-se furtado a comparecer. Eles, que nunca chegaram a propor uma identificação alternativa consistente, insistiam em que a identificação com o texto de Marcos era arbitrária e tendenciosa e baseavam suas alegações principalmente em um traço vertical na segunda linha do ms., que, segundo afirmavam, tratava-se de um iota, enquanto O'Callaghan dizia ser parte de um ni. Para eliminar de uma vez a dúvida, foi solicitado à Polícia de Israel que fotografasse o fragmento com técnicas especiais, e o laudo final, divulgado em 22 de maio de 1992, confirmou a existência de um traço perpendicular partindo do alto do traço vertical. Três meses depois, ao visitar o Brasil, o Padre O'Callaghan declarou que, com esse resultado, a principal crítica à sua tese caiu definitivamente por terra.[8]

Mas não pára por aí. Ainda no congresso de Eichstätt, Thiede, numa de suas preleções, apresentou outra descoberta de O'Callaghan, menos conhecida que o ms. 7Q5. O'Callaghan estivera trabalhando nos

[7] *Ap.* Antonio SOCCI, *30 dias*, p. 8-10.

[8] Veja a matéria "Papiro causa polêmica na Igreja", publicada pela *Folha de São Paulo*, na edição de 30 de agosto de 1992 (caderno 6, p. 13).

outros 16 fragmentos gregos da caverna 7 e, com grande cautela, dizia ter certeza da identificação não só do fragmento 5, mas também do fragmento 4, que registra a parte final de 1 Timóteo 4.1 — "...obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios" — e também é anterior ao ano 68. Thiede afirmou:

> Esse fragmento contém palavras muito claras e é ainda mais incontestável que 7Q5, porque vem do lado direito de um papiro e contém a parte final das palavras. Do ponto de vista científico, é um caso excepcional e um elemento muito precioso. Podemos concluir que o fragmento 7Q4 foi identificado com certeza.[9]

Como resultado dessas duas descobertas, admite-se agora a possibilidade de que outros fragmentos de papiros neotestamentários ainda possam ser encontrados em Qumram. Por essa razão, um importante grupo de estudiosos, entre os quais Bargil Pixner, de Jerusalém, Bernhard Mayer, de Eichstätt, Rainer Riesner e Otto Benz, de Tübingen, Benedikt Schwank, de Munique, e James Charlesworth, de Princeton, assinou em Eichstätt um pedido ao governo israelense para que autorize novas pesquisas na área da caverna 7.

Novas surpresas podem estar a caminho. Embora da perspectiva textual esses dois fragmentos pouco ajudem, são deveras importantes no âmbito da exegese teológica. Nada impede, porém, que a crítica textual também seja surpreendida com uma nova descoberta, como a de algum ms. substancialmente completo anterior aos que hoje conhecemos. Mas é muito provável que tal ms. acrescentasse bem pouco a tudo que já se fez desde o século XVI, a não ser em termos de confirmação. As evidências atualmente disponíveis são tantas e tão conclusivas que podemos estar mais do que seguros de que o texto grego hoje em circulação está muito próximo, se é que não totalmente, daquele que foi produzido pelos apóstolos.

Mesmo com todas as alteraçoes que se acumularam ao longo dos séculos de sua transmissão manuscrita, o NT nunca teve sua base doutrinária ou ética comprometida. Cristo e sua mensagem nunca deixaram de ser reconhecidos nem mesmo compreendidos, razão por

[9] *Ap.* Peter SCHULZ, *30 Dias*, p. 74-5.

que Erasmo não estava de todo equivocado quando escreveu, no prefácio de sua primeira edição do NT grego (dedicada ao Papa Leão X), as seguintes palavras:

> Estas páginas sagradas evocam a imagem viva de sua mente. Elas te apresentam o próprio Cristo, falando, curando, morrendo, ressuscitando — em suma, Cristo todo; elas o apresentam numa intimidade tal que ele seria menos visível se estivesse em pé diante de teus olhos.

E se isso era verdade em 1516, muito mais hoje, depois de todas as descobertas e de todos os avanços crítico-textuais, de maneira que podemos crer, com todas as veras da alma, que, a despeito das falhas e limitações dos copistas, a integridade geral do texto sagrado foi preservada. Sua coerência interna e seu poder transformador são poderosas testemunhas desse fato, ainda que subjetivas. Mas a crítica textual tem dado à fé um firme alicerce, ao demonstrar cientificamente que, de fato, a Palavra de Deus ainda nos fala hoje com o mesmo poder e com a mesma eloqüência com que falou aos cristãos apostólicos. Graças à providência divina e aos esforços de homens sábios e dedicados,[10] "o cristão pode tomar a Bíblia toda em suas mãos e dizer, sem hesitação ou temor, que está segurando a Palavra de Deus, transmitida sem perda essencial de geração a geração através dos séculos".[11]

[10] Veja LADD, *The New Testament and criticism*, p. 80-81.
[11] KENYON, *Our Bible and the ancient manuscripts*, p. 23.

APÊNDICE A

DISTRIBUIÇÃO DOS MANUSCRITOS GREGOS DO NOVO TESTAMENTO POR SÉCULO[1]

Século	Papiro	Unciais	Minúsculas	Lecionários
II	2	—	—	—
II/III	5	1	—	—
III	28	2	—	—
III/IV	8	2	—	—
IV	14	14	—	1
IV/V	8	8	—	—
V	2	36	—	1
V/VI	4	10	—	—
VI	7	51	—	3
VI/VII	5	5	—	1
VII	8	28	—	4
VII/VIII	3	4	—	—
VIII	2	29	—	22
VIII/IX	—	4	—	5
IX	—	53	13	118
IX/X	—	1	4	1

[1] ALAND & ALAND, *op. cit.*, p. 81.

X	—	17	124	146
X/XI	—	3	8	7
XI	—	1	429	242
XI/XII	—	—	33	13
XII	—	—	555	492
XII/XIII	—	—	26	17
XIII	—	—	547	398
XIII/XIV	—	—	28	17
XIV	—	—	511	308
XIV/XV	—	—	8	2
XV	—	—	241	171
XV/XVI	—	—	4	2
XVI	—	—	136	194

APÊNDICE B

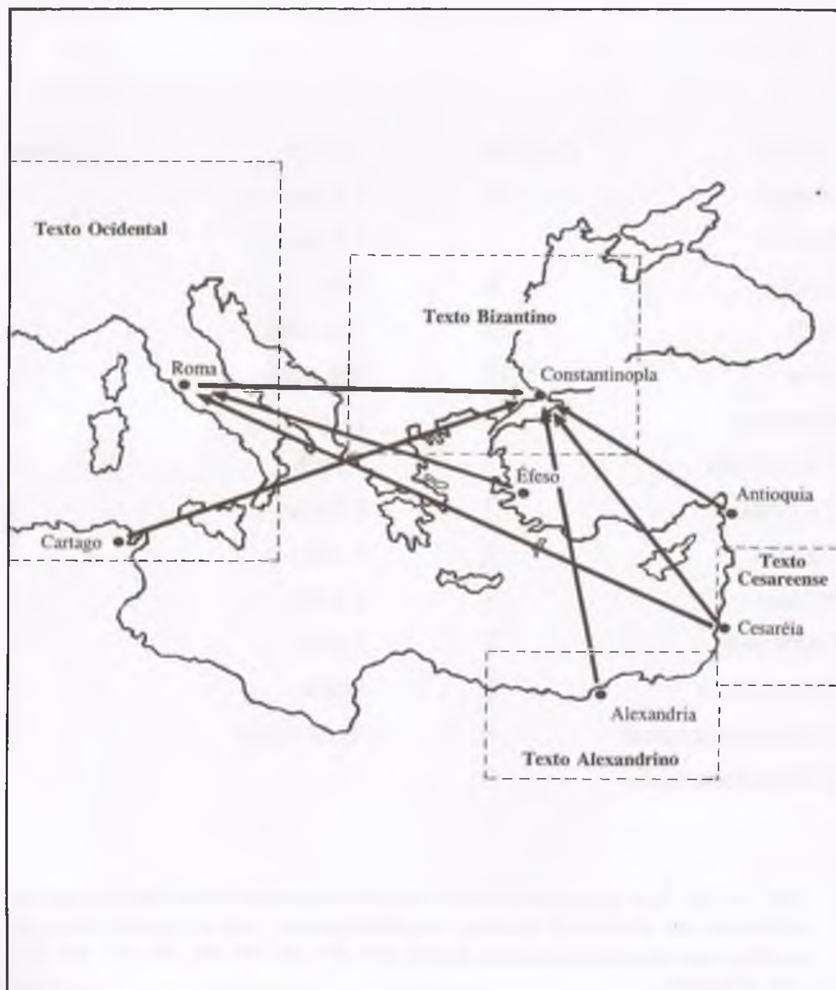
DISTRIBUIÇÃO DOS PAPIROS DO NOVO TESTAMENTO POR LIVRO[1]

Livro	Papiros	Livro	Papiros
Mateus	18	1 Timóteo	—
Marcos	3	2 Timóteo	—
Lucas	8	Tito	2
João	22	Filemom	2
Atos	13	Hebreus	6
Romanos	8	Tiago	4
1 Coríntios	7	1 Pedro	3
2 Coríntios	2	2 Pedro	2
Gálatas	2	1 João	2
Efésios	3	2 João	1
Filipenses	3	3 João	1
Colossenses	2	Judas	3
1 Tessalonicenses	4	Apocalipse	5
2 Tessalonicenses	2		

[1] *Ibid.*, p. 85. Para que o quadro numérico não se apresente distorcido, os papiros arrolados não devem ser tomados cumulativamente, pois há vários deles que contêm mais de um simples livro do NT (P^{30}, P^{34}, P^{44}, P^{45}, P^{46}, P^{53}, P^{61}, P^{72}, P^{74}, P^{75}, P^{84} e P^{92}).

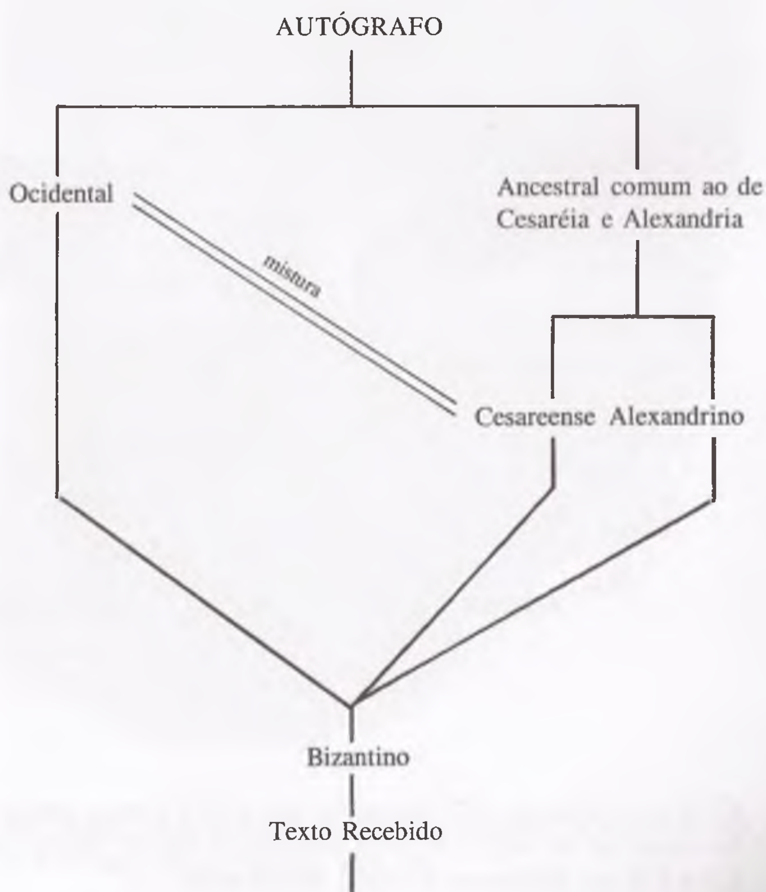
APÊNDICE C

DISTRIBUIÇÃO GREOGRÁFICA DOS TEXTOS LOCAIS



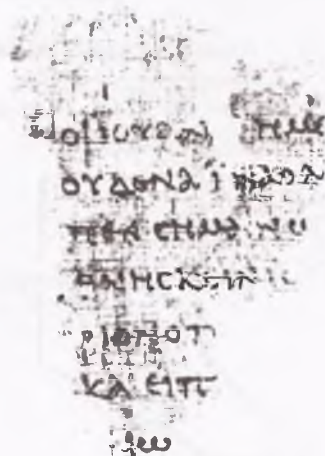
APÊNDICE D

RELAÇÃO DOS TEXTOS LOCAIS COM OS AUTÓGRAFOS



APÊNDICE E

REPRODUÇÃO PARCIAL DE MANUSCRITOS E EDIÇÕES DO NOVO TESTAMENTO GREGO



Anverso



Reverso

1 P^{52} (Papiro Rylands 457), datado do ano 130, é o mais antigo ms. do evangelho de João: 18.31-33 (anverso) e 18.37, 38 (reverso); 6,5 x 8,5 cm; Biblioteca Rylands, Manchester.

2 P^{46} (Papiro Chester Beatty II; final do século II ou início do III); c. 22 x 15 cm; Museu Beatty, Dublim.

3 ℵ (Códice Sinaítico; século IV); c. 38 x 43 cm; Museu Britânico de Londres.

B (Códice Vaticano; século IV); c. 27 x 27 cm; Biblioteca Apostólica do Vaticano.

5 C (Códice Efraimita Reescrito; palimpsesto do século V); c. 33 x 35 cm; Biblioteca Nacional de Paris.

6 Ms. 33 ("o rei dos minúsculos"; século IX); c. 28 x 41 cm; Biblioteca Nacional de Paris.

7 l^{562} (lecionário dos evangelhos; século X); c. 17 x 25 cm; Biblioteca Apostólica do Vaticano.

Ad Romanos. Cap. ii.

8 Poliglota Complutense, de Ximenes, o primeiro NT grego impresso (1514); c. 25 x 34 cm.

ΚΑΤΑ ΛΟΥΚΑΝ

οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ λέγοντες, τίς εἴη ἡ παρα-
βολὴ αὕτη. ὁ δὲ εἶπεν. ὑμῖν δέδοται γνῶναι
τὰ μυστήρια τῆς βασιλείας τοῦ θεοῦ, τοῖς δὲ
λοιποῖς ἐν παραβολαῖς, ἵνα βλέποντες μὴ
βλέπωσιν, καὶ ἀκούοντες μὴ συνιῶσιν. ἔστιν
δὲ αὕτη ἡ παραβολή. ὁ σπόρος ἐστὶν ὁ λόγος
τοῦ θεοῦ. οἱ δὲ παρὰ τὴν ὁδόν εἰσιν, οἱ ἀκού-
οντες, εἶτα ἔρχεται ὁ διάβολος, καὶ αἴρει τὸν
λόγον ἀπὸ τῆς καρδίας αὐτῶν, ἵνα μὴ πιστεύ-
σαντες σωθῶσιν. οἱ δὲ ἐπὶ τῆς πέτρας, οἳ ὅτ-
αν ἀκούσωσιν μετὰ χαρᾶς δέχονται τὸν
λόγον, καὶ οὗτοι ῥίζαν οὐκ ἔχουσιν, οἳ πρὸς
καιρὸν πιστεύουσιν, καὶ ἐν καιρῷ πειρασμοῦ
ἀφίστανται. τὸ δὲ εἰς τὰς ἀκάνθας πεσόν,
οὗτοί εἰσιν οἱ ἀκούοντες, καὶ ὑπὸ μεριμνῶν
καὶ πλούτου, καὶ ἡδονῶν τοῦ βίου πορευό-
μενοι συμπνίγονται, καὶ οὐ τελεσφοροῦσιν.
τὸ δὲ ἐν τῇ καλῇ γῇ, οὗτοί εἰσιν οἵτινες ἐν καρ-
δίᾳ καλῇ καὶ ἀγαθῇ ἀκούσαντες τὸν λόγον
κατέχουσιν καὶ καρποφοροῦσιν ἐν ὑπο-
μονῇ. οὐδεὶς δὲ λύχνον ἅψας καλύπτει αὐ-
τὸν σκεύει, ἢ ὑποκάτω κλίνης τίθησιν, ἀλλ'
ἐπὶ τὴν λυχνίαν ἐπιτίθησιν, ἵνα οἱ εἰσπορευ-
όμενοι βλέπωσιν τὸ φῶς. οὐ γάρ ἐστιν κρυ-
πτὸν ὃ οὐ φανερὸν γενήσεται. οὐδὲ ἀπόκρυ-
φον, ὃ οὐ γνωσθήσεται, καὶ εἰς φανερὸν ἔλ-
θῃ. βλέπετε οὖν πῶς ἀκούετε. ὃς γὰρ ἐὰν ἔχῃ
δοθήσεται αὐτῷ. καὶ ὃς ἐὰν μὴ ἔχῃ, καὶ ὃ
δοκεῖ ἔχειν, ἀρθήσεται ἀπ' αὐτοῦ. παρεγένον-
το δὲ πρὸς αὐτὸν ἡ μήτηρ, καὶ οἱ ἀδελφοὶ
αὐτοῦ, καὶ οὐκ ἠδύναντο συντυχεῖν αὐτῷ
διὰ τὸν ὄχλον. καὶ ἀπηγγέλη αὐτῷ. ἡ
μήτηρ σου καὶ οἱ ἀδελφοί σου ἑστήκασιν
ἔξω ἰδεῖν σε θέλοντες, ὁ δὲ ἀποκριθεὶς εἶ-
πεν πρὸς αὐτούς. μήτηρ μου καὶ ἀδελφοί
μου οὗτοί εἰσιν, οἱ τὸν λόγον τοῦ θεοῦ ἀ-
κούοντες καὶ ποιοῦντες. καὶ ἐγένετο ἐν
μιᾷ τῶν ἡμερῶν. καὶ αὐτὸς ἀνέβη εἰς πλοῖ-
ον, καὶ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ. καὶ εἶπεν πρὸς
αὐτούς.

SECVNDVM LVCAM 141

diſcipuli eius, dicētes, q̄ eſſet hæc para-
bola. At ipſe dixit. Vobis datum eſt
noſſe myſteria regni dei, cæteris autem
in parabolis, ut uidentes non uideant,
& audientes nō intelligant. Eſt autem
hæc parabola. Semen eſt uerbum dei.
Qui autem ſecus uiam, hi ſunt qui au-
diunt, deinde uenit diabolus, & tollit
uerbum de corde eorum, ne credentes
ſalui fiant. Nam qui ſupra petram, qui
cum audierint, cum gaudio ſuſcipiunt
uerbum. Et hi radices nō habent, qui
ad tempus credunt, & in tempore ten-
tationis recedunt. Quod autem in ſpi-
nas cecidit, hi ſunt qui audierunt, & a
ſollicitudinibus & diuitijs & uoluptati
bus uitæ euntes ſuffocantur, & non re-
ferunt fructum. Quod autem in bonā
terram, hi ſunt qui in corde honeſto &
bono audiētes uerbum retinent, & fru
ctum afferunt in patientia. Nemo au-
tem lucernam accēdens operit eam ua-
ſe, aut ſubter lectum ponit, ſed ſuper
candelabrū ponit, ut intrantes uideāt
lumen. Non eſt enim occultum quod
nō manifeſtetur, nec abſcōditum quod
nō cognoſcat & in ꝑpatulū ueniat. Vi
dete ergo quomodo audiatis. Quiſqs
enim habet dabitur illi, & quicumq; nō
habet, etiam quod putat ſe habere au-
feretur ab illo. Venerunt autem ad il-
lum mater & fratres eius, & non pote-
rant adire eū præ turba. Et nūciatū eſt
illi. Mater tua & fratres tui ſtant foris,
uolētes te uidere. Qui rn̄dens dixit ad
eos. Mater mea & fratres mei hi ſunt, q
uerbū dei audiunt, & faciunt. Factum
eſt autem in una dierū, & ipſe aſcendit
in nauiculam, & diſcipuli eius, & ait ad
illos.

9 NT greco-latino de Erasmo (edição de 1516); c. 21 x 30 cm.

830 ΕΥΑΓΓΕΛΙΟΝ XXIV.

Τότε διήνοιξεν αὐτῶν τ νȣν, τȣ̃ συνιέναι τὰς γραφάς. Καὶ εἶπεν αὐτοῖς· Ὅτι ȣ̓́τω γέ- 45
γραπται, κ̀ ȣ̓́τως ἔδει παθεῖν τ Χριςὸν, κ̀ ἀναςῆναι ἐκ νεκρῶν τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ, Καὶ 46
κηρυχθῆναι ἐπὶ τῷ ὀνόματι αὐτȣ̃ μετάνοιαν κ̀ ἄφεσιν ἁμαρτιῶν εἰς πάντα τὰ ἔθνη, 47
ἀρξάμενον ἀπὸ Ἱερȣσαλήμ. Ὑμεῖς δέ ἐςε μάρτυρες τȣ́των. Καὶ ἰδȣ̀, ἐγὼ ἀποςέλλω 48
τ ἐπαγγελίαν τȣ̃ πατρός μȣ ἐφ' ὑμᾶς· ὑμεῖς δὲ καθίσατε ἐν τῇ πόλει Ἱερȣσαλὴμ, ἕως 49
ȣ̃ ἐνδύσησθε δύναμιν ἐξ ὕψȣς. Ἐξήγαγε δὲ αὐτȣ̀ς ἔξω ἕως εἰς Βηθανίαν· κ̀ ἐπάρας τὰς 50
χεῖρας αὐτȣ̃, εὐλόγησεν αὐτȣ́ς. Καὶ ἐγένετο ἐν τῷ εὐλογεῖν αὐτὸν αὐτȣ̀ς, διέςη ἀπ' 51
αὐτῶν, κ̀ ἀνεφέρετο εἰς τ ȣ̓ρανόν. Καὶ αὐτοὶ προσκυνήσαντες αὐτὸν, ὑπέςρεψαν εἰς Ἱε- 52
ρȣσαλὴμ μ̃ χαρᾶς μεγάλης. Καὶ ἦσαν διαπαντὸς ἐν τῷ ἱερῷ, αἰνȣ̃ντες κ̀ εὐλογȣ̃ντες 53
τ Θεόν. Ἀμήν.

45. [illegible]] [illegible] B.
κ̀ [illegible]] — BDL Versio *Copt.* Codices *Latini.* [illegible] probante *J. Millio* prol. 422.
[illegible] τ χριςὸν] τ χριςὸν [illegible] D.
47. € posterius] εἰς B.
[illegible]] [illegible] C ut videtur. D probante *Erasmo*, *Millio* prol. 422. *Pricaeo.* [illegible] BL 33. Versio *Copt.* ἀρξάμενος 86. [illegible] 1. *Pricaeus.*
δὲ] — BL Versio *Copt.*
49. ἰδȣ̀] — DL. 33. Versio *Vulg. Syr. Copt.*
[illegible]] [illegible] L. [illegible] 33.
τȣ̃ πατρός] — D.
Ἱερȣσαλήμ] — BDL Versio *Copt.* Cod. *Latini.* probante *J. Millio* prol. 424.
[illegible]] [illegible] Editio *Erasmi* 1. *Aldi.*
δύναμιν ἐξ ὕψȣς] ἐξ ὕψȣς δύναμιν B.
ἔξω] — C a prima manu 1. 33. Versio *Copt. Syr.* Codices *Latini.*
ἕως εἰς] πρὸς D 33. ἕως Evang. 15. ἕως πρὸς L 1.
εὐλόγησεν] εὐλόγησεν D.
κ̀ ἀνεφέρετο εἰς τ ȣ̓ρανόν] — D. Codices *Latini.*
52. [illegible] αὐτὸν] — D. Cod. *Lat.* probante *J. Millio* prol. 424. *Augustinus* de Unit. Eccles. 10.
53. [illegible]] alii divisim scribunt [illegible].
αἰνȣ̃ντες €] — L Versio *Copt.*
ἀμήν] — CDL 1. 33. Versio *Copt. Armen. Æthiop. Arab.* Codices *Latini* probante *H. Grotio.* & *J. A. Bengelio.* ςίχ. [illegible] K. 34. 39. 49. 50. 55. 65. 105. 107. Versio *Æthiop.* [illegible] *Nicephorus.* [illegible] 48. [illegible] Εὐαγγέλιον [illegible] [al. [illegible]] ςίχȣς [illegible]. Versio *Syr.* [illegible] 105. 107.

46. γέγραπται € ȣ̓́τω] — 72. Versio *Armen.*

ἐκ νεκρῶν] — D 29. 71. probante *J. Millio* prol. 1471.
εἰς] ὡς ἐπὶ D.

48. ὑμεῖς δέ ἐςε] € ὑμεῖς δὲ D.
ἐςε] — B. ἐςε [illegible]] [illegible] ἐςε C.
ἰδȣ̀ ἐγὼ] ἐγὼ ἰδȣ̀ 1.
[illegible] Evang. 15. 18. 19. Versio *Vulg. Syr.*
δὲ] — 72.
ȣ̃] ὅτȣ D 1.
[illegible] *Editio* G. a Mastricht A. 1711.
50. [illegible] δὲ] € [illegible] L Versio *Syr.*

κ̀ ἐπάρας] ἐπάρας δὲ D.

51. διέςη] ἀπέςη D.

ἐν τῷ ἱερῷ] — A a prima manu.
κ̀ εὐλογȣ̃ντες] — D Codices *Latini.*

pion. p. 441. tripartitam etiam divisionem instituit, sed ita ut ad primam quidem Classem referat Pentateuchum, ad tertiam Psalmos & tres Salomonis libros, ad secundam vero reliquos omnes. *Koheleth* R. VII. 9. incipiens a Lege ad Prophetas, a prophetis ad Hagiographa. & Ruth. III. 13. Thanchuma f. 86. 2. dixit R. Josua R. Nehemiae — Lex est triplex, Lex, Prophetae, hagiographa. *Berachoth Hieros.* 1. in lege, in prophetis & Hagiographis. *Moed katon* f. 15. 1. 18. 2. 21. 1. Megilla f. 21. 2. 24. 1. 31. 1. Avoda Sara f. 19. 2. *Hieros. Schekalim* III. 4. *Rosch Haschana* f. 32. 1. *Taanith* f. 8. 1. 16. 1. 20. 1. 20. 1. *Bava Kama* f. 92. 2. Haec res scripta est in lege, repetita in prophetis, & tertio in Hagiographis.

45. *Herod.* V. 4. ἀνευγνόμενοι τὰ ἀνθρωπήια πάντα. *Plut.* de Aud. Poet. p. 36. D. Lectio Poetarum [illegible] φιλοσόφοις λόγοις. *Act.* XVI. 15. Preces Judaeorum: Aperi cor meum in lege tua. Ipse aperit cor nostrum in lege sua *Esaj.* L. 5.

47. [illegible]] Participia impersonalia scribuntur pro genitivis absolutis *Act.* II. 29. *Xenoph.* Exped. Cyr. IV. [illegible]. *Etymol.* [illegible] *Herodot.* III. 91. ἀπὸ Ποσιδηΐȣ πόλιος, [illegible] ἀρξάμενον ἀπὸ ταύτης μέχρι αἰγύπτȣ, [illegible] ἀρξάμενον scil. [illegible] i. e. ἀρξαμένȣ τȣ̃ κηρύγματος.

49. *Esaj.* XXXII. 15. supra I. 35.
Psal. XXXV. 26. CXXXII. 9. 17. 19. *Kusch.* XXVI. 26. 1 *Cor.* XV. 52. *Gal.* III. 27. *Col.* III. 9. 10. *Rom.* XIII. 14. *Job* XXIX. 14. *Silius* I. 38. Jamque Deae cunctas sibi belliger induit iras. XV. 738. Cunctisque pavorem Gallorum induerat pavor. *Statius* VIII. 392. Irasque sedentum induerint. *Seneca* Ep. XLVII. Regum nobis induimus animos. *Petronius* 4. eloquentiam pueris induunt, adhuc nascentibus. Leg. XI. §. 4. ff. *de muner. & honor.* qui primis literis pueros induunt. *Lutatius* ad Statii Theb. VI. 728. Pollux hoc exercitio, dum inter mortales esset, delectabatur, & hunc Alcidama induit. *Claudianus* de II. Cos. Stiliconis 121. tenerosque his moribus induit annos. *Ælianus* V. H. V. 9. [illegible].

50. *Il.* α. 301. [illegible] *Schol.* [illegible] 450. [illegible]. Schol. in Il. I. 564. [illegible] *Apulejus* de Mundo. Habitus orantium sic est, ut manibus extensis in coelum precemur. 1. *Tim.* II. 8.

ἕως εἰς] *Polybius* [illegible]. *Ælian.* V. H. XII. 22. ἕως εἰς τὰ γόνατα.

Philo quis haeres p. 484. in Gen. XV. 5. [illegible] Levit. IX. 22.

52. Absentem & inconspicuum adorant, quod cultum religiosum significat, nunc primum Christo a discipulis exhibitum.

TO

10 NT grego de Wettstein (1751-1752).

ΚΑΤΑ ΛΟΥΚΑΝ 24, 29. **729**

σαν οἱ προφῆται. 26 *οὐχὶ ταῦτα ἔδει παθεῖν τὸν Χριστὸν καὶ*
εἰσελθεῖν εἰσ τὴν δόξαν αὐτοῦ; 27 *καὶ ἀρξάμενοσ ἀπὸ Μωϋσέωσ*
καὶ ἀπὸ πάντων τῶν προφητῶν διερμήνευσεν αὐτοῖσ ἐν πάσαισ
ταῖσ γραφαῖσ τὰ περὶ ἑαυτοῦ. 28 *καὶ ἤγγισαν εἰσ τὴν κώμην*
οὗ ἐπορεύοντο, καὶ αὐτὸσ προσεποιήσατο πορρώτερω πορεύεσθαι·
29 *καὶ παρεβιάσαντο αὐτὸν λέγοντεσ· μεῖνον μεθ' ἡμῶν, ὅτι*
πρὸσ ἑσπέραν ἐστὶν καὶ κέκλικεν ἤδη ἡ ἡμέρα. καὶ εἰσῆλθεν

26. ουχι: D οτι, item Dial[857] (ut modo exscriptum est)

27. *αρξαμενοσ*: D *ην αρξαμενοσ* posteaque *ερμηνευειν* (d *et erat incipiens*, tum *interpretari*), item a b c g[2] ff[2] gat mm Aug[sub tract 9.4] *et erat* (c Aug *fuit*) *incipiens* (a *inchoans*) posteaque *interpretans*; item e *et fuit incipiens* posteaque *et interpretans*. Etiam l *et incipiens* (male omisso *erat*) posteaque *interpretans*. Contra f vg *et incipiens – interpretabatur* | *μωυσεωσ* cum BKLSXII al ... ς *μωσεωσ* cum ℵADEGHMPUV ΓΔΛ al pl. De vv vide alibi. | *και απο*: D 28. it vg om *απο*. Severian (l. l.) sic: *και αρξαμενοσ απο του νομου και των προφητων διηνοιγεν αυτοισ τασ γραφασ* | *παντων των*: om *των* | *διερμηνευσεν* c. ℵ^c BLU al, item M *διηρμηνευσεν* ... Ln Ti *διερμηνευεν* cum AGPXΓΔΛ 1. 33 al mu (et. U ap Treg), item ς *διηρμηνευεν* cum EHKSVII al plu; item f vg syr[cu et utr] (sed[hr] *incepit – ad interpretandum*). De D vide ante: ℵ* *και διερμηνευειν* (ut antea *ην αρξ.* ad modum codicis D corrigendum sit?) | *εν* cum ABDPXΓΔΛII unc[8] al pler it vg etc ... ℵL (sed vide post) 1. 33. *τι ην εν*, item cop *quae sunt* (vel *sint*) *haec quae in* | *πασαισ*: ℵD g[1] cop[petr] om | *τα*: L y[scr] om, item a (*interpretans illis in omnib. scripturis de eo*) e (*interpr. eis in omnib. script. de se*) c (*interpr. illis omnes scripturas de semetipso*) arm | *εαυτου* (et. ς) cum ℵABGHKP SUΓΔΛII al plu ... ς[e] Gb Sz Ln Ti *αυτου* cum DELMVX al plu. Praeterea b f ff[2] l vg *de ipso*, a *de se*, g[1] *de se ipso*, c *de semetipso*; contra d e *de eo*

28. *ηγγισαν* cum ℵADLPXΓΔΛII etc ... B *ηγγικαν* | *προσεποιησατο* cum ℵABDL 1. al pauc b e f ff[2] g[1] vg (hi omnes *finxit*) c (*simulavit*) l (*dixit*), item syr[cu et hr] ... ς Ti *προσεποιειτο* cum PXΓΔΛII unc[8] al pler a (*adfectabat*), item syr[sch et p] | *πορρωτερω* cum ℵDLPXΓΔΛII unc[8] al pler (sed P *πορρωτ*) ... Ln Ti *πορρωτερον* cum AB 382.

29. *παρεβιασαντο* (D* *παραβι..* L *-σατο*): MP al aliq *παρεβιαζοντο* | *μεινον*: 69. *μεινατε*. Libere syr[cu] pro *και παρεβιασαντο* etc: *et coeperunt illi rogare eum ut cum eis maneret, quia prope erat ut tenebresceret* | *εστιν και*: ita f vg (et. am fu san em ing) ... D a b c e ff[2] l for mm tol syr[sch] om. Latt enim sic: *quoniam* (*quia*) *ad vesperum* (c *-ram*) *iam* (ff[2] *iamiam*, c l om) *declinavit dies* | *ηδη* post *κεκλικεν* (GHKPII al mu *κεκληκεν*, D *κατακεκλικεν*) cum [illegible] 1. 33. 124. 258. 382. al[2] a b e f ff[2] (sed hi it[s] ante *κεκλικ.*) vg cop, item transponentes syr[sch] et (ante *προσ εσπερ.*) syr[p] c. ob. (cod[bars] sine obelo) ... Ln [*ηδη*], ς Ti

11 NT grego de Tischendorf (*Editio Octava Critica Maior*, 1869-1872).

28 σεν⌝ αὐτοῖς ἐν πάσαις ταῖς γραφαῖς τὰ περὶ ἑαυτοῦ. Καὶ
ἤγγισαν εἰς τὴν κώμην οὗ ἐπορεύοντο, καὶ αὐτὸς προσε-
29 ποιήσατο πορρώτερον πορεύεσθαι. καὶ παρεβιάσαντο
αὐτὸν λέγοντες Μεῖνον μεθ' ἡμῶν, ὅτι πρὸς ἑσπέραν
ἐστὶν καὶ κέκλικεν ἤδη ἡ ἡμέρα. καὶ εἰσῆλθεν τοῦ μεῖναι
30 σὺν αὐτοῖς. Καὶ ἐγένετο ἐν τῷ κατακλιθῆναι αὐτὸν
μετ' αὐτῶν λαβὼν τὸν ἄρτον εὐλόγησεν καὶ κλάσας ἐπε-
31 δίδου αὐτοῖς· αὐτῶν δὲ διηνοίχθησαν οἱ ὀφθαλμοὶ καὶ
ἐπέγνωσαν αὐτόν· καὶ αὐτὸς ἄφαντος ἐγένετο ἀπ' αὐτῶν.
32 καὶ εἶπαν πρὸς ἀλλήλους Οὐχὶ ἡ καρδία ⌜ἡμῶν καιομέ- ⊣ἦν ἡμῶν κεκαλυμμένη⊢
νη ἦν⌝ ⊤ ὡς ἐλάλει ἡμῖν ἐν τῇ ὁδῷ, ὡς διήνοιγεν ἡμῖν τὰς ἐν ἡμῖν
33 γραφάς; Καὶ ἀναστάντες αὐτῇ τῇ ὥρᾳ ὑπέ-
στρεψαν εἰς Ἰερουσαλήμ, καὶ εὗρον ἠθροισμένους τοὺς
34 ἕνδεκα καὶ τοὺς σὺν αὐτοῖς, λέγοντας ὅτι ὄντως ἠγέρθη
35 ὁ κύριος καὶ ὤφθη Σίμωνι. καὶ αὐτοὶ ἐξηγοῦντο τὰ ἐν
τῇ ὁδῷ καὶ ὡς ἐγνώσθη αὐτοῖς ἐν τῇ κλάσει τοῦ ἄρ-
36 του. Ταῦτα δὲ αὐτῶν λαλούντων αὐτὸς ἔστη ἐν
37 μέσῳ αὐτῶν [καὶ λέγει αὐτοῖς Εἰρήνη ὑμῖν]. ⌜πτοηθέντες⌝ θροηθέντες
38 δὲ καὶ ἔμφοβοι γενόμενοι ἐδόκουν πνεῦμα θεωρεῖν. καὶ
εἶπεν αὐτοῖς Τί τεταραγμένοι ἐστέ, καὶ διὰ τί διαλο-
39 γισμοὶ ἀναβαίνουσιν ἐν τῇ καρδίᾳ ὑμῶν; ἴδετε τὰς χεῖράς
μου καὶ τοὺς πόδας μου ὅτι ἐγώ εἰμι αὐτός· ψηλαφήσατέ
με καὶ ἴδετε, ὅτι πνεῦμα σάρκα καὶ ὀστέα οὐκ ἔχει καθὼς Ap.
40 ἐμὲ θεωρεῖτε ἔχοντα. [[καὶ τοῦτο εἰπὼν ἔδειξεν αὐτοῖς τὰς
41 χεῖρας καὶ τοὺς πόδας.]] Ἔτι δὲ ἀπιστούντων αὐτῶν ἀπὸ
τῆς χαρᾶς καὶ θαυμαζόντων εἶπεν αὐτοῖς Ἔχετέ τι βρώ-
42 σιμον ἐνθάδε; οἱ δὲ ἐπέδωκαν αὐτῷ ἰχθύος ὀπτοῦ μέρος ⊤· ⊣καὶ ἀπὸ μελισσίου κηρίου⊢
43 44 καὶ λαβὼν ἐνώπιον αὐτῶν ἔφαγεν. Εἶπεν δὲ Ap.
πρὸς αὐτούς Οὗτοι οἱ λόγοι μου οὓς ἐλάλησα πρὸς ὑμᾶς
ἔτι ὢν σὺν ὑμῖν, ὅτι δεῖ πληρωθῆναι πάντα τὰ γεγραμμένα
ἐν τῷ νόμῳ Μωυσέως καὶ τοῖς προφήταις καὶ Ψαλμοῖς
45 περὶ ἐμοῦ. τότε διήνοιξεν αὐτῶν τὸν νοῦν τοῦ συνιέναι
46 τὰς γραφάς, καὶ εἶπεν αὐτοῖς ὅτι οὕτως γέγραπται πα- Ap.

12 NT grego de Westcott e Hort (1881).

24 ζῆν. [24] καὶ ἀπῆλθόν τινες τῶν σὺν ἡμῖν ἐπὶ τὸ μνημεῖον καὶ εὗρον οὕτως, καθὼς
25 καὶ αἱ γυναῖκες εἶπον, αὐτὸν δὲ οὐκ εἶδον. [25] καὶ αὐτὸς εἶπεν πρὸς αὐτούς· ὦ
ἀνόητοι καὶ βραδεῖς τῇ καρδίᾳ τοῦ πιστεύειν ἐπὶ πᾶσιν, οἷς ἐλάλησαν οἱ προφῆται.
26 27 [26] οὐχὶ ταῦτα ἔδει παθεῖν τὸν Χριστὸν καὶ εἰσελθεῖν εἰς τὴν δόξαν αὐτοῦ; [27] καὶ
ἀρξάμενος ἀπὸ Μωϋσέως καὶ ἀπὸ πάντων τῶν προφητῶν διερμήνευσεν αὐτοῖς ἐν
28 πάσαις ταῖς γραφαῖς ⸀τί ἦν⸀ τὰ περὶ ἑαυτοῦ. [28] Καὶ ἤγγισαν εἰς τὴν κώμην, οὗ
29 ἐπορεύοντο, καὶ αὐτὸς προσεποιήσατο πορρώτερω πορεύεσθαι. [29] καὶ παρεβιάσαντο
αὐτὸν λέγοντες· μεῖνον μεθ' ἡμῶν, ὅτι πρὸς ἑσπέραν ἐστὶν καὶ κέκλικεν ⸀ἤδη⸀ ἡ
30 ἡμέρα. καὶ εἰσῆλθεν τοῦ μεῖναι σὺν αὐτοῖς. [30] καὶ ἐγένετο ἐν τῷ κατακλιθῆναι
αὐτὸν μετ' αὐτῶν λαβὼν τὸν ἄρτον εὐλόγησεν καὶ κλάσας ἐπεδίδου αὐτοῖς.
31 [31] αὐτῶν δὲ διηνοίχθησαν οἱ ὀφθαλμοὶ καὶ ἐπέγνωσαν αὐτόν, καὶ αὐτὸς ἄφαντος
32 ἐγένετο ἀπ' αὐτῶν. [32] καὶ εἶπον πρὸς ἀλλήλους· οὐχὶ ἡ καρδία ἡμῶν καιομένη
33 ἦν ἐν ἡμῖν, ὡς ἐλάλει ἡμῖν ἐν τῇ ὁδῷ, ὡς διήνοιγεν ἡμῖν τὰς γραφάς; [33] Καὶ ἀνα-
στάντες αὐτῇ τῇ ὥρᾳ ὑπέστρεψαν εἰς Ἰερουσαλήμ, καὶ εὗρον ἠθροισμένους τοὺς

27 om τι ην Τα K gg H [illegible] bo Iα 050 [illegible] pa | 29 add ηδη (cf Mk 6 35 11 11 15 42 Jo 6 17 Ac 4 3) Τα H [illegible] 1002 bo Iα 286 [illegible] pa lat [illegible] sy [illegible]

24 εξ υμων ⸀ των συν ημιν Τα sy, add εξ a των Iα 65 lat | om και³ Τα H δ1 sa Iα 65 pa lat sy | 25 ⸀ αυτος Τα sy pa, ουτος I [illegible], ο δε ⸀ και αυτος Iα 65 af [illegible] sa | 26 οτι ⸀ ουχι Τα Iα 65 Aδ 27 add ην a αρξαμενος add και a ερμηνευων (Lk [illegible]) Τα Iα 65 (om και — ευειν af it (om και , add και a διερμηνευειν H [illegible] | Μωσε- K [illegible] K [illegible] (1374) διηρμ. K gg H [illegible] 1016 I [illegible] 1094 [illegible] K 161 [illegible] K [illegible], -μηνευεν K gg H [illegible] 56 I [illegible] διερμηνευειν H [illegible] 014 (1008 1451) | αυτου ⸀ εαυ- H 014 δ48 [illegible] Iα 65 [illegible] 1386 1113 1493 A³ K 161 75 K [illegible] A [illegible] af | 28 προσεποιειτο K gg H δ1 [illegible] 376 Iα 65 [illegible] lat (-ησαντο) | 29 om εστιν και Τα Iα 65 af it sy | 30 om εγενετο Τα sy sc | om τον (Mk 14 [illegible]) Τα I [illegible] sa | 31 add ευθεως p δε Τα sy sa | 32 βεβαρημενη ⸀ καιομενη Τα af exterminatum sy sa, κεκαλυμμενη Iα 65 c sa | om εν ημιν H δ1 Iα 65 af c sy c Or | om ως ελαλει ημιν af it sy sc Ωρ | add και a ως² Τα K gg H δ1 [illegible] δ48 sa bo Iα 65 1386 af sy sc | 33 συνηθροισμ- (Ac 12 12) K gg H δ1 [illegible] δ18 I [illegible] Ευα (1451) |

24 απελθοντες ⸀ απηλθον . . και H 76 | om επι το μνημ. I 1386 | ως ⸀ καθως Iα 65 [illegible] ~ ειπον a αι Iα 65 pa af [illegible] sy | ειδομεν Iα 65 af | ευρον ⸀ ειδον vg | om αυτον δε ουκ ειδον [illegible] | 25 εαυτους I [illegible] 64 | add μη a πιστευειν I [illegible] | om του πιστ. I [illegible] | ελαλησα υμιν ⸀ ελαλησαν οι προφηται Mp [illegible] Tert | 26 ad ⸀ ουτως p και vg | om αυτου sy c | 27 add λεγειν αυτοις p αρξαμ. sy [illegible] | om απο² Iα 65 168 lat | om παντων I [illegible] | om των H 76 | αυτους I [illegible] αυτην I 1353 | om πασαις H δ2 Iα 65 | om τα H 56 sa af ac | 28 ηγγικαν H δ1 | ~ προσεποι. αυτος I [illegible] | πορρωτερον H δ1 [illegible] I [illegible] 64 | 29 παρεβιαζοντο I [illegible], -ασατο H [illegible], ηρξαντο αυτοι παραβιαζεσθαι ⸀ παρεβιασαντο sy sc | om λεγοντες sy [illegible] | μειναι ⸀ μεινον [illegible] | εσπερας H 014 | om η H [illegible] | om του I [illegible] | om του μειναι vg | μετ αυτων ⸀ συν αυτοις (29ª 30 [illegible]) | 30 ανακλιθηναι H 56, κατακεισθαι (Mk 2 15) H 014 | om μετ αυτων Iα 65 af sy [illegible] | add και a λαβων (22 [illegible]) I [illegible] 1444 | om λαβων τον αρτον H 014 | ηυλογ. H δ2 δ6 Iα 65 [illegible] | om κλασας Iα 65 | εδιδου H δ2, προσεδιδου Iα 65 | 31 λαβοντων δε αυτων τον αρτον απ αυτου ⸀ δε Iα 65 af c Ωρ | διηνοιγησαν H δ2, ηνοιγησαν I [illegible], [illegible] Mp [illegible] ~ αυτων p οφθαλμοι Iα 65 lat | και¹ ~² H δ2* | om αυτος I [illegible] 291 | αιρεθη ⸀ αφαντος εγεν. sy | απο των οφθαλμων ⸀ απ (Ac 1 9) vg | 32 οι δε ⸀ και (19) Iα 65 af c | εαυτους ⸀ αλληλους Iα 65 | ουχ I [illegible] | ~ ην a ημων Iα 65 | ελαλησεν (a) I [illegible] 64 | om ημιν² vg | ηνοιγεν Iα 65, διερμηνευεν ⸀ διηνοιγεν sy [illegible] | ημων τον νουν του συνιεναι ⸀ ημιν³ (45) I [illegible] | 33 om και¹ I [illegible] sa | add αυτοι p και¹ Iα 133 | add λυπουμενοι p αναστ. (cf Mt 26 22) Iα 65 af c sa | add μαθητας p ενδεκα (Mt 28 16) af, add αποστολους (Ac 1 26) f |

387 25*

13 NT grego de Von Soden (1913).

τινες τῶν σὺν ἡμῖν ἐπὶ τὸ μνημεῖον, καὶ εὗρον οὕτως καθὼς καὶ αἱ γυναῖκες εἶπον, αὐτὸν δὲ οὐκ εἶδον. 25 καὶ αὐτὸς εἶπεν πρὸς αὐτούς Ὦ ἀνόητοι καὶ βραδεῖς τῇ καρδίᾳ τοῦ πιστεύειν ἐπὶ πᾶσιν οἷς ἐλάλησαν οἱ προφῆται· 26 οὐχὶ ταῦτα ἔδει παθεῖν τὸν Χριστὸν καὶ εἰσελθεῖν εἰς τὴν δόξαν αὐτοῦ; 27 καὶ ἀρξάμενος ἀπὸ Μωϋσέως καὶ ἀπὸ πάντων τῶν προφητῶν διηρμήνευσεν αὐτοῖς ἐν πάσαις ταῖς γραφαῖς τὰ περὶ ἑαυτοῦ. 28 Καὶ ἤγγισαν εἰς τὴν κώμην οὗ ἐπορεύοντο, καὶ αὐτὸς προσεποιήσατο πορρωτέρω πορεύεσθαι. 29 καὶ παρεβιάσαντο αὐτὸν λέγοντες Μεῖνον μεθ' ἡμῶν, ὅτι πρὸς ἑσπέραν ἐστὶν καὶ κέκλικεν ἤδη ἡ ἡμέρα. καὶ εἰσῆλθεν τοῦ μεῖναι σὺν αὐτοῖς. 30 καὶ ἐγένετο ἐν τῷ κατακλιθῆναι αὐτὸν μετ' αὐτῶν λαβὼν τὸν ἄρτον εὐλόγησεν καὶ κλάσας ἐπεδίδου

tris ad monumentum, et ita invenerunt sicut mulieres dixerunt, ipsum vero non viderunt».

25 *Et ipse dixit ad eos: «O stulti et tardi corde ad credendum in omnibus quae locuti sunt Prophetae.* 26 *Nonne haec oportuit pati Christum, et intrare in gloriam suam?»* 27 *Et incipiens a Moyse et omnibus Prophetis, interpretabatur illis in omnibus Scripturis quae de ipso erant.* 28 *Et appropinquaverunt castello quo ibant, et ipse se finxit longius ire.* 29 *Et coegerunt illum dicentes: «Mane nobiscum, quoniam advesperascit et inclinata est iam dies». Et intravit ut maneret cum illis.* 30 *Et factum est dum recumberet cum illis, accepit panem et benedixit ac fregit et porrigebat illis.*

27 αρξαμενος — διηρμηνευσεν THWSVLMNK : p^{75}...] ην αρξ. — ερμηνευειν (et om απο²) —|h|— : (S*W.) D (lat [exc *aurf l*]). Aug | διηρμηνευσεν THSVLMNK : p^{75} BS^cL. UM 1604.] * διερμηνευεν W : pler | γραφαις THWsVLMNK : p^{75}...] + τι ην [*S*] : null cod; add τι ην post αυτοις : SL 33 bo. Θ 1 22. sy^1 arm || **28** πορρωτερω TSVLM] -ρον HWNK || **29** ηδη THW[*S*]VLMNK : p^{75} BSLΨ 0139 33 bo. lat (exc *cdl*). 1 131 21 22 124. sy^{p1hm}.] om s : rel

29 ut maneret] > S W || 30 illis¹ W] eis *S*

mento, y hallaron las cosas como las mujeres habían dicho. Mas a él no le vieron. 25 Y él les dijo: ¡Oh insensatos y tardos de corazón para creer en todo lo que dijeron los profetas! 26 ¿Por ventura no era necesario que estas cosas padeciese el Mesías y así entrase en su gloria? 27 Y comenzando por Moisés y siguiendo por todos los profetas, les iba interpretando en todas las Escrituras lo que a él se refería. 28 Y llegados cerca de la aldea a donde se dirigían, él hizo ademán de seguir adelante. 29 Mas ellos le hicieron fuerza, diciéndole: Quédate con nosotros, pues atardece y el día ya declinó. 30 Y entró a quedarse con ellos. Y acaeció que, puesto a la mesa con ellos, tomando el pan,

26 Sobre «dei», cf. nota a Mc 8,31 || **29** El sentido de «insistencia amigable» que tiene aquí «parebiásanto» puede servir para matizar el sentido del «biádsetai» de Lc 16,16. Véase nota a este pasaje.

27 Dt 18,15; Ps 22; Is 53 | **29** Jdc 19,8 | **30** L 22,19

14 NT trilíngüe de Bover-O'Callaghan (edição de 1988).

εὗρον οὕτως ⸀καθὼς καὶ αἱ γυναῖκες εἶπον⸁, αὐτὸν δὲ οὐκ
9,45! G 3,1 εἶδον. 25 καὶ αὐτὸς εἶπεν πρὸς αὐτούς· ὦ ἀνόητοι καὶ
11! Mc 9,19; 16,14 J 20,27 · 46 9,22! J 20,9 1P 1,11 Dt 18,15 Ps 22 Is 53 Act 3,18.21-25; 8, 30-35 | 44 Act 26,22! βραδεῖς τῇ καρδίᾳ ⸋τοῦ πιστεύειν⸌ ἐπὶ πᾶσιν οἷς ⸀ἐλά-
λησαν οἱ προφῆται⸁· 26 ⸀οὐχὶ ταῦτα ἔδει παθεῖν τὸν χρι-
στὸν καὶ εἰσελθεῖν εἰς τὴν ⸀δόξαν αὐτοῦ; 27 καὶ ⸀ἀρξά-
μενος ἀπὸ Μωϋσέως καὶ ἀπὸ πάντων τῶν προφητῶν ⸀δι-
ερμήνευσεν⸁ αὐτοῖς ⸆ ἐν °πάσαις ταῖς γραφαῖς τὰ περὶ
ἑαυτοῦ.

28 Καὶ ⸀ἤγγισαν εἰς °τὴν κώμην οὗ ἐπορεύοντο, καὶ
αὐτὸς ⸀προσεποιήσατο ⸀¹πορρώτερον πορεύεσθαι. 29 καὶ
Act 16,15 παρεβιάσαντο αὐτὸν λέγοντες· μεῖνον μεθ' ἡμῶν, ὅτι πρὸς
Jdc 19,9 ἑσπέραν ⸀ἐστὶν καὶ κέκλικεν⸁ °ἤδη ἡ ἡμέρα. καὶ εἰσῆλ-
θεν τοῦ μεῖναι σὺν αὐτοῖς. 30 καὶ ἐγένετο ἐν τῷ κατακλι-
22,19; 9,16 J 21,13 θῆναι αὐτὸν ⸋μετ' αὐτῶν⸌ λαβὼν °τὸν ἄρτον εὐλόγη-
σεν καὶ °¹κλάσας ⸀ἐπεδίδου αὐτοῖς, 31 ⸀αὐτῶν δὲ διηνοί-
16 2Rg 6,17 χθησαν οἱ ὀφθαλμοὶ⸁ καὶ ἐπέγνωσαν αὐτόν· καὶ αὐτὸς
2Mcc 3,34 | ἄφαντος ἐγένετο ἀπ' αὐτῶν. 32 καὶ εἶπαν πρὸς ἀλλήλους·
Ps 39,4 οὐχὶ ἡ καρδία ⸀ἡμῶν καιομένη ἦν⸁ ⸋[ἐν ἡμῖν]⸌ ὡς ἐλά-
45 Act 17,2s λει ἡμῖν ἐν τῇ ὁδῷ, ⸆ ὡς διήνοιγεν ἡμῖν τὰς γραφάς;
9 33 Καὶ ἀναστάντες ⸆ αὐτῇ τῇ ὥρᾳ ὑπέστρεψαν εἰς Ἰε-
Mt 28,16! ρουσαλὴμ καὶ εὗρον ⸀ἠθροισμένους τοὺς ἕνδεκα καὶ τοὺς
1K 15,4s σὺν αὐτοῖς, 34 ⸀λέγοντας ὅτι ⸉ὄντως ἠγέρθη ὁ κύριος⸊
J 21,15-23 καὶ ὤφθη Σίμωνι. 35 καὶ αὐτοὶ ἐξηγοῦντο τὰ ἐν τῇ ὁδῷ
καὶ ⸀ὡς ἐγνώσθη αὐτοῖς ἐν τῇ κλάσει τοῦ ἄρτου.
36–43: J 20,19-23 cf Mc 16,14 36 Ταῦτα δὲ αὐτῶν λαλούντων αὐτὸς ⸆ ἔστη ἐν μέσῳ 36 IX
1K 15,5 αὐτῶν ⸋καὶ λέγει αὐτοῖς· εἰρήνη ὑμῖν⸌⸆. 37 ⸀πτοηθέντες

24 ⸀ *1 3–5* 𝔓^{75} B ¦ ως ειπον αι γυν. D c e • 25 ⸋D | ⸀ελαλησεν προς υμας (*vl* -σα υμιν) Mcion • 26 ⸀οτι D | ⸀βασιλειαν 𝔓^{75*} • 27 ⸀ην αρξ. απο Μ. και παντ. τ. πρ. ερμηνευειν D it | ⸀-ευεν A Θ Ψ $f^{1.13}$ 𝔐 bo ¦ (+ και א*) -ευειν א* (D) W sa^{mss} ¦ *txt* 𝔓^{75} א^{2} B L | ⸆τι ην א L Θ f^{1} 33. 892 *pc* bo | °א D bo^{ms} • 28 ⸀-ικαν 𝔓^{75} B | °𝔓^{75} | ⸀-εποιειτο W Θ Ψ f^{13} 𝔐 ¦ *txt* 𝔓^{75} א A B D L f^{1} 565 *pc* bo | ⸀¹-τερω א D L W Θ Ψ $f^{1.13}$ 𝔐 ¦ *txt* 𝔓^{75} A B *pc* • 29 ⸀ *3* D it ¦ ην sy$^{s.c}$ | °A D W Θ f^{13} 𝔐 c l sy$^{s.c.h}$ ¦ *txt* 𝔓^{75} א B L Ψ 0139 f^{1} 33 *pc* lat sy^{p} bo • 30 ⸋D e sy$^{s.c}$ | °D sa | °¹D | ⸀εδ- א ¦ προσεδ- D • 31 ⸀λαβοντων δε αυτων τον αρτον απ αυτου ηνοιγησαν οι οφθ. αυτων D c e • 32 ⸀ην ημ. κεκαλυμμενη D sa^{mss} ¦ ... excaecatum c ¦ ... optusum l ¦ ... exterminatum e ¦ ... gravatum sy sa^{ms} | ⸋𝔓^{75} B D c e sy$^{s.c}$ ¦ *txt rell* | ⸆και A W Θ Ψ 0135 $f^{1.13}$ 𝔐 sy$^{p.h}$ ¦ *txt* 𝔓^{75} א B D L 33 *pc* sy$^{s.c}$ • 33 ⸆λυπουμενοι D c e sa | ⸀συνηθρ- A L W Θ Ψ 0135 $f^{1.13}$ 𝔐 ¦ *txt* 𝔓^{75} א B D 33 • 34 ⸀-οντες D | ⸉ *2–4 1* A W^{c} Θ 0135 f^{13} 𝔐 vg sy^{h} ¦ *txt* 𝔓^{75} א B D L P Ψ f^{1} *pc* it co (W* *om.* οντ.) • 35 ⸀οτι D c e • 36 ⸆ο Ιησους A W Θ Ψ 0135 $f^{1.13}$ 𝔐 f sy$^{p.h}$ bo^{pt} ¦ *txt* 𝔓^{75} א B D L 1241 it sy$^{s.c}$ sa bo^{mss} | ⸋† D it ¦ *txt* 𝔓^{75} *rell* | ⸆εγω ειμι, μη φοβεισθε P (⸉ W, 579). 1241 *pc* vg sy$^{p.h}$ bo^{pt} • 37 ⸀θροη- 𝔓^{75} B 1241 ¦ φοβη- א W ¦ *txt* A (D) L Θ Ψ 0135 $f^{1.13}$ 𝔐

15 NT grego de Nestle-Aland (26.ª ed., 1979).

ταύτην ἡμέραν ἄγει ἀφ' οὗ ταῦτα ἐγένετο. 22 ἀλλὰ καὶ
γυναῖκές τινες ἐξ ἡμῶν ἐξέστησαν ἡμᾶς,[a] γενόμεναι ὀρ-
θριναὶ ἐπὶ τὸ μνημεῖον,[a] 23 καὶ μὴ εὑροῦσαι τὸ σῶμα
αὐτοῦ ἦλθον λέγουσαι καὶ ὀπτασίαν ἀγγέλων ἑωρακέναι,
οἳ λέγουσιν αὐτὸν ζῆν. 24 καὶ ἀπῆλθόν τινες τῶν σὺν
ἡμῖν ἐπὶ τὸ μνημεῖον καὶ εὗρον οὕτως καθὼς καὶ αἱ
γυναῖκες εἶπον, αὐτὸν δὲ οὐκ εἶδον. 25 καὶ αὐτὸς εἶπεν
πρὸς αὐτούς, Ὦ ἀνόητοι καὶ βραδεῖς τῇ καρδίᾳ τοῦ
πιστεύειν ἐπὶ πᾶσιν οἷς ἐλάλησαν οἱ προφῆται· 26 οὐχὶ
ταῦτα ἔδει παθεῖν τὸν Χριστὸν καὶ εἰσελθεῖν εἰς τὴν
δόξαν αὐτοῦ; 27 καὶ ἀρξάμενος ἀπὸ Μωϋσέως καὶ ἀπὸ
πάντων τῶν προφητῶν διερμήνευσεν αὐτοῖς ἐν πάσαις
ταῖς γραφαῖς τὰ περὶ ἑαυτοῦ.

28 Καὶ ἤγγισαν εἰς τὴν κώμην οὗ ἐπορεύοντο, καὶ
αὐτὸς προσεποιήσατο πορρώτερον πορεύεσθαι. 29 καὶ
παρεβιάσαντο αὐτὸν λέγοντες, Μεῖνον μεθ' ἡμῶν, ὅτι
πρὸς ἑσπέραν ἐστὶν καὶ κέκλικεν ἤδη ἡ ἡμέρα. καὶ
εἰσῆλθεν τοῦ μεῖναι σὺν αὐτοῖς. 30 καὶ ἐγένετο ἐν τῷ
κατακλιθῆναι αὐτὸν μετ' αὐτῶν λαβὼν τὸν ἄρτον εὐλό-
γησεν καὶ κλάσας ἐπεδίδου αὐτοῖς, 31 αὐτῶν δὲ διη-
νοίχθησαν οἱ ὀφθαλμοὶ καὶ ἐπέγνωσαν αὐτόν· καὶ αὐτὸς
ἄφαντος ἐγένετο ἀπ' αὐτῶν. 32 καὶ εἶπαν πρὸς ἀλλήλους,
Οὐχὶ ἡ καρδία ἡμῶν καιομένη ἦν [ἐν ἡμῖν] ὡς ἐλάλει
ἡμῖν[8] ἐν τῇ ὁδῷ, ὡς διήνοιγεν ἡμῖν τὰς γραφάς; 33 καὶ

---

[8] 32 {C} ἐν ἡμῖν ὡς ἐλάλει ἡμῖν ℵ (A ἐλάλησεν) (K ἐλάλη) L P W X Δ Θ Π Ψ 0196 f[1] f[13] 28 33 565 700 892 1010[mg] 1071 1079 1195 1216 1230 1241 1242 1253 1344 1365 1546 1646 2148 2174 *Byz Lect* l[185m] (l[211m] ὑμῖν...ὑμῖν) it[f] syr[p, h, pal] cop[sa, bo] arm eth Diatessaron Origen[gr, lat] // ὡς ἐλάλει ἡμῖν 𝔭[75] B D it[d] geo Origen // ἐν ἡμῖν ὡς ἐλάλει it[aur] vg // ἐν ἡμῖν l[60] it[a, b, ff2, l, r1] // *omit* it[c, e] syr[c, s]

[a a] 22 *a* minor, *a* minor: Bov BF[2] // *a* major, *a* none: RSV Zur Seg // *a* major, *a* minor: NEB Luth Jer // *a* minor, *a* none: WH // *a* minor, *a* major: TR AV RV ASV

22–23 Mt 28.1-8, Mk 16.1-8; Lk 24.1-11 **24** Jn 20.3-8 **25** πᾶσιν...προφῆται Lk 24.44 **26** ταῦτα...Χριστόν Mt 16.21; Mk 8.31; Lk 9.22; 17.25; Ac 17.3 εἰσελθεῖν...αὐτοῦ Jn 7.39; 12.16, 23; 13.31-32; 17.1, 5; Ac 3.13 **27** Dt 18.15; Ps 22.1-18; Is 53; Lk 24.44 **30** Lk 22.19

16 NT grego das Sociedades Bíblicas Unidas (3.ª ed. corrigida, 1983).



17 7Q5 (c. 50): o mais antigo ms. do NT; contém 20 letras de Marcos 6.52, 53, medindo c. 3 x 4 cm; encontra-se em Jerusalém.

BIBLIOGRAFIA

ALAND, Kurt & ALAND, Barbara. *The text of the New Testament*. 2. ed. Grand Rapids, Eerdmans; Leiden, E. J. Brill, 1989.

______ *et al*. (Eds.). *The Greek New Testament*. 3. ed. cor. Stuttgart, Sociedades Bíblicas Unidas, 1983.

ALFORD, Henry. *The Greek Testament*. Chicago, Moody Press, 1968. 4 v.

ALTANER, Berthold & STUIBER, Alfred. *Patrologia*. 2. ed. São Paulo, Edições Paulinas, 1988.

ANGUS, Joseph. *História, doutrina e interpretação da Bíblia*. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1951. V. 1.

APOLINÁRIO, Pedro. *História do texto bíblico*. São Paulo, Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, 1985.

AUSUBEL, Nathan (Ed.). *Conhecimento judaico*. Rio de Janeiro, Tradição, 1967. V. 1

BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*. Rio de Janeiro, JUERP; São Paulo, ASTE, 1984.

BOVER, José M. & O'CALLAGHAN, José (Ed.). *Nuevo Testamento trilingüe*. 2. ed. Madrid, S. A. C., 1988.

BROWN, David. *The four gospels*. Carlisle, The Banner of Truth Trust, 1976.

BRUCE, F. F. *The books and the parchments*. Ed. rev. Westwood, Fleming H. Revell Company, 1963.

______. *João: introdução e comentário*. São Paulo, Ed. Vida Nova e Ed. Mundo Cristão, 1987.

______. *The New Testament documents*. Londres, The Inter-Varsity Fellowship, 1966.

CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos*. São Paulo, Ed. Vida Nova, 1988.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado*. São Paulo, Milenium, 1982. 6 v.

CHILTON, Bruce. *Beginning New Testament study*. Grand Rapids, Eerdmans, 1986.

COLWELL, Ernest Cadman. *What is the best New Testament?* Chicago, The University of Chicago Press, 1952.

DANA, H. E. *Escudriñando las Escrituras*. El Paso, Casa Bautista de Publicaciones, 1946.

______. *El Nuevo Testamento ante la crítica*. El Paso, Casa Bautista de Publicaciones, 1965.

DOUGLAS, J. D. (Ed.). *The new international dictionary of the Christian Church*. Exeter, The Paternoster Press, s. d.

The Englishman's Greek concordance of the New Testament. Grand Rapids, Zondervan Publishing House, 1974.

GREENLADE, S. L. (Ed.). *The Cambridge history of the Bible*. Cambridge, Cambridge University Press, 1963.

GREENLEE, J. Harold. *Introduction to New Testament textual criticism*. Grand Rapids, Eerdmans, 1989.

GREGORY, Caspar René. *Canon and text of the New Testament*. Nova Iorque, Charles Scribner's Sons, 1907.

GUTHRIE, Donald. *New Testament introduction*. Downers Grove, Inter-Varsity Press, 1974.

HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Ed. rev. e amp. Rio de Janeiro, JUERP, 1986.

HENDRIKSEN, William. The gospel according to John. *In: New Testament Commentary*. Grand Rapids, Baker Book House, 1975. 2 v.

HENSHAN, T. *New Testament literature*. Londres, George Allen Und Unwin, 1957.

HOSKYNS, *Sir* Edwyn & DAVEY, Noel. *The riddle of the New Testament*. Londres, Faber and Faber Limited, s. d.

JAMIESON, Robert; FAUSSET, A. R.; BROWN, David. *A commentary critical, experimental and practical on the Old and New Testaments*. Grand Rapids, Eerdmans, 1961. V. 5.

Η ΚΑΙΝΗ ΔΙΑΘΗΚΗ. Londres, Sociedade Bíblica Trinitariana, s. d.

KENYON, *Sir* Frederic G. *The Bible and Archaeology*. Nova Iorque e Londres, Harper & Brothers Publishers, s. d.

______ (Ed.). *The Chester Beatty biblical papyri descriptions and texts of twelve manuscripts on papyrus of the Greek Bible*. Londres, Emery Walker Limited, 1933.

______. *Handbook to the textual criticism of the New Testament*. Grand Rapids, Eerdmans, 1951.

______. *Our Bible and the ancient manuscripts*. 4. ed. Nova Iorque, Harper & Brothers Publishers, 1951.

______. *The text of the Greek Bible*. Londres, Gerald Duckworth, 1953.

KEVAN, Ernest F. The Principles of Interpretation. *In: Revelation and the Bible*. Grand Rapids, Baker Book House, 1972.

KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. 17. ed. São Paulo, Ed. Paulinas, 1982.

KNOX, John. *Criticism and faith*. Nova Iorque, Abington-Cokesbury Press, 1946.

KOESTER, Helmuth. *Ancient Christian gospels*. Londres, SCM Press; Filadélfia, Trinity Press International, 1990.

LADD, George Eldon. *The New Testament and criticism*. Grand Rapids, Eerdmans, 1991.

LAKE, K. *The text of the New Testament*. 6. ed. Londres, Rivingtons, 1959.

LANGE, John Peter. *Commentary on the Holy Scriptures*. Grand Rapids, Zondervan Publishing House, s. d. V. 17.

LENSKI, R. C. H. *The interpretation of St. Luke's gospel*. Mineápolis, Augsburg Publishing House, 1964.

______. *The interpretation of St. Matthew's gospel*. Mineápolis, Augsburg Publishing House, 1964.

MARTINI, C. M. The text of the New Testament. *In: The interpreter's dictionary of the Bible*. Nashville, Abington Press, 1976. V. supl., p. 884-86.

MEIN, John. *A Bíblia e como chegou até nós*. Rio de Janeiro, JUERP, 1990.

METZGER, Bruce M. *Chapters in the history of New Testament textual criticism*. Leiden, E. J. Brill, 1963.

______. *The early versions of the New Testament.* Oxford, Claredon Press, 1977.

______. *Manuscripts of the Greek Bible.* Ed. cor. Nova Iorque e Oxford, Oxford University Press, 1991.

______. *The text of the New Testament.* 2. ed. Oxford, Oxford University Press, 1968.

______. *A textual commentary on the Greek New Testament.* Londres e Nova Iorque, Sociedades Bíblicas Unidas, 1971.

MIGNE, J. P. (Ed.). *Patrologiae cursus completus.* Paris, Apud Garnier Fratres, 1844-1866.

MORRIS, Leon. The gospel according to John. *In: The new international commentary on the New Testament.* Grand Rapids, Eerdmans, 1979.

______. *Lucas: introdução e comentário.* São Paulo, Vida Nova e Mundo Cristão, 1986.

MOULTON, Harold K. *Papyrus, parchment and print.* Londres, Lutterworth Press, 1967.

NESTLE, Eberhard. *Introduction to the textual criticism of the Greek New Testament.* Oxford, Williams and Norgate, 1901.

______ *et al.* (Ed.). *Novum Testamentum Graece.* 6. ed. Stuttgart, Sociedade Bíblica Alemã, 1985.

THE NEW ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1987. V. 4.

NICHOL, Francis D. (Ed.). *The Seventh-day Adventist Bible commentary.* Ed. rev. Washington, D.C., Review and Herald Publishing Association, 1980. V. 5.

NICOLE, Roger. New Testament use of the Old Testament. *In: Revelation and the Bible.* Grand Rapids, Baker Book House, 1972.

PARVIS, M. M. The text of the New Testament. *In: The interpreter's dictionary of the Bible.* Nashville, Abington Press, 1962. V. 4, p. 594-614.

PICKERING, Wilbur N. *The identity of the New Testament text.* Nashville e Nova Iorque, Thomas Nelson Publishers, 1977.

PRICE, Ira Maurice. *The ancestry of our English Bible.* 3. ed. Nova Iorque, Harper & Row Publishers, 1956.

RICHES, John. *The world of Jesus.* Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

ROBERTS, C. H. & SKEAT, T. C. *The birth of the codex.* Londres, The British Academy, 1989.

ROBERTSON, A. T. *An introduction to the textual criticism of the New Testament.* Nashville, Sunday School Board, 1925.

ROBINSON, John A. T. *Redating the New Testament.* Londres, SCM Press, 1976.

SALMON, George. *Some thoughts on the textual criticism of the New Testament.* Londres, John Murray, 1897.

SCHULZ, Peter. É hora de reabrir aquela gruta. *In: 30 Dias.* Nov. de 1991, p. 74-5.

SCHWANTES, S. J. *Arqueologia.* São Paulo, Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, 1983.

SCOTT, E. F. *The Lord's prayer.* Nova Iorque, Charles Scribner's Sons, 1951.

SILVA, Horne P. *Cristo e os evangelhos.* São Paulo, Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, s. d.

SOCCI, Antonio. Uma descoberta incômoda. *In: 30 Dias.* Jun. de 1991, p. 8-10.

SOUTER, Alexander. *The text and canon of the New Testament.* Nova Iorque, Charles Scribner's Sons, 1913.

STREETER, Burnett Hillman. *The four gospels.* Londres, MacMillan & Co., 1956.

SWETE, Henry Barclay. *An introduction to the Old Testament in Greek.* Ed. rev. Nova Iorque, Ktav Publishing House, 1968.

TAYLOR, Vincent. *The text of the New Testament.* Londres, MacMillan & Co., 1963.

THOMPSON, Edward M. *An introduction to Greek and Latin paleography.* Oxford, Claredon Press, 1912.

THORPE, James. *The Gutenberg Bible.* San Marino, The Huntington Library, 1975.

TWILLEY, L. D. *The origin and transmission of the New Testament.* Grand Rapids, Eerdmans, 1957.

UNGER, Merril G. *Archaeology and the New Testament.* Grand Rapids, Zondervan Publishing House, 1962.

VAGANAY, Leo. *An introduction to the textual criticism of the New Testament.* Londres, Sands & Company, 1937.

VAWTER, Bruce. Evangelio según San Juan. *In: Comentário bíblico San Jerónimo.* Madri, Ediciones Cristandade, 1972.

VÖÖBUS, Arthur. *Early version to the New Testament.* Uppsala, Estonian Theological Society in Exile, 1954.

WALKER, Williston. *História da igreja cristã.* 3. ed. Rio de Janeiro, JUERP; São Paulo, ASTE, 1981.

WESTCOTT, Brooke Foss & HORT, Fenton John Anthony. *The New Testament in the original Greek.* Nova Iorque, The MacMillan Company, 1948.

WIKENHAUSER, Alfred. *Introducción al Nuevo Testamento.* Barcelona, Editorial Herder, 1960.

ZAHN, Theodor. *Introduction to the New Testament.* Grand Rapids, Kregel Publications, 1953. 3 v.

ZIMMERMANN, Heinrich. *Los métodos histórico-críticos en el Nuevo Testamento.* Madri, B. A. C., 1969.

ÍNDICE REMISSIVO

D

E

F

G

H

I

J

K

L

M

S

T

U

V

W

X

Z

Crítica Textual
do Novo Testamento

Atual, bem-documentado, fascinante e superior a tantos outros dentro do mesmo campo de conhecimento, a qualidade deste livro é atestada por acadêmicos do Brasil e do exterior:

"Parabenizamos o Prof. Paroschi pela lucidez, amplitude e segurança com que apresenta informação complexa e pouco entendida" (Russell P. Shedd, do Prefácio dos Editores).

"Esta obra é um tratado sério do complicado aspecto crítico do NT, e o leitor não fica desapontado quando percorre os densos capítulos que compõem o livro [...] Não hesito em qualificar esta obra como uma bem-sucedida introdução à crítica textual neotestamentária" (José O'Callaghan, Professor Emérito do Pontifício Instituto Bíblico de Roma).

"Felicito o Prof. Paroschi pelo preparo desta excelente obra. Estou certo de que muitos estudantes vão achá-la extremamente útil" (Bruce M. Metzger, Professor Emérito do Seminário de Princeton, EUA).

"É um livro atual, interessante e cativante, abrangente e com grande riqueza de detalhes, não deixando de lado a preocupação pela exatidão técnica [...] Em português, esse é o livro ideal sobre a crítica textual do NT" (Valdemar Kröker, em Vox Scripturae).

Wilson Paroschi, B. Th., M. Th., tem atuado como pastor de igreja, editor e professor de NT e Interpretação Bíblica por mais de oito anos no SALT, sede Brasil-Sul, em São Paulo. Atualmente está fazendo estudos doutorais (Ph.D.) em Novo Testamento na Andrews University, nos EUA.

ISBN - 978-85-275-0181-1
9 788527 501811

VIDA NOVA
www.vidanova.com.br